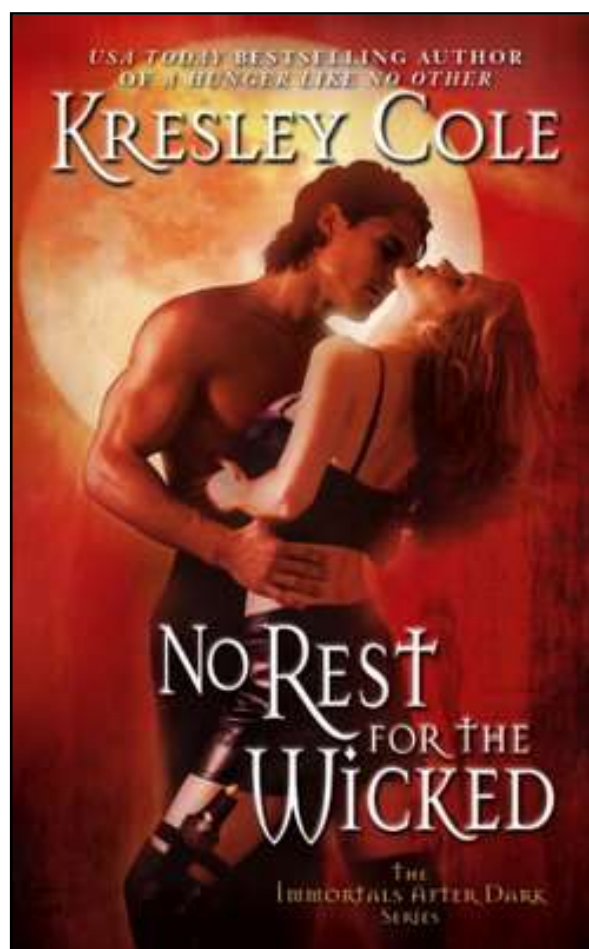


Kresley Cole

Não há Tranquilidade para o Malvado

The Immortals After Dark 03



Um soldado cansado da vida...

Séculos atrás, Sebastian Wroth se transformou contra sua vontade em vampiro, e isto foi um pesadelo em sua mente. Carregado de ódio e só durante anos, tem poucas razões para viver. Até que uma deliciosa criatura vidente vem para matá-lo. Mas, em vez disso, salva-o.

Uma assassina Valquíria enviada para destruí-lo...

Quando Kaderin Coração Frio perdeu suas duas amadas irmãs em um ataque de vampiros ocorrido faz tempo, uma força benevolente amorteceu sua dor, extinguindo acidentalmente toda as suas emoções. Entretanto, quando encontra Sebastian, seus sentimentos, particularmente a luxúria, surgem multiplicados.

Pela primeira vez, é incapaz de completar uma morte.

Transformam-se em competidores em uma caçada legendária.

O troféu do combate é o suficientemente poderoso para mudar a história, e Kaderin fará tudo para ganhá-lo por suas irmãs. Sebastian também compete, somente desejando ganhá-la para sempre, e aproveita cada oportunidade para seduzi-la. Mas quando Kaderin é obrigada a escolher entre o vampiro que ama e reunir a sua família, como poderá ela viver sem um dos dois?

Disponibilização/Tradução e Formatação: Gisa

Revisão: Lu Avanço



Revisão Final: Tessy
PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Prólogo

Senhorio de Blachmount, Estoniana

Setembro 1709

Dois de meus irmãos estão mortos, pensou Sebastian Wroth, elevando o olhar enquanto lutava para evitar retorcer-se de dor. Ou meio mortos.

Tudo o que sabia era que haviam retornado da frente de batalha... Mau.

Cada soldado retornava mudado pelos horrores da guerra, ele mesmo o tinha feito, mas os irmãos de Sebastian estavam alterados.

Nikolai, o mais velho, e Murdoch, o segundo, haviam retornado finalmente a casa da fronteira estoniano-russa. Embora Sebastian mal podia acreditar, deviam ter deixado atrás a guerra que acontecia ainda entre os dois países.

Uma tempestade zangada fervia, açoitava o interior do Mar Báltico, e fora nas correntes de chuva, os dois andavam á pernadas pelo senhorio de Blachmount. Seus chapéus e casacos empapados. A porta ficou aberta atrás deles.

Pararam-se imóveis, aturdidos.

Diante eles, por todo o vestíbulo principal, estavam os restos do açougue do que tinha sido sua família. Quatro irmãs e seu pai mortos de peste. Sebastian e o irmão mais jovem, Conrad, jaziam entre eles açoitados e apunhalados. Sebastian estava ainda consciente. Misericordiosamente, outros não, nem sequer Conrad, embora ainda gritava com dor.

Fazia umas semanas, Nikolai tinha mandado Sebastian e Conrad para casa para os proteger. Agora todos morriam.

A casa solariega¹ dos Wroth em Blachmount tinha demonstrado ser muito tentadora para os grupos saqueadores de soldados russos. Ontem à noite, os soldados tinham atacado, procurando a riqueza que diziam havia ali, assim como comida. Enquanto defendiam Blachmount contra dúzias deles, Sebastian e Conrad tinham sido golpeados e depois apunhalados no intestino, mas não mortos. Tampouco o resto da família tinham sido feridos por eles. Sebastian e Conrad tinham mantido os soldados o bastante longe como para que se dessem conta de que a casa estava com a peste.

Os invasores tinham deslocado, abandonando as espadas onde as tinham afundado...

Enquanto Nikolai parava sobre Sebastian, a água gotejou por seu comprido abrigo e se misturou com o sangue coagulado de Sebastian no chão. Lançou a Sebastian um olhar tão cru que por um momento Sebastian pensou que estava aborrecido com ele e Conrad por seu fracasso, tão aborrecido como ele mesmo estava.

E Nikolai não entendia a metade disto.

¹ Solariega: antiga, familiar

Sebastian sabia melhor, embora, sabia que Nikolai jogaria esta carga sobre os ombros como tinha feito com as outras. Sebastian sempre tinha sido o mais próximo de seu irmão mais velho, e quase podia ouvir seus pensamentos como se fossem os próprios: Como podia esperar defender o país, quando não podia proteger a sua própria carne e sangue?

Tristemente, seu país, Estoniana, tinha pago não muito melhor que sua família. Os soldados russos tinham roubado as colheitas na primavera, depois salgado e torrado a terra. Nenhum grão podia ser colhido da terra e o campo morria de fome. Débeis e fracos, as pessoas tinham sucumbido facilmente quando a peste explodiu.

Depois de recuperar do golpe, Nikolai e Murdoch se afastaram e se consultaram em cochichos duros, assinalando a suas irmãs e ao pai enquanto debatiam algo.

Não pareciam estar discutindo sobre Conrad, inconsciente no chão, ou sobre Sebastian. Tinham os destinos de seus irmãos pequenos já decididos?

Ainda em seu delírio, Sebastian entendeu que de algum modo os dois tinham sido trocados, trocados em algo que sua mente febril mal podia compreender. Os dentes eram diferentes, seus caninos eram mais longos, e os irmãos pareciam descobri-los em fúria e terror. Seus olhos eram completamente negros, inclusive brilhavam no vestíbulo escuro.

De pequeno, Sebastian tinha escutado os contos de seu avô sobre diabos com presas que viviam nos pântanos próximos.

Vampiros.

Podiam desaparecer no fino ar e reaparecer a sua vontade, viajando facilmente dessa maneira, e agora, pela porta ainda aberta, Sebastian espiava os rápidos e não suados cavalos lá fora, atados com pressa.

Eram ladrões de bebê e bebedores de sangue que se alimentavam de humanos como se fossem gado. Ou, pior, transformavam os humanos.

Sebastian sabia que seus irmãos estavam agora entre esses demônios malditos, e temia que procurassem amaldiçoar a sua família inteira também.

—Não faça isso — cochichou Sebastian.

Nikolai o ouviu de muito longe através do quarto e andou a pernas para ele. Ajoelhando-se a seu lado, perguntou:

—Sabe o que somos agora?

Sebastian assentiu fracamente, olhando fixamente á incredulidade nas íris negras de Nikolai. Entre ofegos, disse:

—E suspeito... Sei o que pensa.

—Transformaremos você e á família como nós fomos transformados.

—Não terei isto para mim — disse Sebastian—. Não o quero.

—Deve, irmão — murmurou Nikolai. Cintilavam seus misteriosos olhos?—. De outro modo morrerá esta noite.

—Bem —grunhiu Sebastian— A longa vida foi cansada. E agora com as garotas mortas...

—Tentaremos as transformar também.

—Não se atreverá! — rugiu Sebastian.

Murdoch lançou um olhar de desconfiança a Nikolai, mas Nikolai sacudiu a cabeça.

—Levanta-o. —Fez que sua voz soasse como aço, o mesmo tom que tinha usado como general no exército—. Beberá.

Embora Sebastian lutou, cuspiendo maldições, Murdoch o levantou a posição de sentado. Um repentino jorro de sangue emanou da ferida do estômago de Sebastian. Nikolai estremeceu com a visão mas mordeu o pulso abrindo-o

—Respeita meu desejo nisto, Nikolai —gritou Sebastian, suas palavras eram desesperadas. Usou as últimas reservas de força para apertar o braço do Nikolai e segurar o pulso longe—. Não force isto em nós. Viver não é tudo.

Freqüentemente tinham discutido este ponto. Nikolai sempre havia sustentado que a sobrevivência era sagrada; Sebastian acreditava que a morte era melhor que viver em desonra.

Nikolai estava calado, seus olhos movendo-se rapidamente sobre o rosto de Sebastian enquanto o considerava. Finalmente respondeu:

—Não posso... não verei como morre. —Seu tom era baixo e furioso, e parecia apenas capaz de manter o controle de suas emoções.

—Faz por você —disse Sebastian, sua voz perdendo poder—. Não por nós. Amaldiçoa-nos para salvar sua consciência.

Não podia permitir que o sangue de Nikolai alcançasse seus lábios.

—Não... Maldito, não!

Mas eles apertaram sua boca, abrindo-a e o sangue quente gotejou dentro e forçaram a mandíbula, fechando-a até que engoliu.

Ainda o seguravam quando tomou seu último fôlego e sua visão se obscureceu.

Capítulo 1

E nenhum ouvirá o golpe do carteiro
Sem um apressar do coração.
Para quem pode suportar sentir-se esquecido?
—W. H. Auden

Castelo Gornyi, Rússia

Na atualidade

Pela segunda vez em sua vida, Kaderin a Insensível vacilou ao matar um vampiro.

No último instante de um silencioso e mortal balanço, segurou a espada uma polegada por cima do pescoço de sua presa, porque lhe tinha encontrado segurando a cabeça nas mãos.

Viu seu grande corpo tenso. Como vampiro, podia facilmente riscar², desaparecendo. Em vez disso, levantou o rosto para olhá-la com olhos cinza escuro, a cor de uma tempestade a ponto de ser desatada. Surpreendentemente, estavam limpos do vermelho que marcava a sede de sangue de um vampiro, o que significava que nunca tinha bebido de um ser humano até a morte. Ainda.

Implorava com esses olhos, e ela se deu conta de que estava faminto por um final. Queria o golpe mortal que ela tinha vindo a entregar a seu decrépito castelo.

Tinha-o caçado à espreita, sem ruído, preparada para a batalha contra um predador vicioso. Kaderin tinha estado na Escócia, com as outras valquírias, quando receberam uma chamada sobre “um vampiro freqüentando um castelo e aterrorizando um povo na Rússia”. Se ofereceu voluntariamente para destruir O sanguessuga. Era a assassina mais prolífica de sua aquelarre³ de valquírias, dando sua vida para liberar á terra dos vampiros.

Na Escócia, antes da chamada da Rússia, tinha matado três.

Assim, por que vacilava agora? Por que afastava sua espada? Seria somente um entre milhares que tinha matado, suas presas colecionadas e pendurados com outros que tinha tomado.

Na última vez que ela tinha detido a mão, tinha resultado uma tragédia tão grande que seu coração foi quebrado para sempre.

Com uma voz profunda e áspera, o vampiro perguntou:

—Por que espera? —parecia assustado pelo som de suas próprias palavras.

Não sei por quê. As pouco familiares sensações físicas a destruíram. O estômago atou. Como se um grupo lhe tivesse apertado ao redor do peito, os pulmões desesperados por respirar. Não posso compreender por que.

O vento soprava fora, deslizando-se sobre a montanha, fazendo que esta alta habitação na escura guarida do vampiro gemesse. Os espaços ocultos nas paredes permitiam passar a fria brisa da manhã. Quando o vampiro ficou em pé, elevando-se em toda sua altura, a folha absorveu a ondulante luz de um grupo de velas e a refletiu nele.

Seu rosto grave era magro, de planos duros, outras fêmeas o considerariam bonito. Sua camisa negra estava puída e desabotoada, mostrando muito de seu peito e torso esculpido, e os jeans que usava penduravam baixos em sua estreita cintura. O vento bateu nas abas de sua camisa e agitou seu grosso cabelo negro. Muito bonito. Mas bom, os vampiros que mato Frequentemente o são.

O olhar se enfocou na ponta de sua espada. Como se a ameaça de sua arma fosse esquecida, estudou seu rosto, seus olhos atrasando-se em cada uma de suas características. A patente apreciação a inquietava, e apertou o punho fortemente, algo que nunca fazia.

Afiada até a perfeição com um fio de diamante, a espada cortava através de osso e músculo com pouco esforço. Balançava-se perfeitamente desde seu pulso frouxo, como se fosse uma extensão de seu braço. Nunca tinha precisado segurá-la apertadamente.

Toma sua cabeça. Um vampiro a menos. A espécie controlada da maneira mais fácil.

² Riscar - é tipo uma tele-transportação

³ Aquelarre - lugar onde as bruxas celebram suas reuniões e rituais.

—Qual é seu nome? —seu discurso estava talhado como o de um aristocrata, mas tinha um sotaque familiar. Estoniano. Embora Estoniana era fronteira com a Rússia pelo oeste e seus habitantes eram considerados uma casta nórdica dos russos, ela reconheceu a diferença, e se perguntou que fazia longe de seu próprio país.

Inclinou a cabeça.

—Por que o quer saber?

—Queria saber o nome da mulher que me liberará disto.

Queria morrer. A final de conta ela tinha sofrido por culpa dos de sua espécie, a última coisa que queria fazer era fazer um favor a um vampiro de qualquer maneira.

—Assume que te darei o golpe mortal?

—Não o fará? —os lábios se curvaram nas comissuras, mas foi um sorriso triste.

Outro apertão na espada. Faria-o. É obvio que o faria. Matar era seu único objetivo na vida. Não se importava se seus olhos não eram vermelhos. Ao final, beberia para matar, e mudaria.

Sempre o faziam.

Ele deu um passo ao redor de um montão de livros de capa dura, parte das centenas de textos através do quarto com títulos impressos em russo e, sim, em estoniano, e inclinou sua enorme forma contra a parede que desmoronava. Verdadeiramente não ia levantar uma mão para se defender.

—Antes que o faça, fala outra vez. Sua voz é bonita. Tão formosa como seu impressionante rosto.

Ela engoliu assustada ao sentir as bochechas ardendo.

—Quais são seus aliados...? —se arrastou longe quando ele fechou os olhos, como se escutá-la fosse à felicidade — O Forbearers?

Isso fez que abrisse os olhos. Estavam repletos de ira.

—Não me alio a ninguém. Especialmente não com eles.

—Mas foi humano uma vez, não é?

O Forbearers tem um exército, ou ordem, de humanos convertidos. Negam-se a tomar sangue diretamente da carne porque acreditam que esse ato provoca a sede de sangue. Abstendo-se, esperam evitar a conversão, como os vampiros loucos da Horda. A Valquíria se sentiu pessimista sobre suas possibilidades.

—Sim, mas não tenho interesse nessa ordem. E você? Não é humana tampouco, não é?

Ela ignorou a pergunta.

—por que permanece aqui neste castelo? —perguntou—. Os aldeãos vivem aterrorizados com você.

—Ganhei agüentando no campo de batalha e o possuo, assim permaneço. E nunca os danifiquei. —Girou longe e murmurou —: Oxalá não os assustasse.

Kaderin precisava acabar com esta morte. Em apenas três dias, ia competir no Talismã Hie, o qual era basicamente uma versão mortal e imortal da “Assombrosa Carreira”. Além de caçar vampiros, o Hie era a única coisa pela que vivia, e precisava confirmar o transporte e assegurar os fornecimentos. E ainda assim se encontrou dizendo:

—Eles me disseram que vive aqui sozinho.

Encarou-a e assentiu com força. Ela pressentiu que estava envergonhado por este fato, como se sentisse carecer de família aqui.

—Durante quanto tempo?

Elevou os largos ombros, fingindo indiferença.

—Uns poucos séculos.

Viver solitário durante todo esse tempo?

—As pessoas do vale me chamaram —disse ela, como se tivesse que explicar-se. Os habitantes da aldeia remota pertenciam ao Lore⁴, uma população de imortais e criaturas "míticas" mantidas em segredo para os humanos. Muitos deles veneravam ainda Às valquírias e lhes proporcionavam tributos, mas não foi isso o que fez que Kaderin viajasse a um lugar tão isolado.

A oportunidade de matar inclusive a um só vampiro a tinha atraído.

—Imploraram-me que te destruísse.

—Então aguardo sua conveniência.

—Por que não se mata, se for isso o que quer? —perguntou.

—É... complicado. Mas você me salvará do final. Sei que é uma guerreira hábil...

—Como sabe o que sou?

Ele fez um gesto com a cabeça para a espada.

—Era um guerreiro, também, e sua notável arma diz muito.

A única coisa da que se sentia orgulhosa, a única coisa em sua vida que não tinha abandonado e não poderia suportar perder, e ele tinha notado sua excelência.

Ele andou a pernas aproximando-se e baixou a voz.

—Me dê um golpe, criatura. Que saiba que nenhuma desgraça poderia te sobrevir de matar a um de minha espécie. Não há razão para esperar.

Como se isto fosse um assunto de consciência! Não o era. Não poderia sê-lo. Não tinha consciência. Nenhum sentimento verdadeiro, nenhuma emoção real. Era insensível. Depois da tragédia, tinha rezado pelo esquecimento, para intumescer a dor e a culpa.

Alguma entidade misteriosa lhe tinha respondido e tinha transformado o coração em cinzas. Kaderin não sofria pela pena, a luxúria, a ira, ou nem sequer a alegria. Nada estorvava o matar.

Era a assassina perfeita. Tinha sido durante mil anos, a metade de sua interminável vida.

—Ouviu? —perguntou ele. Os olhos que tinham estado implorando por um final agora se estreitaram—. Está sozinha?

Ela arqueou uma sobrancelha.

—Não preciso da ajuda de outros. Especialmente não para um só vampiro —adicionou, seu tom crescia ausente. Estranhamente, sua atenção desviou outra vez a seu corpo, para descer por seu torso, além de seu umbigo até o rastro escuro de pêlo que descia. Imaginou arranhando com o dorso de uma de suas afiadas garras por ele, enquanto o robusto corpo se apertava e estremecia em reação.

⁴ é o lugar onde vivem as criaturas que não são humanas, coexistindo em segredo, com os homens.

Seus pensamentos a faziam sentir-se inquieta, fazendo-a querer enrolar o cabelo acima em um nó e deixar que o ar frio refrescasse seu pescoço.

Ele esclareceu a garganta. Quando ela levantou o olhar de repente para seu rosto, arqueou as sobrancelhas.

Em um campo de batalha, fazia uma eternidade, tinha liberado outro desta índole, um jovem soldado vampiro que tinha rogado por sua vida.

Mais ele tinha parecido desprezá-la por sua misericórdia. Sem tardança, o soldado tinha encontrado suas duas irmãs repletas de sangue lutando nas planícies debaixo deles. Alertada pelo grito de outra valquíria, Kaderin tinha deslocado, tropeçando pela colina coberta de corpos, vivos e mortos. Quando os alcançou, já tinha esfaqueado suas irmãs.

A mais jovem, Rika, tinha sido tomada com a guarda baixa por causa da aproximação assustada de Kaderin. O vampiro tinha sorrido quando Kaderin se deixou cair de joelhos.

Tinha despachado suas irmãs com a brutal eficiência que Kaderin tinha emulado após. Gostava de dizer que começou com ele, mas o tinha mantido vivo um tempo.

Assim, por que repetia o mesmo engano? Não o faria. Não ignoraria a lição tão cara que tinha aprendido.

Quanto mais rápido o fizesse, mas rápido poderia começar a preparar-se para o Hie.

Quadrando os ombros, armou-se de coragem. Era para levá-lo a cabo. Kaderin podia ver o balanço, o ângulo que tomaria para que a cabeça permanecesse sobre o pescoço até que caísse. Era mais limpo dessa maneira. O qual era importante.

Fazia uma mala leve.

Capítulo 2

Quando jovem, Sebastian Wroth tinha desejado muitas coisas da vida, e tendo crescido na abundância e no seio de uma família grande e pormenorizada, tinha acreditado que era seu direito.

Tinha desejado ter sua própria família, um lar, risadas em torno do lar. Mais que outra coisa, tinha ansiado por uma esposa, um mulher que fosse somente dele. Sentia vergonha ao admitir diante desta mulher que não tinha obtido nenhuma dessas coisas.

Agora tudo o que Sebastian queria era contemplar a esta fascinante criatura somente um momento mais.

A princípio, acreditou que era um anjo que tinha vindo para liberá-lo. Parecia um. Com o comprido e encaracolado cabelo tão loiro, que parecia quase branco à luz das velas, os olhos emoldurados por espessas pestanas negras e escuros como o café, um surpreendente contraste com o cabelo claro e os lábios vermelhos como o vinho. Sua pele era perfeita, de uma perfeição dourada, e seus traços eram delicados e estavam finamente esculpidos.

Era tão deliciosa e, entretanto levava a arma de um assassino. Sua espada tinha duplo fio, e um risco, uma área sem fio na folha justo antes da manga. Um usuário experiente

envolveria um dedo sobre a manga para controlá-lo melhor. Ela levava confidencialmente essa espada que não estava feita para a defesa, nem para a batalha.

A criatura levava o aço forjado para dar uma rápida e silenciosa morte.

Fascinante. Um anjo da morte.

Tinha considerado que era uma bênção não merecida que fosse o dela o último rosto que ia contemplar nesta terra.

Tinha pensado que era divina... Até que seu ardente olhar se desviou mais abaixo, e tinha reconhecido que era de carne e osso. Tinha amaldiçoado seu inútil e fraco corpo. Como humano convertido, não tinha respiração, batida de coração nem habilidade sexual. Não podia tomá-la, embora pensasse... pensasse que esta beleza provavelmente o receberia.

A perda do prazer sexual nunca o tinha incomodado antes. Sua experiência como humano tinha sido limitada — muito limitada — pela guerra, a fome e a mera necessidade de sobreviver, assim nunca havia sentido que sua conversão o tivesse privado de muito. Até agora.

Nunca havia sentido atraído pelas mulheres pequenas, porque sabia que se de algum jeito as engenhava para meter-se na cama com uma, teria medo de machucá-la. Não obstante, com esta, a mulher mais etérea e frágil que tinha visto alguma vez, encontrou a si mesmo perguntando como se sentiria ao levá-la a sua cama e despi-la com suavidade. Sua mente começou a alvoroçar-se com imagens de suas grandes mãos tocando e acariciando esse frágil corpo.

Baixou os olhos para o esbelto pescoço, e depois até os seios altos e voluptuosos que pressionavam contra a blusa escura. Bom, essa parte dela não era nada magra. Desejaria poder lhe beijar os seios, passar o rosto contra eles...

—por que está me olhando dessa forma? —perguntou com um tom vacilante e confuso, ao tempo que dava um passo atrás.

—Acaso não posso te admirar? —incrivelmente deu um passo adiante. De onde vinha isto? Sempre havia sentido estranho e inseguro com as mulheres. No passado, se o tivessem pegado olhando dessa forma, teria desviado o olhar e murmurado uma desculpa enquanto deixava a sala. Talvez, ao estar diante a morte iminente, ao fim tinha encontrado a liberdade.

Mas em definitiva, nunca tinha olhado assim, nunca tinha desejado, como o fazia agora a este pedaço de mulher com luxuriosos seios.

—O último desejo de um homem moribundo?

—Conheço as formas em que um homem olha a uma mulher. —Sua voz era sensual, uma voz de sonho. Parecia que penetrava até seu interior—. Não está simplesmente me admirando.

Não, nesse momento estava pensando que desejava lhe rasgar a camisa, segurar seus ombros contra o chão, e sugar os erguidos mamilos até que gozasse. Segurar seus ombros com força e lambe-los...

—Como se atreve a jogar comigo, vampiro!

—O que quer dizer? —encontrou seu olhar, percorria-lhe o rosto com os olhos como se estivesse tentando ler seus pensamentos. Poderia adivinhar a batalha que estava

liberando em seu interior? Que em um instante a intenção de ser gentil tinha sido substituída pelo impulso de pô-la contra o chão e cobri-la?

O que está me acontecendo?

—Sei que não pode sentir esta... esta... —Fez um pequeno ruído de frustração—. Não pode sentir o que aparenta. É impossível, A não ser... —Ofegou—. Seus olhos... Se estão ficando negros.

Negros? Os olhos de seus irmãos ficavam negros quando sentiam uma emoção forte. Não sabia que os seus o fizessem. Era devido que alguma vez havia sentido nada tão forte como o desejo por esta misteriosa mulher?

Sentia como que morreria se não agisse de acordo a esse desejo...

Uma súbita explosão de som fez que girasse a cabeça e esticasse o corpo.

—O que foi isso?

Ela deu um rápido olhar a seu redor, com os olhos alerta.

—De que esta falando? —exigiu.

—Não escutou isso? —outra sacudida como essa e o castelo afundaria. Devia sair dali, embora fora à luz da manhã que havia no exterior. A necessidade de protegê-la repentinamente se voltou crítica, inegável.

—Não! —Seus olhos aumentaram, com uma expressão de horror—. Não pode ser! —recuou, afastando-se dele, movendo-se cautelosamente, como se fosse uma serpente a ponto de atacar.

Outra explosão. Caminhou até ficar bem em frente a ela, e a espada se disparou para cima a uma velocidade incrível. Ele agarrou seu pulso, mas ela lutou. Cristo era forte, mas parecia que ele era mais forte do que o habitual, mais poderoso do que nunca teria se imaginado.

—Não quero te machucar. —Arrebatou-lhe a arma da mão e a atirou sobre a cama baixa—. Não lute contra mim. O teto está a ponto de desabar...

—Não... não! —disse olhando fixamente seu peito, o coração, com expressão horrorizada—. Não sou uma... Noiva.

Noiva? Seu queixo caiu. Recordava que seus irmãos tinham explicado que quando encontrasse a sua Noiva, sua esposa eterna, ela o sangraria. Com o sangrado, seu corpo voltaria para a vida novamente. Sempre tinha acreditado que mentiam para mitigar a amargura que provocava o que tinham feito.

Entretanto era verdade. O som que tinha escutado era o ímpeto de seu próprio coração pulsando pela primeira vez desde que tinha sido transformado em vampiro. Balançou sobre os pés enquanto inalava profundamente, respirando por fim depois de trezentos anos.

O batimento de seu coração se fez mais forte, mais rápido, e sua súbita ereção era firme e pulsava, palpitando com cada pulsar de seu coração. O prazer pareceu derramar-se por suas veias. Tinha encontrado sua noiva —a única mulher com a que estava destinado A estar por toda a eternidade— nesta obsesionalmente formosa criatura.

E seu corpo tinha despertado para ela.

—Sabe o que me está acontecendo? —perguntou.

Ela trágou com força, afastando-se um pouco mais.

—Está mudando. —Suas sobranceiras loiras se juntaram, e em um sussurro apenas audível, acrescentou —: Por... Por mim.

—Sim. Por você. —Caminhou para ela até que teve que elevar os olhos para olhá-lo—. Desculpa. Se tivesse sabido que isto era verdade, tinha te procurado. De alguma forma teria te encontrado...

—Não... —Cambaleou, e ele apoiou a palma da mão no magro ombro para estabilizá-la. Ela vacilou, mas permitiu o contato.

Então se deu conta que, Igual a ele, ela estava mudando também. Acreditou ver um brilho prateado em seus brilhantes olhos. Uma diligente lágrima caiu por sua bochecha.

—Por que chora? —as lágrimas das mulheres sempre o tinham afetado quando era mortal, mas as dela o faziam sentir como se estivessem retorcendo um milhão de facas em seu interior. Quando penteou seu cabelo para trás, inalou um esmigalhado e inexperiente fôlego. Tinha as orelhas bicudas. Desde tão perto podia ver que tinha umas pequenas presas.

Sebastian não sabia o que era, e não se importava.

—Por favor, não chore.

—Nunca choro —sussurrou. Franzindo o cenho confusa, tocou sua bochecha com o dorso da mão e quando a tirou pôde ver que estava molhada por essa única lágrima. Abriu os lábios, e olhou fixamente, primeiro a lágrima, e depois as unhas agudamente curvadas, que eram mais parecidas com umas elegantes garras. Seu olhar se dirigiu rapidamente para ele, e trágico com força como se tivesse medo.

—Me diga o que te preocupa. —Agora tinha um propósito: protegê-la, cuidá-la, destruir algo que a ameaçasse.

—Mande que te proteja, Noiva.

—Nunca uma Noiva para um de sua espécie. Nunca...

—Mas fez que meu coração pulsasse.

Ela gritou em resposta:

—Tem-me feito sentir.

Ele não entendeu o significado dessas palavras nem as reações que teve nos seguintes minutos enquanto a olhava maliciosamente, prendendo seus traços... O bater de suas espessas pestanas quando olhava para baixo, a careta em seus lábios cheios. Ondas de emoção brilhavam em seus olhos e pareciam a causar pena. Seu corpo tremeu. Tão abruptamente como tinham começado as lágrimas, secaram-se.

Depois lhe sorriu, um dilacerador ondear de lábios. Seus olhos estavam alegres, escuramente brincalhões. Nada o tinha excitado tanto como esse olhar, e se perguntava quanto mais podia suportar. Mas seu sorriso desvaneceu muito rápido. Tremeu violentamente, baixando a testa para seu peito.

Justo quando sua dolorosa ereção estava ficando impossível de negar, ela levantou o rosto, e sua expressão tinha mudado uma vez mais. Um rubor tingia suas altas maçãs do rosto, e seus lábios estavam levemente abertos. Estava-lhe afundando os dedos nos ombros. Olhando fixamente sua boca passou a língua pelo lábio inferior e não deixou nenhuma dúvida do que estava pensando em fazer.

Estava... excitada. Por ele. Não entendia o que estava acontecendo a ela... ou a ele mesmo.

Seus olhos se arregalaram, e depois quando ela pôs os magros braços ao redor do pescoço, os entrecerrou. Poderia tocá-la... ela aceitará que a toque... Seu pênis nunca tinha estado tão duro. Desejava tanto enterrá-lo dentro dela que teria dado qualquer coisa para fazê-lo.

Ela inclinou a cabeça, ainda olhando sua boca.

—Estranho isto... —Murmurou com voz embriagada. Não teve tempo de ponderar suas palavras, porque ela apertou os braços, unindo seus corpos. Gemeu ao sentir seus seios pressionando contra ele. Eram tão voluptuosos e cheios... sabia que encheriam as Palmas de suas mãos À perfeição.

Cristo tinha resistido séculos sem ter contato com outras pessoas, muito menos que o tocassem, e agora estava sentindo a sua Noiva, suave e complacente em seus braços. Temia estar sonhando. Antes de perder a coragem, baixou as mãos para sua cintura, atraindo-a firmemente contra ele.

—Me diga seu nome.

—Meu nome...? —murmurou distraidamente.

— Meu nome é Kaderin.

—Kaderin —repetiu, mas não assentava. Enquanto olhava seus brilhantes olhos, pensou que o nome era muito frio, muito formal, para a criatura que tinha nos braços.

— Katja —disse asperamente, surpreso ao se dar conta que lhe estava acariciando o lábio inferior com o polegar. O impulso de beijá-la era entristecedor.

— Katja, eu... —começou a dizer com uma voz rouca e quebradiça, e teve que tragar com força para poder continuar.

—Devo... devo te beijar.

Diante suas palavras, a escura cor avelã de seus olhos ficou completamente prateado. Pareceu entrar em transe. Não estava tão fora de si como para não notar essa reação irrefletida, mas seus vermelhos lábios sensuais reluziam o chamando.

—Estava acostumada amar que me beijassem —sussurrou com um tom deslumbrado, respirando agitadamente.

Poderia deter-se somente com isto? Com mão insegura, embalou-lhe a parte de atrás da cabeça, a ponto de atraí-la para ele. Certamente era o suficientemente forte para detê-lo... era uma espécie de guerreira e provavelmente o deteria rapidamente se a machucasse.

Por alguma razão, percebeu que não mostraria a ele esse olhar choroso de se sentia traída, com que tinham olhado as mulheres no passado se acidentalmente pisava em um pé ou se chocava com elas quando dava a volta em uma esquina, esse olhar que o fazia sentir tão mal.

—Vampiro, por favor —murmurou—, faz que valha a pena. Faz...

Quando seus lábios se tocaram, ele gemeu; a eletricidade pareceu queimar a pele. Afastou-se dela.

—Meu Deus. —Nunca havia sentido algo tão poderoso, tão correto, como esse beijo. Sua expressão faminta se intensificou.

Se o preço por experimentar esse momento perfeito tivesse sido transforma-se em vampiro, não o sofreria outra vez?

Quando a beijou outra vez, suavemente em princípio, ela gemeu contra seus lábios:

—Mais.

Apertou-a firmemente em seus braços, logo depois de alguma forma recordou a si mesmo: Não, idiota... Afrouxou o apertão.

Em seguida, ela afundou as garras na parte traseira dos braços, fazendo-o estremecer.

—Não pare. Necessito mais.

Necessitava mais, e necessitava que ele o desse. Porque era... Dele. Quando finalmente entendeu isso, seu acanhamento esfumou. No transcurso de um segundo, tinha uma mulher própria. Desejava rugir de alegria. A sensação de suas garras afundando-se nele, como se temesse que fosse afastar-se... era arrebatadora. Ela me necessita.

—Me beije mais, vampiro. Se parar, matarei-o.

Não pôde evitar sorrir contra seus lábios. Uma mulher ameaçando-o se deixasse de beijá-la?

Assim que o fez, saboreando sua língua, jogando com ela, depois reclamando ardentemente sua boca úmida. Saboreou a suave ondulação de seus lábios contra os próprios, regularmente com cada impulso de sua língua.

Beijou-a com toda a paixão que tinha negado desde fazia muito tempo, com toda a esperança que lhe tinha sido arrebatada. A fadiga de viver acabava de ser substituída por um propósito... por ela. Deixou-a saber quão agradecido estava... beijando-a até que ofegou e se afrouxou contra ele.

Ainda assim estava perdendo o controle. Vinham-lhe impulsos de fazer coisas a seu corpo, coisas perversas, e sabia que logo teria que obedecer.

—Sempre te darei mais, até que eu Morra.

E agora, pela primeira vez em trezentos anos infernais, Sebastian sentia uma desesperada necessidade de viver.

Capítulo 3

Como se tivesse despencado de uma grande altura, todas as emoções perdidas em Kaderin, negadas a ela no último milênio, embargaram-na. O temor, a alegria, o desejo, e uma fome sexual inegável guerrearam em seu interior... Até que ele acrescentou sua ardente luxúria o suficiente para afogar todos os outros sentimentos.

Cambaleou confusa. Toda ela sabia com certeza que precisava se liberar, tanto desejo a afligiou, fazendo-a se queixar. E cada um de seus violentos e possessivos beijos aumentava sua agonia.

Quando deslizou os dedos pelo abundante e desgrenhado cabelo, não podia pensar, nem podia raciocinar o porquê acontecia isto a ela. Inexplicáveis necessidades a curvavam... O lambar sua pele, o ter seu corpo pressionando pesadamente contra o dela.

Levou os lábios separados para seu pescoço, beijando-o ali. Por sua vez, ele empurrou sua ereção contra ela, como se não pudesse aliviar-se, então pareceu estar disposto a não fazê-lo outra vez. Mas estremeceu ao encontrar que sua lança permanecia enorme, erguida e insistente contra ela. Isto fez que seu corpo umedecesse, desejando-o.

Incapaz de parar tirou a língua em um movimento rápido para provar sua pele. Uma sensação a atravessou desde seu interior, e gemeu. Os machos sempre eram tão bom? O sabor fez que seu corpo reagisse com uma necessidade animal tão forte, que a fez retorcer-se quando resistiu a ela. Desejava rasgar seu jeans, tomar essa grossa haste com ambas às mãos, e lamber sua longitude com frenesi.

Imaginá-lo fez que meneasse os quadris contra ele, e depois de uma tremula vacilação ele se uniu a ela. Ele soltou o fôlego e rugiu palavras estrangeiras em sua orelha. O castelo inteiro se sacudiu por seu relâmpago, um relâmpago de valquíria produzido por suas emoções.

Relâmpago, qualquer tipo de prazer tinha sido negado por um longo tempo.

Sabia que lhe estava proibido, sabia que o lamentaria, mas nesse momento não se importou. Por alguma razão conhecida, lhe tinha outorgado uma oportunidade com este macho, permitindo experimentar a paixão uma vez mais. Só uma vez nada mais, isso era tudo o que desejava, antes que o frio e um nada a envolvessem outra vez...

Assim aceitou seus beijos e os devolveu. Inclusive quando seu ardor a curvou tratou de justificar suas ações. Não fariam mais que isto. Era perdoável. Ainda estavam vestidos.

Ele a agarrou pelas nádegas, com os dedos estendidos, sustentando-a tão firmemente que tivesse podido empalá-la. Potente macho... Macho imortal...

Com o corpo de um Deus.

—Mais duro —sussurrou. Então de alguma forma esteve recostada contra a parede, a mão dele atrás de sua cabeça para tomar o impacto quando se apertou contra ela. Todo seu tenso corpo cobriu o dela. Deus estava ficando mais agressivo...

Não! Se tomar as rédeas, estou perdida... Perdida nele.

Fazia tanto tempo.

Uma intensa e dolorosa espiral de prazer a percorria com cada uma das decididas investidas do vampiro.

—Não pare —implorou, entre suspiros de recriminação. Pela primeira vez em um milênio, estava perto do clímax.

Lendo sua mente, ele pigarreou:

—Posso fazer que... Chegue?

—Sim! —soluçou contra sua boca—. Continua! Preciso de você para...!

—“Precisa”? —gemeu como se excitasse com a palavra.

— O problema é... Que eu também. —Sua voz se voltou rouca pela luxúria, e disse—: Tenho que tomá-la, minha Noiva.

Ela ficou rígida com suas palavras, como se tivesse despertado, então girou o rosto, afastando-se.

—Espera! Não posso... Não posso fazer isto!

—Posso te dar o que precisa, juro —gritou, ainda quando amaldiçoou sua falta de experiência. Devia imaginar que isto seria verdadeiramente genial.

—Só me deixe te ter.

Ela sacudiu a cabeça desenfreadamente, batendo nos seus braços.

—Nãooooo!

Quando era humano, teria permitido ir embora imediatamente. Mas o instinto disse não a essa idéia. Ao compreender tão pouco sobre que estava acontecendo, soube de algum modo que era essencial que tivessem algo que compartilhar entre eles, inclusive uma breve manhã de prazer.

Não podia deixar que isto terminasse... não antes de dar a liberação e tomá-la, também, de seu corpo.

—Então só ficaremos como antes. —Se isto era tudo o que ia permitir antes de entrar em razão, então tomaria o que pudesse obter.

—Não entende...

Estremecendo, cortou seu protesto, com as mãos segurou seu rosto com tanta suavidade que ela permitiu tomar sua boca com ferocidade. Ela se esticou, parecia que só suportava o beijo. Então, depois de um momento, emitiu como resposta um gemido que o fez suar de alívio. Suas garras cravaram outra vez nos ombros. Balançou-se contra ela, e seus pensamentos mais escuros, foram substituídos pelo urgente desejo.

De repente, ela saltou, envolvendo as pernas ao redor de sua cintura.

Sua ferocidade quase o fez gozar, quanto mais ela gritava em sua boca, mais o impulsionava grosseiramente, animava-o. Mas ainda quando tomava sua agressividade com óbvio prazer. A parede desmoronava atrás deles.

—OH, Deus, assim, Katja. —Agarrou com força seu generoso traseiro, estendendo as palmas ao redor deste, gemendo ao senti-lo. Ali também, não era nada pequena e ele adorava isso.

Apertou as exuberantes curvas, amassou-as e ela ofegou em seus ouvidos:

—Sim, sim, é tão forte.

Forte? Estremeceu. Isto a agradava?

—Nunca tinha sentido algo tão fodidamente bom como seu corpo...

As palavras morreram em sua garganta quando ela deslizou para baixo, agarrando pelos ombros e pendurando-se nele ao elevar os braços para apoiar-se. Manteve seus olhos prateados nele, uma diminuta presa perfurava seu lábio inferior quando ele baixou o olhar com incredulidade. Era tão selvagem. Isso fez que seu pênis se contraísse e pulsasse, perto do orgasmo.

Agüenta, ordenou-se assim mesmo. Precisa gozar.

Estirou-se para beijá-lo e morder na orelha, colocando seu sedoso pescoço diretamente frente à boca dele. Mordê-la. Lambeu seu pescoço, desejando tomá-la ali com suma urgência. Não. Não podia fazer isso.

Por que não? Provavelmente já o considerava um monstro...

Ela assentou sua palma com força por detrás, empurrando-o tão longe da parede que ao recuar tropeçou com os livros. As páginas voaram quando caíram ao chão com ela em cima dele.

Estava frenética, despojada de todas suas inibições, pressionando contra sua haste enquanto explorava com a língua sua boca. Seu traseiro se movia tão sensualmente sob as

palmas dele quando ela dirigia seu corpo contra o seu... Nunca em suas fantasias mais febris se imaginou isto.

Já não se importou se derramava sua semente nas calças. Ia ter o orgasmo mais duro de sua vida. Vergonhoso, degradante. Não se importava.

Fez-a rodar, segurando seus braços por cima da cabeça, cedendo diante o impulso primitivo de balançar os quadris. Desejava empurrar dentro dela. Precisava dominá-la, e pela maneira em que reagiu, com as pálpebras que revoavam ao fechar-se quando gemia, ela também o necessitava.

— Não acreditava que fosse verdade — gemeu ele.

A cabeça palpitava, a loira seda de seu cabelo o enchia com sua essência.

— Katja. — Empurrou mais duro e ela se retorceu desenfreadamente abaixo dele.

— Sim, sim... Esta me fazendo... Chegar — se arqueou para trás, ao gritar. Ele envolveu seus braços fortemente ao redor de seu torso, apanhando-a contra seu corpo quando se estremeceu freneticamente contra ela.

Gemeu para o teto, o pescoço se esticou, quando sua semente começou a bombear fora dele. Com cada ejaculação, dava um grito brutal. Ela ainda gozava, as garras estavam afundadas em suas costas.

Experimentou um último e violento estremecimento, depois desabou sobre ela, aturdido pelo silêncio depois do prazer. Sua respiração, tão nova e assombrosa para ele, era desenfreada.

Mas quando se deu conta do que acaba de fazer, ruborizou-se, humilhado, levantando-se sobre ela e evitando seus olhos.

Noiva ou não, era uma estranha para ele, mas mesmo assim envergonhou a si mesmo como um moço inexperiente diante dela. Muito pior, tinha usado toda a força de seu corpo para segura-la e empurrar contra ela. Como não evitar machucá-la? Como não evitar machucar sua perfeita pele? Temia encontrar com seus olhos. Ver seu olhar traído...

Entretanto, ela o arrastou de volta e girou a cabeça ligeiramente, parecendo lhe acariciar com o nariz um lado do pescoço. Começou a esfregar o rosto contra o seu, quase como uma gata. Embora tinha uma forma estranha de demonstrá-lo, sabia que na verdade estava lhe dando afeto.

Afeto. Outro êxtase para ele. Não tinha sido tocado fazia muito.

Descansou sobre seus cotovelos quando elevou o olhar para ele com olhos sonhadores, flutuantes entre prata e avelã escuro, com expressão satisfeita. Segurou seu rosto com mãos tremulas, para beijá-la sobre as pálpebras e nariz. Era a criatura mais encantadora que tivesse imaginado jamais — e a mais apaixonada — e era dele.

Com voz rouca, disse:

— Não te disse meu nome. Sou Sebastian Wroth.

Ainda parecendo encantada, murmurou:

— Bastian — fazendo querer estreitá-la com força.

Ele sorriu.

— Só minha família me chamava assim. Agrada-me que você o faça.

— Uh-hmm — percorreu com a unha o pescoço em lânguidos círculos.

A excitação ainda o percorria. A idéia de aprender tudo a respeito dela o encheu de antecipação, mas primeiro tinha que saber...

—Eu... Eu... A machuquei?

—Ficarei dolorida —seus lábios se curvaram, depois esfregou seu rosto contra o seu uma vez mais, desta vez como se o agradecesse—. Mas só nos lugares mais deliciosos.

Seu pênis estava ainda meio duro no úmido calor de seu jeans, e pela forma em que ronronou essa simples palavra, deliciosos, fez que seu pênis se inchasse uma vez mais. Não entendia como podia simplesmente encolher os ombros ao estar ferida, mas não havia forma de que ele atuasse, outra vez mais, guiado pela necessidade. Lutou por ignorar quão bem a sentia baixo ele.

Afastou-lhe para trás o cabelo, revelando as bicudas orelhas. As diminutas presas, as garras, os olhos...

—Katja, que er... —se esclareceu garganta—. O que é?

Suas sobrancelhas se juntaram em uma linha.

—Sou uma... —se esticou por um instante. Seus olhos limpavam completamente, como se acabasse de despertar. Todos os flexíveis músculos de seu corpo que abrandaram e relaxaram depois do orgasmo agora se haviam posto rígidos. Com uma aguda inalação, chutou-o —duro—, enviando-o até a parede oposta, então ficou em pé.

—Ah, deuses, o que fiz? —murmurou, levando uma trêmula mão para sua testa. Seu rosto estava frio, mas os olhos ardiam grosseiramente quando se afastou lhe dando as costas.

Ele levantou, as mãos frente a ele para não assustá-la.

Mas então ela, grosseiramente levou a manga sobre sua boca, enfurecendo-o. Reconheceu seu asco, reconheceu o sentimento. Tinha-o sentido sobre si mesmo desde que fora convertido.

—Esqueceremos que isto aconteceu, vampiro. —Não podia acreditar que lhe estivesse agradecida. Por que tinha satisfeito seu desejo? Que demônios tinha acontecido? A realidade se filtrava, e com ela veio uma vergonha tão ardente que esta a aguilhoou.

—Como posso me esquecer disto?

Talvez um caprichoso poder tinha jogado com ela, obrigando-a a fazer coisas que nunca faria. Ou estava sob o efeito de um feitiço? Tinha que ir embora imediatamente.

—Jura que não o dirá a ninguém, e deixarei que vivas por agora.

—Me deixar viver por...? —não terminou a oração, porque no espaço de três palavras, ela tinha recuperado sua espada. Então a brandiu contra ele de modo ameaçador entre suas pernas. Moveu-se tão rápido que foi simplesmente um borrão.

—Sim, deixar que viva —Gritou em sua orelha.

—Não esta acostumada a isto. —Cruzou através do quarto e parou, os braços estendidos, uma mão a cada lado da porta—. Como sou. Encontraremos a forma de estar juntos. Mas é minha Noiva.

Ela fechou os olhos, lutando por acalmar-se.

—Não é meu marido. E nunca o será.

—Isto não é algo ocasional, Kaderin.

Chega. Quando se pôs a andar para a porta, podia sentir com se formava nele a apreensão. Os dois sabiam que o sol a protegeria. Tudo o que tinha que fazer era conseguir passar ...

De repente, dobrou-se quando a culpa por Dasha e Rika a rasgou como se fosse um arame de farpas correndo por suas veias.

—Kaderin? —caminhou a pernas até ela—. Sente dor?

Tragando ar, levantou sua mão para detê-lo antes que a alcançasse, e se obrigou a levantar-se. Todas as valquírias estavam conectadas, mas ela e suas duas irmãs tinham nascido juntas. Trigêmeas. Inseparáveis durante mil anos, até que duas delas tinham morrido em batalha. Por causa da fraqueza de Kaderin...

—Kaderin, só espera...

Ela jogou-se sobre a porta, mas ele cruzou atrás desta e a segurou com força. Ela desviou para a esquerda e se dirigiu com dissimulação para a direita, movendo-se tão rápido que soube que não poderia distinguir sua forma. Quando piscou, precipitou-se contra ele, impactando o cabo da espada contra seu peito, decidindo no último minuto não perfurar seu esterno.

Ele emitiu um bramido de fúria quando transpassou sua barreira. Ela se lançou em picado para baixo, aterrissando na bifurcação de três escadas, correndo através de uma multidão de teias de aranhas tão grossas que deveriam ser tecidas faz séculos.

Meio cambaleante, meio cruzado, foi diretamente atrás dela, quando decidiu baixar as escadas. Mas ela colocou uma mão no corrimão e saltou sobre o próximo lance de escadas, depois uma vez mais para o andar de baixo.

Com um grito rouco, desceu de um salto perseguindo-a, lançando-se por ela. No último segundo, ela desviou fora de seu alcance, alcançando as pesadas portas principais. Jogou-se contra elas, arrancando as de suas dobradiças e enviado vários fragmentos ao ar.

Inclusive fora sob o protetor sol da manhã, não diminuiu a velocidade. Correu a toda pressa para a aldeia no vale —o fôlego descompassado, as folhas rangiam sob suas botas, o calor da luz. Não olhe para trás.

As lágrimas nublaram sua visão quando lutou por não chorar. A tristeza doía tão insuportável como quando teve que reunir e enterrar os... Restos de suas irmãs. Escapou como se quisesse esquecer a última noite, como se quisesse esquecer a lembrança do desolado castelo. Não olhe para trás...

Depois do enterro, rapou o cabelo e arranhou sua pele, gritando ou pela fúria e a tristeza e tendo saudades o esquecimento da morte nela mesma. Finalmente o cansaço a rendeu a inconsciência, e nesse sono pesado, um poder desconhecido se conectou com ela na forma de uma voz em sua mente, lhe prometendo o afastamento da dor eliminando todas suas emoções.

Então, como agora, a dor era insuportável. Assim como fez antes, orou por misericórdia.

Mas nada veio. Tinha sido Kaderin abandonada? Tinha aborrecido o misterioso poder? Não olhe para trás. Mas o fez.

O vampiro a tinha seguido.

Capítulo 4

Mansão Valha Hall, Nova Orleães

Lar do décimo das doze aquelarres das valquírias

Em algumas ocasiões Nikolai Wroth realmente odiava sua família postiça.

Suspirou com cansaço quando acompanhou sua Noiva, Myst a Cobiçada, pelo extenso alpendre frente a seu antigo lar. Acabam de iniciar o percurso quando soou o primeiro grito.

Não se surpreendia, tinha aprendido que sua mera presença vampírica era suficiente para alterar a este ninho de valquírias.

Embora fosse um Forbearer, Frequentemente era odiado tanto como os vampiros da Horda —os vampiros nascidos como tais—, uma facção que tinha guerreado contra as valquírias desde os primeiros dias do Lore. Além de matar a todas suas possíveis Noivas, os vampiros da Horda, com frequência, capturavam-nas e se alimentavam cada noite de seu delicioso sangue.

Entendia seu ódio À Horda, e como um Forbearer, compartilhava-o, tendo combatido contra eles desde que se transformou em um vampiro. Mas isso lhes importava pouco.

Outro grito, e depois seguiram outros mais. Nikolai ainda não se acostumava aos alaridos de sua família postiça. Adoravam gritar. Inclusive se tivessem sido mudas, saberia da ira que ocasionava sua presença, devido a que as emoções das valquírias geravam relâmpagos, e nesse momento o pátio era como um campo de minas para ensurdecedores relâmpagos.

As múltiplas grades de cobre plantadas por todos os lados como contato a terra não poderiam conter tal ataque de violência. Os antigos carvalhos que rodeavam a mansão eram açoitados por ondulantes relâmpagos e deixavam uma fumaça, mais densa que a névoa.

Cheirava algo tão estranho como o musgo queimado?

Sacudiu a cabeça em direção ao céu mas não viu as estrelas sobre ele. Não, sua visão estava bloqueada pelos espectros que as valquírias tinham pago por rodear e proteger a mansão. Os espectros demoníacos mugiram divertidos sobre ele.

Nikolai não tinha paciência com eles. Há um mês, quando tinha tentado riscar-se em Valha Hall para recuperar Myst, tinham-no apanhado e jogado tão longe que tinha chegado a outra vizinhança. Nada poderia romper sua vigilância.

Com os espectros, o relâmpago, os gritos, e a fumaça, não era de estranhar que outras criaturas do Lore temessem Valham Hall quase tanto como temiam Às mesmas valquírias. O fato que sua bela esposa tivesse elogiado a este lugar de loucura sempre o assombrou.

Esta noite o tinha enrolado para riscá-los aqui para solicitar a Nix —a mais antiga das valquíria e adivinha— que os ajudasse a encontrar seus dois irmãos mais jovens. Em segredo pensava que isto era uma perda de tempo. Nix, ou Nix a Punheteria Assobiada como a aquelarre a chamava, raramente estava lúcida e tinha um senso de humor diabólico. E Myst se inteirou que Nix estava "de um humor de cães" essa tarde.

De fato, todas as valquírias com as que se encontrou eram... Excêntricas. Inclusive sua esposa, Myst, pensava de formas que não compreendia. E se Nix era sem dúvida a valquíria demente...

Mas tinha que tentá-lo. Não podia estar por mais tempo perguntando se Sebastian e Conrad estavam vivos ou mortos. A última vez que tinha visto seus dois irmãos menores, estavam a ponto de deixar Blachmount como vampiros recentemente convertidos. Ambos se encontravam fracos e meios loucos pela conversão. Apesar que tinham transcorrido trezentos anos, Nikolai não se enganava assim mesmo com a idéia que lhe tinham perdoado suas ofensas contra eles.

Ele e Myst obtiveram que os espectros lhes franqueassem a entrada da única maneira possível. Ela ofereceu uma mecha de seu cabelo como pedágio, e um deles desceu velozmente para recebê-lo. Em troca da guarda infalível dos espectros, as valquírias ofereciam seu cabelo, o qual era tecido pelos espectros em uma trança. Uma vez que a trança alcançava uma certa longitude, podiam dobrar a toda valquíria viva a sua vontade por um breve período.

Algumas o tinha aceito a contra gosto agora que ele e Myst estavam casados e devido a que tinha ajudado a salvar a vida de Emmaline, um membro da aquelarre. Inclusive obteve permissão —mediante chantagem— para entrar em seu lar a vontade, convertendo-se no único vampiro vivo que tinha visto o interior deste legendário lugar.

Do salão de vídeo, dirigiram-se á escada e subiram até o segundo patamar. Myst lhe tinha explicado que Valha Hall era como a versão violenta, no Lore, de uma irmandade feminina, completada com disputas encarniçadas e roubo de roupas. Pelo menos vinte valquírias viviam ali em algum momento.

Deteve-se frente a uma porta com um pôster pintado que dizia: "Guarida da Nixie, Se esqueça do Cão, Te cuide do Nix". Myst observou com atenção a porta, então golpeou.

—Quem é? —chegou-lhes uma resposta amortecida.

—Não se supõe que sabe isso? —perguntou Myst, girando o pomo quando se abriu o ferrolho da porta.

Entraram no quarto e também a encontraram às escuras, iluminada unicamente pela tela do computador. Nix se levantou, sua expressão inescrutável quando trançou rapidamente seu comprido cabelo negro. Vestia jeans e uma pequena camiseta em que se lia "Jogo com minha presa".

No interior se sobressaía uma gigantesca TV, centenas de frasquinhos de esmalte para unhas, e um pôster pendurado na parede de um homem identificado como "Jeff Probst" e rotulado com a frase "O Sex-símbol da Mulher com miolo". No chão se estendiam pilhas de livros destrozados, aviões de papel estrelados, e o que parecia os restos de um relógio em pé que tinha sido despedaçado em um arrebatamento.

Myst não perdeu tempo.

—Estamos procurando a seus irmãos, Nix, e necessitamos sua ajuda.

Nix agarrou um dos poucos livros intactos do piso, depois se sentou na cama. Ele tomou outro livro titulado: “Pacote Vodou para empregados de escritório do St. Louis Toma as rédeas de sua carreira... com Vodou!”

—E por que teria que ajudar à sanguessuga, hmmm?

Os olhos verdes de Myst cintilaram com ira. Ela ainda chamava a outros vampiros sanguessugas e não se importava se suas irmãs o faziam, mas, como havia dito A Nikolai:

—É um duplo insulto que o chamem assim. Se você fosse uma sanguessuga e bebe de mim, isso em que me converte? em uma imbecil? em um chupito? Para você sou como uma anfitriã?

Myst se recostou no Jeff Probst e dobrou um joelho.

—Ajude nos porque estou pedindo isso e me deve isso para manter um segredo sobre você em aquelarre.

Nix fez um som zombador quando rasgou com suas agudas garras o livro de vodou.

—Que segredo? —recolheu outro livro: “O Suporte do Misticismo Moderno”, dobrando-o com suas garras. Nesse instante pareceu ocorrer outra idéia completamente diferente de destruí-lo, em vez disso arrancou várias páginas, uma com o cabeçalho: "por que É mais Fácil de Acreditar".

—Recorda o ano 1197? —perguntou Myst.

—A.C. ou D.C? —disse Nix em tom aborrecido quando começou um intrincado dobrado de uma das páginas do livro. Origami? Uma forma começou a surgir.

—Sabe que refiro a D.C.

—1197 D.C.? —murmurou Nix com o cenho franzido, de repente seu rosto avermelhou. Sua expressão ficou teimosa, e seus dedos começaram a voar sobre o papel, dobrando-o habilmente.

— Não é esportivo trazer isso a tona. E uma vez mais, pensei que ele e todos seus companheiros de manada eram maiores! —quando seus dedos se detiveram, colocou a perfeita figurinha na mesinha de noite. Parecia-se com um dragão preparado para atacar—. Sua Lembrança colocadas de patas? Acaso te chamo Mysty a Admiradora de Vampiros como faz o resto do Lore? Como fazem as ninfas?

Myst colocou as mãos sobre seu peito.

—OH, que calamidade, as ninfas me rechaçaram. Choro amargas lágrimas. —Seu rosto se endureceu em um instante—. Que informação precisa que te ajude a ver algo?

Com um petulante golpe de sua pesada trança, Nix girou de Myst para o Nikolai e perguntou:

—por que deseja encontrá-los? —começou outro origami sem olhar, este origami requeria quatro páginas do livro “O Suporte...”

—Quero saber se estão vivos ou mortos. Para ver se posso os ajudar e fazê-los retornar para casa.

—Por que se foram? —a forma em que o estudou foi quase invasiva. Seus dedos foram tão rápidos que eram quase invisíveis, fazendo que o papel parecesse render-se espontaneamente.

Deu de ombros, odiava ter que ser tão aberto com ela.

—Sebastian estava enfurecido devido a que o transformei contra sua vontade. Ambos estiveram furiosos quando tentei transformar nossas quatro jovens irmãs e nosso velho pai quando estavam morrendo.

—Myst o estudou, mordendo o lábio, sabendo quão resistente era em falar sobre esse tema

—. Estou seguro que só se foram para conseguir a força suficiente para retornar e me matar. —Porque ambos o tinham tentado pouco antes de ir-se.

Sebastian despertou com essa terrível fome que Nikolai recordava tão bem. Quando colocaram uma jarra de sangue em frente de Sebastian, não podia bebê-la o bastante rápido. Mas uma vez que tinha compreendido o que tinha feito, lançou-se para a garganta de Nikolai...

Nikolai tinha esperado meses em Blachmount para que voltassem, sem se importar que algum o tentará uma vez mais. Cada dia sem que voltassem o fazia perguntar se poderiam defender-se por si só, compilando sangue cada noite —sem humanos de quem beber. Sem assassinatos.

Sem afastar o olhar de seu rosto, Nix terminou um chantagista contorsionado e o colocou junto à criatura dragão. Encontrou que seus olhos eram atraídos pelas figuras uma e outra vez.

—Sabia que se enfureceriam? —perguntou Nix.

Depois de uma vacilação, admitiu:

—Sabia. Mas de todos os modos os converti.

Quando Myst o viu suspirar exausto, começou revelando a Nix tudo o que lhe havia dito sobre seus irmãos. Ao dar-se um momento de calma, Nikolai outra vez mais justificou a si mesmo sua decisão. Essa noite, vendo Sebastian perto da morte, fez que Nikolai se desse conta do muito que Sebastian tinha perdido. Tudo o que tinha desejado era uma família e um lugar onde viver em paz. Sebastian nunca teve a oportunidade de encontrar alguma dos dois, não enquanto viveu, e Nikolai não podia aceitar isso.

De moço, Sebastian chegou tempranamente a sua altura máxima 1, 80 cm, mas sem o peso e músculo que lhe chegariam um ou dois anos depois. Embora tinha sido magricela e desajeitado, Sebastian quase tinha ido melhor antes de que seu corpo tivesse alcançado seu tamanho final.

Depois disso, não tinha sabido o que fazer com seu tamanho, com sua incrível força que crescia dia a dia. Tinha enegrecido acidentalmente mais de um olho de uma garota com seu cotovelo e realmente tinha quebrado o nariz de outras dessa forma. Tinha pisado em tantos dedos, que as garotas da aldeia brincavam que não andariam perto dele sem "tamancos e coragem".

Mas o pior ocorreu quando ele e Murdoch tinham estado percorrendo a aldeia; era provável que Murdoch e Sebastian fizessem uma travessura quando se chocaram com uma mulher e sua jovem filha. Tinha-as derrubado rotundamente, expulsando o ar de seus pulmões. Uma experiência perturbadora em si mesmo, mas uma vez que a mulher e a garota recuperaram o fôlego, tinham posto a gritar para o céu.

Sebastian se sentiu horrorizado. Da época que era um menino pequeno, sempre tinha tido uma inclinação para o acanhamento, e coisas como essa agravaram seu problema.

Transformou-se em uma pessoa insegura ao redor de toda mulher, sem o afável encanto de Murdoch ou a indolência de Conrad.

Aos treze, Murdoch já tinha um sorriso diabólico que lhe tinha ganho o acesso sob as saias de muitas mulheres da aldeia. À mesma idade, Sebastian tinha sido o moço calado com um punhado de flores murchas, que nunca chegariam a cumprir seu encargo.

Assim que se derrubou em seus estudos. Incrivelmente, ainda depois de que se treinou para a guerra desde que fosse o suficiente maior para ter uma espada de madeira, a mente de Sebastian era a parte mais forte de seu corpo. Tinha escrito tratados e escritos cientistas, que se granjearam a admiração de algumas das grandes mentes de seu tempo...

—Viu algo —disse Myst, trazendo Nikolai de seus pensamentos.

—Posso te dizer onde está Murdoch.

—Acabo de vê-lo ontem —Nikolai gritou. Murdoch vivia em Mount Oblak, um castelo tomado da Horda. Era a nova fortaleza Forbearer, assim Nikolai se riscava ali a maioria dos dias.

—Ah, sim. É obvio —começou Nix em um tom sarcástico—. Murdoch está seguro onde o deixou.

—O que se supõe que significa isso? —ante seu olhar perdido, disse—: O que quer dizer sobre o Murdoch?

—Disse algo? O que é que disse? Como se supõe que leve a conta do que digo?

Estava perdendo a paciência.

—Maldição, Nix, sei que nos pode dizer onde estão.

Seus olhos estava vago quando exalou:

—Também é psíquico?

Às vezes realmente odiava a sua família postíça.

—Nix, necessito sua ajuda nisto —disse, mastigando as palavras. Como um antigo general do exército estoniano, e na atualidade um no exército Forbearers, estava acostumado a dar ordens, e que estas fossem obedecidas com prontidão. Estas... Estas perguntas tolas eram intoleráveis.

Mais agora que Nix só se concentrava em seu passatempo, até que teve elaborado ou que parecia um intrincado fogo. Com cuidado o colocou perto dos outros dois. Mais páginas foram rasgadas, as dobrando a maior velocidade. Nikolai encontrou que sua atenção se fixava nas criações que parecia ver-se obrigada a realizar.

Momentos depois, tinha elaborado um lobo uivando de papel. Quatro figuras ordenadas como para um conto ilustrado. Myst não deu mais que um olhar, mas Nikolai estava encantado.

—Nix, te esforce mais! —explodiu Myst, e Nikolai estremeceu, forçando-se a afastar seu olhar.

—Não posso ver Conrad! —explodiu, e um relâmpago caiu perto.

—E o que tem que o Sebastian? —disse Myst—. Nos diga algo sobre ele.

—Algo? Bem, o que sei? —Nix franziu o sobrecenho—. O que sei? Ah! Sei o que sei!

Nikolai passeou impacientemente, fazendo gestos com a mão para que continuasse.

Deu de ombros.

—Neste momento, seu irmão Sebastian está bramando alguém nos subúrbios de um castelo, demandando que volte para ele, desejando-a com todo seu ser. —Sorriu, como se estivesse agradada consigo mesma por ver tanto, então deu um rápido aplauso—. Ah! E sua pele está começando a arder!

Capítulo 5

Por que escaparia de mim?

Repetindo uma e outra vez essa dolorosa pergunta em sua mente, Sebastian arrastava os pés através da chuva torrencial e os atoleiros de água ao longo da rua principal do deserto povoado.

Ao pôr-do-sol, justo quando estava disposto a sair em sua busca, tinha começado a chover. Inclusive agora, horas mais tarde, ainda chovia com uma força esmagadora, desfazendo visivelmente a argamassa de paralelepípedo. Batendo no rosto e as mãos queimadas, mas apenas o notou.

Que demônios tinha acontecido? Havia sentido o desânimo de séculos dissipar-se, desaparecer com sua chegada. Agora tinha retornado duplicado.

—Não o faça! —tinha-lhe gritado a ela. Antes que se viu forçado a recuar, tinha girado para ele, com os olhos abertos e os lábios separados. Ela tinha visto sua dor, sua pele começando a arder.

Sua expressão se encheu de remorsos. Tinha visto esse olhar antes. Era a mesma que tinha um soldado uma fração de segundo depois que uma explosão de canhão tivesse caído muito perto... Como se simplesmente não pudesse assimilar o que estava ocorrendo. Por que fugia? O que tinha feito de errado?

Tinha estado procurando toda a noite, rastreando as ruas vazias e o vale inteiro. Tinha rastreado até o aeroporto, mas sabia que se foi a tempo.

Como os habitantes deste povoado. Só um cão uivou de fundo. Embora Sebastian tinha evitado Aos humanos desde sua volta, estava completamente disposto a interrogá-los. Estava desesperado. Se tinham informação sobre sua misteriosa Noiva, converteria-se no ser que temiam com tal de obter informação.

Mas tinham desaparecido. Inclusive a casa do açougueiro, o qual lhe tinha vendido em segredo sangue e que em ocasiões tinha negociado com roupas e livros estava escura e vazia. Pelo visto, ela lhes tinha avisado que a estava procurando para vingar-se.

Uma e outra vez Sebastian considerava o que sabia sobre sua misteriosa Kaderin. Umas vezes pensava que era tão bela, tão perfeita, uma visão que só existia em suas fantasias. Tinha estado sozinho durante tanto tempo... E no passado tinha estado louco.

Mas se por acaso pensava que se tinha imaginado tudo, tinha um machucado no peito, rasgões na camisa onde as garras dela se cravaram em suas costas e braços. Deus, sua Noiva era uma fera, inclusive agora estava duro por ela.

Nunca antes havia sentido tal luxúria. Nenhuma mulher o tinha acalorado assim. Certamente o desejo por ela era mais forte porque se absteve durante muito tempo. Tinha que ser isto. Ainda não a tinha tomado.

Demônios, ainda não tinha visto seu corpo nu ou tocado sua pele.

Negou com a cabeça, ruborizando-se de novo por seu comportamento com ela. Não tinha nenhum tipo de experiência, mas sabia o suficiente para saber que o que tinham feito era... Incomum.

Em toda sua vida, tinha tido menos de meia dúzia de relações sexuais, com apenas duas mulheres, se podia chamar assim a segunda. Sebastian não se dedicou a deslumbrar damas, mas inclusive assim não tinha sido tranqüilo e introspectivo, simplesmente não tinha tido o tempo, a oportunidade, ou, mais importante, mulheres a disposição.

Seu lar em Blachmount tinha estado afastado de povoados e mercados. As atraentes filhas dos fazendeiros de cem milhas ao redor tinham estado desesperadamente apaixonadas —e muito mais que desfrutando— com o Murdoch, o cavalheiro de Sebastian. O que as excluía para sempre do interesse de Sebastian. Nunca tinha podido comparar-se com a experiência de Murdoch, e tinha temido olhar para baixo enquanto tomava uma mulher e saber que ela estava pensando o mesmo.

Se não Murdoch, Sebastian ainda tinha que competir com outros dois irmãos maiores. Logo começou a guerra.

As pouco memoráveis —ou desastrosas— experiências de Sebastian não o tinham preparado de maneira nenhuma para a paixão de Kaderin. Tinha estado tão desenfreada como ele. Ainda não podia imaginar como seria nua e retorcendo-se baixo ele. Sua ereção pulsou com a idéia, e a amaldiçoou.

Tinha-o incitado e depois deleitado com sua força, como uma criatura selvagem. O qual lhe recordou que não só não sabia seu nome completo ou como encontrá-la... Ainda não sabia de que espécie era.

Se só pudesse entender mais de sobre o mundo no qual habitava, o Lore. Era tão ignorante a respeito como da moderna cultura humana.

Quando tinha despertado da morte todos esses anos atrás, Nikolai e Murdoch tinham tentado lhe explicar o que sabiam do Lore, o que era pouco... Já que tinham sido recentemente convertidos. Sebastian não tinha prestado atenção. Que coisa poderiam lhe ensinar se de qualquer forma ia caminhar para o sol?

Durante todos estes anos, tinha evitado Blachmount, pelo contrário vivia no único país onde ninguém teria ocorrido lhe buscar. O que aconteceria se voltasse agora? Podia ainda predizer que faria se confrontasse com Nikolai?

Pela extremidade do olho, Sebastian viu algo. Deu a volta para encontrar seu reflexo em uma cristaleira. Enquanto permaneceu parado, levou-se uma mão ao queixo.

Cristo, por que não ia fugir?

Parecia um monstro sob a chuva torrencial. Um lado de seu rosto estava cheio de bolhas pelo sol e gasto por sua irregular alimentação... Não tinha sido nunca capaz de obrigar-se a beber o suficiente para manter seu peso. Tinha o cabelo cortado caoticamente, e as roupas estavam gastas e puídas.

Aos olhos dela, Sebastian seria um pobretão, vivendo na miséria, sem amigos ou parentes. Não tinha dado nenhum indício de que poderia ser um digno companheiro para ela. Em seu tempo, uma fêmea tinha a necessidade de assegurar-se que o macho que havia tocado em sorte poderia provê-la. Certamente uma coisa tão elementar não tinha mudado.

Pior que tudo isto, é que era um vampiro... O qual claramente detestava.

Nunca poderia compartilhar os dias no exterior com ela. Deus, como sentia falta do sol... Agora mais que nunca porque não podia passear abaixo ele com ela.

Vampiro. Passou a mão pelo cabelo molhado. Que espécie de filhos lhe daria? Beberiam sangue? Ele também teria fugido.

Como poderia esperar que não o rechaçasse pelo que se transformou, quando ele mesmo o fazia? Subsistia e vivia de sangue. Estava relegado Às sombras.

—Nunca será meu marido — tinha jurado ela.

—Matarei-me — jurou ele a Nikolai a última noite que o viu.

Como podia Sebastian a persuadir de viver com ele, quando durante trezentos anos tinha sido incapaz de persuadir a si mesmo que depois de tudo merecia viver?

Embora brevemente, Sebastian tinha conseguido que o beijasse e aceitasse seus inexperientes avanços. Com o tempo, certamente poderia vencer sua aversão. Talvez outros vampiros fossem malvados... Nunca tinha visto outros a não ser seus irmãos. Mas provaria que ele não o era. Podia protegê-la e prove-la de tudo que desejasse.

Não podia evitar por mais tempo retornar A Blachmount... Toda sua riqueza estava La, enterrada nos jardins. Antes que Sebastian e Conrad abandonassem o campo de batalha tinham juntado uma fortuna em botas de cano longo de guerra dos oficiais russos, incluindo o castelo que ocupava atualmente.

Tinha meia dúzia de cofres cheios de moedas de ouro, cunhadas com o selo de algum deus antigo voando. Alguns cofres mais continham jóias que os oficiais tinham saqueado do leste antes que seus ambiciosos olhares se voltassem para a vizinha Estoniana.

Obrigaria a si mesmo a beber e a comprar roupas novas. Compraria uma casa nova para eles... Sentiria aliviado se nunca voltava para esse maldito castelo.

Quando a encontrasse de novo, apareceria como um homem digno de escolher como marido. Mas para adquirir o necessário para fazer isto, Sebastian se veria obrigado a navegar por este novo mundo para ele. Tinha visto carros mas nunca tinha conduzido nenhum. Tinha visto anúncios de filmes mas nunca tinha visto um. Os aviões voavam no alto, e sabia a composição de seus motores pelos livros, mas nunca tinha viajado em um.

E tinha que andar entre os humanos, entretanto sempre havia sentido que eles ao olhá-lo suspeitariam o que era... Uma abominação, tentando fazer-se passar por um deles.

Ou pior, temia que poderia ansiar beber embora nunca isso tinha ocorrido antes de que a dourada pele de Kaderin se pôs diante ele. Poderia controlar-se com ela? Era um egoísta por procurá-la? Não, era disciplinado. Podia abster-se, como quando obedecia as ordens de seus irmãos.

Queria a sua Noiva de volta, e a teria outra vez embora isto o matasse.

Afastando-se da janela, olhando fixamente a chuva, precavendo-se que a tinha estado esperando toda sua vida. Sebastian sacudiu a cabeça com pesar. Inclusive antes que ela se transformasse em tudo o que tinha.

Londres, Inglaterra

Tudo está sob controle.

Foi uma bênção para Kaderin retornar para casa, embora, para qualquer que a visse, parecia desorientada.

Do tempo em que Londres tinha sido um pantanoso acampamento ao lado de um memorável rio, os vampiros tinham caçado aqui na neblina. E cada vez que a tinha visitado, tinha-os caçado a eles.

Depois do fiasco na Rússia, tinha eleito vir a esta rica cidade do Lore porque tinha um apartamento particular que nenhuma das valquírias conhecia, e devido que era uma boa base para o Hie... Não porque não pudesse enfrentar a sua aquelarre.

Era a primeira noite na cidade, e se encaminhava para o King's Cross com um objetivo: matar sanguessugas. Sob o impermeável, sua espada e seu chicote permaneciam escondidos. Vagava por um caminho secundário pavimentado que recordava bem... Há um século, dois irmãos vampiros quase tinham cortado a cabeça nesses mesmos tijolos.

Kaderin não menosprezava os vampiros só por causa de suas irmãs.

Com o passar do beco, gradualmente começou a agir como se estivesse perdida no opaco véu da cidade, inclusive coxeava ligeiramente... Indicando a um predador que o jantar estava ali para tomá-la.

Tentou convencer a si mesma que essa excursão não tinha a intenção de provar nada. Isto não era um exercício para ver se ainda tinha guelra para caçar vampiros. Isso estava muito trilhado, muito digno-de-uma-montagem-de-filme, enquanto ela cortava cabeças e limpava as ruas de Londres.

Matar esta noite era, simplesmente, algo normal em sua vida.

Um bando de cinco se materializou do fino ar.

—Parece que meu aniversário se adiantou, meninos —falou Kaderin arrastando as palavras. Vestiam como valentões guias de ruas, e os brilhantes olhos vermelhos estavam salpicados de bolinhas negras pulverizadas. Olhadas pervertidas. Quando bebiam de um ser vivo até matá-los, bebiam até o fundo da alma, tomando todo o mau, absorvendo toda a loucura e o pecado.

Os cinco a rodearam; tirou a espada e golpeou forte sem demora.

Com um giro de pulso reclamou a primeira cabeça. Olha-o, pensou Kaderin. Uma cabeça de vampiro rodando por uma ruela de Londres. Como sempre. Controle.

Começaram a rodeá-la, arremetendo com punhos e espadas. Tirou o enroscado chicote metálico liberando o de seu cinturão. Titânio. Com uma chicotada, podia conter um vampiro rastreador. Alguém a reconheceu com o primeiro estalar e escapou, fugindo da briga.

Ah, mas os outros três a jogaram.

O chicote apanhou o pescoço de um, enroscando-se mais e mais, partindo-o a final.

A casa sempre ganha.

Atirou, enviando-o preparado para ela, direto ao alcance de sua espada. Quando lhe cortou a cabeça, chutou-o atrás dela para rechaçar os outros dois. Agachou-se sob a grande espada de um, e afundando-a na têmpora de seu camarada.

Orvalhou-se de sangue. Agora estava em seu elemento. Desapaixonada. Assassinando friamente. A espada voava, o chicote estalava... Tinha voltado para a normalidade.

Quão irracional tinha sido, fugindo histericamente da Rússia, com todo o pranto e o incontrolável tremor. Quantas vezes tinha gemido, “OH, querida Freya, o que fiz?” ou recordando o olhar no rosto desse vampiro quando se deu conta que ia ter que deixá-la ir para o sol?

Tinha tido uma indiscrição. Como tinham Às vezes as valquírias.

Como Myst a Cobiçada? Pensou Kaderin, dando um golpe mortal ao vampiro com a faca se sobressaindo de sua cabeça como um corno. Quando Myst tinha estado em uma prisão da Horda, os rebeldes de Forbearer tomaram o castelo, e um de seus generais a tinha posto em liberdade para fazer amor com ela. Antes que as valquírias pudessem resgatá-la, as coisas se descontrolaram em uma úmida e fria cela.

O prestígio da Myst entre o Lore —o qual tinha sido ganho em toda uma vida— estava arruinado. Foi rejeitada, marginada. Inclusive as ninfas a ridicularizavam. Não havia uma ignomínia pior que essa...

O último golpe, arrojado na mandíbula de Kaderin, tinha-a deixado vendo duplo por um momento, mas as cegas deu um murro e acertou. Depois recuou nas pontas dos pés, deslizando a espada, tão rápido como o pensamento. Enquanto dois deles davam voltas entre eles, Kaderin recordou à última queda em desgraça. Umas décadas atrás, uma valquíria chamada Helen tinha tido relações com um vampiro, e depois deu a luz a seu bebê, Emmaline. Helen tinha morrido de tristeza... Porque o vampiro a tinha atacado.

Outro golpe de espada. O último apenas o tinha evitado, amaldiçoou-se.

—Meu Deus! Nunca tive que me chamar cadela antes. —secou-se o rosto com a manga, e seus olhos se encontraram.

Vampiros atacando. Isso é o que faziam. Tinha percebido que Sebastian tinha hesitado com a boca sobre seu pescoço, inclusive ao lhe dar um lento mordisco. Tinha-o considerado.

Sim, finalmente, até Sebastian beberia de uma vítima até matá-la, acidentalmente ou não. Seus firmes e claros olhos cinzas se voltariam desagradavelmente vermelhos e sedentos de sangue, e a Horda reclamaria outro soldado. Justo como o que tinha frente a ela.

O pensamento a fez correr para ele com um grito. Lançou-se rodando, lhe cravando a espada Através do peito. De um salto, recuperou-a balançando-a para a cabeça para fatiá-la limpamente.

Sua espada não assobiou, porque o ar poucas vezes a percebia a tempo.

Muito fácil, sem dignidade, pensou enquanto evitava suas presas. Quatro. Se tivessem sido peixes, os teria pescado e solto.

Mas tinha retornado, e agora sua mente estava lúcida no referente a Sebastian Wroth. Já não se aferraria a esse solitário vampiro como a reptante névoa a esta cidade. Com essa

certeza, poderia retornar a sua vida normal, o Hie seria só em dois dias. Não queria perder o controle, como havia predito em sua viagem a Londres. Nem estaria tão... tão... tão fodida, como tinha acreditado.

Não, ela estava aqui. Fria como o gelo.

De King's Cross, correu de retorno para sua casa no Knightsbridge, o sangue empapava sua roupa encoberta na névoa noturna. O sobrado com jardim estava perfeitamente situado. O suficientemente perto para comprar —Se Kaderin quisesse—, mas além disso dava atrás dos estreitos e escuros becos, que lhe permitiam entrar na residência sem ser vista. Por trás, saltou sobre o muro de seu jardim, caindo dentro, depois subiu correndo para as escadas.

Kaderin arrancou as roupas que tinha surrupiado de Myst, dando um olhar avaliador, e as lançou sem vontade sobre a pilha de roupa suja. Saltou sob a ducha, limpando todo o sangue.

Enquanto se ensaboava o cabelo, não pensou no vampiro. Absolutamente. Ignorou as perguntas sobre por que tinha estado no castelo e que exatamente tinha feito querer terminar com sua desolada existência. Toda essa informação, tal como onde tinha sido um guerreiro, era anedótico.

Depois de conquistar o Hie, e quando estivesse preparada, voltaria para acabar com ele.

Enquanto isso, ele iria em sua busca. Os vampiros que tinham encontrado suas ... Noivas não toleravam as perder. Mas não seria capaz de encontrá-la, conhecendo unicamente seu nome. Os aldeãos corriam a refugiar-se atemorizados antes de cada pôr-do-sol, mantendo-se apartados na noite até que ela voltasse... Ou se enfrentariam sua prometida cólera.

E qualquer outro habitante do Lore que pudesse revelar essa informação se separaria de sua vista simplesmente porque era um vampiro. Era um intruso em todas as partes, com todo mundo, seja humano ou criatura do Lore. E enquanto competira no Hie, certamente não seria capaz de localizá-la. Nas próximas semanas, não dormiria duas vezes no mesmo lugar e correria Aos lugares mais longínquos da Terra, obtendo prêmios, jóias e amuletos.

Enfrentaria-o quando escolhesse, e em seus termos. Sim, tudo estava sob controle.

Capítulo 6

Nos últimos três dias, Sebastian tinha achado infernal estar ao redor de tantos humanos; um bebedor de sangue, um predador, andando entre eles como se fosse ainda um deles. Especialmente desde que as mulheres tinham começado a olhá-lo com desejo, e até a segui-lo, para sua consternação.

Mas se recordou o que estava em jogo e completou tarefa atrás de tarefa em previsão de encontrar a Kaderin, ainda quando não tinha a menor idéia de como fazê-lo. Os

aldeãos, tinham desaparecido, pelo menos durante as noites. É obvio, ela os tinha advertido.

A final de conta desta vez, finalmente tinha voltado para Blachmount, e tinha estado atemorizado como jamais pela velha casa, inclusive estando tão decrépito como seu próprio eu. Tinha desenterrado ouro de seus cofres, depois tinha vendido as moedas em São Petersburgo. Com o dinheiro na mão, tinha comprado roupa no único lugar que conhecia onde os homens ricos adquiriam roupa, Savile Row em Londres. Tinha estado no porto de Londres uma vez quando tinha sido mortal e o recordava vagamente. Então, uma imagem mental disso o pôs ali.

O dinheiro lhe conseguiu encontro com um alfaiate que fazia roupa a medida depois do pôr-do-sol, e cada noite antes de sair dessa cidade, forçou-se a comprar e beber sangue do açougueiro.

Fazia estas tarefas porque queria chegar a ser um homem que ela pudesse querer. Mas estava também desesperado por algo para manter sua mente ocupada. Em cada volta, perguntou-se onde estava nesse momento e se estava a salvo. Ela tinha chorado essa manhã, dobrou-se pela dor.

E não a podia encontrar.

Seu sotaque tinha um deixo arrastando das palavras, mas isso ajudava pouco a determinar seu lugar de origem. Não podia riscar-se em sua pátria para começar a busca, porque nem sequer sabia em que continente vivia. Além disso, seus irmãos haviam dito que os vampiros só podiam riscar-se a lugares onde já tinham estado. Se não estava na Europa ou Rússia, então não poderia alcançá-la.

Uma e outra vez tinha pensado que se somente pudesse riscar-se diretamente a ela.

A idéia de que um vampiro não precisava saber como chegar a um destino, a não ser só imaginá-lo não tinha sentido para Sebastian. Riscou-se da Rússia a Londres para comprar roupa, mas não podia imaginar a rota exata. Se somente visse a localização era o requisito, então por que não podia uma pessoa ser um destino?

E se havia mais em riscar-se, e seus irmãos não entenderam tudo a respeito disso? Tinham sido recém convertidos fazia todos esses anos e tinham admitido sua ignorância a respeito de tanto sobre o Lore.

Talvez os vampiros se riscavam a indivíduos cada dia...

Sebastian era único em sua família, era o erudito dedicado, o filho introspectivo entre quatro. Na batalha, Sebastian tinha usado a astúcia tanto como a força, dependendo da previsão tanto como da passada instrução. Era um pensador que gostava de resolver problemas, e seu pai lhe tinha incultado a crença de que a mente era capaz de proezas inimagináveis se a pessoa era o suficiente forte para acreditar possível.

E Sebastian precisava acreditar que riscar-se a ela era possível. A alternativa era esperar os aldeãos, o qual era insustentável.

Sua família tinha sabido que tinha sido cortejado pelas ordens da igreja e dos cavaleiros, igual que por outras seitas secretas de conhecimentos ocultos, procurando recrutá-lo. O que não sabiam era que tinha aceitado uma oferta com os Irmãos da Espada, aprendendo sobre o mundo do isolado Blachmount, blefando-se com professores de física,

astronomia, de todas as ciências. Finalmente, tinha cruzado o Báltico e o Mar do Norte para ser renomado cavalheiro em Londres.

Enquanto seus irmãos tinham ficado lutando um contra outro ou perseguindo mulheres, Sebastian tinha estado estudando, crescendo seguro em sua habilidade de aprender.

Era justo que os sacrifícios de Sebastian o beneficiassem agora, enquanto perseguia a única mulher com que já tinha se importado.

Encheu de uma ardente determinação, Sebastian tinha esboçado daqui para lá lugares que só recordava vagamente de sua infância, estudando a quantidade de esforço, a quantidade de clareza mental, que requeria.

Convenceu-se de que só precisava vê-la tão claramente como uma localização.

Havia o perigo inerente de riscar-se a um lugar não visto. Poderia estar sob o sol equatorial do meio-dia e ele podia estar muito aturdido para fugir. Poderia estar em um avião. Se riscava a uns pés de distância, poderia ser sugado pelo motor.

Infernos, teria valido a pena.

Talvez quando Kaderin houvesse resolvido que tudo estava sob controle, tivesse-o feito muito apressadamente.

Desde essa noite, sua vantagem tinha sido comportar-se como o motor de um velho Karmann Ghia conversível... um pouco deteriorado. Ali estaria, conduzindo, a mesma de sempre, e assim, de um nada... um tropeço.

Por exemplo, justo agora, sentia uma estranha dor. Acreditava que estava... preocupada. Casualmente, Kaderin tinha o impulso urgente de saber se sua sobrinha Emmaline, de setenta anos, a filha da Helen, estava melhor. A última vez Kaderin a tinha comprovado com sua aquelarre de Nova Orleães, ela tinha sabido que Emma tinha sido ferida gravemente por um vampiro.

Chamou à casa, esperando que não respondesse Regin a Resplandecente. Kaderin não estava pronta para falar com ela, ainda não, não tão cedo, depois da sua imprudência com o vampiro.

Toda a raça de Regin tinha sido aniquilada pela Horda.

Kaderin tinha moldado Regin como uma assassina, treinando-a e avivando seu ódio para os vampiros.

—Espada acima! Recorda a sua mãe —havia dito à garota uma e outra vez, e todo o tempo se dizia a si mesmo: Recorda a suas irmãs.

Que não seja Regin...

Regin respondeu com:

—Ponte. Aqui Uhura.

Kaderin suspirou, depois sacudiu a cabeça ante a referência A Star Trek. Kaderin não apreciava essas referências.

Mas isso era algo próprio de Regin. Além de seu ódio mortal pelos vampiros, era despreocupada, rápida em rir, uma brincalhona.

—Olá, Regin, é Kaderin. —Tragou—. Chamo para saber de Emma. Está melhor?

—Olá, Kiddy-Kad! Está totalmente melhor. Já se curou.

—Curada? —perguntou Kaderin com Isso surpresa é uma grande noticia, mas como pode ser? Ajudaram as bruxas?

—Na realidade, casou-se com esse lykae, esse odioso ao que uma de nós quis castrar, faz duas noites.

Tinha passado Regin por alto deliberadamente a pergunta? Kaderin queria saber mais sempre tinha acreditado que estava pisando nos segredos, estava rogando aos Destinos de algum modo que revelassem os seus. E agora com seu novo segredo? Kaderin permitiria que Regin lhe superasse muito facilmente neste momento.

—Não posso acreditar que se casou.

O homem lobo tinha fugido com Emmaline, levando-a a seu castelo na Escócia.

—Sei. Um lykae insólito. Poderia ser pior, suponho. Poderia ter sido uma sanguessuga. —Embora Emma era meia sanguessuga e bebia sangue como sustento, a aquelarre não pensava nela dessa maneira—. Não, Emma não é tão estúpida.

Kaderin sentiu um tic na bochecha, quase como se tivesse escoiceado. Os aquelarres valquíria estavam em guerra com os vampiros inclusive agora, e o Lore estava lançando-se para um acordo, uma guerra entre imortais que ocorria a cada quinhentos anos. Durante tempos como esse, Kaderin tinha esperado desfazer-se dos vampiros sobre a terra, não montá-los. Ficaria seu rosto mais quente?

—Tentamos te chamar —disse Regin. Kaderin ouviu seu globo de chiclete. Como tantas valquírias, somente mascaria chiclete de uma só marca específica, Sad Wiener Peppermint, que era muito mais que asqueroso. Kaderin mesma preferia secretamente Happy Squirrel Citrus—. Acredito que deixou seu telefone via satélite na casa do lykae em toda a confusão.

—Recordo-o —disse Kaderin, mas teve que perguntar se verdadeiramente a tinham chamado. Kaderin era uma cifra sem emoção, e muitos ficavam incômodos a seu redor, especialmente nas celebrações.

Kaderin reconhecia quando as situações deviam ser humorísticas, mas nunca era dada a rir. Sabia que amava a suas meio-irmãs, mas nunca sentia a necessidade de mostrar carinho. Em umas bodas, nem se tivesse aproximado de um sorriso.

Mordeu o lábio e olhou fixamente a seus pés. Por sorte, Kaderin não podia perceber a dor dos sentimentos feridos por ser deixada fora. Não, nada absolutamente.

—Bom, Regin, acontece que não tive inconveniente em me desfazer do telefone desde que lhe instalou o tom do Crazy Frog nele.

—Eu? Quem? O que?

—Dê a Emma felicitações de minha parte —disse Kaderin—. Está Myst por aí? —talvez Kaderin poderia descobrir por que Myst tinha sido tão tentada por esse general vampiro, sem revelar que ela mesma tinha desfrutado com um.

—Está ocupada.

—Com o que? Quando poderá falar?

—Não sei. —Outro globo explorou—. Assim que o Hie arranca em dois dias. Está preparada?

Outra mudança de tema?

—Tudo está preparado —respondeu Kaderin. Todos seus fornecimentos estavam empacotados e seu transporte confirmado. Isso tinha provado ser bastante fácil. O Accord —uma federação de doze aquelarres de valquírias— tinha acordado que necessitavam a capacidade de mover-se facilmente pelo mundo, especialmente Kaderin no próximo Hie. Assim tinham estabelecido uma rede de helicópteros e jatos disponíveis na maioria dos continentes.

Os pilotos esperariam a chamada de Kaderin em todas as capitais chaves. Como tinha especificado, seriam demônios, e não fariam muitas perguntas.

Naturalmente, as valquírias, com sua sensibilidade fastuosa, tinham tão somente o melhor. Qualquer competidor no Hie merecia tirar vantagem dos modos modernos de transporte. Mas não todos gozariam de helicópteros de luxo e jatos.

—Assim que onde é sua primeira parada? —perguntou Regin.

—Todos os competidores têm que encontrar-se no templo de Riora. —A deusa Riora era a patrona do Hie. Era sua competição, ela dava as regras, decidia os prêmios.

—Como uma classe de orientação?

—Suponho. —A primeira excursão de Kaderin seria do exclusivo e moderno aeroporto de Londres ao antigo templo de Riora, escondido em um bosque encantado. O templo tinha sido construído antes que os humanos começassem a manter suas histórias e se encontrava só com coordenadas secretas.

Kaderin também poderia voltar atrás no tempo, e estaria viajando ali em um Augusta 109, o helicóptero civil mais rápido e ricamente desenhado do mundo.

Regin soava como se estivesse tecendo.

—Sabe, os resultados deste Hie se supõem que são anunciados em tempo real na rede. O que é conveniente, dado que nunca nos mandou recado sobre como o está fazendo, embora lhe conseguimos todas essas pombas mensageiras. A propósito, adorava-as e pus nome a todas elas, e você... as soltou.

—Os resultados na Internet serão interessantes, e os pássaros, embora queridos, preferiam ser livres. —O drama das pombas. Cenas como essa recordavam a Kaderin o porquê trabalhava sozinha.

Capítulo 7

Ao entardecer, Sebastian tomou uma ducha da única forma em que podia fazê-lo no castelo, com água de neve derretida recolhimento em uma cisterna e conduzida gelada por um encanamento até uma pequena sala cheia de azulejos desgastados. Depois se vestiu com suas roupas novas. Lustrou sua espada, embainhou-a no cinto em seus quadris, e sentou no bordo da cama, disposto a provar sua teoria.

Tudo dependia de que tivesse êxito. Devo encontrá-la para tê-la. Sentiu as mãos úmidas ao redor do punho de sua espada.

Depois franziu o cenho. Se isto funcionasse, não desejava aparecer-se em uma situação conflitiva. Podia se ver materializando em meio de um jantar familiar. Um

vampiro hiperdesenrolado levando uma grande espada. Tirou o cinturão, afastou-o, então se sentou outra vez.

Isto tinha tudo que ver detectando os detalhes mínimos. Centrado. Concentrou-se nela durante um longo momento. Tirou tudo de sua mente menos ela...

Nada. Recostou-se na cadeira

Imaginou vendo uma vez mais seu formoso rosto. As suaves e pequenas feições, o delicado queixo e as maçãs altas do rosto, a forma em que tinha olhado com esses ardentes olhos cor avelã.

Acalmou sua respiração. Recordou como a sentiu debaixo dele. Seu corpo era suave, generoso, adaptava-se perfeitamente ao dele.

A lembrança do cheiro de seu cabelo e sua pele o chamou tão bruscamente como se tivesse gritado. Começou a localizá-la, percebendo como abandonava o frio de seu castelo e se movia para o calor, não imaginava que poderia encontrar.

Templo da deusa Riora, bosque do Codru, Moldavia

Primeiro dia do décimo segundo Talismã Hie

Os suspeitos habituais pensou Kaderin com aborrecimento. De sua posição no corrimão do balcão, inspecionou a multidão congregada na galeria do templo de Riora.

Como na maioria dos templos, o de Riora ostentava o obrigatório estilo público, com tochas e velas como iluminado. Mas aí terminavam as similitudes. Situado no coração do bosque do Codru, todas suas paredes estavam cobertas por plantas que impediam sua vista. As raízes dos carvalhos suportavam seu peso. A cúpula era uma clarabóia com um buraco de cristal dentro de um intrincado desenho sem ordem.

“Vence seus limites, encarna o impossível”, esse era o lema de Riora. Era a deusa do impossível e os exaltava a demonstrá-lo todo o possível. Poucos sabiam disto, e embora era introvertida, também gostava de fazer brincadeiras e propagar rumores. Nos últimos cinquenta anos, mostrou-se como a deusa da alta costura que jogava boliches.

Kaderin esperava com centenas de competidores, devido a Riora que se atrasava outra vez. Não havia nada de novo nisso. Para fazê-la chegar a tempo, Kaderin a tinha provocado no último Hie, declarando que era impossível para as deusas ser pontuais. Mas então Riora havia dito que era impossível para uma valquíria permanecer em uma banheira de azeite fervendo durante uma década.

Para matar o tempo, Kaderin observou desdenhosamente Às ninfas, assegurando-se de que viam seu desprezo. Levantou seu queixo diante a Lucindeya, a sereia que tinha sido sua mais próxima rival no último Hie. Lucindeya ou Cindey era uma violenta e desumana inimizada, e dessa forma ganhou o respeito de Kaderin. Usavam-se uma à outra para avançar na competição até que somente ficavam as duas na final.

Nesse momento desapareciam as apostas.

No último enfrentamento, Cindey tinha quebrado dúzias de ossos de Kaderin. Mas em troca, Kaderin tinha quebrado ao menos os mesmos a ela, tinha rachado seu casco protetor, e se dizia que tinha quebrado o baço da sereia.

Ao olhar a adorável aparência dos kobolds, um tipo de gnomo que vivia na terra, Kaderin tirou a espada da bainha colocada a sua costa. Agarrou o punho, sem soltar dela, ainda, devido ao macho maior —embora só media um metro e vinte de altura— que tragava saliva e baixou o olhar. Os kobolds só pareciam amigáveis eãos... Até que de repente se transformavam.

Kaderin era uma das poucas pessoas com vida que tinha visto como eram na realidade, predadores répteis que se arrastavam sobre o chão enquanto caçavam em manadas. Ainda não tinha encontrado ao que poderia chamar gnomo assassino histericamente alegre que suas irmãs se encontraram.

O grupo de competidores estava formado por todas as raças e clãs que existiam no Lore: trolls, bruxas e nobres fey. Estavam pressentem demônios provenientes de muitas Demonarquias.

Kaderin se fixou em quão veteranos não ganhariam o grande prêmio...Fosse qual fosse o invariável prêmio que se oferecesse neste Hie. Identificou aos buscadores de carne unicamente pelos talismãs individuais atribuídos para cada tarefa.

E certamente ali estavam os novatos. Pôde vê-los em um instante, porque a desafiaram olhando-a fixamente.

Como competidora — e campeã por mais de um milênio— Kaderin tinha chegado a ter no Lore uma posição mais alta que a maioria de suas irmãs. Tinha ganho poder e respeito para os aquelarres... e para si mesma. Tinha carecido de sentimentos, estava orgulhosa de sua reputação. Não podia acreditar quão facilmente se arriscou com sua recente indiscrição.

Quanto a suas irmãs, sua queda em desgraça seria um descida em picado...

De repente, suas orelhas se moveram nervosamente. Perceberam algo nas sombras atrás do balcão. Girou-se e divisou um enorme macho, seus olhos brilhavam na escuridão. Um lykae? Isso era incomum. Os homens lobos e os vampiros jamais participaram da competição.

A Horda de vampiros eram desprezados por todos eles, e os misteriosos Forbearers não conheciam sua existência. No Lore encontrava que ambas as situações eram divertidas e inteligentes forma de manter os humanos na ignorância sobre seu mundo.

Historicamente, os lykae não tinham nenhum problema de que preocupar-se.

No passado, este conjunto de circunstâncias tinha sido fortuito. Os lykae, podiam ser selvagens mas tinham boa aparência, eram decididos e brutais. E os vampiros? Com sua habilidade para rastrear, eram quase invencíveis.

O homem lobo se moveu entre as sombras, aproximando-se o e o identificou como Bowen MacRieve, o melhor amigo e primo homem lobo do marido de Emmaline. Tinha emagrecido durante o último milênio, mas além disso pôde perceber que tinha mudado pouco... O que significava que ainda era esplêndido.

—Kaderin. —Seus olhos dourados tinham uma cor intensa, seu escuro cabelo era grosso e comprido. Não a chamou lady Kaderin, como o resto do Lore fazia, pois não a temia.

—Bowen. —Inclinou brevemente a cabeça.

—Não te vi no casamento. Foi bastante agradável.

Não a tinha visto no casamento de Emma, e a tinha sentido falta .

—Tenho curiosidade por saber o que faz aqui.

—Participarei. —Sua voz era como o retumbar de um sapateador escocês.

A profunda voz era atraente. Uma espontânea lembrança surgiu, a voz grave do vampiro enquanto dava uma pausa entre seus beijos. Voltou em si.

—Será o primeiro lykae em fazê-lo desde seu início.

Apoiou sua alta figura contra a parede, completamente despreocupado. Era tão alto como um vampiro, mas, mais magro. Era de traços duros mas Bowen provavelmente poderia ser considerado de uma elegância mais clássica.

Compará-lo com um vampiro? Encantador. Como se Sebastian Wroth fosse um USDA⁵

—Esta assustada valquíria?

—Pareço assustada? —Sempre desfrutava perguntando isso, dado que sabia que a resposta sempre seria não.

— por quê? —tinha visto Bowen caçando vampiros faz anos em uma batalha, tinha sido desumano no passado, e apostaria o que fosse que não tinha mudado, nada.

Ele respondeu

—Um amigo me disse que poderia estar particularmente interessada no prêmio.

Talvez, Bowen era mais elegante, mas os olhos dos vampiros eram tão cinzas, tão escuros e fascinantes. Se uma mulher se fixava nos olhos de Sebastian, daria tudo que ele desejasse. Os olhos do Bowen? Uma olhada neles, e uma mulher não saberia se saltava sobre ele ou afastava-se correndo.

Obviamente, Kaderin tinha vantagem, já que ainda não se estremecia de desejo pelo lykae.

—Conhece o prêmio? —perguntou, mas Bowen não estava escutando. As bruxas acabavam de chegar, uma chamada Mariketa a Esperada e outra mulher que Kaderin não conhecia. Estava ocupado franzindo o cenho.

—Se te distrair tão facilmente —disse Kaderin— não terei problemas.

Ele perguntou.

—O que estão fazendo aqui?

Kaderin arqueou uma sobrancelha.

—Estão aqui para competir. Como o têm feito em cada Hie.

Sabia que os lykae nunca adquiriam magia da Casa das Bruxas —as mercenárias místicas do Lore. Kaderin tinha escutado incontáveis rumores do por que, e em ocasiões, tinha especulado

sobre a verdade. Não podia imaginar a vida sem a comodidade dos feitiços, os quais podiam fazer jaulas a prova de vampiros sem deixar rastro, quão mesmo não podia imaginar a vida sem duchas. Ambas as situações eram bárbaras para Kaderin.

Agora, vendo a expressão de Bowen, Kaderin se perguntou se os lykae evitavam comprar feitiços porque as bruxas se aproximavam sigilosamente.

⁵ Algo assim como União de meninos metaleiros da América) de classe A

—Sabe o prêmio? —perguntou de novo.

—Não exatamente —disse ele, sua atenção centrando nas outras duas—. Mas sei o suficiente para te advertir de que matarei por isso —finalmente a olhou de frente—. E me atrevo a dizer que a matança poria em perigo a tênue trégua entre os lykae e as valquírias.

—Assim pelo casamento de Emma e Lachlain, deveria me jogar atrás? Inclusive embora tenha estado nesta competição desde que era um lindo cachorrinho?

Ele deu de ombros.

—Preferiria não te fazer nenhum dano. Nunca bati em uma fêmea, muito menos lhe tenho feito o dano que escutei que se faz nestas competições. Dano como o que você enfrentou.

—O homem lobo não odeia o jogador... Odeia o jogo. —voltou-se para ele, despedindo-o. Como se jogasse um cão com a pata quebrada.

Ao menos não era um vampiro...

O vampiro saiu do ar.

Suas garras se cravaram no corrimão enquanto ela lutava por permanecer em pé.

Capítulo 8

Como demônio me encontrou? Tinha segurado o mármore debaixo de quatro garras de onde acabava de salva-se de uma queda.

Tinha aparecido primeiro na parte traseira do balcão, e agora Kaderin viu como cruzava uma esquina escura. Ninguém o tinha notado ainda —ou se teriam estado dispersando como se alguém tivesse feito soar o alarme de incêndios— porque era capaz de meio riscar-se, apenas visível e impossível de cheirar para as criaturas inferiores. Tinha visto vampiros capazes de fazer esse inteligente truque, mas tinham sido muito mais velhos.

E ainda assim o tinha visto perfeitamente. E, grande Freya, se tinha sido bonito antes, agora o vampiro era devastador.

Tudo nele era diferente. Tinha ganhado músculo na última semana, fazendo que seus ombros fossem mais amplos e os músculos em seus braços e pernas mais cheios. Seu cabelo grosso, negro e liso ainda era longo, mas o tinha cortado.

Mas como demônios tinha encontrado o templo de Riora?

Seu primeiro pensamento foi que havia uma valquíria delatora, lhe dando informação sobre seus movimentos. Mas não, inclusive as renegadas com as que tinha tido disputas nunca a trairiam, especialmente não com um vampiro.

Deviam ser os aldeãos. Esses pequenos idiotas ! Seus olhos se estreitaram. Esses condenados tolos.

Um demônio alado passou brincando de correr sem se dar conta ao lado da perna de Sebastian, e por sua reação, Kaderin soube que nunca tinha visto coisas como essas. Estava ocultando bem sua surpresa, o que era um bom hábito, já que os habitantes daqui estudariam todas suas reações, procurando uma fraqueza.

Se coxeasse, arrastariam as garras para suas pernas. Se caísse de joelhos, suas presas iriam por sua jugular sem pensar. Assim era o mundo do Lore.

—Valquíria —cantorolou Bowen atrás dela—. Tenho algo para você.

Como se atrevia a interromper sua contemplação? Deu a volta e viu... diamantes. Um magnífico colar de diamantes, devotado em sua palma.

Uma das poucas fraquezas das valquírias era o fato de que as jóias brilhantes as podiam enfeitiçar. Tinham herdado a necessidade de adquirir de sua mãe a deusa Freya, e pedras como essa tinham um certo tipo de atração. Não simplesmente qualquer adorno brilhante —o zircônio cúbico não serviria— a não ser diamantes profundos e cintilantes.

Treinavam-se exaustivamente para ser capazes de resistir, mas Kaderin não se preocupou por isso durante séculos. A aversão ao treinamento tinha tendência a ser difícil quando não havia inclinação de possuir.

Se tivesse sido das que sentia, teria estado encantada pelas deslumbrantes pedras, como era a óbvia intenção de Bowen. Poderia haver-se sentido fascinada pela maneira em que os fogos do templo as iluminavam, fazendo que cintilassem, ou cativada pelas pequenas lanças agudas de luz vermelho chama. Brilho, brilho, brilho...

Levantou o olhar de um puxão. Estranho que não fosse das que sentiam, e ainda assim algo muito semelhante à fúria esteve penetrando agora por suas veias.

—Muito preparado, Bowen. Mas seus truques não funcionarão comigo. —Mas maldição se quase não o tinham feito. Saia dessa. Não se entregue esta fraqueza.

Quando sorriu amplamente com satisfação, ela resistiu o impulso de fulminá-lo com o olhar, e pôs uma expressão impassível antes de girar-se para voltar a encontrar o vampiro. Duas das ninfas o estavam seguindo.

—Estes truques funcionam com outras valquírias —disse Bowen—. Não é certo?

Sem desviar o olhar de Sebastian, disse:

—Tenta-o com Regin ou Myst. Depois me faça saber como funciona isso para você.

Podiam estar essas ninfas vagabundas algo mais perto de Sebastian? Kaderin nunca tinha entendido a particular aversão de Myst por elas. Agora sabia que tinha razão, eram um grupo de pequenas putas.

Atrás de Sebastian, alguém disse:

—Levaria seu ramillete⁶ a uma orgia qualquer dia —disse lançando um comprido olhar.

Virou-se, encontrando às ninfas com suas roupas transparentes de gaze. Nenhuma das duas se incomodava em ocultar sua luxúria, e para crédito dele, o vampiro não ficou boquiaberto como teria feito um macho humano.

Kaderin não acreditava que, como conjunto, as ninfas fossem mais bonitas que as valquírias, mas tudo sobre elas gritava sexo fácil! E curiosamente, muitos machos encontravam isso mais apetecível que Às valquírias. Faça-o e morre, macaco.

—Mmm, mm, mmm —disse a menor das duas.

—Bom que está por diante como por...

—Não... —A primeira ficou pálida e sussurrou—. Não é um demônio. É um vampiro.

⁶ flores oferecida para o baile

A outra negou com a cabeça.

—Seus olhos são claros. E não cheira como um.

Kaderin viu que agora Sebastian juntava as sobrancelhas; sem dúvida se estava perguntando: A que cheiram os vampiros?

A primeira gritou:

—Vampiro!

Quando as duas se misturaram com os carvalhos do templo, ele parecia como se tivesse evitado dar um passo atrás. A seu redor, os seres se fizeram conscientes dele e se dispersaram. A maioria dos humanos convertidos teriam caído como loucos depois deste espetáculo. Com olhos entrecerrados, Sebastian examinou o local.

Podia imaginar seus pensamentos. Sim, esta situação era desconcertante, mas estava aqui por uma razão.

Encontrar a sua Noiva. Porque os vampiros que encontravam a suas Noivas, não suportavam as perder.

Levantou a vista e a encontrou sentada acima, no corrimão do balcão.

Estava aqui. Por Cristo, tinha tido êxito.

Tinha chegado até ela.

Quase exalou duramente de alívio, mas reprimiu o impulso, agudamente consciente de que todos ao seu redor eram seres de pesadelo e fantasia. E que cada olhar estava sobre ele. Quando o alívio se transformou em arrogante satisfação por sua façanha, ocultou um sorriso de suficiência.

Depois se deu conta do que ela tinha posto. Vestida com uma saia pecaminosamente curta, jaqueta de couro e lustrosas botas de cano alto, sentava-se com uma perna nua pendurando, a outra estirada pela frente. Enfurecido pela exibição, Sebastian lançou um olhar de ira os machos na variada reunião.

Nunca antes tinha sido um homem ciumento. Nunca tinha encontrado nada que quisesse somente para si mesmo. Agora o ciúme o devorava, faziam que suas presas se ariassem, e que os queria mostrar. Era dele. E não queria compartilhar nem a mais mera olhada de seu corpo.

Ela se virou, o ignorando, para falar com um grande macho com ar selvagem nos olhos... que estava parado muito perto dela.

Sebastian sabia que seria o perseguidor nesta relação, que tinha mais que ganhar. Mas depois da manhã que tinham tido, ao menos esperava um reconhecimento quando o voltasse a ver. Ou inclusive uma reação, não? Talvez seus lábios se abertos, e possivelmente um matiz de rosado se deslizou por suas maçãs do rosto.

O que estava fazendo ali com todos esses outros seres? Se permitisse pensar sobre o que estava vendo ao seu redor, poderia ficar louco. Outra vez. Assim tentou ignorá-los, e qualquer outro acessório —chifres, asas, múltiplos braços— que pudessem possuir.

Nunca se havia sentido tão inseguro de si mesmo. Se sentia alternativamente como um humano perplexo e um monstro. Não tinha perdido que essas fêmeas que tinham desaparecido entre as árvores acreditavam que os vampiros eram piores que os demônios neste mundo. Quase amaldiçoou a Nikolai outra vez por obrigá-lo a se transformar-se em algo injurioso —inclusive para estas criaturas.

— Mas se recordou que se não fosse por seu irmão, não teria vivido para encontrar a Katja.

Canalizando toda a arrogância aristocrática que lhe tinham inculcado desde seu nascimento, subiu as escadas a pernadas para ela.

—Katja — começou, e justo quando acreditou que o ignoraria por completo, por fim se virou. Quando passou um tronco podre no patamar da escada, escutou um sussurro do interior.

—Acaba de chamar Katja? tampem os olhos dos cachorrinhos. Isto será sujo. —Um olhar para trás encontrou o tronco cheio de criaturas como trolls. Nunca os tinha visto.

Antes da aproximação de Sebastian, o macho de olhos grandes com o que ela tinha estado falando, voltou-se a afundar nas sombras.

—É importante que fale com você —disse Sebastian.

—Quer falar com ela —veio outro sussurro do tronco.

—O convidaram a este lugar? —perguntou Kaderin.

—Não.

Ela inclinou a cabeça.

—Então como chegou até um lugar que não está em nenhum mapa conhecido? Sei que nunca antes esteve aqui.

—Não foi tão difícil —disse, por alguma razão decidindo não revelar sua façanha—. Devo falar com você sobre o que aconteceu.

Do tronco escutou:

—O que aconteceu lady Kaderin e um vampiro? Que diabos aconteceu?

—Então esbanjou uma viagem. Não tenho nada que te dizer.

Quando o homem nas sombras lhe lançou um olhar assassino, Sebastian mostrou as presas... isso o deixou satisfeito. Fechou as mãos formando punhos ao pensar que esse homem esteve aproximando furtivamente de sua Noiva. Mas quem não o faria quando estava vestida dessa maneira?

—por que está vestida assim?

—OH não, não o fez.

—Fez!

Ela arqueou uma sobrancelha para Sebastian, depois abriu os vermelhos lábios para lançar um despreocupado grito em direção ao tronco. Calaram-se imediatamente.

Abaixo na galeria, as mulheres tipo ninfa sorriram com satisfação e sussurraram sobre Kaderin “rebaixando-se” com um vampiro, “igual a sua irmã.” Os olhos escuros de Kaderin se abriram muito como se assombrasse sua temeridade. Fez uma ameaça como se fosse a saltar, e escaparam de volta aos carvalhos.

A atenção de Sebastian voltou a centrar-se em Kaderin...

Não houve tempo nem para esticar-se pelo ataque.

Capítulo 9

Bowen investiu das sombras, arrastando o vampiro. Enquanto Kaderin olhava sua furiosa carga, só se perguntou por que tinha levado a Bowen tanto para atacar, já que os lykae estavam em guerra com os vampiros. Possivelmente os olhos claros de Sebastian o tinham desconcertado, ou talvez o fato de que não cheirasse a sangue e morte o tinha confundido.

Em um enredo de punhos voadores e garras, os dois se estrelaram contra uma parede, sacudindo o sólido templo de mármore por toda parte. Uma greta surgiu na clarabóia da cúpula.

Sebastian empurrou Bowen e se lançou para sua garganta com uma mão. A outra era um punho que se disparou com força. Bowen o golpeou ao mesmo tempo, esmagaram-se mutuamente o rosto.

Kaderin não via que isto fosse parar em qualquer momento. Eram guerreiros atraentes e bem construídos; havia coisas piores que olhar. Sentou-se, esperando com sua típica e fria paixão.

Os golpes castigadores conectavam com ambos. Sebastian tinha de algum modo algo com o Bowen. A galeria estava murmurando com surpresa. Certo, Bowen parecia como se tivesse perdido peso da última vez que o tinha visto, mas ainda...

Somente um murro a mandíbula de lykae foi ouvida estalar.

Eles chocaram sobre o corrimão apenas em frente do assento de Kaderin, caindo como chumbo pelo chão de abaixo. Sebastian não se riscou, mas sim aceitou o impacto. Lutava contra um membro da espécie fisicamente mais poderoso no Lore, e se não começava a distanciar-se desses golpes, Bowen facilmente o mataria.

Em pé outra vez, giraram em círculos, olhando as fraquezas um do outro, golpeando-se em intervalos. Sebastian encaixava golpes demolidores, mas parecia ser ambidestro, golpeando totalmente tanto com o punho esquerdo como com o direito, apontando com inteligência e espaçando os que recebia também.

Bowen tinha suas garras mortais e sua velocidade, mas Sebastian era hábil. Muito hábil, determinou ela, e nem sequer estava usando sua vantagem chave.

Os lábios estavam retraídos mostrando suas presas com fúria. Sua íris ficaram negras, e seu corpo se esticou, parecendo crescer ainda mais. Macho imortal... Macho poderoso... Ela se segurou inclinando-se para diante.

Era mais forte do que se imaginou. O que significava que era mais atraente do que temia.

Uma imagem cintilou em sua mente de seu enorme corpo cobrindo o seu naquela manhã. Quão apertadamente seus fortes braços se envolveram ao redor dela enquanto balançava os quadris nela...

Tiritou e olhou fixamente para baixo com perplexidade quando o arrepio subiu pelos braços. Isso era novo.

Bowen arremeteu com suas garras desencapadas. Sebastian saltou para trás; as garras de Bowen rasgaram através da grossa coluna de mármore tão facilmente como se tivesse

sido de talco. O punho de Sebastian disparou, quebrando o seu nariz, justo quando Bowen o esfaqueava com a outra mão.

Esculpiu quatro profundos sulcos no torso de Sebastian. O sangue emanou de ambos os guerreiros.

Os murmúrios começaram na galeria.

—Profanam o templo sagrado de Riora! Enfurecer-se-á.

—OH, deuses, olhem o mármore. Estamos perdidos.

—Que alguém ponha um passo diante!

Kaderin suspirou. E este era o mundo ao que pertencia.

Os protestos logo soaram mais fortes. Riora era uma diva que fazia que Mariah Tartaruga marinha parecesse mansa. Levar a competição pelo rancor não estaria além dela.

Um dos novos competidores perguntou:

—Mas quem poderia separar uma briga entre um lykae e um vampiro?

Todos os olhos confluíram no Kaderin.

—A bruxa poderia fazê-lo.

O tom do Kaderin era estudiosamente aborrecido enquanto estalava a mão para a Mariketa a Esperada. Mariketa se supunha que era uma das mais poderosas nascidas na Casa das Bruxas em gerações e estava aqui aparentemente para competir embora não podia ter mais de vinte e dois anos mais ou menos.

Não é que pudesse dizer sua idade por sua aparência, levava um capuz, uma capa e um feitiço de encanto tão espesso que parecia que tinha uma concha nela. O qual o fazia perguntar-se a Kaderin que classe de semblante escondia.

A garota respondeu:

—Não posso praticar em outro templo.

Sem o Hie, a metade do propósito da vida de Kaderin desapareceria. Suspirou com cansaço, depois desenbaiou a espada da capa e a deixou cair. Passeou casualmente para a briga e se mergulhou, aparecendo entre eles com seus braços estendidos, a espada apertada contra o peito de Bowen, suas garras posicionadas na garganta de Sebastian.

Bowen grunhiu, pressionando contra a ponta.

—Fica fodidamente fora, valquíria. Olhos claros ou não, não sabe o que é?

Sebastian se riscou fora de seu alcance a seu lado, e depois a empurrou para trás dele. Manteve seu braço atrás contra ela, ficando exposto diante o Bowen. Ela estava tão surpreendida pelo gesto que o permitiu, escondendo um cenho atrás de suas costas larga.

Mas então Bowen se lançou, apertando as mãos ao redor do pescoço de Sebastian para lhe retorcer a cabeça. Sebastian usou o braço livre para ir à garganta de Bowen, negando-se a afastar o braço do lado de Kaderin.

O que a fez querer sorrir abertamente.

Um macho guardião. Como... na novela.

Sacudiu-se e agarrou o braço protetor de Sebastian para aparecer por trás.

—Bowen, está lutando no templo de Riora —disse—. Se continuar isto, arrisca o Hie.

—Sob seus dedos, os músculos de Sebastian se esticaram para a briga, seu corpo ressonado poder e calor. Aparentemente impotente para deter-se, aproximou-se mais dele,

desfrutando como o inferno de seu cheiro. Agora ele dobrou seu braço em suas costas para trazê-la para seu corpo.

Por que não lutava ela?

—Não o entende, Kaderin —bramou Bowen.

Ela se inclinou ao lado outra vez.

—Sem competição. Expulsará-te.

—Não faria isso. Não pela morte de um vampiro.

Kaderin assentiu, e estranhamente, os olhos de Bowen se aumentaram e se voltaram selvagens, trocando da cor azul pálida a sua forma de besta. Liberou Sebastian, as Palmas estendidas elevando-se de repente. Parecia amaldiçoar-se em gaélico.

Um lykae ansioso para terminar uma briga antes de matar? E enquanto um vampiro tinha ainda sua garganta arranca-rabo em um punho mortal? Isto era verdadeiramente uma semana de primeira.

—Deixe ir, Sebastian —disse Kaderin—. Deve fazê-lo.

—Termina isto —demandou Sebastian a Bowen, mordendo as palavras.

Bowen se enxugou o rosto na manga.

—Não o farei. Não agora.

Logo que Sebastian o liberou, ele se retirou as mãos ainda levantadas.

Não podia imaginar que Bowen voltou atrás jamais em uma briga antes. Era um orgulhoso macho alfa, e tinha sido treinado desde menino para matar vampiros. Quanto devia querer este prêmio.

Bowen ficou atrás nas sombras, os olhos resplandecentes.

Quando Sebastian se moveu para segui-lo, ela disse:

—Não, tem que permitir ir-se.

Sebastian se virou para ela, ela teve que suprimir um pulo diante o achado de que estava insofrível e sexy e fresco depois da briga. O musculoso peito subia e descia pelo esforço e estava marcado com feridas corajosamente ganhas.

Muito mau que não tivesse cicatrizes, pensou, embainhando sua espada.

—Deseja que lhe permita ir-se? —Com um olhar breve para baixo as suas feridas horrorosas, disse calmamente:

- Tendo a castigar os desprezados como este.

Tal descrição retumbou em sua voz profunda.

Tinha tido o seu contrário Bowen. E tinha estado preparado para mais.

Guerreiro. Imortal. Nunca fiz amor com um imortal.

O olhar de Sebastian se manteve sobre ela, como se ainda estivesse morto de fome por vê-la. Sem advertência, agarrou-a pelo braço e a riscou ao balcão escurecido uma vez mais.

—Não ponha jamais em perigo assim outra vez —disse.

Ela estudou seus olhos, e eles pareceram tremer.

—Riscou-me? —Enjôo. Seu primeiro riscamento. Alucinante—. Isso não foi muito considerado.

—Deveria te haver advertido, Katja.

Em outro instante, o mundo inteiro parecia haver-se detido, a vista e o som e inclusive o batimento do coração eram diferentes...

OH, deuses, Kaderin estava sentindo, e não podia negá-lo agora.

Balançou-se ligeiramente, mas ele a segurava ainda nos braços. Merda.

Como se tivesse sido esfregada com água gelada, a bênção havia... Ido. Totalmente.

Ela liberou um fôlego reprimido, aceitando o que sabia instintivamente que era verdade: era-o. Sebastian lhe havia devolvido seus sentimentos. Não havia nenhum poder caprichoso brincando com ela, nenhum novo feitiço. Era simplesmente... Ele.

E quis gritar ao céu com frustração, porque não entendeu por que.

As valquírias não acreditavam em oportunidades, na aleatoriedade. Assim que o que podia significar quando o impulso de um vampiro podia acender emoções, que tinham sido erradicadas tão completamente, e durante tanto tempo?

Quando elevou o olhar para Sebastian, experimentou sua mais nova emoção. Terror.

Capítulo 10

Kaderin tinha outra vez a aparência de uma bomba a ponto de explodir, e se perguntou riscá-la o tinha ocasionado. Chutou-se mentalmente por não antecipar essa reação.

Pela extremidade do olho, Sebastian notou a algumas criaturas que descansavam na escada escutando-os as escondidas. Deu um passo diante dela e lhes mostrou as presas. Esfumaram-se.

Quando se voltou, parecia estar menos afligida.

—Kaderin, nunca ponha em meio de uma briga como o tem feito. Tinha-o tudo sob controle.

—Assim que o tinha? —perguntou ela em um tom inescrutável—. É um lykae que ainda não liberou sua besta interior. —Quando ele arqueou as sobrancelhas, disse—: Um lykae, um homem lobo?

—E o que acontece com isso? transformaria-se em um lobo do bosque?

Ela olhou sua mão até que a soltou.

—Não teria essa sorte. —Depois, falando distraidamente como se lembrasse de algo, murmurou:

— Os lykae o chamam “deixar escapar À besta de sua jaula”. Teria sido um pé mais alto, e suas garras e presas de repente seriam mais longas e ficariam muito mais afiados. Flutuando sobre ele como um fantasma que mascara seu corpo estaria a imagem de um brutal e imponente animal. —Finalmente levantou o olhar.

—E se não te tivesse esboçado, sua besta teria sido quão último visse antes que sua cabeça fosse separada de seu corpo.

—Isso estaria por ver. —Entrecerrou os olhos.

— O que queria dizer sobre uma competição?

—Não sabe? —encolhendo-se de ombros, ela disse—: Muito em breve averiguará o necessário. —recostou-se sobre o corrimão.

—Chamou-te valquíria? —perguntou rapidamente.

Ela se voltou, colocando uma mecha de cabelo detrás da orelha.

— Sim, e o que?

— Não são as valquírias... Maiores?

Ela deu um olhar cheio de ira.

— Os vampiros têm os narizes tão em alto...?

— Não, o que quero dizer é que... É difícil de acreditar, que seja tão pequena...

— Pequena? Meço quase um metro e cinqüenta e cinco de altura... Um bom tamanho para uma valquíria. — Nesse momento sua expressão se voltou resolvida quando disse:

— Odeio que me chamem pequena.

Por que não podia ter uma mínima fração de todo o encanto de Murdoch?

— Desejo cinco minutos de seu tempo.

— Ambos sabemos que nunca estará satisfeito com isso. Se acreditasse que poderia me desfazer de você te dando cinco minutos, daria-lhe isso.

— Ao menos me diga por que fugiu tão intempestivamente de mim. O que produziu tão profunda mudança em você?

— Dei-me conta com perfeita clareza que não quero nada que ver com você.

Ele baixou a voz.

— Nego-me a acreditar nisso depois de tudo o que aconteceu com a gente.

Ela parecia estar apenas que agüentando com paciência.

— Olhe se obteve de algum modo me rastrear até aqui, então deve suspeitar o suficiente para entender que assassino vampiros. Ponto final. Esse é meu trabalho... Essa é minha vida. E você é um vampiro. Ergo...

— Mas não me matou naquela manhã. Nem sequer esta noite ao me ver. Não tem feito seu trabalho.

Seus lábios se separaram.

— Escolhi te perdoar.

— por quê?

Agora ela parecia que fazia chiar os dentes... E estar esforçando-se por encontrar uma resposta. Finalmente, disse:

— Porque não acreditei que fosse esportivo.

— O que significa isso?

— Os vampiros aos quais assassino discordam em geral de meus planos. — Alcançou o corrimão, sentando-se uma vez mais—. Tendem a se defender — adicionou, tirando a espada de sua capa colocando-a sobre seu colo.

— Assim, vampiro, esta pequena valquíria que debocha do seu trabalho te convida a que tire você mesmo... E declina futuras conversas.

— me tirar? — um momento depois, apertou a mandíbula—. Já vejo.

De sua jaqueta de couro, ela tirou um diamante como pedra de afiar e começou a afiar a folha.

— Katja...

Ela se concentrou nos golpes de seu afiador, acima e abaixo.

— Kaderin.

Nenhuma resposta. Seu corpo parecia ser de madeira, e aparentava estar perdida nos movimentos.

Em um instante, se deu conta de duas coisas. Ela encontrava tranquilizadora essa tarefa, e por alguma razão, precisava fazê-lo exatamente nesse momento. Sabia que tinha falado com ele. Agora tinha sido excluído completamente.

Foi então que advertiu os murmúrios a respeito dela na galeria, seu nome em cochichos. Sua vista era muito mais aguda depois de ter bebido sangue, e sua habilidade para riscar-se a menos que se materializasse completamente também tinha melhorado. Uma coisa era verdade... Ela era seu tema favorito, e poderia aprender muito. Depois de vários infrutíferos intentos por falar com ela, forçou a si mesmo a deixá-la, riscando-se atrás deles, prestando atenção a qualquer informação.

Escutou que os maiores das diferentes facções explicavam as coisas aos mais jovens e discerniam que se congregaram para caçar uma espécie de animal carniceiro do Lore. Todas as pessoas ali esperavam competir por algum prêmio, ainda desconhecido para ele.

Moveu-se deixando atrás um trio que falava só em escalas guturais, para outros dois. Um aparentemente normal pai e um muito jovem demônio, que falava sobre Kaderin.

—Ninguém jamais viu seu sorriso —disse o pai em voz baixa, olhando-a antes que seus olhos se afastaram rapidamente. Todos lhe tinham medo?

Sebastian tinha visto seu sorriso e o tinha golpeado como se lhe tivessem dado uma patada na virilha que não tivesse visto vir.

O pai continuou:

—Essa é um mistério. Conduz como um macho louco.

Confirmaria isso.

—por que a chamam Kaderin Coração Frio? —perguntou o filho do demônio.

A ela?

—Porque é fria. Desumana. Nossa gente têm uma regra sobre nunca perseguir os mesmos prêmios que a valquíria.

Fascinado outra vez, Sebastian murmurou:

—É na verdade uma valquíria.

Quando o que falava se virou para alguém chamado Riora, riscou-se para outro casal. Uma figura encapuzada e uma mulher mais velha levava uma maçã vermelha.

—A valquíria tem feito ato de presença. Se afaste de seu caminho, Mariketa —disse a mulher—. Recorda sempre isso. Alguns dizem que lhe adverte isso uma vez, mas não apostaria por isso.

Não podia ver o rosto desta Mariketa devido ao capuz, mas sua voz soou jovem.

—Não é pequena para ser uma valquíria? —perguntou ela.

Deu-se conta de que Kaderin também poderia as ouvir quando se incorporou rígida. As comissuras de seus lábios se curvaram. Adorava quão pequena era comparada a ele, quão delicada era, e ainda não tinha sido capaz de dizer-lhe Estava elegantemente formada mais forte do que jamais teria imaginado poderia ser uma fêmea.

—São todas pequenas e etéreas. É uma vantagem biológica —explicou a mulher—. Nunca acreditará o que podem fazer em um briga. Até que é muito tarde.

No passado, afiar sua espada tinha sido uma espécie de ritual que lhe permitia enfocar seus pensamentos. Acabava-o de fazer porque nunca antes tinha estado tão confusa em sua vida.

Por que se sentia assim? Por ele? Por que agora?

Mas não havia necessidade de se assustar, assegurou a si mesma outra vez. A bênção tinha retornado. Como antes. Na verdade, seria-o. Se a presença do vampiro atuava como kriptonita para sua bênção, então só precisava evitá-lo.

Observou-o mover-se furtivamente de grupo em grupo. É obvio, que ouvia o que cochichavam sobre ela na galeria inferior. E Sebastian o escutava tudo, desapercibido. Ele se meio riscou muito facilmente, possivelmente muito. Nesse estado, os vampiros eram muito insubstancial para ser assassinados.

Sim, estava aprendendo sobre ela, mas certamente, ninguém saberia o suficiente para indicar seu ponto fraco. Sua história era sombria. Tinha trabalhado para fazer o dessa forma. Viu-o entrecerrar os olhos para ouvir que a chamarem “lady Kaderin”. Lady era como as criaturas do Lore a chamavam em de uma forma realmente precavida, e tinham razão em fazer o dessa forma.

Então Kaderin ouviu esta pequena jóia de um demônio fêmea.

—Por alguma razão, Kaderin perdeu muito de sua humanidade. Esteve existindo sob seu instinto animal por algo.

Disse isso de estar vivendo por seu instinto animal como se fosse um assunto santo. Justo quando Kaderin estava a ponto de deixar cair e ir atormentar , um duende vestido com uma túnica se dirigia para o altar localizado na parte posterior da galeria. O altar estava desconjurado. Kaderin o reconheceu como o tabelião de Riora, adequadamente chamado Tabelião.

Ele arranhou a cabeça.

—Pergunto-me onde estão todos? Minha deusa chegará muito em breve.

As criaturas estavam em silencio espectadores. Não todos os dias se encontrava frente a uma deusa. Essa demônio fêmea bocuda lambeu a mão e suavizou o cabelo do menino ao redor de seus novos chifres aveludados.

Quando Riora apareceu, Tabelião anunciou:

—A deusa Riora. —Os recém chegados e os imortais menos aborrecidos observaram atentamente maravilhados. Tabelião recuou, parecendo extremamente orgulhoso de ser um servente de tal divindade.

Riora era resplandecente, como estavam acostumados a ser as deusas, vestida com uma diáfana túnica dourada, ajustada sob seus enormes seios pelo qual muitos a confundiam com uma deusa da fertilidade. O negro e brilhante cabelo selvagem fluiu e ondeou como se uma rajada de vento o fizesse voar, e de repente Kaderin desejou que Sebastian nunca tivesse visto Riora.

Fingindo indiferença, Kaderin inclinou sua espada e observou o reflexo dele. Não se importaria se ele estava olhando com cara de idiota como grande parte dos outros machos. Não a afetaria.

A pesar do resplendor de algumas das curvas mais impressionantes de qualquer fêmea desta realidade, o olhar de Sebastian estava sobre Kaderin. Meteu-se o cabelo detrás

da orelha, estranhamente adulada, então franziu o cenho a si mesma. Colocar o cabelo? Isso era um gesto que fazia, antigamente, cada vez que se sentia aturdida. Quem é você nestes dias, Kad?

—Saudações, Lore —começou Riora com voz gutural—. Esta noite começa o Talismã Hie, uma competição que não mudou desde sua criação. As regras seguem sendo as mesmas e são tediosas de repetir —ondeou a mão com desdém e revirou os olhos—. Só... Cada... Duzentos e cinquenta anos. Assim que lhes darei a informação substancial.

—Dirigirão-se por todo mundo e recuperarão para mim os talismãs, feitiços, amuletos, jóias, e qualquer outro artefato mágico que deseje. Algumas das tarefas que escolhi têm múltiplos objetos disponíveis a seu término, e algumas têm só um. Tudo esta desenhado de tal forma que as criaturas se vejam forçadas a lutar. O que é divertido. Para mim. Embora nem tanto para vocês.

Ela franziu o cenho, deu de ombros, e depois disse:

—Cada objeto tem um valor baseado atribuído na dificuldade ao alcançá-lo e ao número encontrado. Quando alcancem um talismã, têm simplesmente que colocá-lo em cima do coração, e encontrará o caminho para mim.

Levantou seu pálido braço, e Kaderin acreditou por um momento que estalaria os dedos e deixaria cair os nódulos em seu quadril.

—Este para mim já foi uma forma assombrosa de transporte —refletiu Riora, dando-se golpezinhas no queixo.

—Agora não o encontro tanto. O que será surpreendente para todos vocês que realmente podem gabar-se de ter coração só por costume, Apesar do frio que possa ser.

Seu olhar cintilante se dirigiu para Kaderin, que levantou uma sobrancelha, depois continuou:

—Os primeiros dois competidores em alcançar oitenta e sete pontos passam para final. A razão para este número é que não há razão. Depois disto, haverá um mão a mão para obter o último prêmio.

Riora examinou com atenção À multidão, detendo-se duas vezes no vampiro, antes de passasse a dizer:

—Não há muitas regras, mas lhes explicarei as três mais importantes. Primeiro: Nenhum assassinato em massa entre os competidores até o turno final. Embora mutilar, debilitar, e capturar mística ou fisicamente são, é obvio, de tudo aceitáveis. —Cabeceou com ânsia quando adicionou—: E respirados. —Levantou dois dedos: Só um prêmio para cada competidor por cada tarefa. Quer dizer, não pode esvaziar o esconderijo e não deixar nada atrás para os outros. E por último: Não cometam nenhum ato que chame a atenção dos humanos para o Lore. Isto nunca foi tão importante como hoje em dia. Serão desqualificados imediatamente e serão suscetíveis a meu... Desagrado.

As chamas aos lados do altar explodiram, iluminando sua ameaçadora expressão. Kaderin estava entre os poucos que sabiam que usava uma máscara. Assim, indômita e selvagem, era de fato a verdadeira natureza de Riora.

Os fogos revoaram como se uma brisa os alimentasse, e sua aparência se voltou amável uma vez mais.

—Para cada competidor, tenho um pergaminho no altar com minha lista de compras. Cada um ou dois dias, as listas se atualizarão por si mesmos Às 7:43, hora oficial de Riora, o que significa que o tempo será um pouquinho irregular. Com cada atualização, entregará uma nova lista de tarefas a escolher que serão cumpridas em um tempo determinado. Quando as novas tarefas apareçam, as antigas perdem seu valor. Estão advertidos, embora, alguns prêmios e tarefas se repetiram, se realmente assim o desejar ou se foi muito divertido a primeira vez que o tentaram.

Uma das ninfas a suas costas murmurou:

—Nereus o será.

Nereus, o obscuro dotado deus do mar quem tomava carne como pagamento por seus talismãs, era um Hie regular.

Tabelião franziu o cenho; Riora o ignorou.

—Agora, desejam conhecer por que competem? — todos assentiram. Fez-se o silêncio no templo—. O grande prêmio, como sempre, é inapreciável e poderoso. —deteve-se para acentuar o efeito dramático, e Kaderin inclinou a cabeça, curiosa sobre o que levaria a sua aquelarre desta vez.

Tinha conseguido uma armadura que não podia ser perfurada e uma tocha de batalha que podia matar as criaturas do Lore sem ter que decapitá-los, a maneira usual de assassinar os imortais. Mas ambos tinham sido entregues como presentes Às incondicionais aliadas das valquírias, as fúrias. Tinha ganhado uma gargantilha que dava a seu possuidor o canto de uma sereia, mas esta era guardada na aquelarre da Nova Zelândia. Tinha ganhado um bracelete que para que seu usuário se sentisse arrasado pelo desejo sexual. Ninguém sabia onde estava, e isso fazia que mais de uma valquíria estivesse nervosa.

O olhar de Riora passou por ela uma vez mais. Kaderin sentia o peso do momento, curvando-a...

—Neste Hie, competirão pela chave de Thrane.

O frio coração do Kaderin parou.

Capítulo 11

Diante os ofegos, Sebastian se virou para perguntar o que era a chave de Thrane, então recordou que nenhum dessas criaturas falaria com ele.

Finalmente, Riora explicou:

—O mago Thrane se interessou com as viagens no tempo, e sua chave abre um portal, permitindo a seu possuidor ir ao passado. Teoricamente é a arma mais poderosa deste mundo.

Sebastian conservava muito do humano que alguma vez foi. Estava pouco versado nos segredos do Lore, mas tinha a certeza de que os princípios elementares da terra eram iguais ao insignificante assunto de quem —ou o que— a habitava. A física não era

diferente. Riscar, por exemplo era possível pelas leis da física; a viagem no tempo não o era.

—Quantas vezes funcionará a chave? —perguntou o bastardo escocês.

—Duas vezes.

A assembléia explodiu em alvoroço uma vez mais. Era esta competição alguma espécie de fraude? Por que eram tão propensos em acreditar na fêmea do altar, que falava de viagens no tempo tão despreocupadamente? Era na verdade esta Riora uma deusa? Parecia de outro mundo, para ser sincero, mas também o parecia Kaderin.

riscou-se para a mulher com a maçã e a garota Mariketa. Os outros pareceram não adverti-lo. Só o escocês o manteve vigiado e Kaderin o ignorou.

A mulher murmurou a Mariketa.

—A valquíria quer a chave. Mau.

Kaderin olhou ao mesmo tempo para Sebastian, com rosto imperturbável, golpeando ritmicamente sua espada sem nenhuma variação.

—Como o pode afirmar? —perguntou Mariketa.

—Kaderin a Fria provoca o relâmpago. Produz-o a valquíria com uma forte emoção.

Era isso verdade? Levantou o olhar para a cúpula de cristal e viu raios que pintavam o céu. Na manhã do castelo, tinha estado tão absorto nela, concentrando-se em mantê-la ali, que não tinha advertido quase nada mais. Agora, fazendo memória, recordou que o trovão tinha estado retumbando nessa manhã cristalina. Observou admirado. Encontrava o relâmpago mais assombroso por que ela o provocava?

—Será ainda mais cruel que antes —continuou a mulher—. Manteremos as distâncias.

Posou seu olhar sobre Kaderin uma vez mais. Já tinha experimentado sua agressividade, mas cruel? Não podia aparentá-lo menos. O loiro cabelo se frisava suavemente sobre seus delicados ombros. Seus dedos pareciam frágeis e hábeis. Definitivamente etérea e delicada, pensou Sebastian.

Sim. Etérea e delicada. Estreitou os olhos. Ainda quando seu afiador polia acima e abaixo sua arma até tirar brilhos das afiadas bordas.

A chave. Para recuar no tempo.

A mão com que Kaderin sustentava a espada se sacudiu desenfreadamente. Devia controlar-se! Sim, acabava de receber uma notícia que mudaria sua vida, mas não podia permitir que ninguém soubesse quanto precisava ganhar este prêmio. Era necessário ser fria.

Fechou as mãos em punhos. Pela clarabóia de observatório, podia ver o relâmpago cruzar Através do céu. Olhadas furtivas se dirigiam para ela.

Relâmpago? Outra vez?

Muito estava em jogo. Tudo estava em jogo. Seu passado e seu futuro.

O futuro de suas irmãs.

Poderia trazer-las de volta. Tudo o que tinha que fazer era ganhar esta competição.

Como tinha feito as últimas cinco. Grande parte das criaturas do Lore não tinham vivido o suficiente para recordar um tempo em que Kaderin não tivesse ganho.

As lembranças da Dasha e Rika, dentro da aquelarre, retornaram a ela e fizeram que as comissuras de seus lábios se curvassem com estupidez outra vez. Era como se seu rosto aprendesse de novo como sorrir, tanto como quando tinha sorrido a Sebastian.

Poderia ensinar a suas irmãs sobre esta nova idade, lhes mostrar as maravilhas desta era. Poderiam ter seu quarto na mansão, Kaderin tinha uma das melhores vista do tenebroso bayou. Lhes daria de presente as poucas roupas e jóias que possuía. Kaderin nunca fazia compra e tinha o hábito de surrupiar do aquelarre qualquer roupa que lhe fizesse ilusão. Agora poderia usar o dinheiro que tinha guardado todo estes anos para as consentir.

Para expiar. Por causar suas mortes.

Tenho que deixar de tremer.

Tudo o que precisava era conseguir a chave. Permitiria pela segunda vez o Accord e lhes deixaria que decidissem que fazer com isso.

A última vez que tinha visto suas irmãs foi quando as tinha enterrado. Para ter uma visão que substituísse esse horror, faria tudo que o apagasse, algo que obteria a sua maneira.

No passado, tinha sido brutal com seus mais próximos competidores.

Não viram nada.

Seu olhar cintilou sobre eles, e viu não a criaturas viventes a sim obstáculos a ser eliminados. O vampiro também era um obstáculo, confundindo-a e escavando sua coerção sobre estas pessoas, quando sempre a tinha esgrimido como uma arma. Golpearia, mas não com ira. Desataria sua gelada marca de ameaça.

Por suas irmãs... Por tudo.

Estudou seu reflexo na espada. Se o vampiro se interpunha em seu caminho, deslizaria a folha de sua espada pelo pescoço dele. Nem sequer esperaria para ver desabar o corpo antes de girar-se e esquecer-se dele.

Poderia entrar.

Sebastian poderia lhe dar algo que desejava a todo custo. Poderia ganhar esta competição, e dessa forma, poderia conservar seu carinho.

Em sua vida mortal, tinha sido um cavalheiro, mas não teve nenhuma dama a quem oferecer sua espada. Agora teria.

—Então nos deixem ser conhecedores de quem competirá —disse o homem pálido e descascado ao lado de Riora.

Tudo pareceu parar para Kaderin, logo ficou em pé, embainhando sua espada atrás dela com uma perfeita estocada. Com os ombros para trás e sua voz soando claramente, disse:

—Kaderin a Fria do Accord, competirá pelas Valquírias e as Fúrias.

As fúrias também existiam? Era em parte fúria?

Quando ela se sentou, uma fêmea de cabelos negros se levantou:

—Competirei por todas as Sirenae, sou Lucindeya das Sereias da Oceania.

Nossa, as sereias também existia fora do mito, que bom. Colocou a mão sobre sua nuca. Assombroso.

Desde sua direita, a garota encapuzada anunciava:

—Mariketa a Esperada, da Casa das Bruxas.

Bruxas, também.

Era um gole para o Sebastian encontrar a seres claramente "míticos". Seus olhos estavam se acostumando a eles bastante rápido. Mas era de algum modo estranho ouvir seres que pareciam humanos, elevar-se e anunciar tão simplesmente que não o eram.

Quando tinha afastado de entre os humanos, sentindo que era um animal de rapina, possivelmente realmente tivesse estado cômodo entre outras criaturas totalmente desconhecidas para ele...

O adversário de Sebastian surgiu de entre as sombras.

—Bowen MacRieve do Clã dos Lykae. —Tinha o sotaque escocês mas não assinalou que seu clã provinha de Escócia. Eram todos os homens lobo escoceses? Pensou Sebastian, meio delirante. Merda, e por que não?

Contendo o fôlego, a mulher com a Mariketa murmurou:

—Bowen. Apenas o reconheci, perdeu muito peso.

Tinha sido mais fodidamente grande antes?

—Então acabamos de conseguir outro opositor. Deuses, é desumano. Assombroso. Os blogs informassem sobre isto.

Quais eram os blogs?

Soando como se mal movesse os lábios, Mariketa murmurou:

—por que mantém o olhar sobre mim? —na verdade, o escocês estava olhando fixamente, carrancudo, para sua direção.

A mulher deu de ombros, parecendo surpreendida também.

Demônios de todas as formas e tamanhos da aristocracia dos demônios, ou Demonarquias, anunciaram sua intenção de competir. Uma fêmea que se parecia com a raça de Kaderin, com luminosos olhos grandes e orelhas bicudas, era representante de:

—A Realeza Fey e de todos os Elvefolk. —Quando reconheceu a Kaderin com uma solene vênua, Kaderin inclinou a cabeça amavelmente.

Respeitava a esta competidora?

—Algum outro? —perguntou Riora.

Silêncio. Todos olharam a seu redor. Quando se levantou, os olhos de Kaderin aumentaram, e ela sacudiu lentamente a cabeça.

—Sou Sebastian Wroth, e também participarei.

Kaderin levantou brevemente o rosto para a cúpula de cristal.

Fracos assobios acompanharam seu anúncio, mas terminaram quando ele para o lugar encolerizado. Claramente, ser um vampiro tinha ganho um candente ódio neste reino, mas também o fazia ganhar algum poder.

—A que facção representa? —perguntou Riora em tom divertido.

Ele olhou fixamente a Kaderin quando falou:

—A nenhuma.

—Ah, mas deve fazê-lo para participar. Alguma espécie de patrocinador. —Quando se girou para ela, Riora cabeceou de maneira encantadora e adicionou—: Como as festas. Ou os AA⁷.

—Nesse momento seus olhos se mostraram aborrecidos como se pudesse ver dentro de sua mente.

—É um Forbearer, Riora. —Kaderin se levantou—. Um humano convertido. Esta proibido ensinar sobre este mundo, e aprenderá muito se participar desta competição.

—É isso certo? —perguntou Riora.

—Sim, mas não estou aliado com eles. —A quem representaria agora que tinha renunciado a ser um Forbearers? Isso lhe deixava À Horda, os quais eram uma opção tão inconcebível como os Forbearers.

Então... Uma idéia. Uma aposta. Voltou-se para a Riora.

—Representarei você.

Riora tocou no peito com as pontas dos dedos.

—A mim.

Murmúrios irromperam. Uma ninfa em forma de mulher riu dissimuladamente.

Kaderin ficou em pé.

—Não pode representar, Riora. Não pertence a nenhuma facção.

—Por que, minha fria Kaderin, acredito que esta considerando o impossível.

Kaderin pareceu sobressaltar-se diante essas palavras, começou a abrir os lábios para discutir...

—Foi um cavalheiro —disse Riora.

Como infernos sabia disso? De repente, ele compreendeu a única explicação. Devido a que era uma deusa.

—Ofereceu-me sua espada, e eu a aceito.

Mais murmúrios. Kaderin se via como se tivesse sido esbofeteada. Lançou-lhe um olhar de puro ódio.

—Excelente —disse Riora com uma palmada—. Duas poderosas incorporações Aos jogos. —Riora jogou a Kaderin um pronunciado olhar—. Finalmente, talvez teremos uma competição real.

Capítulo 12

Participando do Hie, o vampiro acabava de pôr a salvo sua vida de cada competidor, incluindo Kaderin, ao menos até a final.

Representante de Riora —uma jogada fodidamente brilhante—, protegeu a si mesmo contra as traições mais notórias de todos os competidores.

O exasperante vampiro era difícil de despedir.

Kaderin estava realmente começando a ficar furiosa. Bastante frustrada. Venceria-os.

⁷ (Auto Answer):Secretária eletrônica.

Desceu-se do corrimão uma vez mais, tentando alcançar o altar para recolher seu pergaminho. Vadiou entre os servis seres, desejosos de apresentar seus respeitos diante ela, o Accord, a grande Freya e o poderoso Woden, como se Kaderin pudesse avisar com uma simples mensagem de texto os dois deuses adormecidos.

—Katja —disse o vampiro, cortando o caminho através da multidão enquanto os seres se mergulhavam e ocultavam dele.

—Esse não é meu nome —explodiu sem parar, mas ele igualou seu passo com facilidade. Desde quando isto ficava tão quente? Ela se encontrou recolhendo o cabelo para cima—. Diga-me, sanguessuga. Entrou para que Bowen não te matasse ou para me acautelar?

—Sanguessuga? —Franziu o cenho, então pareceu desfazer do insulto—. Combinamos que não pode me matar.

Ela o olhou sobre o ombro iradamente.

—Dói-me que essas sejam suas últimas palavras.

—Começo a entendê-lo. —Estava tranqüilo exteriormente, inclusive cavalheiresco, mas ela conhecia a ferocidade que espreitava em seu interior, esta noite a tinha visto—. Se esta competição é importante para você, então me deixe te ajudar. Poderia te riscar a muitos lugares e poderia derrotar a todos. —Hesitantemente levantou a mão para seu ombro, mas viu que ela estava a ponto de gritar, e recuou.

—vou derrotar os de qualquer o modo.

—Mas por que não tomar o caminho mais fácil?

—De acordo, jogarei. —Cruzou os braços sobre o peito e ele olhou fixamente para o decote. Ela estalou os dedos diante de seu rosto.

Quando seus olhos se encontraram, ele passou a mão pela boca.

—Me desculpo. —Mas sua expressão dizia que o encontrava interessante.

— O que dizia a respeito de... jogar?

—Esteve alguma vez em Nova Orleães?

—Nos Estados Unidos? —Assentiu e ele disse—:Não.

—E na América do Sul? —perguntou ela—Na África?

Ele vacilou, depois negou com a cabeça.

—Os vampiros só podem ir a lugares onde já estiveram.

—Então, onde planejava me levar? Aos arredores de seu pátio traseiro? —perguntou ela, com um ar aparentemente agradável que se murchou imediatamente—. Vampiro, este jogo é só para meninos grandes. —Olhou para a clarabóia rachada o céu que clareava. A alvorada chegaria em menos de uma hora—. E é quase sua hora de ir para cama.

—Poderia viajar com você, para te manter a salvo.

—Viajar comigo? Pensa que pararia e te esperaria pelos arredores cada dia? Partir meu tempo pela metade porque não pode sair com o sol?

Ele a olhou como se por um momento tivesse esquecido a crua realidade e ela a acabasse de recordar.

—Não, certamente que não —disse quedamente—. Somente queria...

—Pressiona-me. Ninguém te disse que às mulheres não gosta de ser pressionadas? É uma das três coisas que repugna as mulheres. Não é muito sexy.

Por alguma razão, isto o fez que franzisse o cenho e imediatamente recuasse. Sua voz era brusca quando lhe perguntou:

—Quais são as outras duas?

—Você esbanja a primeira. Por que não trabalha nessa primeira? —girou-se para dirigir-se para o altar e surpreendentemente, ele não a seguiu.

Ela passou o Tabelaio, que tinha começado a limpar o templo, embora não tanto como para pô-lo em ordem. Estava arrancando da coluna danificada um ramo de árvore que a camuflava. Quando viu os sinais de garras, franziu o cenho para as próximas criaturas, enquanto estas se olhavam os pés.

Dirigiu-se a ele com uma amigável saudação:

—Sagrado Tabelaio —chamou, o que sempre o punha em êxtase, e lhe fez tropeçar com o ramo, enquanto gaguejava nervosamente uma resposta.

No altar, Riora falava com dois elfos, dizendo algo sobre “a cobertura em tempo real da competição online” e lhes ordenando que “conduzissem os visitantes para o site”.

Sentindo até os olhos do vampiro sobre ela, Kaderin saltou para cima, a única no Lore que se atrevia a fazer algo assim. Arrancou um pergaminho de um montão deles e o desenrolou. Cada competidor conseguia a mesma lista de tarefas e cada lista incluía os talismãs ou objetos procurados, as coordenadas para encontrá-los e uma breve descrição. Como sempre, havia como dez tarefas diferentes em cada turno.

Uma vez que Riora teve terminado com sua corrente de relações públicas, disse:

—E como estão seus pais, Kaderin a Fria?

Kaderin sabia que perguntava sobre dois de seus três pais. A mãe de nascimento de Kaderin tinha sido mortal.

—Dormem ainda, deusa —disse distraidamente, lendo. Os deuses obtinham poder de quantas orações e oferecimentos recebiam com cada saída do sol, daí que a página na Internet de Riora tentasse recolher mais. Mas havia poucos que adorassem Freya e Woden pelo que os dois dormiam para conservar sua energia—. Interessantes os talismãs deste Hie —observou Kaderin.

No passado, Kaderin sempre ia primeiro pelos talismãs mais próximos. Agora, com mais de um competidor real, inventaria novas estratégias, os sacudiria todos de cima. Iria para os pontos mais remotos e as tarefas mais difíceis ao princípio.

—Foi o que pensei —disse Riora—. Por desgraça somente conseguirei aproximadamente a metade desta lisa. Já sabe, devido a todas as mortes acidentais.

Kaderin assentiu com a cabeça com compreensão. Então seu olhar aterrisou sobre a opção com a maior pontuação oferecida neste intervalo: doze pontos por recuperar um dos três amuletos do espelho. O máximo que alguma vez tinha ido era um prêmio que valia quinze pontos. Esta tarefa não tinha muito que ver arriscando sua vida, era mais de logística. Quem quer que seja que pudesse chegar ali primeiro, ganharia.

Embora o destino caísse fora da rede de trabalho do Accord, Kaderin tinha outros recursos e pela primeira vez em um Hie, ia pedir ajuda a seu aquelarre . Por favor, não deixe que Regin responda quando chamar...

Kaderin escutou os helicópteros lá fora, motores zumbindo mais forte enquanto descreviam arcos que baixavam para elevá-los mais diante. Golpeia com força, golpeia rápido. Sim, a primeira. Enrolou o pergaminho e desceu.

Antes de que pudesse ir-se, Riora perguntou:

—Desaprova meu cavalheiro vampiro?

Kaderin a enfrentou.

—Sou bem consciente de que não te pode importar menos minha aprovação. Ou minha absoluta e total falta dela. —por que estava Riora estudando-a tão de perto? Kaderin ruborizou sob seu escrutínio. Riora sempre tinha parecido ter um inexplicável interesse em Kaderin, mas isto era intenso.

—Parece diferente.

Por que posso me sentir enlouquecer.

—Um novo corte de cabelo —resmungou pelo contrário Kaderin. Podia Riora sentir suas novas emoções... mais concretamente sua vergonhosa atração pelo vampiro? Lançou um olhar sobre Sebastian.

—Então, o interesse flui em ambos os sentidos, lady Kaderin? Que inoportuno.

—Perdão?

Riora inclinou a cabeça e o estudou atentamente. Ele se apoiava contra uma parede, olhando fixamente para Kaderin com os braços atravessando seu musculoso peito por cima das feridas.

—Certamente, se uma tivesse que estar interessada em um vampiro, o teu quase poderia justificá-lo.

—Riora, nunca disse...

—Simplesmente digo que parece como se alguns deuses benzeram seu maciço cavalheiro.

Kaderin sentiu esticar-se sua expressão.

—Benzeram seu cavalheiro com um furioso apetite pelo sangue? —explodiu, sobressaltando inclusive ela mesma.

—Cuida seu tom, valquíria. —As chamas subiram e se balançaram—. Isto não é uma reunião de cafeteria. —atrás delas, Tabelaio saltou para trás, esmagando o fogo aceso com a manga .

Kaderin chiou os dentes, depois disse:

—Sim, Riora.

Ela suspirou.

—Vai. —Seu tom foi gentil—. Se ponha a carreira, poderá trazer de volta suas irmãs.

Os olhos do Kaderin se estreitaram.

—Sabe delas? Nunca te falei de minha perda.

—Já sabia de você quando foram assassinadas.

—Se entender quão importante é isto, poderia Riora a Incandescente me dar algum conselho para a carreira?

Riora ficou sem fôlego, brincalhona outra vez.

—Trata-me como se fosse uma linha 900 de informação Telefônica. Sinto-me menosprezada. —observou as unhas—. Ceguei a homens por menos.

Tabelião estava outra vez ocupado atrás delas, tentando sufocar as últimas chamas, mas fez uma pausa para assentir com a cabeça, como se realmente o tivesse visto acontecer.

—Sinto muito. Deveria havê-lo sabido —disse Kaderin—. Todo mundo diz que é impossível te tirar informação.

—Vê com pés de chumbo, valquíria —lhe advertiu, mas se estava divertindo. Deslizou para frente para pôr o braço ao redor de Kaderin, alarmando-a. O toque de Riora era quente e suave, enquanto a guiava para um lado. Então, em tom baixo disse—: Aí vai um conselho. Se cruzar com o fio do cego místico Honorius, que saiba que ele adorou para que nunca falte seu objetivo.

Antes de que Kaderin pudesse perguntar mais sobre esse críptico conselho, Riora deu a volta bruscamente.

—Ah, aqui vem seu vampiro. Não pode suportá-lo mais.

Kaderin tentou negar que fosse dele, mas Riora falou antes que ela:

—Olha-o te observando codiciosamente! E que arrogante postura! Que emocionante orgulho... e largos ombros. —Soltou um grunhido com a garganta—. O entretenho enquanto te parte? Não será um grande esforço.

Kaderin apertou os lábios com irritação, depois se sentiu ridícula. Não podia estar ciumenta por um vampiro.

—Apreciaria-o. Embora não penso que seja possível distraí-lo mais que durante umas horas.

—Valquíria descarada —disse Riora, o olhar fixo sem duvidar sobre o Sebastian—. Tem um bom dia.

—Vampiro —murmurou Riora enquanto Sebastian caminhava a grandes passadas—. Quero ter umas palavras com você.

Ele deu a volta com impaciência, mas seguiu olhando Kaderin enquanto cruzava a longitude do templo. Encontrou-se com o homem lobo perto da arqueada entrada e mantiveram um intercâmbio tenso.

—Relaxe... sim, afasta-se de você. Pelo que nada mudou há cinco minutos, quando não queria voltar a vê-lo. Diga-me, quem te apunhalou? Foi esse asqueroso garra-vermelha de lykae que agora mesmo ameaça Kaderin?

Sebastian ia matá-lo.

—Tivemos uma briga —disse distraidamente, começando a caminhar com passos largos para o Kaderin—. Devo ir ...

Riora apareceu diante dele.

—Como encontrou este lugar? —perguntou, sua voz fazendo-se mais poderosa—. Não recorde haver te enviado um convite, nem tampouco este Tabelião daqui... —estalou os dedos e o homem deixou cair o apaga velas para correr a seu lado— e não estou segura de apreciar que arrebetasse minha festa.

—Trouxe-me até aqui. —Teve que recordar-se que podia alcançar a Kaderin em qualquer momento. E mais valia não se zangar a idéia que tinha concedido o favor de competir.

—Nunca antes tinha estado aqui.

Finalmente, o lykae caminhou com passos largos afastando-se. Kaderin fez um gesto vulgar com a mão a costas do escocês, depois olhou fixamente seu próprio dedo com óbvia confusão.

—Risquei a Kaderin. —Quando Sebastian viu Kaderin procurar um telefone em sua jaqueta e depois caminhar para a entrada, voltou-se para Riora, com a mandíbula apertada—. Ela era meu destino.

Os lábios de Riora se curvaram como se estivesse encantada. De repente, seus olhos pareceram acender-se.

—Mas, vampiro, isso é impossível.

Com tom distraído, ele disse:

—Possivelmente antes isto fosse considerado assim, mas....

—Como fez? —colocou seu indicador sobre o altar e o usou para pressionar-se até uma posição sentada sobre a borda.

Ele apressadamente explicou como as restrições variáveis não podiam ser separadas. Não podia ter um possível e outro impossível quando ambos eram tão similares. Se isto era uma façanha de destreza mental e sentia o detalhe da memória, então se deduzia que o traçado podia ser levado a extremos não vistos antes.

—Completamente fascinante. —giro para o pequeno homem, abanando-se.

—Tabelião, acredito que estou apaixonada. É como meu próprio soldado de infantaria! Como o vou recompensar?

Tabelião disse:

—A dizer por seus demolidores dentes e a proeminente mandíbula, diria que somente tem um desejo atualmente. —Sebastian viu que Tabelião não apreciava seu interesse pela valquíria.

—OH, sim. Kaderin. —Riora aspirou pelo nariz.— Estou ciumenta, vampiro. E defraudada. E mais tarde chorarei.

Sebastian sentiu o poder nela, o poder volúvel e pelo que sabia sobre o mundo onde estava, pensou que era sábio pisar com cuidado.

—Eu... O disse sem ânimo de ofender.

Tabelião clareou a garganta e como se as palavras fossem uma tortura para ele, disse:

—Deusa Riora, incumbe-me lhes dizer que sua atração por este macho é bastante possível. Atrevo-me a dizer que seu lucro sobre lady Kaderin é, considerando sua história, impossível.

Seus olhos se estreitaram e ela assentiu com sabedoria.

—Ah, tem razão. Isto é pelo que te mantenho vivo...

—Quanto á história de Kaderin? —interrompeu Sebastian.

Riora entortou os olhos para ele como se fosse um inseto e nunca antes o tivesse visto, inclinando a cabeça mais perto de seu rosto.

—Pigarreaste-me. Tenho impulsos contraditórios de te ferver e te mimar.

—Deusa, peço-te perdão —disse ele, mas continuou intrépido.

—Mencionou sua história...

Como se tivesse esquecido as infrações, sussurrou-lhe em tom de cumplicidade:

—Os vampiros se comportaram muito mal com Kaderin. E, bem, você é um vampiro. As presas afiaram pensando em sua dor.

—O que fizeram a ela?

Ignorou sua irritante pergunta e formulou uma por si mesma:

—Tem alguma idéia de quão alto aponta com alguém como ela?

De fato, estava de acordo com essa idéia. Embora Kaderin aborrecia o que ele era, não podia estar mais contente com ela. Quando tinha saltado sobre o altar ao lado de Riora, tinha visto que a deusa não tinha nada sobre sua Noiva.

De qualquer modo ele levantou o queixo.

—Tenho riqueza para mimá-la e força para protegê-la. Poderia escolher pior marido.

—Vampiro arrogante. —Riu em silêncio—. É filha de deuses.

Ele engoliu seco. E isso era pelo que brilhava mais que uma deusa.

—Ainda se sente tão seguro?

Não o tinha estado antes. Agora se perguntava se até as minúsculas possibilidades que se deu tinham sido sobrevaloradas.

—Planeja ganhar a chave para ela? —perguntou ela.

—Sim, exatamente.

—Não o faria para você mesmo? —perguntou ela—. Imagine as possibilidades.

—Para mim é difícil acreditar que funcione —admitiu—. Há alguma prova de que o faça?

—Não. Não tenho nenhuma prova, absolutamente —suspirou Riora—. Somente a palavra do senhor Thrane.

Sebastian passou a mão por trás do pescoço, mas o movimento fez que os músculos de seu peito protestassem.

—Então, posso perguntar por que está tão convencida de que funcionará?

—Estou convencida de que funcionará, vampiro, porque é impossível que funcione.

Só quando se perguntou se uma discussão racional com ela era possível, sugeriu-lhe:

—Deveria tomar este dia para aprender sobre Kaderin.

Isto definitivamente revelou a Sebastian como um grande plano.

—Eu gostaria, mas careço dos recursos para aprender algo.

—Os recursos abundam. A Kaderin gosta do atual e às valquírias diverte o desenvolvimento da cultura humana. Mas parece que não sabe muito sobre este tempo. Lê tanto como possa durante o dia de hoje. E olhe a televisão de soslaio.

—Televisão. Não tenho nenhuma.

—Atrevo-me a dizer que Kaderin tem e posso dizer com certeza que não estará em seu apartamento hoje.

Entrar sem permissão na casa de sua Noiva quando não estava ali?

—Tabelião sabe seu endereço em Londres. —Um olhar passou entre eles e a pálido rosto de Tabelião pareceu obscurecer-se como se ruborizasse.

—Sim —disse Tabelião com mofa mal dissimulada—. Se for ali, recorda o canal Spike4 e o canal Playboy. Tranquilo, aprenderá de nosso tempo, além de algumas outras coisas. Começa por aí.

Sebastian estava seguro a respeito de dirigir-se para algo do que acabava de sugerir. Deu uma olhada para a porta uma vez mais, embora sabia que Kaderin fazia tempo que se foi.

—Ainda inquieto? —perguntou Riora—. Pode se riscar a ela em qualquer momento.

—Disse que havia prêmios por todo mundo. Não sei se posso rastreá-la por meio planeta, muito menos com exatidão.

Ela murmurou:

—Isto pareceria impossível. Mas no passado, sempre ficava a este lado da Terra ao princípio. Perto da Europa. Este é o modo em que sempre trabalha. E o amanhecer está a menos de uma hora, riscaria-se diretamente sob o sol...

Inspecionando seu peito, acrescentou:

—Deixa-a partir, cavalheiro. Além disso, tem que se curar. Temo que Bowen não jogou todas suas cartas.

Confiar em uma deusa louca e um Tabelião vingativo? Dar com um canto nos dentes. Não tem nenhum amigo no mundo.

—De acordo. —Sebastian assentiu firmemente—. Quanto poderia afastar-se ela em um dia?

Capítulo 13

Estação Polar Russa Kovalevskia, Antártico

Oito horas depois

Prêmio: Três amuletos de espelho, usado como encantos

Valor: Doze pontos cada um

—Voila —disse Regin a Kaderin, tirando o peludo cachecol .

— Te disse que te conseguiria uma maquina de pisa neve. Disse que tinha contatos na Rússia. E o que é isto? —perguntou dando golpezinhos no queixo.

— Humm. OH, sim, me deixe ver. Uma máquina pisa neves.

Kaderin se acovardou diante o veículo do mercado negro que se encontrava frente a elas. supunha-se que este traste as levaria aos amuletos escondidos na cordilheira Transantártica?

Tinha visto veículos similares usados para cuidar da neve nos Estados Unidos. E mesmo assim era consciente que este, comprado pelos contatos russos da Regin, era... Inferior.

É obvio, quando Kaderin tinha chamado a aquelarre, não tinha respondido ninguém mais que Regin.

Kaderin a olhou com o cenho franzido, afastando-a dos cinco humanos russos que tinham voado com elas a estação abandonada. A dotação ex-militar era uma pequena falange de um grande consórcio que vendia equipamento militar à máfia russa.

Regin tinha contado que ela e Kaderin eram cientistas; Regin luzia botas de neve com serpentinas.

Kaderin tinha sido obrigada a abandonar o impecável helicóptero Augusta 109, deixando-o junto com os pilotos atrás em uma das pistas em um quebra-gelo sem registrar. Aparentemente, nem o Augusta nem os pilotos estavam cómodos voando as extremamente baixas temperaturas dali. O helicóptero russo, meu Artika-8, era o adequado, desde que era uma relíquia da guerra fria.

E agora, esta penosa, penosa máquina pisa neves.

Já sabia que era melhor deixar Regin ajudar em sua excursão multi-etapas, que enfrentar-se com ela. Sim, Regin tinha os contatos militares que Kaderin sabia que necessitava para chegar ao sul... Ao sul de verdade. E sim, Regin tinha jurado que falava russo, que era o único idioma báltico com o que Kaderin não se desembrulhava.

Mas o caminho mais fácil para ser desqualificada do Hie era atrair a atenção humana para o Lore, e que Regin carecesse completamente de sutileza —e sua pele brilhante—, mantinha a Kaderin receosa.

Quando perguntou por que sua pele estava tão radiante, Regin tinha respondido:

—Oito copos de água ao dia. Pele brilhante! E um desafortunado banho em um lago radioativo...

—Regin, por que a cabine é de madeira?

Inclinou a cabeça, totalmente perplexa, logo se concentrou em dizer:

—Só no exterior. No interior? Estaremos como um canguru na bolsa, não é que vamos morrer logo de frio, embora estejamos a cinqüenta abaixo de zero como agora. Né, mencionei os assentos, neném? Este é o Cadillac das máquinas que andam na neve.

Regin era jovem, recordou-se Kaderin. Só tinha dez séculos de idade.

—De qualquer forma, olhe, não é como se houvesse muito onde escolher entre as pisa neves. Isto é o melhor que podíamos conseguir.

—Ainda não entendo por que não podemos simplesmente voar até a cordilheira. — Kaderin olhou com desejo a Artika... Até essa lata de helicóptero era preferível. Dois soldados o estavam segurando e o mantinham em ligado... Era de noite no Antártico a metade do outono astral, e se os rotores do helicóptero parassem durante uns segundos se congelariam.

—Entenderia-o se o vento começasse a açoitar —respondeu Regin—. O fenômeno dos ventos katabáticos⁵ em vôo. Aprendi esta palavra hoje.

Em vôo ou katabático? Kaderin esteve tentada de perguntar.

—À parte, que a esta altitude e nesta estação —continuou—, os rotores definitivamente se congelariam. E não temos sistema automático termoelétrico anti-gelo. Tudo é manual.

Para ilustrar o de “manual”, outros dois soldados estavam orvalhando um descongelante no motor menos complexo, uma mistura secreta de cloreto de cálcio que era mais forte que qualquer outro do mercado, negro ou não. O último soldado, o líder, Ivan, era um loiro alto com um aspecto excepcional. Tomou outro sorvo de uma cigarreira de vodca que nunca se congelava, depois se inclinou diante Regin. Previamente, ele e Regin tinham estado jogando às palmadas, sem luvas, com temperaturas baixo zero, porque:

—Dói mais no frio.

Regin aplaudiu para ele, alegremente enquanto murmurava:

—Jovem, tolo e bem dotado. Onde tenho que assinar?

Kaderin apertou a testa. Finalmente tinha dito pedir ajuda a aquelarre e tinha terminado com a mais típica-promessa-de-fraternidade das valquíria... E a que mais a aterrorizava.

A mãe de Regin, a última sobrevivente do ataque de um vampiro as Radianes, tinha estado a beira da morte quando foi resgatada pelo Woden e Freya. Tinha tido cicatrizes de dentadas até o dia de sua morte, anos mais tarde. Inclusive em seu belo e brilhante rosto.

Regin tinha aprendido a contar com elas.

Kaderin começou a andar de um lado a outro.

—Não deveria ter vindo, Regin.

—Tinha duas condições prévias. —Regin se deixou cair em um banco de neve—. E as cumpro, acredito que tenho os contatos dos ex-militares russos, e falo o idioma...

—OH, vamos! Faz tempo que me inteirei que não o faz nem por acaso. Se acha que Dostoyevsky é russo por como se pronuncia!

Piscou para Kaderin enquanto avançava.

—por que o diz?

—Na..ooo...é.

—Então como sabe que Dostoyevsky não é? Não. De verdade. —Fez uma bola com o chiclete, possivelmente o primeiro que fazia nesse lugar, mas se congelou em um segundo, e teve que mascar a consistência de chiclete com os molares.

—. Obi-Wan, eu era sua única esperança.

Regin sabia que Kaderin não apreciava as alusões À Guerra das Galáxias.

—Ali tinha que haver alguém —insistiu Kaderin.

—Preferiria que tivesse vindo Nix?

Nix a fodida Louca.

—De fato, está na lista de prêmios. Ou ao menos, está-o o cabelo da valquíria mais antiga.

—Não me estranha! —ao levantar das sobrancelhas de Kaderin, Regin esclareceu—: Justo antes de partir, Nix me chamou para me contar que foi ao círculo K para conseguir a revista People e algum louco lhe cortou a maior parte do cabelo —acrescentou—, Nix pensa que é “favorecedor”. Algo assim como uma jovem Katie Couric ou Tennille de Captain7 Y...

—Silêncio, Regin!

—O que? —deu um chute com uma de suas botas de neve hiper-rosas roxa.

— Que disse?

—Podia ter vindo Myst.

—Disse isso, está ocupada.

Kaderin respondeu:

—E nunca me contou com o que.

Elevou os ombros e apartou os olhos.

—Não sei com o que.

—Regin, eu disse o que estava em jogo.

—Eu sei. E vamos ganhar a chave.

A Kaderin não escapou que Regin se acrescentou nessa frase.

—Por que duraram tanto? Esses amuletos foram encantados faz mais de uma década. Vamos ser invadidos pelos trolls e os kobolds assassinos querendo ver os humanos.

Regin soprou, rindo subitamente. Inclinando-se totalmente, os cotovelos mais à frente os joelhos.

—Caramba! Isto não é divertido.

Quando parou de gargalhar, Regin disse:

—É a única pessoa na Terra que os chama kobolds assassinos. Isto é um terreno tão escorregadio como os gnomos assassinos.

—Esqueceu que me tiraram o pé? —tinha estado congelada em sua imortalidade, só um dia antes, de outra forma, não teria regenerado. Em todo caso, tinha doído uma barbaridade—. E quando foi a última vez que perdeu uma parte de seu corpo?

Regin se elevou para olhá-la solenemente.

—Perdi um dedo na batalha de Evermore.

—OH. —Kaderin franziu o cenho, depois gritou:— A batalha de Evermore é uma canção de Led Zeppelin!

—Sim. Mas não escrevem sobre nós? —Regin abriu os olhos completamente—. Né, falando de canções, olhe que posso fazer por nosso passeio no pisa neve —tirou um iPod, com cuidado o esfregou para mantê-lo quente—. Uma viagem-na-neve-mix!

Kaderin viu tudo vermelho e se jogou sobre ela, empurrando-a sobre a neve. Cessou quando se deu conta que Regin estava muito estupefata para lhe devolver o golpe. Os russos pararam o que estavam fazendo, as olhando fixamente, sem dúvida perguntando-se por que duas cientistas estavam lutando na neve.

Kaderin se levantou, estendendo a Regin uma mão, e jogando com muita dificuldade um inexperiente sorriso Aos russos.

—Suscetível —disse Regin, sacudindo-as roupas—. Parece que alguém tirou seu mau leite.

Só tem dez séculos. Só tem dez séculos...

—Não é uma... maldição. Era... É em agradecimento. —Elevou o queixo, não queria que Regin soubesse que tinha começado a sentir outra vez... E não queria ver que tão triste progresso acabasse logo. Se as companheiras da aquelarre de Kaderin o descobrissem, estariam muito felizes, fazendo uma enorme festa com isto. O que, casualmente, agora a envergonharia.

— Eu sinto. O estresse do Hie Às vezes faz fraquejar os agradecimentos... —parou quando um helicóptero começou a voar, com uma bandeira canadense na cauda—. Disse que não podíamos voar!

—Uau—disse Regin com indiferença—. Devem ter sistema automático termoelétrico anti-gelo.

Justo quando estava a ponto de destroçar a Regin, Ivan as chamou, fazendo gestos para a máquina pisa neves. Kaderin assinalou a Regin mas não lhe saíram as palavras.

Regin assinalou com uma piscada, depois virou para agarrar suas coisas, incluindo as espadas escondidas nas capas dos esquis.

Se sacuda. Se centre.

Depois Ivan abriu as portas e subiram, tirou-se a máscara e se inclinou para Regin para lhe dizer algo em russo com grande seriedade.

Regin traduziu:

—Diz que se nos golpear uma tormenta ou se não estamos de volta em certo tempo, verão-se obrigados a nos deixar.

—Quanto tempo temos?

—Têm suficiente combustível para manter os rotores movendo-se durante quatro horas. —Regin deu golpezinhos no queixo com os dedos enluvados—. Quatro horas ou pode que quarenta minutos. Não estou segura, já que meu conhecimento do russo realmente era um alarde —admitiu sem rodeios.

Antes de que Kaderin pudesse dizer nada, Regin levantou a mão e com carinho roçou as bochechas de Ivan. Meneou-lhe o rosto uma e outra vez, depois o empurrou com um dedo contra seu lábio enquanto fechava a porta.

—Hey, há mais de um amuleto, não? —disse Regin quando estiveram sozinhas—. Não tem pontos extra por chegar ali primeiro.

Kaderin deslizou sua espada fora da capa do assento de atrás, preparada para os problemas.

—Não. Mas podem colocar armadilhas.

—E como, em primeiro lugar, farão os kobolds para vir aqui em helicóptero? —perguntou Regin—. Não posso imaginar os insetos no heliporto, e você?

—Podem voltar-se invisíveis e esconder-se durante muito tempo. Levei um sem sabê-lo durante todo o caminho a Austrália no último Hie —disse, logo acrescentou—: infelizmente, teve um acidente e não estava o bastante bem para a viagem de volta.

—Quando Ivan fez outra reverência formal, Kaderin franziu o cenho—. Que tipo de cientistas lhes disse que fomos?

—Glaciólogas da Universidade de Dakota do Norte estudando uma repentina e enorme fissura captada por satélite. Pensei que era uma ironia acertada dizer que tínhamos que agir rapidamente sobre a geleira.

—Glaciólogas de Dakota?

—Se estes meninos queriam acreditar que duas sobrenaturais e sexys valquírias —uma das quais luzia botas de neve com serpentinas— são cientistas, quem sou eu para lhes dizer que não? —Regin fez uma bola, reativando o motor.

—Deixa trabalhar a ciência.

Outro helicóptero passou sobre elas.

Capítulo 14

Ao entardecer, quando Sebastian se riscou para encontrar sua Noiva e sua pele se congelou de repente, deu-se conta de que a deusa o tinha enganado.

Tinha passado o dia inteiro no apartamento de Kaderin, havendo-se riscado do templo a Londres. Depois chamou um táxi. Apenas minutos antes da alvorada, Sebastian tinha chegado ao endereço que Tabelaio lhe tinha entregue finalmente, riscando-se para dentro.

No lar de Kaderin, depois de abrir todas as cortinas, tinha descoberto que podia, de fato, "ver de soslaio" a televisão enquanto lia rapidamente os jornais. Mas não tinha descoberto nada novo a respeito de Kaderin em seu espartano, indescritível espaço vital. Se não tivesse notado seu cheiro no travesseiro de seda e finalmente encontrado uma coleção de armas, escudos, chicotes e algemas em um armário, possivelmente teria perguntado se Riora e Tabelaio não lhe teriam dado o endereço errado.

E agora isto.

—Uma oportunidade imediata —havia dito Riora—. Estará perto da Europa —tinha assegurado a Sebastian. Entretanto tinha aparecido atrás de um veículo pouco manejável que expulsava fumaça negra enquanto se arrastava sobre uma planície gelada.

Sua Noiva estava indubitavelmente nesse veículo, e ao riscar-se para ela tinha deixado muito longe o de "perto da Europa." Pinçando com os dedos, extraiu o pergaminho do bolso, para olhar as dez eleições. Antártida.

Podia ver as pontas de seus dedos enegrecidos pelo estado próximo ao congelamento. Inferno sangrento. Felizmente, a Antártida estava às escuras as vinte e quatro hora do dia nesta época do ano; desgraçadamente, fazia um frio extremo. Isso era muito dizer para um homem que tinha sido criado à beira do Mar Báltico. Necessitava refúgio contra os elementos —mais que o simples casaco e as luvas que tinha comprado na semana passada.

Em um instante, riscou-se a uma das lojas de roupas onde tinha comprado, assegurando-se de aparecer no provador, no qual por sorte não havia nenhum outro cliente. Depois de agarrar luvas isolantes e capas de roupas para levar debaixo de um pesado impermeável, anotou o nome da loja para mandar o pagamento e saiu da mesma maneira.

Quinze minutos mais tarde, retornou atrás da esteira do mesmo veículo, embora parecia que podia havê-lo arrojado mas longe do que tinha viajado.

Envolveu-se um cachecol negro de lã sobre as orelhas e o rosto, então tirou o pergaminho uma vez mais. Dentro do pico mais alto na cordilheira Transantártica havia um corredor, um túnel de gelo. Dentro do túnel havia três amuletos.

Kaderin viajava à cordilheira que dominava sobre a planície, como devia ser. Riscou-se ao saliente mais alto que pôde distinguir na montanha mais alta. Desde essa vantagem, viu um ainda mais alto e se riscou ali.

Diretamente diante de um túnel. Riscou-se dentro tão longe como pôde ver, alcançando o final da primeira reta, girou à esquerda e seguiu até o seguinte final. Cobriu

facilmente terreno desta forma. Inclusive vestido com roupa pesada, ainda sentia como se congelavam suas extremidades, curando-se pouco depois em duros intervalos.

Um saliente estreito marcava o final do túnel, e ainda por cima estavam os três pequenos amuletos que se pareciam com espelhos dentados esculpidos em gelo. Agarrou um para a Katja, depois se riscou de volta ao saliente para esquadrihá-la.

Enquanto esperava, olhou fixamente a cena extraterrestre. Nunca tinha imaginado uma paisagem como esta. Durante sua vida humana, a Antártida tinha sido um rumor, uma impossibilidade.

Aqui as estrelas não cintilavam mas estavam imóveis e mortas como nas fotografias que tinha visto por toda parte em Londres. A lua não se elevava e ficava, mas na meia hora que levava aqui, tinha flutuado mais longe à esquerda sobre o horizonte.

Não teria podido ver esta cena sobrenatural se tivesse morrido. Não estaria esperando ansiosamente a sua Noiva.

O que podia lhe dizer?

De repente, dois helicópteros rugiram sobre ele, fazendo círculos antes de aterrissar na base da montanha. Curioso, riscou-se para baixo. Outros dois competidores organizavam cordas para escalar ao estreito saliente. Um plano formado. Se Kaderin pensava que era tranqüilo e despretenso, bem, era a maior parte do tempo, mas se pensava que isso era tudo o que era, estava a ponto de surpreendê-la.

Kaderin jurou imaginativamente com cada passo que escalava mais alto na vertente rochosa, a irritação correndo por ela.

Imitou a voz de Regin para dizer:

—Olhe, devem ter um sistema automático termoeletrico anti-gelo!

Regin nunca a tinha irritado antes como o fazia agora. Kaderin sempre tinha sido uma das poucas valquírias velhas que a podia tolerar por compridos espaços de tempo. Mas Regin tinha que pôr "Radar Love" pelo menos oito vezes. Como se mal avançassem bastante rápido para merecer uma canção como essa. O Cadillac ou veículo para a neve avançava a dez milhas por hora.

Regin pôs "Low Rider" muitas vezes. Se Kaderin ouvisse esse extravagante som uma vez mais...

Quando se tinha chegado finalmente até a base da montanha, parecia que havia um estacionamento de helicópteros. Mas ninguém podia subir mais rápido que Kaderin, incluindo Regin, assim foi deixada atrás, feliz de proteger o pisa neves e divertir-se.

Kaderin seguia dizendo que passaria a quem quer que seja que já tivesse saído.

Golpeou uma de suas picaretas mais duramente do necessário e picou através de gelo encontrando rocha, enviando vibrações por seu dolorido braço e intumescidos dedos.

Concentração. Estava só a trinta pés mais ou menos do saliente mais alto. Dentro, fora. Esses russos com cheiro de vodka tinham posto seu destino em mãos humanas.

Mas tinha que trabalhar para isto. Embora estava só a uns doze mil pés de altura, o ar nos pólos era mais tênue, fazendo-a sentir-se como a uma altitude muito maior, e além disso levava um vulto grande e pouco manejável com o equipamento.

Seu segredo para ganhar o Hie todas essas vezes? Bem, além da brutalidade desumana com todos seus oponentes? Sempre estava preparada para tudo... Um vento repentino uivou pela montanha. Katabático?

Atirou-se completamente em horizontal, chiando os dentes, aderindo suas picaretas torcidas.

Sebastian perdeu o fôlego quando soprou a rajada de vento, lançando Kaderin a seu lado, apenas debaixo dele.

Riscou-se a ela em um instante, agarrando seu casaco, mas retornou ao saliente com as mãos vazias. Tentou-o uma vez mais, sendo devolvido atrás sem nada.

Só no terceiro intento conseguiu levá-la com ele.

Ela mostrou pouca reação diante o fato de que a tivesse esboçado, ou que estivesse a seu lado em um continente diferente no traseiro do mundo.

Suas mãos enluvadas ainda agarravam as duas picaretas, e sua espada estava embainhada cruzando a abarrotada mochila. Tinha pregos horrorosamente agudos para o gelo conectados as botas. As pontas agudas dianteiros se sobressaindo como as presas de uma serpente cascavel.

Quando o vento morreu um momento depois, ela olhou brevemente ao céu.

—Tinha-o.

—Possivelmente. —O peito pesava e não se sacudiu o alarme—. Por que infernos não podia te levar de volta ao princípio?

Recuperando o fôlego, também, ela respondeu:

—Tinha um bom agarre com minhas picaretas. —Guardou-as nas cordas os lados da mochila—. Entende isto, vampiro, se lutar contra você, não me pode riscar. Sou muito velha, e muito forte.

Velha e forte? Não poderia parecer menos. Sobressaltou-se outra vez por quão pequena era. Estando em pé a tão pouca distância, parecia frágil, e mas estando carregada com essa mochila. Parecia que cairia para trás pelo peso, e ele não queria afastar-se dela. Estava sem fôlego pela ascensão por que razão? Por nenhuma. Poderia havê-la traçado a esta cúpula em um abrir e fechar de olhos.

—por que lutava? —exigiu—. Esteve a ponto de cair.

—Só se minhas picaretas tivessem falhado, e acredito que me sustentavam, inclusive quando um vampiro gigantesco me puxava. —Entre sopros de fôlego, perguntou—: Como conseguiu chegar até aqui antes que eu? —Mas já olhava ao redor dele, demonstrando seu verdadeiro interesse—. Estava no helicóptero norueguês, não é?

—Nunca estive em um helicóptero. Risquei-me até você.

—Os vampiros não têm essa habilidade.

—Tenho-a. Pensei em você como em meu destino. É assim como te encontrei na assembléia Hie. —Sem nenhum reconhecimento mais, ela começou a passá-lo, mas ele deu um passo em seu caminho.

— Se me tivesse permitido te ajudar, poderia-te ter acompanhado até aqui. Poderia ter assinalado a cúpula e te teria levado lá um instante mais tarde.

Como tinha feito com seus competidores, em troca de informação a respeito dela.

Deu de ombros.

—Eu gosto de escalar.

—Sim claro. Parece... revigorada.

Ante seu tom sarcástico, ela colocou direito o gorro sobre suas tranças, depois deixou cair as mãos com um cenho.

Ele exalou pesadamente. Não a tinha insultado suficiente por um dia?

—Saia do meu caminho. —Avançou furtivamente ao redor dele, mas a bloqueou uma vez mais.

— Não tenho tempo para isto.

—Não, tenho que falar com você. Obviamente, quer ganhar isto, pelo motivo que seja. E quero te proporcionar algo que deseje. Assim desiste, e deixe ganhar isto para você. Sabe que te darei o prêmio no final. —Inútil embora poderia servir. Suprimiu sua irritação ante o fato de que ela acreditasse nisso tão cegamente.

—Me dar? —seus olhos cintilaram—. O vampiro me dará o prêmio?

Essa provavelmente não foi a melhor maneira de expressá-lo.

—Nem sequer sabe o bastante para saber quão ridículas encontro suas palavras. Sou orgulhosa e notoriamente maliciosa, ainda assim pensa que te permitiria me dar de presente o que posso tomar diretamente?

Definitivamente não ia como tinha imaginado.

—Agora, se afaste. Eles seguem subindo enquanto falamos.

Se ela podia ser desumana, ele também —e tinha sido preparado para sê-lo.

—Não há prêmios. Tenho o último dos três.

Os lábios dela se separaram.

—Suspeitava que haveria problemas e que possivelmente precisava de uma vantagem. Assim risquei a uma sereia e a um habitante do chão À cova atrás de nós. Agora há um prêmio disponível para você, e parece que o aceitará como meu presente.

Nesse momento, Lucindeya, a sereia, passeou fora com seu amuleto, sustentando-o sobre o coração. Desapareceu. E por um momento, a área cheirou a fogo e bosque úmido.

—Obrigado, vampiro. Recorda o que disse —ronronou, então lançou um olhar de triunfo a Kaderin. Lucindeya tinha acreditado que irritaria Kaderin ser ajudada em caso de problemas. Tinha assumido que a sereia simplesmente não queria um vampiro ajudando-a em sua luta, mas Lucindeya havia dito que adoraria ver Sebastian ganhar em Kaderin, porque:

—Nada derrubaria Kaderin a presunçosa como cair devido a uma sanguessuga.

Ela tinha jurado ao Lore —ao qual ela e o kobold pareciam tomar muito seriamente—, que a maneira mais segura de que Kaderin perdesse seria ajudá-la, especialmente em uma competição física. Assim quando Sebastian tinha descoberto primeiro a Kaderin escalando, tinha tido que evitar de riscá-la ao topo, embora suava de temor por ela.

Então a tinha visto sendo lançada de um lado para outro como uma boneca de trapo.

Kaderin viu a sereia, depois que se virou para ele.

—Melhor pra você que Cindey não cantarole a menos que queira ser seu cão mulherengo.

—Por favor, valquíria —Lucindeya a interrompeu enquanto se preparava para baixar, tirando o equipamento de sua mochila.

—Como se fosse me esclarecer a garganta para caçar um vampiro. —Lançou um sorriso a Sebastian enquanto cravava sua fixação e trespassava a corda.

— Não se ofenda, vampiro —. E depois começou a descender fazendo rapel.

Uma vez que esteve fora da vista, Kaderin o olhou, e seus olhos se alargaram. Sebastian girou para espiar ao kobold que andava arrastando os pés pelo comprido túnel, seu alegre assobio ressonando pelo corredor.

Quando Sebastian tinha perguntado ao kobold se Kaderin estava casada ou tinha filhos, o kobold tinha revelado que pelo que ninguém sabia, estava solteira e não tinha filhos. Sebastian não sabia quanto crédito podia dar as palavras do kobold, dado que tinha jurado também que Kaderin não comia ou bebia... nada.

Sebastian se voltou e viu que Kaderin estava perfeitamente quieta, seus olhos fixos em cada movimento do habitante do chão enquanto se aproximava. Como se fosse um predador espiando a sua presa.

Sem apartar o olhar, Kaderin disse:

—Sabe que odeio os kobolds quase tanto como os vampiros? E Cindey foi meu competidor mais duro no último Hie. —Finalmente encarou Sebastian.

— Assim se queria me chatear, conseguiu.

—Kaderin, essa não era minha intenção.

Um brilho de relâmpago golpeou ao longe através da noite limpa. Agora sabia que vinha dela.

—Colocou-me em uma posição insustentável. —Tirando as luvas, aproximou-se até que estiveram nariz contra nariz.

— E sabe também que fez? —elevou uma mão delicada e gentilmente acariciou com o dorso de suas suaves garras a bochecha do Sebastian. Justo quando este estava a ponto de fechar os olhos, ela continuou:

— subestimou uma valquíria.

Como um borrão, deixou-se cair de cócoras, uma perna para fora, varrendo ao redor para apunhalar o kobold através da garganta com seus pregos. Quando se balançou mais perto da criatura apanhada, seu braço disparou, logo deu à perna um decisivo puxão para deslocar a criatura.

Estava em pé outra vez em um abrir e fechar de olhos, com o amuleto na mão. Sebastian não podia falar. Jogando-lhe um olhar aborrecido, ela curvou sem pressa um dedo ao redor do amuleto uma vez que o segurava sobre o coração. Até que se... foi.

O kobold tinha caído enquanto se retorcia com as mãos segurando a garganta da que saíam jorros amarelos.

Enquanto continuava estrebuchando, ela exalou impacientemente, depois caminhou arrastando os pés, pendurando sobre a borda da queda de milhares de pés. Enquanto Sebastian olhava fixamente em shock, ela inclinou a cabeça. Então, como se pensasse, “enquanto estou aqui...”, arrancou a fixação da sereia da pedra. Arrancou-a de um puxão e depois a soltou. O vento levou um grito.

Aturdido por sua maldade repentina, disse bruscamente:

—Fui responsável por isto. Por que não agarrou o prêmio que tenho?

—Tinham sido advertidos. —Agarrou suas picaretas—. Mas a próxima vez, tomarei os teus. Prometo isso.

Então simplesmente se deixou cair da saliência.

Ele mergulhou atrás dela, mas tinha desaparecido. Vislumbrou-a enquanto enganchava uma borda com suas picaretas quinhentos metros abaixo.

Depois que se riscou até essa saliência, ela se libertou com um puxão violento e caiu como chumbo uma vez mais, antes de agarrar-se com um puxão mais abaixo. Um rugido de fôlego abandonou seu corpo, e ele se afundou quando a viu alcançar a base.

Com um olhar para ele, atirou as picaretas e correu a seu veículo.

Capítulo 15

Kaderin gemeu ao ver que o kobold afundou diretamente no teto do pisa neves, curvando-o em forma de V, e agora jazia estendido, inconsciente.

Lucindeya? Kaderin a tinha passado a mil pés, deixando-a sobre as pontas dos dedos, amaldiçoando-a no que os humanos assumiam eram idiomas mortos:

—Não pensei que começasse com isto tão cedo, puta dos relâmpagos.

—Ouça! —chamou Regin—. O que golpeou o teto? Não tenho seguro de acidentes nesta coisa. Hee hee.

Kaderin caiu contra a cabine, ofegando depois do esforço.

—Vamos! —pôs as mãos na janela se agachou e retorceu, esquadrinhando a Sebastian pelo vidro rajado. Era só questão de tempo.

—Um, não deveríamos tirar o que seja que há no teto? Sabe, assim seremos esbeltamente aerodinâmicos outra vez.

—Kobold —disse Kaderin com desdém, lutando ainda por recuperar o fôlego.

Nisso, Regin abriu a porta e apalpou cegamente no teto. Deu um puxão ao tornozelo do gemente kobold, lançando-o longe.

—Ponha esta coisa em marcha! —disse Kaderin bruscamente—. E tenha as espadas preparadas.

As espadas de Regin eram mais como alfanjes refinados, cruzadas sobre suas costas em capas gêmeas. Eram bastante curtas para que pudesse as usar livremente na cabine fechada.

Regin as agarrou imediatamente, olhando ao redor por um inimigo.

—O que? Onde está o sujeito?

—Vampiro! —ofegou Kaderin—. E tem razão...

Kaderin saltou, assustando-se quando Sebastian apareceu fora a um centímetro de distância.

—Aqui!

Quando se riscou dentro do compartimento do pisa neves para se sentar no assento traseiro, Regin se esticou, girando lentamente. Qualquer outra criatura no Lore tivesse

presenciado seus movimentos horripilantes enquanto se preparava para saltar e sabia que sua vida estava acabada.

Kaderin possivelmente não se permitiria matá-lo, mas Regin o faria alegremente.

De repente, Kaderin não soube se queria ver isso. Depois de todos os vampiros que tinha matado e tinha visto matar, sua morte iminente a fazia sentir-se... Nervosa?

—Kad, neném —começou Regin com um ronrono ameaçador—, trouxeste-me uma peça? E aqui vou iluminar as presas. —As espadas de Regin se dispararam fora, posicionando-se ao redor do pescoço de Sebastian como se fossem umas tesouras de podar. Fechou-as de uma vez.

Mas no segundo último, ele se riscou para longe delas. As espadas só cortaram ar com um puro som metálico. Era o idealizador mais rápido com que se encontraram jamais, ou nunca tinha estado completamente substancial para começar.

—Não pode matar a um competidor —disse Sebastian a Regin com uma calma enfurecedora.

—Não sou uma competidora, sanguessuga. —As espadas de Regin se dispararam uma vez mais e voaram juntas.

—Só dirijo o navio.

Mas ele se riscou com indiferença outra vez.

—Está pondo a prova minha paciência, criatura —disse a Regin, depois jogou a Kaderin um último olhar.

—Esta noite, Katja. —Desapareceu.

—Maldição! —disse Regin bruscamente. Logo a situação pareceu golpeá-la. Deixou cair o queixo e balançou o rosto diante Kaderin.

— Katja? —gritou, assinalando-a com uma espada.

—Cale-se. Não quero ouvir.

—Um vampiro te chamou por um apelido! Um apelido sexy.

Kaderin ondeou a mão com desdém.

—Pensa que sou sua... Noiva.

Regin embainhou as espadas.

—Sim? Mas como? —disse, falando muito alto no espaço fechado.

—Parece estar agarrando-o.

—Puxou a alavanca de mudança para que acelerasse a dez milhas por hora.

—Agarrando-o? O que quer dizer com isso? Por causa de Helen? —a transgressão de Helen foi à setenta anos. A aquelarre alguma vez acabaria com isso? Ou o que fariam se descobrisse de Kaderin e Sebastian?

—Helen. Certo. Dá igual —murmurou Regin, áspera outra vez.

— O que é que este sanguessuga planeja para você ? —conduzia como uma consumada caminhoneira, uma mão no volante, a outra na alavanca de mudança.

—Quer me ajudar a ganhar o Hie.

Fez um som de frustração.

—Como se fosses confiar em uma sanguessuga para uma coisa tão importante! —sem nem sequer tentar deixá-la atrás, Regin conduziu diretamente através da tempestade de neve.

—Quando mal confia em mim para te ajudar! —uma frenética bola de chiclete.

— Parece realmente possessivo. Não há... não há, como, levantado a cauda para ele?

—Não! Não tive sexo com ele! —disse honestamente, esperando dirigir uma quantidade acreditável de indignação. Graças aos deuses que não fui tão longe. Nem o farei. Sempre posso negar...

—O que quis dizer com esta noite? Não pode te encontrar.

Pois, realmente talvez possa.

—Não posso imaginar, Regin.

—Não, de maneira nenhuma. Riscar a uma pessoa era impossível. Os vampiros não tinham esse talento. Mas a tinha surpreendido de tantas maneiras já. Sabia que era único. Se realmente pudesse vir a ela, faria-o esta noite?

—O que vai fazer no futuro se enfrentar a ele outra vez?

—Não sei —admitiu Kaderin.

—Não posso matá-lo, por causa da competição.

—Contem-no, então. Se não é velho, ainda pode retê-lo com um grilhão reforçado. Ou lhe atire uma pedra na perna. Estaria apanhado.

—A menos que se arrancasse a perna como fez o lykae de Emma para chegar até ela.

Regin estremeceu.

—Eesh, isso é repugnante.

Kaderin não tinha pensado realmente muito sobre o ato de Lachlain. Agora encontrava a idéia dele amputando-se voluntariamente uma perna apanhada para arrastar-se pelas catacumbas dos vampiros para alcançar a sua companheira na superfície vagamente... Romântica? Faria isso Sebastian por ela?

—Inferno. —Faria-o.

—O que é isso? —perguntou Regin. Quando Kaderin sacudiu apenas a cabeça, Regin disse:

—Permanecerei com você esta noite. Talvez fique para a tarefa de amanhã.

Regin havia dito a Sebastian que não era uma competidora. Kaderin sabia que precisava solucionar isto antes que Regin pusesse sua música. Outra vez.

—Todos... meus... amigos... conhecem o cavaleiro.

Kaderin bateu na testa. Desafinava. Quanto mais poderia suportar?

Deu-se conta de uma maneira dura que preferia ser perturbada por um arrogante vampiro, um de seus inimigos imortais, que estar com Regin durante outras vinte e quatro horas.

Não mais canções.

—Acredito que posso dirigi-lo.

Depois do inqualificável fracasso de sua primeira excursão, Sebastian se riscou de volta a seus cofres para recuperar mais ouro, tendo determinado que talvez precisaria assegurar mais dinheiro do que tinha suspeitado ao princípio.

Tinha o pressentimento de que o cortejo seria... prolongado.

Enquanto se desfazia de capas de roupas, preparando-se para cavar, sentia o amuleto em um dos bolsos. Com um encolhimento de ombros, tirou-o, depois o segurou em cima

do coração. Seus lábios se separaram quando desapareceu. A mancha de sangue trabalhava para ele, também? O cheiro dos fogos do templo explodiu sobre a salmoura do Báltico. Teria... simplesmente teria que pensar a respeito disso mais tarde.

Agarrou a pá que tinha deixado com esse propósito, e enquanto cavava, perguntou se poderia alguma vez esquecer da visão de Kaderin apunhalando a esse velho kobold de aparência bondosa no esôfago.

Quando era humano, Sebastian tinha matado e tinha tratado viciosamente seus inimigos. Mas, Cristo, desejava não ter visto seu ataque, tão rápido e desconsiderado, como se fosse normal.

Embora tinha visto mulheres recorrendo à violência em tempo de guerra para proteger os que amavam, nunca havia sentido tal ferocidade em uma fêmea.

Entendia que não podia comparar a Kaderin com as mulheres de seu tempo. Nem sequer podia compará-la com mulheres humanas. Suas irmãs teriam desmaiado antes de ferir um inseto. Teriam desmaiado diante a mera idéia de escalar a uma montanha. Sabia, mas não o fazia ver a crueldade de Kaderin mais fácil.

Temia que sua Noiva o gozasse.

Cavando mais profundo, não encontrou nada. Franziu as sobrancelhas, dirigiu a pá mais profundamente. Ainda nada.

Os punhos reduziram a manga a estilhaça e pó.

Os cofres não estavam lá.

Kaderin estava ajeitada na poltrona reclinável de couro do jato, satisfeita de seu êxito. A poltrona do lado estava vazia já que Regin estava deitada no chão do avião, as pernas colocadas no braço do assento. Tinham planejado deixar Kaderin no aeroporto executivo do Rio, depois Regin voaria para casa, a Nova Orleães.

Sim, Kaderin estava satisfeita. Não importava o que tivesse acontecido, estava á cabeça. Ou pelo menos empatada, com Cindey e esse fodido vampiro. Como, no primeiro Hie do vampiro —em sua primeira tarefa— teve a máxima pontuação? Insofrível. Pelo menos, Bowen não tinha estado ali, e a seguinte tarefa tinha sido só de nove pontos.

—Posso permanecer com você, se precisar —se ofereceu Regin pela quinta vez—. Seríamos a melhor equipe.

—Tentei jogar em equipe em meu primeiro Hie —respondeu Kaderin—. Ai!, minha associação com a Myst terminou em uma diferença de opiniões, uma que trouxe consigo um murro a traição em minha boca e eu puxando pelos cabelos. Sinto muito, Regin, mas sempre trabalharei sozinha. Além disso, o amuleto foi um bom começo. Doze pontos de oitenta e sete.

—E se esse vampiro te encontrar outra vez?

Se tinha estado dizendo a verdade nesse saliente, Kaderin se figurava que aconteceria mais logo do que Regin pensava.

—Estou segura de que posso encontrar algo para me cuidar dele.

—Quando o sangrou? Na Rússia? —quando assentiu, Regin disse:

— Se riscou antes que pudesse matá-lo?

Ruborizou. Não, estava muito ocupada me dando prazer.

—Não tinha o chicote comigo —disse dando um rodeio enquanto ainda dizia a verdade. sentia-se como se levasse uma letra escarlate. Ou pelo menos uma camiseta que dissesse: “Beijei um vampiro. E eu gostei”.

—Regin, por que está tão ansiosa por me ajudar? Parece muito desejosa de sair, e permanecer fora de Nova Orleães.

Ela começou a balançar nervosamente seu iPod.

—Nix me disse que... Bem, Aidan o Violento volta logo.

—Seu berserker⁸?

Regin tinha beijado Aidan —embora não tivesse devido, porque seus beijos drogavam como os narcóticos místicos mais poderosos e igualmente aditivos. Ainda depois de que o berserker tivesse morrido na batalha, tinha desafiado á morte para procurá-la outra vez em outra vida.

De fato, reencarnou ao menos outras três vezes, tendo saudades de Regin tanto que estava amaldiçoado a ser uma Versão 2.0, um reencarnado durante toda a eternidade.

—Não é meu berserker —disse Regin.

—Como o chamaria, então?

Ela deu de ombros.

—Como chamaria o feito de que perpetuamente te encontre, recorde quem foi, e então de algum modo consiga matar-se lutando para ganhar?

—Um jogo que jogamos? —Regin escolheu —. Acabo de dizer isso?

Kaderin revirou os olhos.

—Então não deveria estar em Nova Orleães, o sacudindo?

Regin elevou o olhar e disse suavemente:

—Tive uma idéia que se não me encontrava desta vez, Talvez viveria passados os trinta e cinco.

Kaderin não sabia o que fazer com esta seriedade repentina de Regin, assim disse:

—O que se supõe que vou fazer com isto, Regin?

—É um chateio, sabe?

—E se Ivan o russo é seu berserker, e não se dá conta?

Regin estudou o teto.

—Sempre o reconheço.

—Por que não o aceita sem mais? Corre para seus braços?

Freya tinha ensinado a valquíria mais velha que reconheceriam seu amor verdadeiro quando ele abrisse seus braços e se dessem conta de que sempre correriam para dentro deles.

—Tenho minhas razões. —Regin elevou o queixo, embora continuava no piso.

— São inumeráveis e complexas.

—me dê uma.

Regin a encarou.

⁸ guerreiros que juraram lealdade ao deus Wóden. São ferozes, impiedosos e um dos poucos humanos reconhecidos e aceitos pelo Lore.

—Bem, darei-te uma, A Ligeira Razão de Regin. Em uma situação como esta, tem que se perguntar se andar a tenta merece a bofetada? —quando Kaderin franziu o cenho, adicionou —: já sabe, merece o bolo do forno?

—OH. E se não?

—Entre outras coisas, não tenho vontade de me apaixonar por um mortal e amaldiçoar cada dia que passa porque morrerá dentro de uma piscada de minha vida. Depois suspirarei por sua volta? —sacudiu a cabeça firmemente—. Não merece assá-lo.

—Entendo. É melhor privar-se de uma pequena quantidade de prazer para economizar muita dor. —Kaderin o entendia, assim por que tinha tomado prazer de Sebastian, sabendo que a destruiria depois?

—Exatamente! É só sobrevivência. Ninguém na aquelarre o consegue. Só me querem para viver o momento. Nix me aconselhou “encontrar e bater em meu berserker”. —Exalou com cansaço—. Mas isso traz uma pergunta à mente. Vai conseguir um homem agora que a maldição está levantada? Os rumores na aquelarre são que não teve nenhum “já sabe o que” em mil anos.

Kaderin não viu razão para negá-lo. Ainda antes da bênção, tinha sido tão cautelosa a respeito de confiar que tinha tido poucos amantes.

—Não sou tão generosa para dar nenhum “já sabe que” quando não tiro nada deles. Não sinto desejo disso. —Mentirosa, mentirosa, mentirosa.

—Possivelmente não no passado —disse Regin com uma piscada exagerada.

— Então, qual é seu tipo? Ou foi? Recorda-o?

Qual era seu tipo? —Kaderin ruborizou, negando seu primeiro pensamento.

—Sempre tive fraquezas pelas paqueras.

Regin riu, e quando Kaderin riu entre dentes ligeiramente, exclamou:

—Isto é muito estranho! Foi tão anormalmente impassível antes que eu nascesse. Nunca te conheci de outra maneira.

—Regin lhe deu um olhar aprovador e declarou:

— É bom quando não está misticamente lobotomizada.

Capítulo 16

As moedas de Sebastian, seu ouro, toda a riqueza que tinha no mundo, tinham desaparecido.

Levou a cabeça, as presas afiadas. Nikolai. Tinha que ser ele. O que ficava do cabo da pá caiu no chão. Apertando os sangrentos punhos, seguiu a pista dentro de Blachmount, procurando quarto por quarto, mal notando as mudanças que havia em todas partes. Sebastian o encontrou caminhando a grandes passos através do vestíbulo principal, onde Sebastian e o resto de sua família tinham morrido.

Nikolai parecia atordoado de vê-lo inclusive antes de receber o primeiro golpe lhe esmagando o rosto.

—Onde está meu maldito ouro? —bramou Sebastian, com outro golpe de castigo.

—Recuperei-o. —Nikolai esquivou ou tomou os golpes sem devolver-lo o guardei na caixa forte.

—Não tinha nenhum direito! Fez-o de maneira que me obrigasse a me enfrentar você.

—Sim —disse Nikolai simplesmente.

Sebastian o golpeou outra vez, depois investiu empurrando a Nikolai contra a parede, mantendo-o ali com um antebraço sob o queixo. Tudo isto o recordava muito da noite em que se levantou, retornando à dor com isso.

—Quer um enfrentamento? Igual no passado? —Nikolai tinha rechaçado lutar, igual fazia agora. Aquela noite, se Murdoch não tivesse obrigado a suas mãos a distanciar-se da garganta de Nikolai, Sebastian o teria matado.

Recordou aquele tempo como em uma neblina, lembrou-se de estar vivo, mas morto, sem o batimento do coração ou fôlego, apanhado no crepúsculo. Tinha estado tão fraco, despertando com aquela sede frenética que somente podia ser apagada com sangue.

Tinha sido amaldiçoado, por que seu irmão não tinha feito caso a seu desesperado desejo de morrer com sua família. Perfurou a parede ao lado do rosto de Nikolai.

—Transformou-me em uma abominação.

—Salvei sua vida —disse Nikolai entre dentes.

—E então imediatamente quis que me compromettesse com seu exército. Uma vida mortal de batalhar depois da guerra não era suficiente, queria que Conrad e eu lutássemos em uma guerra interminável.

—Isto merece a luta.

—Esta não é minha guerra.

—Ainda me odeia tão violentamente por minhas ações? —exigiu Nikolai.

—É por isso que nunca retornou aqui?

Sebastian o liberou.

—Não te odeio —disse finalmente, surpreso de achar isto certo.

— Não me importa o suficiente para te odiar. Já não. Trezentos anos se encarregaram disso. — Recuou.

—Só quero que não se meta em minha vida.

—Quer minhas desculpas? Ofereço isso.

—Não quero suas desculpas, por que sei que na mesma situação, faria-o outra vez... —a atenção de Sebastian foi distraída quando uma fêmea entrou na habitação.

—Nikolai? —seu olhar se fixou no rosto de Nikolai, então se deu a volta para o Sebastian.

— Ao parecer, não te devolverá o golpe, mas eu sei que o farei.

Reconhecendo seus traços, Sebastian perguntou:

—Valquíria?

—Como sabe o que sou? —ela se virou para o Nikolai.

— Seu coração pulsa. Está sangrando.

Nikolai sempre era distante e possuía um rígido autocontrole. Por isso, foi até mais inesperado quando deu uma olhada a valquíria e de volta a Sebastian e seus olhos se voltaram selvagens. Nikolai conectou o primeiro golpe antes que Sebastian tivesse tempo de ficar em alerta.

Nikolai bramou:

— É ela? Ela fez que pulsasse seu coração?

Sebastian lhe devolveu o golpe, conectando diretamente com a mandíbula de Nikolai.

— Não — resmungou entre dentes.

Nikolai baixou os punhos e se apoiou afastando-se, inalando profundamente.

— Encontrou sua Noiva antes de vir aqui?

Sebastian franziu o cenho, controlando seu lábio que sangrava.

— Sinto... pensei....

— Só me diga onde está meu ouro.

Nikolai passou os dedos pelo cabelo.

— Assim não é como eu tinha imaginado que seria esta reunião, Sebastian. Lamento te haver golpeado. Perco a cabeça por ela. Mas o entende, agora que foste sangrado.

— Não sabe nem a metade disso.

— Sebastian, ela é Myst.

— Estivemos te buscando — disse ela, com o mesmo sotaque que Kaderin. Embora sua coloração era totalmente diferente, Myst tinha o cabelo vermelho e os olhos verdes, os traços eram similares.

— Ouvi muito sobre você.

Fez um gesto rápido com o queixo como saudação, depois virou para o Nikolai.

— Meu... ouro.

— Muito bem. — Embora Nikolai não mostrasse nenhuma expressão sobre o rosto, Sebastian lhe conhecia o suficiente para distinguir sua amarga decepção.

— Se me seguir.

Enquanto Nikolai o conduzia para o velho escritório de seu pai, Myst os seguia, olhando para Sebastian com cautela, como se considerasse uma pequena guarda para o Nikolai. Se era a metade cruel que o era Kaderin, seria magnífica nisso.

O escritório em que entraram os três tinha sido renovado e havia persianas colocadas em cada janela.

— Não posso acreditar que restaurasse Blachmount — disse Sebastian em tom aborrecido.

— Planejamos viver aqui. Certamente, serão bem-vindos a estar aqui — disse Nikolai, mas Sebastian franziu o cenho por isso.

— E pode rastrear este quarto específico em qualquer momento que necessite refúgio rápido — acrescentou Nikolai.

— Está janelas estão com as venezianas fechadas durante o dia sem falta.

Como se Sebastian quisesse alguma vez estar aqui voluntariamente.

— Como encontrou meus cofres? — exigiu.

— Acreditei te sentir na outra noite passeando pela propriedade, então percorri as terras procurando algum indício. Não tinha sido otimista sobre te haver localizado outra vez, sobre tudo não.... Recentemente — se clareou a garganta e cruzou um olhar com Myst.

— Eu descobri a pá e a terra recém cavada foi um grande alívio...

— Levarei meu ouro.

Os lábios de Nikolai se apertaram, mas cruzou para a parede de trás para abrir uma pequena caixa forte embutida. Os tijolos a seu redor eram novos, como se tivessem reparado onde alguém recentemente a tivesse arrancado da parede.

—Como soube o que sou? —perguntou Myst, chamando sua atenção.

— A maior parte confunde às valquírias com ninfas —negou com a cabeça, depois murmurou:

— Odeio a essas pequenas putas.

—Vi às de sua espécie antes —disse ele.

—Onde? —perguntou Nikolai, tirando um estojo da caixa forte.

—Nos arredores. —Os olhos de Sebastian se estreitaram quando Nikolai o pôs sobre o escritório.

—Já entendi —disse Nikolai—. Troquei a maior parte de seu ouro por dinheiro em efetivo e o investi. Nesta carteira, encontrará as carteiras de investimento e a informação sobre suas contas bancárias. Há um computador portátil, um telefone fixo, um cartão de identificação temporária estoniana, embora logo terá que conseguir uma fotografia e cartões de crédito. Está estabelecido como o estaria um humano.

Sebastian fervia. Nikolai estava fazendo o que fazia melhor, o qual era algo infernal que queria.

—Não tinha nenhum direito.

—Esperava te ajudar. Não podia ter tratado limpamente com esta riqueza. Conrad e você são homens ricos.

—Sabe onde está Conrad? —tinha perdido a pista de seu irmão depois de que tinham deixado Blachmount como vampiros. Se Sebastian tinha saído rapidamente de sua cabeça com fome e confusão, o do Conrad tinha sido muito, muito pior.

O rosto do Nikolai foi feroz.

—Não. Procurei aos dois. Viu-o recentemente?

Depois de uma pequena vacilação. Sebastian negou com a cabeça. Não tinha visto Conrad desde semanas depois de seu retorno. Aquele dia do passado, Conrad tinha falado enigmaticamente das coisas que tinha deixado de fazer como mortal, tarefas que agora podia como um imortal. Ao entardecer, tinha desaparecido e nunca tinha retornado.

—O que sabe de Murdoch? —perguntou, curioso de saber se estava vivo ou morto. Quantos irmãos realmente tinha?

—Posso te levar com ele agora mesmo. Está na fortaleza do Forbearer.

Sebastian lhe deu um olhar escuro.

—Um lugar ao que nunca irei, inclusive embora tivesse alguma inclinação por vê-lo.

Myst caminhou entre eles para romper o tenso momento.

—por que está tão zangado pelo passado? Parece que deveria agradecer a Nikolai. Sem suas ações, nunca teria a sua Noiva.

Não a tenho agora

—Pergunto-me se isto pode ser uma bênção. —Tomou o estojo e se afastou.

Na beira do Oceano Atlântico, em uma casinha isolada na praia, Kaderin estava deitada em sua cama, olhando fixamente para o teto com tristeza.

Necessitava ação, mas a obrigavam a esperar os pergaminhos para começar ao dia. Sim, ação, ou dormiria.

Normalmente, precisava tão somente umas quatro horas em um período de vinte e quatro horas e podia funcionar durante dias sem pressão, mas queria estar cem por cento depois da viagem à Antártida. Estava dolorida pela subida e descida e logo começaria a acumular feridas.

Mas não podia dormir. A camisa estava muito apertada sobre seus seios e a levava a loucura. Aborrecia dormir com algo sobre o torso, mas esta noite tinha que preparar-se para a possibilidade de companhia. E até as finas colchas desta residência alugada lhe pareciam grossas em comparação a seus lençóis Pratesi. Pior, o quarto era grande, ressonante e escuro. Muito escuro.

Embora intrépida na batalha, as valquíria Frequentemente tinha secretas fraquezas. Lucia a Arqueira tinha terror de falhar seu objetivo; após tinha sido amaldiçoada sentindo uma indescritível dor sempre que o fazia. Nix temia predizer a morte de uma valquíria tanto, que no dia de hoje, nunca o fazia. Regin, que sempre era primeira em lançar o grito de guerra na luta, tinha medo dos fantasmas.

E Kaderin? Uma vez estando sozinha, tinha sofrido lygofobia⁶, mesmo que pudesse ver de perto perfeitamente na escuridão.

Pelo caminho ela olhava o interruptor do banheiro, ao que parece tinha medo uma vez mais. Agora, outra fraqueza depois da bênção, crescendo feia em sua cabeça. Levantou para acender a luz, depois retornou.

A sinistra valquíria com essa lâmpada era ela.

Isto era incomodamente tranqüilo, tal e como tinha sido em seu apartamento de Londres. Tinha crescido permanecendo viva na aquelarre de Valha Hall, entre os gritos tranqüilizadores de suas meio-irmãs e os trovões que agitavam o senhorio. Todas as noites, as valquírias fechavam as gementes leva de carvalho.

Virou para o lado zangada, olhando iradamente a sua regular companheira de cama, sua espada. Estava... sozinha. Incluso não havia desvanecido sua solidão desde aquela manhã no desgraçado castelo.

Por que tão somente não pensava nele? Permitir a si mesma refletir sobre o vampiro e fazer feitos com isso?

Por exemplo, poderia refletir o porquê queria morrer. Tinha perdido alguém amado? Uma mulher? Tinha sentido. Estava nos trinta e provavelmente tinha sido com a que se casou. Se Kaderin tivesse perdido um marido, provavelmente lhe atrairia ser uma ermitã. Inclusive poderia pensar em morrer se pensasse que poderia voltar a reunir-se com o que amava.

Mas se tinha estado casado, por que parecia tão estranhamente inseguro quando a beijava ao princípio? Certamente, tinha sido um momento para ele, mas tinha havido algo indeciso em sua conduta.

Depois, rapidamente tinha posto as pilhas.

Encontrou-se pensando às vezes em seus consumados beijos, revivendo-os toda a manhã. Pior, sempre que pensava nos detalhes do que tinha feito com ele, não só sentia vergonha. Recordava montar seu enorme eixo e a umidade chegava como resposta entre as

pernas. Os seios aumentavam e doíam. As garras dobradas até que as apertou contra si mesma.

As mudanças, estas mudanças em sua personalidade, não tinham explicação. Acreditava que um deus ou algum poder a tinha benzido com o intumescimento. Um mero feitiço não teria durado tanto, e as valquírias não era muito suscetíveis aos feitiços de qualquer modo.

Não, tinha sido benta com um tremendo poder.

Um poder que poderia ser neutralizado por sua atração para um rumor... expresso por um vampiro?

Sua reprimida ferocidade tinha um modo de chamar as sensações que antes tinham estado amortecidas. Talvez era por isso que a atraía tanto. Por como se pareciam.

Mas por que tinha que recuperar o desejo agora, quando estava centrada? Incomodo não começar a descrever este momento. Girou sobre as costas e passou roçando as mãos por dentro da camiseta, mas sentia as palmas muito suaves contra seus seios. Suas mãos tinham sido atrativamente calosas e vacilantes ao princípio, como seus beijos.

Ásperas mãos, deliciosos lábios firmes, intenso olhar. Tudo sobre ele estava feito para decadentes sons de sexo, mas Kaderin não tinha sonhado, não depois da bênção.

Mas fantasiava, e facilmente evocava a lembrança de seu musculoso peito. Ela lhe mordendo o lábio inferior. A verdade era que eram muito parecidos. Nunca tinha aceito muitos amantes, inclusive quando tinha feito uma sondagem, por que era difícil confiar e do punhado aos que tinha dado a bem-vinda nunca tinha tido a um imortal. Nenhum havia possuído nem a metade de sua força.

O vampiro era mais forte que ela.

Nunca dormiria com ele.

Se ia vir, onde infernos estava?

Durante horas, Sebastian examinou cuidadosamente todas as formas e o trabalho administrativo da carteira, tentando distinguir se tinha riquezas. Mas sua mente estava completamente ocupada.

Sabia que ela não podia ir atrás de outro prêmio até que se atualizassem os pergaminhos, pelo que acreditava que não estaria em perigo. Mas ao final, á descida do sol, cedeu e a riscou.

Encontrou-se em pé em um amplo quarto, no que parecia ser uma residência particular. O relógio dizia que tão somente eram as quatro da manhã, o que significava que estava do outro lado do mundo. Um cama assentada no centro e riscou os pés para dar uma olhada para baixo.

Sua Noiva dormia no centro.

Alguma vez se acostumaria a dar com ela diretamente? As vantagens disto não podiam ser calculadas.

Sua auto felicitações se murcharam quando viu que dormia de maneira irregular. Estava deitada de costa, o torso nu a não ser pelo cabelo brilhante caindo em cascata para baixo. Uma camiseta estava perto de sua cabeça. Um braço magro estendido sobre a espada que descansava a seu lado.

Um sentimento de inquietação passou sobre ele. Dormia com uma espada como defesa contra a possibilidade de que se encontrassem ou a vida era sempre tão perigosa como tinha sido hoje? Se fosse este último, não sabia se poderia voltar a deixá-la fora de sua vista outra vez.

Seus olhos precipitando-se atrás das pálpebras e seu bicudo ouvido inquieto como se procurasse o som do perigo. Estava escutando os passos de aproximação de um inimigo?

Suas respirações eram ofegos, do modo no que os jovens animais respiram enquanto dormem.

Ao redor do punho das costas, os dedos dobrados com segurança, e vê-lo fez que esticasse o peito. Poderia protegê-la tão somente se o permitisse.

Surpreendentemente, parecia tranqüila diante sua presença, então tirou o cinto da espada, a jaqueta e os pôs sobre um banco próximo. Sem pressas a estudou, apreciou-a olhando-a fixamente. Nunca tinha pensado nas costas de uma mulher como atraente, mas a sua era. Queria estreitar seus magros ombros e aproximá-la para beijá-la ao longo do delicado rastro de sua coluna.

A Lisa pele ouro que o chamava. Não podia ser tão suave como parecia.

Murmurou algo em sonho e mudou de posição, girando a cabeça em outra direção. Dobrou o joelho e o lençol deslizou, expondo o pequeno shorts rosado que usava. Estava puxado para um lado e entre as sombras apanhou uma olhada roubada de sua feminina carne e gemeu. Era loira ali, também, perfeita e formosa.

Nascida de deuses? Com certeza que sim.

Tinha que tocá-la ali, beijá-la. Nunca tinha tomado uma mulher com a boca, embora tinha fantasiado com isso bastante freqüentemente quando era um homem mortal. Mal sufocou um estremecimento de prazer pensando em fazer-lhe Com o pênis duro como o ferro, alargou a mão para diante...

Capítulo 17

Não, Kaderin não sonhava, não da bênção, assim inclusive dormindo, estava confusa a respeito de por que sonhava que o vampiro lhe separava as pernas com o cotovelo.

É obvio, é um sonho. Um malvado. Eu nunca dormiria com o vampiro presente.

Permitiu o vampiro do sonho continuar tocando-a, seduzida por seus fôlegos desiguais enquanto roçava com os dedos acima do interior de suas coxas, com mãos trêmulas. Em seu sonho, estavam quentes, uma cobrindo seu traseiro, a outra afastado a um lado seu frouxo shorts curtas de seda para descobrir seu sexo.

Ele gemeu em um fôlego. Poderiam ser os sonhos reais? Não podia recordá-lo! Não deveria estar sentindo inclinar-se, pressionar seu peso na cama. Para beijá-la? Beijá-la precisamente onde?

Sua voz, um gemido quebrado, disse:

—Quero minha boca em você....

Seus olhos cintilaram abertos. Girou para um lado, golpeando com sua mão livre o punho de sua espada, volteando-a para cima. Apunhalou através da colcha até descansá-la sob o queixo dele. Sustentando-a nesse lugar, girou sobre suas costas e se levantou da cama, depois ofegou.

Estava semidespida, respirando ainda com dificuldade, aturdida por seu despertar... e apenas diante dela, a ereção imensa do vampiro forçando grossa contra seu jeans.

Tragou, levantando seu olhar bruscamente, mas lamentando capturar seu olhar. Seus olhos ardiam com luxúria, embora pareciam fugir quando olhava neles. Mas quando tentou olhar seus seios nus, sacudiu-se e o cravou.

—Muito bem —Concedeu ele levantando as mãos—. Possivelmente o mereça por te tocar enquanto dormia, mas quero que saiba que no final, pensava que tinha despertado.

—Quanto tempo esta aqui? —perguntou em voz alta.

—Quase dez minutos.

Olhou atrás dele e viu sua espada colocada através do banco, a jaqueta jogada a seu lado. Não pôde evitar que sua mandíbula caísse.

—Impossível.

—Noiva, não deixa de dizer isso sobre coisas que já ocorreram.

Não podia pensar! Nenhum vampiro a tinha tomado jamais despreparada. Dormia ligeiramente, tinha sido treinada para isso depois de anos de batalha. E agora se supunha que tinha que acreditar que tinha dormido, e sonhado, enquanto um sanguessuga a acariciava?

O que é o que faz este vampiro tão especial? Por que não posso atravessá-lo com a espada? Um diminuto golpe do pulso o incapacitaria. Depois um balanço fácil para a cabeça.

Mas não podia por causa da competição. Sim, correto, só esta maldita competição me impede isso.

Havia uma razão que explicaria completamente por que não podia feri-lo. Mas se negava a contemplá-la, não podia. Se o fazia, a vida como a tinha conhecido se acabaria...

—Não ficarei aqui assim muito mais tempo, Katja —disse ele silenciosamente—. Mas te darei as costas se por acaso quiser se vestir.

O vampiro cavalheiro. Suas palavras foram constantes e baixas, mas pressentia que mantinha apenas o controle, como se estivesse considerando lhe tirar a espada de um golpe e cobri-la na cama. O que faria ela se o fizesse?

Desejava sabê-lo. A previsível Kaderin, a calma Kaderin, era agora volátil.

A maneira em que a estudava com tal patente apreciação a desconcertava. No velho país, durante uma tempestade, o mar cresceu violentamente colorido, talhado com sombras, emanando negro como o carvão.

Essa era a cor de seus olhos resplandecendo na escuridão. Uma tempestade sobre a água.

Um néscio pensamento surgiu. Sempre tinha gostado das tempestades.

Sacudiu-se interiormente. Cada segundo com o vampiro, que era talvez o homem mais sexualmente atraente que já tinha encontrado, brincava com fogo. E não só com seus

desejos, e sim com seus próprios novos sentimentos: o prazer no retumbar de sua voz, o entusiasmo em seus olhares de desejo, a satisfação de que já não estava sozinha no quarto.

Durante uma eternidade, tinha olhado a todos ao seu redor agir como escravos da emoção, comportando-se irracionalmente. Agora estava entre eles, e era uma ignorante. À deriva.

—Vestirei-me. —Baixou a espada e ficou em pé, tomando sua camisa e movendo-se até o cruzar. Ele devia ter vislumbrado seus seios, e não se incomodou em suprimir um gemido. Enquanto cruzava até a bolsa, podia sentir o olhar no seu traseiro.

Logo que foi o bastante velha para deixar o Valhalla como uma nova imortal, tinha notado que os homens achavam seu traseiro excitante. Agora, caminhava devagar, exagerando o vaivém de seus quadris. Ele a tinha esquentado. Tornando-a uma rameira.

Gemeu uma maldição em estoniano, e ela soube imediatamente que não estava informado de que entendia o idioma. Por alguma razão, acreditava que nunca falaria assim ao seu redor.

—Katja —disse atrás dela—, o que precisaria fazer para te trazer de volta para cama comigo?

Katja!

Sobre o ombro, disse:

—Esse não é meu nome, e nada do que tem. —Trocar arbitrariamente um nome que tinha sido respeitado e reverenciado durante vinte séculos... que descaramento! Para castigá-lo, quando colocou sua espada sobre a bolsa se agachou estirando as pernas e rebuscou uma camiseta para debaixo da camisa. Quando se levantou e apareceu sobre o ombro, ele esfregava a mão sobre sua boca, parecendo aturdido.

O qual era gratificante. Embora, outra vez, parecia como se estivesse a ponto de atirá-la sobre seu ombro e levá-la a sua guarida.

Como seria ser tomada por um homem como Sebastian? A idéia de estar verdadeiramente a mercê de um homem dominante com somente uma coisa em sua mente era... Excitante.

Mesmo que nunca acontecesse. dando as costas, vestiu-se.

—Precisa entender que nunca dormirei com alguém como você. —Girou a tempo para ver seus olhos obscurecer-se.

—Alguém como eu? —fervia de tensão.

Tinha batido suas palavras uma greta desconhecida em sua blindagem?

—Mato vampiros, não os fodo.

—Dormiria comigo se não fosse um vampiro? —esta pergunta, este tema, se ela poderia querê-lo, era verdadeiramente importante para o vampiro.

Inclinou a cabeça, exagerando o olhar sobre ele. Parecia que tinha deixado de respirar. Como responder? Admitindo em voz alta o desejo vergonhoso por um vampiro, ou talvez esmagando seu ego? Por que se preocuparia com o último?

Porque não nasci como uma pessoa cruel.

—Acha alguma coisa atraente em mim? —perguntou ele arrogantemente, mas sua voz era rouca, e cheia de incerteza. Em um instante, soube que alguma mulher o tinha tido e tinha magoado ele.

E acaba de revelar uma fraqueza a ela.

Ele deu um passo vacilante para frente. Fazia isso também no castelo e no templo, retraindo-se quando obviamente queria estar mais perto.

O vampiro tinha um físico notável, ainda quando não parecia admiti-lo. Essas outras duas vezes, tinha parecido posicionar-se inconscientemente de maneira que fossem menos ameaçadoras para ela, forçando-se a parecer reservado. Quando estava calmo, mantinha o corpo muito quieto. Nenhum gesto com seus compridos, musculosos braços ou passos a grandes pernadas. Só calma.

Quando não estava calmo — como quando foi atacado pelo homem lobo — se movia com uma velocidade incomensurável e agressiva.

Provavelmente tinha intimidado muitas mulheres em seu tempo. Os homens não mediam um metro oitenta nem estavam tão generosamente construídos naqueles tempos. Não precisava se incomodar em tentar não parecer ameaçadores. O prazer que ela acumulava ao olhar avidamente seu grande corpo era provavelmente a razão de que ainda estivesse ali, e não sangrando.

— O que importa se acho você atraente ou não? — perguntou finalmente —. Acha que sou muito pequena.

— Não — disse rapidamente, depois exalou —. Só ouvi contos de que as valquírias eram grandes guerreiras, semelhantes às amazonas.

— Naturalmente, esses seriam contos. Se for o único sobrevivente de um exército atacado por nós, vai dizer que pequenas e frágil fêmeas golpearam seu traseiro ou que o fizeram monstros que podem levantar Buicks?

Soube que seu discurso tinha sido rápido e salpicado de jargão, mas depois de um momento, ele seguiu a essência do que ela havia dito e sorriu abertamente.

Deuses, não precisava que recordassem esse amplo sorriso, que era brilhante enquanto ainda empurrava suavemente em cima dela, depois de que acabasse de lhe dar o primeiro orgasmo em dez séculos.

— Isso tem sentido. — voltou-se grave, e disse silenciosamente.

— Deve saber que te acho perfeitamente formada. — Afastou o olhar.

— É a coisa mais formosa que contemplei. Isso é o que queria te dizer no templo de Riora.

O coração acelerou tão rapidamente, que esteve segura que o advertiria.

Ele voltou-se para ela.

— Mas não respondeu minha pergunta.

— É duro ver mais à frente do vampirismo — disse honestamente.

— Rogo a Deus por não ser um.

Ela deu golpezinhos na bochecha com o dedo.

— Hmmm. Se não queria ser um vampiro, talvez não deveria ter bebido sangue de um vampiro quando estava a beira da morte.

Em tom inescrutável, respondeu:

— A mudança foi feito contra minha vontade. Estava ferido e muito fraco para lutar o suficientemente forte.

Tinha lutado contra isso?

—Quem fez?

—Meus... Irmãos.

Isto é interessante.

—Ainda estão vivos?

—Sei que dois ainda estão. Um está perdido. —Apertou a mandíbula, parecendo conter seu gênio—. Eu... eu não quero falar disto.

Ela deu de ombros como se não se importasse, embora tivesse curiosidade, depois caminhou até a espada dele, desenbaçando. Uma espada de batalha. O punho de madeira tinha escalas esculpidas e era larga, para que pudesse esgrimi-la com ambas as mãos. A folha de um fio era larga e inflexível. Teria cortado através de uma cota de malha, ou um homem pela metade, de um só golpe.

—Trouxe isto aqui? —encarou-o. — Pensava me dominar?

—Pensava te proteger, se a necessidade surgisse.

Estava impressionada com seu peso, com o óbvio cuidado com que a tinha tratado.

—É agradável, suponho. Para um principiante.

—Principiante? Tingi essa espada de vermelho durante anos... até a noite em que morri.

“Era um estoniano vivendo na Rússia, tinha nobre escrito” por toda parte, e havia dito que tinha estado nesse castelo durante séculos. O que significava que tinha que ter lutado na Grande Guerra Setentrional entre a Rússia e os países nórdicos contíguos. Isso tinha sido espantoso. A fome e a peste tinham dizimado a população, embora suspeitava que o homem diante tinha morrido na batalha.

—Sabe bastante a respeito das espadas para ver que é excelente —disse ele.

Ela a embainhou e a baixou.

—Prefiro-a leves e rápidas, mas com seu corpulento físico, seu estilo de luta teria que depender da força bruta.

—Corpulento? Não é uma má coisa ter poder atrás de uma espada —disse em tom defensivo.

—Não, mas o poder nunca pode vencer à velocidade.

—Não estou de acordo.

—vivi durante muitos anos —disse ela—. Minha existência é um testemunho da velocidade.

—Então não encarou uma besta gigantesca digna.

Suprimiu um sorriso e disse:

—Vampiro tolo, daria-te uma surra se lutássemos. E não se ofenda, mas não morreu pela espada?

—Fiz-o. Mas diz lutar pela espada. Não se ofenda, mas não poderia balançar um golpe mortal contra um de meus mais velhos inimigos.

—Talvez tinha escolhido não te matar, mas neste momento, a idéia de te mutilar durante uns quantos dias soa muito apetecível. Talvez te arranque um órgão, te fazer regenerá-lo. Esse que nunca envelhece. —Na realidade já o tinha feito. O tinha feito repetidamente a uma sanguessuga, inclusive depois de que se cansou de fazê-lo.

—Como espera que eu acredite nisso, Katja? Penso que não deseja me ferir absolutamente. Não acredito que possa.

Aproximou-se tranqüilamente até ele.

—Vampiro. —Sua mão se disparou para o meio de suas pernas e o agarrou firmemente, suas garras cortando atrás dos jeans. Seus olhos se alargaram, e arrastou os pés para uma postura mais larga que evitaria que seu corpo caísse.

— Poderia castrar com um golpezinho de minhas garras —puxou para baixo, o fazendo gemer de prazer e dor— e ronronaria enquanto o fizesse.

Capítulo 18

Repentinamente sentiu a suave ponta de seu dedo indicador dentro dos jeans. Diante do choque de sua fria pele contra a dele, estremeceu, mas o manteve em seu lugar agarrando-o firmemente. Agarrou-o, e o acariciou com o indicador. Ele se encontrou colocando suas mãos nos ombros dela, subindo até seu pescoço e as voltando para baixo.

Ainda enquanto saboreava o primeiro contato real em séculos, pensava, tinha cortado seu jeans com tanta facilidade? Se, apenas com um golpezinho. Mas certamente não cortaria a ele.

—Deve ir, vampiro. Ou farei que essa voz grave tua se ouça grandemente mais aguda.

—Então, faça-o. —Ainda não tinha recuperado de ver seus seios pela primeira vez. Ou de vê-la inclinada. Cristo todo-poderoso, havia usado cada onça de seu controle não tomá-la pelos quadris e cair sobre ela. E agora isto?

— Faça-o ou se acostume a me ter a seu redor.

—O que te faz pensar que pode decidir sobre uma ou outra? Poderia te oferecer uma nova variável.

—A pequena bruxa continuava acariciando-o com o dedo indicador, enviando ondas de prazer através de seu corpo. Colocou a mente em branco, justo como ela queria.

Quando retirou a mão por completo, sacudiu a cabeça com força.

—Estamos em um atoleiro. Não irei, e não deseja que fique. Assim, tenho uma proposta.

Ela bocejou.

—Me cative.

—Acha que sou um principiante com a espada? Então tenhamos uma luta para ver quem é o melhor espadachim. O primeiro em conseguir três pontos de contato superficial ganha. Se ganhar, quero daqui ao amanhecer para te fazer perguntas... e que as responda honestamente.

—Vai contra a lei contar a alguém de sua espécie sobre o Lore.

—Não dá a impressão de ser alguém muito respeitosa com as leis.

—Sou. Quando sou eu que faz as leis.

Isso o interessou. Exatamente, quanto poder tinha? Temiam-na todas as criaturas deste mundo?

—E quando ganhar? —perguntou ela.

—Deixarei-te para que tenha doces sonhos com sua espada por esta noite.

—Vêm-me à mente as palavras doce e bebê... Mas tem um trato. —Atirou-lhe a espada, depois recolheu a própria, afrouxando o pulso para fazê-la girar silenciosamente no ar.

— Quando ganhar irá imediatamente.

Ele também tirou a sua.

—Duvido...

Atacou-o, golpeando-o com uma velocidade cegadora. Mal conseguiu levantar a espada a tempo. Ela lançou outra estocada, e o metal ressoou quando fez o inexprimível para bloqueá-la sem machucá-la. Sua espada não era a melhor para um combate mão a mão. Não tinha jarreta para proteger os dedos. Se errasse, ela perderia os dedos.

Tinha um bom bloqueio e contra-ataque para sua estocada, mas se girava na direção errada... não podia arriscar-se.

Ele Pressionou a espada contra seu peito.

—Ponto —disse com a voz tinta de satisfação.

Quase lhe curvam os lábios. Reatarem a luta. Era surpreendentemente boa. Seus olhos não revelavam nada. Não anunciavam suas jogadas, não dava nenhuma pista de suas fraquezas. Nunca teria imaginado que uma mulher pudesse obrigá-lo a esforçar-se dessa maneira.

E se encontrou desfrutando-o como a merda, orgulhando-se da habilidade que tinha.

—Deve ter treinado por anos.

—Não tem nem idéia —disse ele arrastando as palavras.

Subitamente, já não estava em frente dele. Mas sua espada sim. No durar uma piscada, sua espada correu atrás dele e plantado sobre a pele da base do espinho dorsal.

Doce Jesus... se movia mais rápido que a gravidade.

De trás dele sussurrou:

—isso se chama velocidade, vampiro. Começa a considerá-lo interessante?

O sangue gotejou. Apertou os dentes.

—Um golpe pelas costas, Kaderin? —sentia-se desiludido. Tinha pensado que tinham coisas em comum. Ainda antes que tivesse sido armado cavaleiro, viver pela espada sempre tinha significado mais para ele que o mero lutar com uma espada. — Não é muito honorável de sua parte.

Quando o enfrentou uma vez mais, se deu conta que já não podia tratar o assunto com nada menos que uma seriedade mortal. Tinha que ganhar seu respeito e estava começando a se dar conta que ela não apreciaria as qualidades que sempre tinha pensado que as mulheres valorizavam. A cortesia, por exemplo, não tinha ganho nada nem na assembléia nem no fim do mundo.

—A honra te mata —ela disse. Giraram enfrentando-se, os pés dela não faziam som no ladrilhado. Os paninhos de seda continuavam agitando-se, oferecendo tentadores vislumbres.

—No Lore, vi que a honra e a sobrevivência se excluem mutuamente.

—Está enfasiada. Muito para alguém tão jovem.

Isso pareceu lhe fazer graça.

—E você pensa que sou jovem?

Tinha séculos de idade, e antes de conhecê-la, com frequência havia sentido um ancião. Sua energia juvenil e seu aspecto o faziam duvidar de que tivesse mais de vinte e cinco. Ou de que os tivesse antes de se tornar imortal.

—Sei que competiu ao menos em um Hie antes, assim deve ter mais de duzentos e cinqüenta anos. Mas duvido que tenha muitos mais.

—E o que acontece te digo que na realidade sou muito velha? —perguntou—. Diminuiria sua atração o saber que as estrelas se vêem diferentes agora do que o faziam quando era uma menina?

Sua voz era adulatora, e se deu conta que afrouxava a guarda e ficava meditando suas palavras...

Lançou outra estocada, voando para chegar a suas costas. Mal pôde girar a tempo com a espada.

—Não sou competidor para sua velocidade, a menos que risque —começou a dizer—, o que sempre me pareceu uma covardia. Mas já que você não tem problemas em usar tais táticas... —em um instante se desvaneceu para se colocar atrás dela e a golpeou violentamente no traseiro com o largo da espada.

—Ponto. E acredito que também acabo de dar um pernil.

Não era bom provocá-la. Seus ombros ficaram rígidos e nesse mesmo instante, um estranho relâmpago acendeu o céu no exterior matando as sombras do quarto. A mesma eletricidade que sentiu quando a tinha beijado, explodiu no quarto. O trovão fez tremer as portas de vidro. As valquírias provocavam relâmpagos quando sentiam emoções intensas.

—Riscar-se. —Girou lentamente.

—Obrigado por me recordar o que é.

Foi como se tivesse quebrado uma comporta. A espada cortou o ar como se fosse uma entidade separada, refletindo a luz dos raios de fora. Segurava o punho tão solto, tão confidencialmente, que se viu cativado por seus movimentos... coisas que o prejudicava.

Apesar de sua habilidade e técnica podia ser derrotada pela força devidamente enfocada, e finalmente começou a usá-la contra ela. Se conectava limpamente com sua espada, então empurrava com todo o poder do corpo, fazendo que a arma tremesse e oscilasse em sua mão, sacudindo-a com cada golpe brutal.

Fez uma finta, agarrando-a com a guarda baixa, justo o tempo suficiente para propinar um golpe particularmente demolidor contra a espada. Pensou que sairia voando, dando por terminado o assunto, mas assombrosamente, de alguma forma a segurou. Seu corpo vacilou como se tivesse recebido o golpe ela mesma. Caiu sobre um joelho. O relâmpago explodiu no exterior.

O peito pareceu oprimir-se.

—Não tenho planejado perder. —Levantou os olhos para ele através dos cachos desgrenhados. Seus olhos eram como a prata.

— E em definitiva, não poderia ganhar sem ela, não é?

—Maldição, não se supunha que pudesse agüentar isso.

—Uma vida inteira tentando evitar machucar mulheres, e agora a atacava como se ela fora um homem?

Mas a vacilação lhe deu o tempo suficiente para riscar-se até ela. Forçou a si mesmo a tomar a vantagem obtida. Bateu em seu ombro com a espada.

—Ponto.

Respirava com dificuldade.

—Isto ainda não terminou.

—Não tinha intenção de te machucar.

—Só dói um momento. —Sua indiferença desapareceu quando se jogou, carregando uma vez mais. Suas espadas chocaram uma e outra vez, imitando os raios de fora. Seus olhos começaram a brilhar nos escassos intervalos de escuridão.

Depois recuou, baixando a espada. Franziu as sobrancelhas como se estivesse sofrendo, estava resfolegando. Os raios caíam mais rapidamente. Com um tom de voz suplicante, gritou:

—Ah, por todos os deuses, Bastian, Quer que te rogue por isso?

Assombrado, retirou o extremo da espada. Havia entendido mal os sinais? Ia aceitá-lo? Seus misteriosos olhos o chamavam ainda com os raios explodindo luminosamente.

Pensando já em que parte de seu corpo ia saborear primeiro, se jogou sobre ela...

Sua espada plantou bem em cima do coração, e seus olhos se obscureceram e ficaram frios em um instante.

—Ponto. —Cravou-o com a ponta e a girou, rasgando a pele com um gesto depreciativo.

—Ganhei sanguessuga.

Diante a visão do sangue escorrendo pelo centro de sua espada, imaginou a todos os outros que tinham sangrado por sua espada, todos os outros que tinham caído por sua beleza e suas más artes. Quantos teriam pensado que estavam a ponto de tê-la justo um momento antes que suas vidas terminassem? Uma súbita violência, misturada de luxúria frustrada e uma fúria como nunca antes tinha experimentado o afligiram.

Grunhiu com fúria, atirando a espada a um lado enquanto ia atrás dela. Atraiu-a de um puxão, capturando os braços contra o corpo com os seus. Ela ofegou, mas quando pressionou os lábios contra o pescoço em um beijo de boca aberta, não lutou imediatamente, parecendo esperar seu próximo movimento.

Bem. Desejava que se rendesse diante ele... de todas as formas possíveis, não só nesta luta. Estava o suficientemente perto como para que sentisse seu pênis pressionando-se contra ela, e desejava que a sentisse. Desejava segurá-la sob seu corpo em uma cama, subjugada por ele. Diante dessa idéia empurrou incontrolavelmente contra o suave traseiro. Sentiu-a tomar um fôlego forçado e pareceu flexionar o corpo contra ele. Animado, acariciou-lhe os mamilos com as pontas dos dedos. Estremeceu.

Lá fora a tormenta açoitava, parecendo que o aguilhoava. Subiu as mãos lhe acariciando o estômago chato, as deslizando por debaixo da camisa e a camiseta, as levantando por cima de seus seios. Voltou a respirar com força, mas não o deteve. Sentiu que tinha curiosidade a respeito do que poderia lhe fazer. E ele também.

Suavemente cavou seus seios cheios com as palmas das mãos, gemendo de prazer. Quando passou os polegares pela ponta, sua respiração se respiração. Tinha mamilos deliciosos, pequenos e de uma cor rosa profundo, que rogavam por ser sugados. Fez-os rodar e os apertou entre os dedos uma e outra vez, até que estiveram tão duros que imaginou que deviam doer. Viu que afrouxavam os dedos e a espada caiu no chão com estrondo.

Essa foi sua permissão. Beijou-lhe o pescoço, empurrando suavemente contra ela. Desejava lhe provocar o que seu toque tinha provocado nele... O despojando de tudo até que já não houve mais pensamentos, somente a necessidade de possuí-la. Desejava fazê-la tremer ainda mais, arrancar gemidos de seus lábios.

Quando levantou as mãos e as levou para trás para deslizar os dedos entre o cabelo, fechou os olhos de felicidade, gemendo, beijando e acariciando.

Ela se congelou justo no instante que um golpe de êxtase disparava dentro dele muito mais intenso que antes... como se o fogo percorresse todas as veias de seu corpo.

Seu sangue havia tocado sua língua.

—Bastian? Acaso... Me mordeu?

Não podia negá-lo. Enquanto a apertava, tremia, e seus olhos giravam nas órbitas. Acidentalmente em seu frenesi, tinha-lhe arranhado o pescoço, tomando uma pequena gota.

Afastou suas mãos, puxando a roupa para pô-la em seu lugar e lutou para liberar-se. Finalmente as arrumou para dizer:

—Não tive a intenção de fazê-lo. Não planejei...

Quando a soltou, voltou-se, adotando a expressão que tinha esperado não voltar a ver outra vez. Ver esse olhar de desencanto nos olhos prateado era pior do que tivesse podido imaginar.

Sua dor foi prontamente superada pela fúria.

—Não tinha nenhum direito! —as portas do balcão se abriram de repente e o rocio do oceano e a chuva entraram em torrentes no quarto. Com o vento lhe atirando do comprido cabelo, gritou:

—Roubou-me algo mais que o sangue!

Agachou-se, e tomou a espada, depois partiu contra ele, atacando-o com a espada. Tirou a sua para bloqueá-la. Fez uma finta com uma estocada direta, depois girou para balançá-la com a mão voltada para seu torso, pondo toda sua força no golpe. Ele a esquivou no último segundo, ou o teria atravessado.

—Sinto muito —disse com a voz rouca, e a deixou.

De retorno em seu castelo, afundou-se na cama, e ficou olhando o teto. Tinha tomado seu sangue, a menor das gotas, e o sabor tinha dado um prazer tão profundo que sabia que o tinha mudado para sempre.

Preferia não conhecer exatamente o que nunca voltaria a ter.

Kaderin tinha razão... era mais que simplesmente sangue. Mas por que pensava isso? Que mais lhe tinha roubado?

Tinha sido um acidente, mas quantas vezes poderia usar isso como desculpa? De qualquer forma, com intenção ou sem ela, raramente se podia apagar uma ofensa. Isso sabia.

Tinha-a tomado diretamente da carne. Um verdadeiro vampiro. Recordou o que Murdoch lhe havia dito:

— Há perigosos efeitos secundários ao beber da fonte. Poderia te tornar malvado.

— E então poderia estar em perigo de perder minha alma? — zombou Sebastian.

Se tivesse seguido esse caminho para si mesmo, já não poderia abster-se...

Enquanto analisava essa noite, passaram as horas. Recordou cada palavra, cada olhar, lutando para entender o que tinha acontecido.

Quando finalmente caiu em um sono leve, Sebastian sonhou com uma terra estrangeira, alagada de chuva.

O sol brilhava Através do dilúvio, essa luz intensamente brilhante que se encontrava nas terras do norte. Kaderin estava ali, piscando sob a chuva. Viu tudo através de seus olhos, e soube que tinha acontecido muito tempo atrás.

Ela e outras de sua espécie estavam tentando dormir na terra nua de uma colina. Somente em um pendente, o lodo e a água correriam para baixo e não as empapariam mais do necessário. Usavam armaduras, peitilhos de ouro batido.

Dormia de costas, a armadura amolgada de Kaderin afundava nas costelas e dormia de lado, na parte inferior dos seios. As formigas andavam lentamente debaixo do metal, picando-a inexoravelmente, e a areia apanhada dentro, raspava-lhe a pele como uma lixa. Tentava ignorar o desconforto... Sua equipe não tinha dormido em sete dias, e precisavam do sol como sentinela contra os vampiros com os que brigavam cada noite.

Quando mudou de posição ficando de lado, o barro a sugou, dificultando o movimento.

— Juro solenemente diante os deuses — disse Kaderin em uma linguagem estranha, puxando armadura —, que se sairmos com vida disto, nunca mais dormirei tão rodeada.

Não deveria entender a linguagem, que soava como uma mistura de escandinavo antigo com inglês antigo, mas o fazia.

— Economize seus juramentos, Kaderin — disse uma jovem mulher sorridente que estava a seu lado e que se parecia com Kaderin.

— Todas sabemos que não sairemos com vida desta.

— O seu redor se ouviu muitas risadas. Kaderin também riu... porque era provável que fosse certo.

E que mais podia fazer com o conhecimento de que sua morte era iminente?

O sonho mudou para a batalha real que tinham estado esperando. Sebastian tinha estado em numerosas batalhas, mas nunca tinha visto algo tão espantoso como isto. Em uma noite que brilhava com os relâmpagos, o metal soava contra o metal. Os gritos e os trovões eram ensurdecadores. Ao redor de Kaderin, havia vampiros esfaqueados e valquírias decapitadas que pela idade que aparentavam pareciam meninas.

Kaderin lutava com três de uma vez e não podia se livrar deles, quando bem a seu lado, um vampiro levantou o pequeno corpo de uma valquíria e o baixou com força sobre

seu joelho, lhe quebrando as costas. Kaderin estava o suficientemente perto para ouvir os ossos quebrando-se, mas não pôde ir em sua ajuda.

Pela extremidade do olho, viu a cabeça do vampiro descer sobre o pescoço da menina, depois torcê-lo como uma besta para lhe arrancar a parte dianteira da garganta. Justo quando a espada de Kaderin cortava um de seus oponentes, o vampiro ajoelhado levantou a cabeça para sorrir a Kaderin com carne ainda na boca e sangue derramando-se de seus lábios...

Sebastian despertou sobressaltado. Olhou ao seu redor confuso, de não encontrar-se nesse campo de batalha. O sonho tinha sido muito real. Tinha ouvido o coração dela trovejando nos ouvidos, e experimentou sua fúria tão claramente como havia sentido o sangue quente da jugular seccionada do vampiro orvalhá-la. Tinha metido nos olhos lhe nublando a vista.

Como podia sonhar estas coisas com tanta clareza? E se isso realmente tinha acontecido? Recordou o comentário que tinha feito mais cedo, essa mesma noite:

—Roubou-me mais que o sangue!

Isto é o que deveria se referir. Os sonhos eram reais. Não entendia como podia ser possível, mas tinha experimentado... suas lembranças.

Sua falta de humanidade, e sua “história” com os vampiros, a que tinha mencionado Riora, acabava de esclarecer-se. Porque de alguma forma podia vê-lo. Passou os dedos pelo cabelo. A armadura e as armas dessa batalha eram antiguidades.

—E o que acontece se te digo que na realidade sou muito velha? — tinha perguntado.

Devia ter mais de mil anos.

E Sebastian temia que sua vida tivesse sido uma série de batalhas como a do sonho. Por que lhe daria uma oportunidade se acreditava que podia se transformar em um desses demônios?

Depois de ter provado seu sangue, transformaria-se em um?

Capítulo 19

O vampiro se manteve afastado durante dois dias, a partir de então voltava cada noite.

Durante a semana passada, rastreava Kaderin, ajudando-a em não importava que tarefa se comprometeu ou tomando assento em qualquer quarto do hotel onde ficou durante a noite. Se saía ao sol ou viajava de avião, desaparecia passando o dia quem sabe onde ou como.

Embora destrambelhasse dele, ignorava-a. Nada podia o impedir de voltar uma e outra vez e não havia nada que pudesse fazer sobre isso.

Mas tinha que admitir que estava menos estressada quando estava a seu redor. Tinha a um corpulento guerreiro seguindo-a e vigiando-a secretamente cada noite, assegurando-se que nada a atacasse.

Em seu primeiro conflito com vários combatentes, havia desenbaído a espada e estrategicamente a tinha colocado contra a parede. No segundo conflito, inconscientemente a tinha apoiado e ele se deu pressa em indicar como lutavam um ao lado do outro.

Sanguessuga arrogante.

Sempre que estava perto, estudava-o, tentando revelar algum indício de que a considerasse de maneira diferente depois de ter provado seu sangue. Kaderin sabia o que acontecia quando um vampiro bebia diretamente da carne. O sangue possivelmente poderia dar suas lembranças a Sebastian. Isto poderia fazê-lo atacar os outros para ter mais. A breve simpatia que havia sentido a noite que se inteirou de que se viu forçado a converter-se em um vampiro se evaporou quando tinha tomado seu sangue. Tinha pensado que tinha sido por acaso? Sim, mas não trocava o fato de que tinha acontecido. Acreditava que em parte era responsável? Sim, tinha-lhe permitido beijar o pescoço e se castigaria por isso diariamente.

Mas isto não significava que continuasse estando ao seu redor quando sua mera presença a fazia ser irrefletida, estava agitada, inclusive ocasionalmente...indecente.

Até agora seu jogo não a tinha afetado muito. Cada um deles tinha ganho quarenta pontos, bastante facilmente, mas até então não tinham encontrado a Bowen, quem poderia não ver com bons olhos sua crescente conta.

De fato, tinha tido notícias de Regin de que o lykae tinha tirado a maior parte de quão competidores tinham ido contra ele. Em uma simples tarefa, dois dos demônios, a bruxa jovem e os elfos caçadores tinham desaparecido, comentava-se que tinham sido de algum modo encarcerados.

Bowen não tinha sido desqualificado, pelo que não podiam estar mortos, mas a competição estava perdida para eles.

Kaderin também tinha ouvido que Mariketa tinha conseguido jogar rapidamente uma maldição a Bowen, uma das piores para um imortal. Se fosse verdade, então Bowen estaria regenerando suas feridas.

Kaderin sabia que enfrentaria Bowen logo, e quando o fizesse, bateria primeiro. Por agora, tinha que concentrar-se. Tão somente não podia acostumar-se a que a cuidasse Sebastian, não podia acostumar-se a que a cuidasse enquanto dormia.

Uma noite despertou, piscando para ele.

—Por que segue voltando tão somente para sentar ao meu lado na cama?

Parecendo surpreso pela pergunta, respondeu-lhe com uma voz grave:

—Isto é... uma satisfação para mim. Acho-o muito profundo.

Antes de girar-se para o outro lado, tinha estudado seu rosto, tentando entendê-lo, mas tão somente a convenceu de que não o faria nunca.

Então, passada a noite, teve outro pesadelo. Parecia que a estavam acoossando, como compensação por sua eternidade de noites sem sonhos.

Definitivamente não podia acostumar-se a estar envolta em seus quentes e fortes braços para acalmá-la, lhe acariciando as costas, retumbando contra seu cabelo.

—Shh, Katja.

Embora Kaderin não soubesse, Sebastian basicamente se instalou em sua residência de Londres, já que ela nunca ia ali, preferindo dormir em seu avião ou em hotéis.

Tomar banho em seu apartamento era o mais conveniente e tinha outras vantagens sobre a água de neve não derretida. Sebastian desfrutava dormindo em sua cama, imaginando-a ali com ele.

Não longe, abaixo na rua, havia uma livraria e um açougueiro e ambos estavam abertos de noite. Por não mencionar que o apartamento tinha uma geladeira, o qual era a conveniência em si mesmo e mandos a distancia. Coisas formosas. Realmente desfrutava deste novo tempo no qual agora se inundou. Inclusive o Lore em geral crescia sobre ele, porque este era seu mundo.

Cada entardecer localizava-a. Um par de noites tinha-a encontrado adormecida com sua espada. Como em alguma ocasião, dormia de maneira irregular, como com dor. Outras noites, apanhava-a aproximando-se de algum prêmio. Se metia em problemas, desceria em picado mantendo-se a um passo adiante dela, então voltaria e tomaria para si mesmo, simplesmente então o outro não poderia o ter.

Seria paciente. Esta união, como se supunha, era para toda a eternidade, deduziu que seu noivado seria longo. Não era um homem paciente, mas poderia fazer o que fosse necessário para conseguir o que queria.

Perguntando-se com o que se encontraria esta noite, localizou-a, chegando até outro quarto de hotel. Mas não estava na cama, tampouco a ouviu na ducha.

As portas do balcão estavam abertas, deixando passar um vale iluminado por uma meia lua. Cruzou-as e a encontrou inconsciente. Caída de bruços, um braço estirado para a espada, que estava coberta de barro e sangue. Levantou-a com cautela, mas gemeu pela dor. Ele compreendeu com uma quebra de onda de fúria o que acabava de acontecer.

Maldição, o que tinha este prêmio? Por que continuava se arriscando por isso? Tinha-lhe pedido repetidamente, seguro ao expressar sua opinião sobre a chave.

—Por que o quer de qualquer maneira? —tinha perguntado—. A chave não fará o que supõe. Então é somente ganhar a competição? Por ego ou para a posteridade?

—Posteridade? —tinha respondido com uma arqueada sobrelanceira—. Pensa no sentido da origem ou a notoriedade depois da morte? Por que nenhuma das duas coisas está próxima.

Agora estremeceu, desejando poder lhe tirar sua dor. Quando molhou o pano e a limpou, ela gemeu outra vez. Escuras contusões, matizadas, danificavam sua pele por toda parte. Apertou os dentes com cólera, vestiu-a com sua camisa e a colocou sobre a cama, sentando-se ao seu lado em uma cadeira do quarto.

Encontrou se sentindo como se já estivessem casados. Não sabia se era um sintoma do sangue, mas se encontrava pensando nela como em uma esposa, uma que o desprezava, não compartilhava sua cama e o que era pior, não permitia protegê-la.

E ele continuava sonhando com ela cada noite, estranhos, vívidos sonhos. Em muitos sonhos, Kaderin falava em uma velha língua que não conhecia, mas que entendia. Ouvia seus pensamentos, sentia seus medos. Uma vez tinha sonhado que ela estava em um campo de batalha, distraidamente marcando as cabeças dos vampiros que tinha

matado esculpindo uma X com uma espada como procurando sua próxima luta. Agora sabia que os marcava para voltar atrás de suas presas mais tarde.

Em outras de suas lembranças recolhia informação sobre a Horda, é mais instintivamente sabia que nunca se uniria a seu número. Desde que tinha tomado o sangue de Kaderin de seu corpo, nunca tinha experimentado o imperceptível impulso de beber de outro. Tinha estado ao redor de pessoas depois e nunca tinha pensado nisso.

Perto da alvorada, quando viu que ela dormia profundamente, finalmente dormiu. Rapidamente se inundou em uma cena de seu passado.

Podia distinguir pela roupa de Kaderin que estava no princípios do século dezenove. Ia rapidamente atrás de uma fêmea de cabelo negro chamada Furie, sua metade valquíria, metade rainha fúria. Furie estava de caminho para ir combater contra o rei das Hordas, por que uma valquíria chamada Nix lhe havia dito que este era seu destino.

—Nix me disse que tem a intenção de lutar contra Demestriu —disse Kaderin atrás

— Mas tudo o que sabe é que não retornará. Quero ir com você e me assegurar que o faz.

Furie se virou. Em geral, parecia-se com o tipo delicado de Kaderin constituída com os traços tipo fey, mas Furie tinha as presas mais proeminentes e garras. Seus olhos eram assombrosos, com toques escuros ao redor da íris de uma cor violeta vivo. Não poderia ter passado como humana como podia Kaderin.

—Não o pode sentir, menina.

—disse Furie.

— Como vai me ajudar? Não o pode sentir?

Sim, ele tinha sonhado a profunda experiência de Kaderin, arrancando a dor, mas não tinha durado muito tempo. Uma manhã despertou... mudada.

—Me faça fria —disse Kaderin com calma.— Me faz bem.

Algo como o afeto podia ter brilhado tenuamente nos misteriosos olhos de Furie. Então disse:

—Estou predestinada a ir sozinha.

—Troca o destino. —Kaderin sabia que consideraria suas palavras blasfêmias. A valquíria não acreditava na mudança. Para elas, tudo acontecia por uma razão.

—perdeu suas crenças por suas emoções? —a cólera de Furie crescia. Kaderin podia senti-lo como os animais sentiam as tormentas, mas não a dissuadia.

—Só uma covarde tentaria evitar seu destino. Recorda isto, Kaderin. —Seguiu seu caminho.

—Não, vou com você —insistiu Kaderin, apressando-se a seu lado.

Furie se virou e inclinou a cabeça bruscamente.

—Permaneça aqui —agarrou o pulso de Kaderin, retorcendo seu braço para trás— e para me assegurar de que recorda o que te disse... —com um puxão brutal quebrou seu braço, o braço da espada. Então a liberou.

Kaderin tropeçou retornando para enfrentá-la, mas a palma da mão de Furie lhe golpeou o peito. Algo mais se quebrou. Kaderin voou uma dúzia de metros para trás, a força com que a golpeou a deixou inconsciente antes que tocasse o chão.

Ele nunca conseguiu ver como lhe tinha chegado a dor, ou como se recuperou, por que surgiu outra cena.

As botas de Kaderin sapateavam enquanto corria a toda velocidade pelos becos brumosos posteriores. As colônias de gralhas que atravessava estavam cheias de seres do Lore, seus olhos olhavam fixamente fora da névoa. Estava em Londres do século dezoito.

Levava a espada bem atada com uma correia sobre o ombro e os magros grillhões estavam colocados às costas em seu cinturão. Rastreamos a dois vampiros, irmãos, e seus ouvidos se crisparam quando os sentiu. Tirou a espada, mas eles eram tão rápidos que de repente a rodearam. Alguém lhe deu um esmagador golpe na cabeça por trás, o outro a golpeou na têmpora, o que quase lhe obscureceu a visão completamente. Uma armadilha.

Deixaram que tropeçasse afastando-a para um maldito bloco. Brincando com ela.

Cansada. Somente quero me sentar, pensava aturdida. Somente durante um segundo. Finalmente se derrubou, caindo de costas.

Os vampiros retornaram um segurando-a por baixo, o outro com a espada sobre seu pescoço. E ela não sentiu nem um tiquinho de medo. Enquanto se inclinavam sobre ela, seus olhos se fizeram mais evidentes. A sua fraca visão. Olhos vermelhos, sujos, fazendo que afastasse a vista. Não, não sentia medo, nem repulsão, tão somente nada.

Outro vampiro se materializou, provavelmente querendo ver a transcendental matança. A atenção dos irmãos se afastou durante um instante. Era tudo o que precisava. Antes, tinha perdido terreno com os grillhões. Sem advertência, tirou-os de repente e com um tapa juntou seus pulsos. Lutaram para se liberar, mas de algum modo o metal os segurou apesar de sua óbvia força. Tentaram partir em diferentes direções e não puderam.

Enquanto se levantava, o terceiro vampiro escapou. Ela inclinou a cabeça por volta dos dois e murmurou:

— Eu disse que os mataria — então deixou que seu instinto tomasse o controle...

Ele despertou de um salto com o som de seu grito, o mais ruidoso que alguma vez tivesse ouvido e teve que segurar os ouvidos com as mãos. Quando as janelas começavam a quebrar, ele investiu sobre ela e pôs uma mão sobre a boca. Seus dedos se estenderam, tentando lhe arrancar o coração, mas ele agarrou seu pulso com a mão livre.

O olhava fixamente, mas parecia não vê-lo, o rosto pálido iluminada por uma série de simples relâmpagos do exterior. Atirou de seus braços até que finalmente deixou de lutar. Mas então começou suavemente a chorar. Com a mão aberta pressionou sobre um lado a cabeça para seu peito.

Enquanto se inclinava para trás na cadeira com ela em seu colo, os sonhos lhe chegaram rapidamente. Durante anos, Kaderin não havia sentido?

E agora claramente o fazia.

Não era assombroso que tivesse estado tão confusa na manhã que se encontraram. Não entendia como podia lhe haver acontecido isto, mas tinha experimentado sua carência de emoções. Não podia imaginar quão difícil devia ser as recuperar.

— Me fez sentir — tinha gritado aquela primeira manhã.

Realmente tinha tido algo que ver com isto?

Seus ombros tremeram e molhou a camisa com lágrimas e isto o matava.

— Moça valente — murmurou contra seu cabelo —. Está a salvo.

Não era estranho que fora tão cruel. Tinha tido que sobreviver.

—Não tem que ser assim nunca mais.

Eventualmente sua respiração se fez mais rápida e ligeira como se faziam quando ela dormia.

Tinha começado a reconhecer que embora fosse perfeita na superfície, sua Noiva estava ferida, que tinha cicatrizes interiores e agora sabia o por que.

E só havia visto algumas noites de sua vida.

Sabia que temia cada hora que fizesse como os que tinham brincado com ela no asqueroso beco traseiro e trataram grosseiramente a seu jovem exército de valquírias. Temia ver seus olhos tornando-se vermelhos.

Quando lhe agarrou firmemente a camisa em seu sonho, ofegante, acariciou-lhe com o nariz o peito, a compreensão o golpeou bruscamente. Ficou olhando fixamente sobre sua cabeça para o vale de abaixo, e de repente soube que se propunha estar aqui neste momento, consolá-la e protegê-la.

Todas as decisões que tinha feito para dirigir sua vida, e todas as opções que tinha tomado, tinham conspirado para trazer-lhe seus anos aparentemente infinitos no castelo, embora tivesse estado sozinho e cansado, tinham sido um digno sacrifício para em última instância tê-la.

Sebastian se tinha proposto chamá-la de sua. No bom e no mau. Tinha sido jogo para ele e ele para ela.

Amanhã, Sebastian enfrentaria a Nikolai outra vez. Não podia negar mais que a decisão de Nikolai por ele tinha estado predestinada.

Capítulo 20

Cova dos Alfavacas, As Queixadas, Argentina

Dia 10

Prêmio: Dois ovos de Alfavaca

Valor: Treze pontos

O rangido de escamas flexionando-se e o assobiar de uma língua bífida soavam por trás de Kaderin, ressonando por toda parte no sistema de covas.

Com a espada embainhada nas costas, corria velozmente, sua visão noturna levando de uma câmara a outra. Havia coberto cada polegada desta colméia de túneis cavados na rocha sólida na Antigüidade.

Mas tinha sido incapaz de assinalar a posição exata das três bestas que tinha ouvido mover-se aqui embaixo. Tampouco tinha sido capaz de encontrar os ovos ou uma saída alternativa.

Cada túnel tinha uma câmara alta com um teto alto a seu término. Nas câmaras havia velhos ninhos de alfavaca, um dragão gigante escalando com as presas gotejantes do tamanho de seus antebraços e uma cauda mortal, flexível com músculo.

Tinha comprovado cada ninho de ovos, mas não tinha encontrado nenhum. Havia outro sistema de covas na montanha, um ravina, onde deviam estar os prêmios. As únicas coisas que tinha encontrado aqui eram os antigos restos de sacrifícios humanos femininos e mais recentes de arqueólogos de uma desgraçada variedade.

O nome da área, As Queixadas, significava “os ossos maxilares”. Muitos pensavam que esta região levava o nome dos bandidos que estavam acostumados a correr geralmente por estes vales, quem roia os ossos maxilares das vacas. Ou tinham assumido o nome referindo-se aos abundantes fósseis de dinossauro que tinham descoberto aqui.

Nada era correto. O alfavaca jovem matava rasgando com as mandíbulas as cabeças daqueles sacrifícios humanos.

Os arqueólogos que cavaram aqui não entenderam que nem todos os dinossauros estavam encaixados na rocha. Explorariam, mais e mais profundamente, então uma equipe seria devorada e o governo diria que se perderam em uma repentina inundação...

Não mais escama flexionando-se. Silêncio. Na calma, os ouvidos de Kaderin se esticaram, detectando ruído de passos correndo, rápidos mas fortes pelo peso. Bowen. Tinha que ser ele.

Sabia que teriam um enfrentamento e tinha suspeitado que o alto valor dos pontos desta tarefa poderiam atraí-lo. Mas ela também tinha sido avara com esses pontos, e estavam os dois ovos. Ah, mas isso fazia as coisas mais interessantes. Cindey estava sobre sua pista aqui também. Kaderin tinha visto seu Jipe alugado em São Luis, a cidade mais próxima, justo antes dela mesma tivesse saído.

Um repentino tremor em todo o túnel. Um alfavaca estava zangado e preparado para matar, assinalando sua fúria quando golpeava com a cauda fortemente contra as paredes do túnel. Cada golpe produzia a queda de rochas, forçando Kaderin a que corresse por elas, saltando, esquivando, movendo os pés sobre os antigos ossos.

Embora os alfavacas fossem temíveis, moviam-se devagar em sua colméia e sabia que podia matar um, talvez dois, de uma vez. Mas não queria, sentia afinidade com os monstros.

Kaderin mesma era uma advertência na hora de deitar-se, para uma jovem criatura no Lore. “Coma sua comida ou Kaderin a Fria se moverá por debaixo de sua cama para te roubar a cabeça”.

De volta para a entrada, ela corria passando pelas paredes como fantasmas pinturas rupestres até que chegou à união dos três caminhos no caminho de entrada. O sol brilhando bem-vindo, iluminando ali um tipo diferente de pinturas rupestres. Antes de ser selado dentro cada vítima sacrificada tinham dado um cano cheio de algum tipo de pintura. Colocaria a mão contra a parede, fazendo voar a pintura ao seu redor, deixando o contorno. O rastro da mão era o único monumento que alguma vez receberia. Havia milhares delas...

Kaderin divisou Bowen em frente dela.

Uma confrontação. O tempo pareceu parar. Tinha tirado a metade dos competidores e todos eram dos mais fortes exceto Lucindeya, Kaderin e Sebastian. Sabia que procuraria remediar isto com ela agora mesmo.

Seus olhos brilharam na escuridão tal como fizera sua expressão estava cheia de ameaças. Um corte irregular lhe danificava o rosto e não mostrava nenhum sinal de regeneração. O esgotamento parecia lhe pesar sobre os ombros. A maldição da bruxa. Isto era de verdade.

Sua cabeça se moveu bruscamente para a direita, na direção de sua única via de escape.

Quando começou a correr para a entrada, reconheceu imediatamente que tentava encarcerá-la igual aos outros. Pinçou com os dedos dos pés no cascalho, disparada para diante em um ataque concentrado.

Era rápida para uma valquíria, mas maldição pegou-a ali. No sol uma vez mais, ele jogou uma olhada por cima. Seria capaz de escapar antes que pudesse derrubar as rochas, seria capaz de...

Lançando um cruel sorriso satisfeito, ele pinçou no bolso dos jeans. O temor se instalou sobre ela. Tirou fora o colar de diamantes. Ela não se incomodou em treinar-se contra isso...

Isso brilhou com o sol do deserto, irradiando agudos pontos azuis e brancos de luz. Revelaria minha fraqueza, a entregaria. Fascinante luz, aparentemente infinita.

Lançou-o em sua direção. Só tocá-lo... Quando estava no ar, seu olhar bloqueou sobre isso, seguindo-o para baixo até que conseguiu que seus pés se liberassem do cascalho. Congelou, paralisada, caindo sobre os joelhos como se rezasse pelo sensacional colar. Algo assim tão fino não podia ser abandonado na imundície. Não isto. Recolheu-o com ambas as mãos, percorrendo as pedras amorosamente com os polegares.

Podia ouvir Bowen esforçando-se para sair, amaldiçoando em gaélico, podia ouvir suas unhas raspando as rochas as desalojando. Mas não podia afastar os olhos.

Não antes que a cova estivesse as escuras com uma série de ensurdecidores estrondos e o brilho cessasse.

Naquela manhã, Sebastian tinha deixado a Kaderin dormindo placidamente. Depois, como sempre, tinha retornado ao apartamento para tomar banho e beber.

Enquanto se vestia, refletiu sobre que não tinha feito nenhum progresso perceptível com Kaderin ao longo da semana passada. Sem nenhuma outra razão, precisava ir a Blachmount por que tinha ignorado um mau recurso necessitado, seu irmão estava casado com uma valquíria. A qual era parente de sangue de Kaderin. Pensou que a informação estava ali para usá-la.

Uma vez que teve obrigado a beber o sangue, riscou-se ao escritório com venezianas de Nikolai, encontrando-o lendo atentamente os jornais. Embora pelo geral era muito reservado, Nikolai não se incomodou em ocultar seu prazer ante a chegada de Sebastian.

Rapidamente ficou em pé e lhe disse.

—Sente-se. Por favor.

Sebastian se sentou onde lhe tinha indicado, mas ter retornado outra vez aqui fez que fizesse um nó nos ombros, esticando-os.

—Ouvimos que entrou no Hie —disse Nikolai, sentando-se em seu próprio assento uma vez mais.

— O primeiro vampiro que o conseguiu. Assombrou-nos o bastante.

Sebastian deu de ombros.

—Myst olha o computador cada dia e comprova os resultados. Tem uma meio-irmã na competição. É sua Noiva?

—Sim —admitiu ele—. Kaderin.

—Myst me disse que Kaderin é como o expressou? “Magnífica perto do grau de incomum” E uma lutadora incondicional.

—Com tom otimista, Nikolai lhe perguntou—: A ama?

—Não. Mas reconheço que é minha. E me proponho protegê-la.

—É suficiente. O resto virá com o tempo —disse Nikolai.

— Nos perguntamos que te fez decidir representar a Riora.

Sebastian deu de ombros.

—Não me ponho do lado de ninguém. Foi uma aposta.

—Poderia haver-lhe dito a Forbearers ou ao rei Kristoff.

Sebastian sentiu que sua expressão se esticava. O rei Kristoff. Sebastian nunca tinha sido capaz de entender como Nikolai, tendo morrido nas mãos russas, depois, no mesmo campo de batalha banhado em sangue, jurou lealdade a Kristoff, que era russo, vampiro ou não.

—Era só uma observação. O convite de que se unas a nós sempre está aberto —acrescentou Nikolai—. Cada vez que mato um vampiro de olhos vermelhos, me alegro de fazê-lo.

—Encontrou-os? —perguntou Sebastian.

—Estamos em guerra contra eles. Ganhamos no momento. —Nikolai brincava com seus dedos.

— Sebastian, sempre respeitei sua inteligência. Daríamos-lhe a bem-vinda ao conselho com muito prazer. Depois do Hie, naturalmente.

Depois de experimentar os sonhos de Kaderin, brigando contra as Hordas começava a ter uma atenção diferente, mas Sebastian planejava levar a Kaderin a algum lugar afastado das constantes guerras e a morte. Os passados mil anos podiam ter sido horrorosos, mas maldito fosse se permitia que os próximos mil fossem. Simplesmente disse:

—Não planeje minha participação.

Nikolai assentiu com a cabeça, mas Sebastian sabia que distava disso.

—Sobre esta competição e o rumoreado premio —começou Nikolai.

— Pensa usá-lo para salvar a nossa família?

Certamente, Sebastian o tinha feito. Inclusive depois de todo este tempo, a culpa era implacável. Quando tinha sido chamado para proteger a sua família, tinha falhado cinco vezes sucessivas.

—Não acredito que funcione —disse Sebastian—. Mas se com isto de algum modo pudesse desfazer o passado....

Não era razoável culpar-se, não era lógico, mas parecia que não podia parar. Conrad tinha sentido o mesmo, ao menos, antes de ter perdido a mente.

A aristocrática cultura de Sebastian tinha sido exposta para reverenciar o militar e a luta. Mas o destino tinha dado um inimigo invisível inclinado a apagar a sua família, para o que não havia nenhuma defesa, nenhuma batalha. Tinha tido que sentar, olhando com impotência, como tudo o que amava morria.

Sebastian tinha sido o irmão favorito de quatro irmãs mais jovens. Tinha sido o suficientemente maior para ser seu pai e estava essencialmente mais preocupado que seu próprio pai. Com cada uma de suas pequenas crises, tinham acudido a Sebastian. Tinha arrancado lascas e secado lágrimas. Tinha-lhes ensinado ciência e astronomia.

Quando caíram doentes e suas jovens mentes compreenderam que em realidade podiam estar morrendo, tinham-lhe olhado para que o arrumasse.

E pareceram desconcertadas quando não pôde. Como se, em vez disso, não quisesse.

—Não pode entrar no passado para mudar o futuro —disse Sebastian distraidamente.

—Não sem criar o caos. —Parte dele queria acreditar na chave mesmo que isto voasse fazendo frente à razão, embora a deusa não tinha evidências de que aquela viagem no tempo fossem possíveis.

Mas se Sebastian se permitia acreditar que poderia recuperar a sua família e depois as esperanças eram decepcionantes... Não podia pensar em que poderia perdê-los duas vezes. Até o dia de hoje, não podia recordar a noite em que tinham morrido. Vendo o desespero em seus olhos e depois, quando Conrad e ele, caíram, para escutar seus gritos apenas perceptíveis, aterrorizados.

Tanto Conrad como ele tinham querido morrer aquela noite com sua família. O país parecia um desastre, sacudido pelas pragas e a fome. Acabados. Tinha lutado, fizeram todo o possível. Deveriam lhes haver permitido morrer.

E suas irmãs? Tinha sido tão delicadas e boas como os quatro irmãos maiores tinham sido escuros e ferozes, teriam passado fome antes de provar voluntariamente o sangue. Nem sequer poderiam havê-lo contemplado.

—Por que tentou transformar as garotas? —perguntou Sebastian. Não havia cólera em seu tom, por que agora estava estável e racional. Queria ouvir o raciocínio de Nikolai. Queria, pela primeira vez, entendê-lo.

—Tive que fazê-lo —disse Nikolai entre dentes, apartando o olhar, mas não antes de que Sebastian visse em seus olhos algo escuro vacilante—. Pensei nelas morrendo tão jovens, me atormentando.

—Podiam ter sido congeladas em uma perpétua infância, nunca voltariam a ver o sol outra vez.

Nikolai o enfrentou.

—Não sabemos se tivessem chegado até a idade adulta, como os naturais imortais o fazem. Era possível.

—E nosso pai? —perguntou Sebastian. Seu pai tinha tido muitas vontade de reunir-se com sua esposa desde o dia que tinha morrido de parto onze anos antes.

A expressão do Nikolai se tornou cansada.

—Nunca fui tão nobre como você, Sebastian. A sobrevivência e a vida são os que reverencio. Poderiam haver sobrevivido, o resto é secundário. E depois de tudo, vejo que ainda discrepamos sobre esse tema.

Sebastian ficou em pé para partir.

—Fazemos-lo.

Nikolai também ficou em pé.

—Pensa na ordem, Sebastian.

Sebastian supôs que deveria conseguir isto pelo caminho.

—Não posso me unir a sua ordem —se encolheu despreocupadamente.— Realmente não me contive, por assim dizê-lo. Provei o sangue da carne.

Capítulo 21

Com a maldição funcionando, Kaderin tinha estado impossibilitada para mover-se, atacar a Bowen e escapar, somente queria contemplar as facetas e luzes das pedras. Inclusive agora, enquanto as acariciava, seu coração ansiava as ver brilhar outra vez.

O grito dos alfavacas, úmidos rugidos faziam que se sacudisse a si mesma. As bestas estavam a milhas por debaixo, longe da brilhante entrada, mas subindo por volta dali agora. Não tinham nenhuma pressa, embora provavelmente pensassem que Kaderin era um sacrifício encerrado.

Com uma trêmula exalação, obrigou-se a atirar o colar, depois se animou e inspecionou a difícil situação. O bastardo tinha feito um fino trabalho levantando a barricada na entrada.

Inclusive com sua força, não podia mover as rochas. Correu para elas, as beirando, as empurrando com o ombro. Nada. Não podia usar a espada. Não era grossa e pesada como Sebastian. Teria que cavar.

Calculou que perderia as unhas com cada quatro centímetros que cavava na rocha. Voltariam a crescer dentro de umas horas. O diâmetro da rocha superior era ao menos de sessenta centímetros.

Ergo... vamos fazer matemática... estou fodida.

Pior, a escuridão da câmara tinha começado a curvar da maneira que alguém se sentia quando lhe agüentavam um poderoso malefício. Deu uma risada amarga. Agora era oficialmente uma valquíria assassina desumana que se assustava com a escuridão.

As aparições que tinha nunca saíam movendo-se lentamente, encontrava que os alfavacas eram do tipo simpático e podia ser lançada em uma jaula com mil demônios contagiosos e não piscaria enquanto a jaula não fosse sombria e opressiva.

Se tinha ação, não fazia caso a seu medo, mas estar tão só sentada sem nada que fazer as contemplando...

Tinha duas alternativas. Podia esperar o vampiro, esperando que ele não fizesse caso a sua última furiosa demanda de que a deixasse sozinha. Mas embora viesse ao resgate,

não seria capaz de levá-la aonde tinha que ir que era a uns meros metros além destas rochas. Apostava que Sebastian não tinha visitado nenhuma entrada de cova argentina.

Além disso, quanto tempo poderia esperá-lo para que a salvasse? Cedo ou tarde, os alfavacas fariam seu caminho para a superfície.

Sua segunda alternativa era começar a cavar. Estas rochas são a única coisa que há entre o prêmio e eu. Caiu de joelhos uma vez mais e cravou suas unhas na rocha. Dois centímetros mais abaixo perderam as primeiras, então as outras. Maldição, isto era em vão. Um esforço desperdiçado em um lugar escuro e asqueroso.

Estava a ponto de perder aqueles treze pontos.

O pó da rocha fez que seus olhos chorassem. Sim, o pó da rocha a fez lacrimejar...

—Bem, bem —disse uma ressonante voz atrás dela—. Vou apostar que se sente feliz de me ver agora mesmo.

Sebastian. Kaderin virou. Embora o espaço fosse negro como a boca do lobo, sabia que ele podia vê-la perfeitamente, por que estudava sua expressão. Então o olhar dele caiu sobre suas unhas antes que as movesse com cuidado para trás das costas. Não havia esconderijo pelo que se sentiu sacudida.

—Deformando as unhas grátis, Kaderin? —Caminhou a grandes passos para ela e a ajudou a ficar em pé.

— Quanto tempo tem apanhada aqui?

Ela limpou os joelhos.

—Umas duas horas.

—Como aconteceu isto?

—Bowen derrubou as rochas quando estava dentro.

—MacRieve? —Sebastian apertou os punhos. —O matarei por isso.

Ela se encolheu.

—Promete-o? Porque isso eliminaria dois competidores.

—Está ainda perto? —Sebastian estreitou os olhos, claramente esperando poder enfrentá-lo agora.

Ela negou com a cabeça.

—Terá recolhido seu ovo e se foi faz muito tempo. Fez o que começou a fazer comigo e está preparado para eliminar vários dos demônios e todos os videntes da competição completamente. Qualquer com quem se enfrentou está fora.

—Como?

—Tudo o que sabemos é que os encerrou em algum lugar.

—E sobre a bruxa jovem? —perguntou Sebastian.

— Certamente MacRieve não teria feito mal à moça.

—Conseguiu Mariketa também, mas conseguiu amaldiçoá-lo primeiro —disse Kaderin—. Parece enfraquecer e que suas feridas não se regeneram. —Sacudiu o queixo em direção a Sebastian.

— Bowen virá depois atrás de você. Desde ontem, estava vinculada para ir diante dele...

—Como era de esperar...

—E também vinculada com você. Tentará nos tirar um a um.

—Tenho vontade de enfrentar ele. Com gosto o matarei por te pender aqui.

Sua resposta foi outro encolhimento. Sebastian se calou e ela soube que estava esperando que pedisse que a tirasse. Ela desenhrou no cascalho com a ponteira de sua bota.

—Maldição, me peça que te tire daqui — gritou ele.

—Não.

—Preferiria apodrecer aqui?

—Estava progredindo — disse.

—Fêmea obstinada. É impossível que admita que está aliviada de que esteja aqui? O que posso salvar seu posto agora mesmo?

—Não —disse simplesmente. E não se explicou, fazendo que a olhasse como se quisesse estrangulá-la.

Tinha que assumir que Bowen tinha recolhido o prêmio na seguinte ravina, mas Cindey poderia ser golpeada. Se Kaderin saía daqui logo.

—Muito bem, deixarei-te com seus avanços. —girou-se para riscar-se e ela se apressou para frente, lhe tocando o braço.

—Olhe, não quero ser levada a seu pátio traseiro. O prêmio deve estar no final do seguinte sistema de covas e isto é justo cruzando a ravina. —Cruzou para as rochas e empurrou com frustração—. Tenho que estar bem do outro lado e sei que não pode me levar até ali.

—por que assume que não estive ali antes?

Ela elevou o lábio e fez girar os olhos.

—Visita Frequentemente As Queixadas, Sebastian? —ante seu olhar sem expressão, acrescentou —: a Argentina.

—Não, não posso te riscar até ali. Mas... —estudou as grandes rochas redondas, então empurrou contra uma até que começou a mover-se.

Quando ela ofegou, parou.

—Parece que poderia te liberar, depois de tudo.

Ela o tocou no peito.

—Quanto poderia custar que conseguisse terminar de movê-la?

—O que está oferecendo? —perguntou ele, sua voz mais áspera.

—Dinheiro? Aceitaria dinheiro para as empurrar para nos liberar?

—Tenho muito de minha propriedade. Mais que suficiente para os dois.

Ela franziu o cenho por isso.

—Então, o que é o que quer?

—Quero... —passou a mão pelo rosto—. Te tocar. Não aqui, mas esta noite...

—Não vai acontecer —cruzou os braços sobre o peito e seu olhar aterrissou em sua úmida fenda. Como aquela noite na costa, via-se como se considerasse lançá-la sobre o ombro e a levar de retorno a sua cama.

— Desejaria que meus seios deixassem de olhar fixamente a seus olhos.

Moveu a cabeça bruscamente e teve que esclarecê-la garganta para pigarrear.

—Me beije. Me beije e te liberarei.

—A última vez que passou me golpeou e poderia voltar a fazê-lo. —Beijar a Sebastian sempre conduzia a mais. A última vez tinha conduzido a que tomasse seu sangue.

E provavelmente suas lembranças.

—Nunca te mordi. Roci sua pele. Acidentalmente.

—Então me diga que não deseja fazê-lo outra vez.

—Não —exalou pesadamente— posso. O prazer foi muito intenso para ignorá-lo.

Ela se sobressaltou por sua honestidade e não se incomodou em disfarçar esse fato.

—Então com certeza que a mesma situação passaria outra vez.

—Juraria que não.

—A não ser que, certamente, isto acontecesse —dobrou os dedos fazendo aspas no ar— acidentalmente. Já que eventualmente posso cavar o caminho para minha liberdade, esse beijo não parece merecer o risco.

Ele negou, resignado.

—Muito bem. Podemos nos sentar aqui até que nos fossilizemos. Posso ser tão obstinado como você, Noiva.

—Então, vai esperar comigo? —perguntou ela—. Não terá um problema perdendo o prêmio?

—Não tenho nenhum interesse em ganhar esta competição.

—Já sabia que só entrou então para que não pudesse te matar.

—Não podia me matar antes que entrasse. Não se perguntou por que destruíste a tantos de minha espécie antes de mim e depois foste incapaz de balançar sua espada para meu pescoço?

—Não sei por que aconteceu —admitiu—. Mas deixei de questioná-lo.

—por que não me deixará ganhar esta competição para você? Essa é a única razão pela que entrei.

—Não há ninguém que queria salvar do passado, nenhum ser amado? —perguntou ela, notando que uma sombra atravessava seus olhos. A quem tinha perdido?—. Uma esposa defunta, talvez?

—É bem consciente de que não acredito que essa chave funcione.

Não tinha respondido a sua pergunta. Tinha sido casado?

—por que está tão seguro?

—As viagens no tempo são impossíveis —respondeu em um tom que tinha zero de dúvida.

E a esposa?

—Também te aposto que acreditava que o vampirismo era impossível, antes de despertar com um desejo marcado pelo sangue.

—Não, minha cultura era supersticiosa até a medula. Inclusive com meu histórico científico, a crença chegou para mim mais facilmente do que tinha pensado. Além disso, isto não é impossível segundo as leis da natureza.

—E quanto à esposa?

—De qualquer modo, nunca estive casado.

Ela se maravilhou de não o tivesse estado e que estava contente de algum modo por este fato.

—Na sua idade? —perguntou, sentando-se—. Devia ter uns trinta.

—Trinta e um. Mas tinha vivido de frente da batalha desde os dezenove anos. Não havia nenhum caminho para mim para ter uma mulher própria.

—Mas agora se sente preparado?

Como se oferecesse a ela um voto procurou seus olhos quando disse com voz cavernosa a palavra:

—Sim.

Os dedos dos pés dobraram dentro das botas de montanha.

—E você, Kaderin? Finalmente me dirá por que tem tanto interesse em ganhar isto? —afastou o olhar quando perguntou—: Procura recuperar um marido?

Quando ela não respondeu, ele se voltou.

Depois de um momento, a contra gosto negou com a cabeça.

—Nunca estive casada. —Nunca lhe contaria a verdadeira motivação, não havia nenhuma razão para isso, mas tampouco deixaria pensar que lutava duramente por um marido perdido ou um amante.

—Minha aquelarre e as fúrias têm feito a grande honra de me escolher para esta competição. Não lhes falharei. —encolheu-se e acrescentou francamente:

— E simplesmente quero derrotar a cada um.

—Então, tudo isto é sobre o orgulho e o ego?

Ela pôs um tom aborrecido quando perguntou:

—Não são motivos o suficientemente bons?

—Não acredito. Há mais na vida que ganhar esta competição.

—Estou de acordo. Também matar vampiros. Essas duas coisas dão propósito a minha vida.

Ele não disse nada em resposta a seu comentário, somente a olhou inescrutavelmente. Ela sabia que desaprovava suas prioridades e o modo em que vivia sua vida, mas naquele olhar, começou a suspeitar que também a compadecia. Inclinou a cabeça.

—Me diga, então, como previa nossa vida juntos?

—Poderíamos ver o mundo. Reconstruir o castelo, iniciar uma família.

Uma família? Se Sebastian e ela tivessem filhos poderiam parecer-se com sua pequena sobrinha meio vampiro, Emmaline. Kaderin tremeu por dentro.

—Vivo em Nova Orleans, compito e Mato vampiros. Pensa que deixaria tudo? —recolheu os joelhos contra o peito.

—Quer que aja como as mulheres que conhecia e isso nunca acontecerá.

—Não, realmente não quero que aja como as mulheres que conhecia —disse tão veemente que ficou estupefata.

— E não tenho nenhuma preferência aonde viveríamos. Iria a qualquer parte onde fosse feliz. Matando vampiros? Bem. O Hie? Também é aceitável, se estiver ali com você.

—Aceitável. —Estava brincando?—. Quanto mais te conheço, mais compreendo que seja um vampiro é sozinho uma parte de por que me é indiferente.

Aceitável? Assim que se ouviu dizer, inclusive antes que seus olhos brilhassem intermitentemente, soube que talvez não era a melhor palavra que usar com uma filha de deuses. Um quinto do encanto de seus irmãos.

— Então apresenta os outros motivos pelos que te sou indiferente — disse ele.

— Falar com você é como estar falando com um humano.

Ele respondeu bruscamente.

— Ainda desejo ser humano...

— Mas não é. É um inimigo dos de minha espécie.

— Já lhe disse isso, não por opção. Ou por ato.

— Repugna-me que beba sangue. Vive a existência de um parasita.

Isso também tinha repugnado a ele. O único momento em que não o tinha sido assim foi com o gosto quente e rico dela. Agora se encontrava defendendo o vil ato.

— Consigo o sangue de um açougueiro. É isto diferente de quão humanos conseguem a carne do mesmo? Além disso, qual ser vivo não é um parasita?

— Eu.

— Não come carne? Bebe vinho?

— Não e não. Não ingiro nada.

— Como é isso possível? — perguntou ele, incrédulo, embora o kobold houvesse dito algo assim aquela noite no Pólo.

— É pela maneira em que fui manipulada — respondeu ela em um tom que esclarecia que não diria mais sobre o tema.

Maldição, teria que voltar para Blachmount e perguntar a Nikolai sobre isto.

— Manipulada? Como desenhada?

Ela estreitou os olhos.

— Não me vejo como se tivesse sido manipulada? Olha-me e pensa, obviamente é um acidente da natureza?

— Não — disse, compreendendo que a tinha insultado uma vez mais de nenhum modo. Só...

— Nossas espécies vão à guerra. Sabia isto? Uma guerra como nunca se imaginou...

— Sim, o Acord — disse em tom depreciativo.

— Isto é apenas algo que ondear na distância.

— Meu irmão me disse que colocaria isto como um obstáculo entre nós. Assegurou-me que o Forbearers se aliaria com as valquírias. — Quando começou a discutir, cortou-a:

— Tanto se as valquírias quiserem como se não.

Ela apertou os lábios.

— Parece ter uma vontade de ferro — disse finalmente—. Por que não usa essa vontade para se liberar desta compulsão por sua fraca e desenhada Noiva?

— por que empregar tempo e esforço em tentar te esquecer quando poderia empregar esse mesmo tempo e esforço te ganhando ?

— Por que ganhar é impossível. Outra opção não pode ser.

— Tenho que tentá-lo. — Não havia nenhum modo de replantar isto.

— Te quero. Em minha vida.

Ela tocou no queixo.

—E “em minha vida” significa claramente “em minha cama”.

—Não negarei que quero ambos — tinha degustado sua paixão e não descansaria até havê-la reclamado.

— Constantemente penso em como seria tomar.

O rubor alagou suas bochechas, e mordiscou o lábio inferior. Esse hábito dela nunca falhava em o encantar.

—Mas você não me ama mais do que eu te amo.

—Não, não o faço — admitiu. Ela o fascinava, frustrava-o. E cada hora desde que tinha tomado seu sangue, necessitava-a, mas até ele entendia que não era amor.

Ela fez girar os olhos.

—Uma indireta, Sebastian? Se lhe fizer a corte a uma mulher, podia fazer uma pausa de um segundo antes de declarar que não a ama. Talvez atuar como se tivesse considerado a possibilidade. Ou poderia mentir. Ou encobri-lo predizendo que o fará no futuro.

—Não mentirei. E sobre o amor? Uniões foram construídas com muito menos do que temos. Temos a paixão. Atração. Respeito.

—Adula a si mesmo — disse ela, examinando-as unhas quebradas.

—E uma coisa posso te prometer. Os próximos mil anos não serão nada como os passados. Não enquanto eu viva.

Elevou o olhar.

—O que significa isso? — perguntou em tom moderado.

—Sei o de sua....bênção. Não senti emoções durante um milênio.

Diante das palavras, seu rosto empalideceu.

—Sabe por que aconteceu isto?

Sua voz tinha tremido?

—Não. Nem como aconteceu. Só que despertou uma manhã e não havia absolutamente nada.

Ela espetou:

—Não se atreva a dizê-lo assim! Como se estivesse em falta.

—Kaderin, não pôde sentir por carecer.

—Assume que é necessário sentir para arrumar ou que não queria, de qualquer modo?

—Não, eu....

—Sabe pelo meu sangue, não é? — quando ele assentiu, disse:

— Porque deu uma olhadinha em meu sangue, tem minhas lembranças. Adorável. Quanto viu?

—Vi antigas batalhas, caças e os brilhos aleatórios de uma conversa, como Riora te contando sobre a folha do místico cego. —Tinha-a visto atacada por dúzias de kobolds, depois derrotando-os, então olhar atentamente para baixo para encontrar que a parte média da panturrilha tinha desaparecido. Não era estranho que tivesse tirado o kobold da Antártida. E tinha rastreado seu prêmio.

—Agora entende por que me enfureci? Pode conhecer meus pensamentos secretos. E feitos. Viu-me com outros homens?

—Não e meu irmão me disse que não o farei por que é minha Noiva — disse ele.

— Viu por que minhas emoções retornaram?

Ele se passou os dedos pelo cabelo.

— Acredito que tenho algo que ver com isso. Disse algo como isso na primeira manhã.

— Falei precipitadamente — diante de seu olhar, acrescentou.

— Foi uma coincidência.

— Talvez poderia acreditar que a oportuna coincidência era não ser minha Noiva.

— Então, calcula que despertei fisicamente e você despertou emocionalmente? — perguntou em tom de mofa. — Chá para dois?

— Sim. Precisamente.

— Inclusive se fosse verdade, isto não significa que tenhamos um futuro juntos. Não sou o que necessita e só te faria miserável. Isso posso prometer. Além disso, se te aceitasse como meu, minha família me condenaria ao ostracismo. Evitariam-me.

— Myst a Cobiçada parece não se preocupar por isso.

Kaderin inclinou a cabeça, então a levantou mais.

— Do que está falando?

— A esposa de meu irmão, Myst.

Ela disparou os pés.

— Myst pode ter a moral de um gato guia de ruas, mas inclusive ela não os desafiaria casando-se com uma sanguessuga.

— Não sabe nada sobre isto? — franziu o cenho —. Estão casados algum tempo.

Kaderin ia chutar o traseiro brilhante de Regin com dureza....

Myst tinha casado com... um vampiro! Kaderin pôs a testa entre o polegar e o dedo indicador.

— Seu irmão, é o general Forbearer que a liberou da prisão da Horda. Wroth. Nikolai Wroth. Sabia que ela não estava por cima dele!

— Sim. Se encontrou com ele? — perguntou Sebastian.

— Ouvi sobre ele. — E agora todo se fazia mais claro. Compreendeu que tinha ouvido de Sebastian também. Os quatro irmãos estonianos. Senhores da Guerra tão ferozes e inflexíveis como quando humanos tinham chamado a atenção do Lore.

Tinham sido ferozes e inflexíveis defendendo a sua gente.

Ele estudou sua expressão.

— Perguntou-me se estas notícias ajudam a minha causa ou me fazem mal?

— Eu... não sei.... nada. — Já não mais. Então os Forbearers estavam jogando limpo? Não, Dasha e Rika nunca apoiariam sua aceitação ao vampiro.

— Então somente me diga uma coisa, Kaderin. Alguma vez pensa em mim quando estou longe?

Mentiria. Poderia ter ela um assunto? Da espécie mais ilícita? Tão somente para desfrutar de seu sensível corpo durante uma noite?

A notícia de Myst era insólito, casada com um! E Myst era tão pagã como ela! Kaderin duvidava seriamente que o general Nikolai Wroth tivesse estado de acordo em casar-se conforme o paganismo ortodoxo.

Uma obrigação como o casamento era um trato enorme para uma valquíria e para os imortais em geral. Até que a morte nos separe tomava um novo significado quando ambas as partes potencialmente podiam viver para sempre.

Não, Kaderin não podia ter um assunto. Não quando era a Noiva de Sebastian. Por que ele nunca aceitaria só isto e ela nunca poderia lhe dar mais.

—Pensar em você? Sebastian sou uma pessoa ocupada. Não passo muito tempo com a introspecção. Como permitir isto para você?

—E o que significa?

—Parece que tudo o que fez durante três séculos foi pensar.

Ele estava furioso, como ela tinha planejado.

—Não sabe nada...

Um rugido apareceu a sua esquerda, sacudindo a cova. E depois, a sua direita, o outro respondia. Em algum lugar até mais longe na distância, um terceiro chamou.

aproximavam-se, reunindo-se.

Aqui.

Capítulo 22

Kaderin saltou para frente, beirando entre a sujeira.

Um beijo rápido selou o trato. Conseguiria mover as rochas. Agarrou-lhe a atônito rosto, pressionando então seus lábios aos dele.

Rápido. Conseguiria o que desejava. Pára de pensar!

—Vai! beijei-o —disse, soando sem fôlego—. Agora, move as malditas rochas.

Suas mãos caíram com força no traseiro dela, forçando-a contra sua dura franga. Quando não pôde evitar um gemido, ele elevou uma mão e a agarrou pela nuca, derrubando-a. Tomou a boca dela na sua, deslizando a língua entre seus lábios, movendo-a contra a sua.

A mão em seu traseiro se moveu entre suas pernas, cavando-a firmemente. Deu um grito assustada contra os lábios dele, e antes que pudesse se deter, seu joelho se elevou rapidamente para lhe permitir um melhor acesso.

Ele gemeu, tocando-a e amassando-a ali com sua grande palma, sua boca inclinando-se contra a dela uma e outra vez. Seus beijos eram desesperados, tentando-a antes do escuro beijo.

Estavam rodando na sujeira frente ao perigo, ambos suarentos, o punho da espada lhe cravava o quadril, e ela não tinha suficiente de seu sabor.

Ele a girou, tal como a teve naquela manhã em seu castelo. Nesse instante, desejava-o tanto como o tinha feito então.

—Me deixa louco, Katja —disse com voz rouca—. Não posso pensar em nada que não seja você.

Ele rodou sobre seu flanco, a mão segurando as dela sobre sua cabeça. Inclinou-se para depositar um beijo com a boca aberta na clavícula. Enquanto sua outra mão descia para a cintura de suas calcinhas, disse-lhe ao ouvido:

—Diga o que pensa de mim.

Ela poderia ter murmurado o que pensava dele enquanto deslizava aquela perturbadora mão por seu ventre. Estava tremendo de antecipação por tocar sua carne? Começou a afrouxar o laço de suas calcinhas, ele soltou suas mãos... Mas não o deteve. Não, o estava permitindo.

Só o justo, pensou delirantemente, já que estou colocando minha mão em suas calças. Com seu primeiro toque, ela gemeu. Ele voltou a cabeça e gritou, corcoveando em seu punho. Tão quente, tão liso e duro. Ela manuseou a fenda em um círculo molhado.

Quando a olhou outra vez, os olhos dele estavam negros de necessidade.

—Temos que parar isto — sussurrou ela inclusive enquanto movia seu punho sobre ele —. Essas bestas...

—São convenientemente terríficos, sem dúvida — deixou um beijo breve e quente em sua boca, depois se encontrou de novo com seus olhos.

—Apreciaria muito se... Continuasse me acariciando.

Fez-o. Sua mão parecia pregada em seu pênis, adorando-a quando pulsava e se sacudia em sua palma. Mas inclusive quando ele parecia estar perdendo o controle, tomou seu tempo com ela, atormentando seu ventre, baixando depois para seu sexo. Queria paixão, um alívio rápido, mas lhe dava a impressão de que isto era muito importante para ele... Que queria saborear cada segundo.

Justo quando estava a ponto de colocar a mão dentro de suas calcinhas, ficou imóvel, a palma descansando sob seu ventre. Ela se moveu para cima para conseguir que sua mão baixasse.

—Quieta — murmurou. Sacudiu sua cabeça com força como se a clareasse. Ela se arqueou debaixo dele e olhou para trás.

A cinqüenta jardas de distância, os fendidos olhos tinham o tamanho de duas bolas verdes de futebol na escuridão.

Ele exalou.

—Vi sincronizações melhores.

—Tem um dom para a subestimação —O que tinha aquilo de divertido? Estava em uma sufocante caverna com agressivos dragões a ponto de resfolegar sobre eles e com os grandes polegares de um vampiro trabalhando dentro dela.

—E não parece adequadamente aterrorizado.

Sua luta para evitar sorrir terminou quando ele disse:

—Sinto muito, Noiva. Tenho que te riscar daqui.

Tirou as mãos das calças dele e as dele das suas, depois se afastou.

—Posso lutar com eles enquanto você empurra as rochas —em pé, abotoou de novo as calças, depois desenbaudou a espada.

O alfavaca maior se aproximou lentamente, sem dúvida acreditando tê-los apanhados. Os alfavacas tinha um andar de pato que eram completamente enganosos, uma vantagem biológica que servia para fazer mais dócil à presa. O túnel não era o

bastante amplo para que passasse mais de um, mas quando se metessem na câmara, poderiam carregar contra eles ao mesmo tempo.

Sebastian ficou também em pé.

—Assim não é como isto funciona.

—Merda te beije! Se me meter em problemas, então pode me riscar, mas tira agora mesmo as rochas. Ou rompe nosso acordo.

—Então, por outro beijo... Mais tarde. Precisamos acabar o que começamos aqui...

—Está me freando?

Evidentemente, ele não entendeu a palavra.

—Você quer sair, assim estará de acordo em fazê-lo em algum lugar escuro uma hora depois de que tenha conseguido esse prêmio.

Quem era este novo vampiro desumano?

—Bem —disse muito zangada—. Tem um trato. —Estou mentindo como uma velhaca—. Agora move o traseiro e te ponha em marcha.

Com outro movimento de cabeça, ele se levantou, inspecionou a lenta mas constante progressão do alfavaca e depois assinalou para as rochas.

Deveria ter se preparado para a batalha, procurando o ponto fraco do alfavaca entre suas escamas vermelhas. E ainda com toda a mente saturada pelo desejo quão único podia pensar era como se viam os deliciosos músculos de seu musculoso traseiro, inchando-se pela tensão, ameaçando rasgar sua camisa. Queria espremê-los, rasgá-los, lambê-los.

Deveria estar preocupada com a sereia, pela competição, ou, bem, pelos dragões?

A besta lentamente os abandonava, e pôde distinguir os olhos de uma segunda que dava uma olhada bem trás desta. Logo que afastassem as rochas, atacariam.

Ela lançava dúbios olhares sobre seu ombro. Regin tinha perguntado qual era seu tipo de macho. Enquanto ele girava para empurrá-la com as costas, mostrando seus cinzelados músculos sob a camisa empapada de suor, Kaderin admitiu para si mesma.

Ao parecer lhe atraíam os vampiros com o cabelo negro e olhar sério do tipo terrivelmente magníficos. Com cicatrizes e mãos rudes. Mordeu o lábio inferior. E se continuasse olhando fixamente seu poderoso e esculpido corpo, corria perigo de sofrer um orgasmo espontâneo.

—Noiva, nunca pensei que diria isto, mas deve se concentrar.

A forma em que o estava olhando, com suas pequenas presas pressionando contra seu inchado lábio inferior, com um brilho prateado nos olhos, estava o deixando louco.

—Dê..desde que ande logo —voltou para frente.

—Tenho isto sob controle.

Ela lhe deu uma última olhada, e murmurou uma maldição.

—Olha, o momento em que as rochas caírem estes três atacarão. Rápido. Tem que encontrá-lo imediatamente.

—Parecem lentos.

Sem se voltar, ela disse:

—Querem parecer lento. Você segue-os, e eu me lanço, Certo?

—Perseguirão-o para fora?

—Não são capazes de ver muito bem de dia.

—As rochas estão a ponto de desabar — gritou ele—. Volta.

A luz do sol o pegou como um tiro. Por sorte, era entrado o dia. Ele se jogou, abandonando o local para saltar pelo buraco. Ela saltou para fora. Mas os alfavacas correram com uma velocidade espetacular, os três alcançaram a câmara e saltaram com as garras de fora.

O maior se estatelou contra as rochas atrás dela. Pó e escombros explodiram no ar. Sebastian não podia vê-la, somente ouvia mandíbulas estalando, então a divisou enquanto as esquivava. As faces se fecharam de repente sobre sua cabeça.

Sebastian se lançou por ela ao sol, tragando um grito de dor, agarrando seu tornozelo. Justo quando os riscava, ela chutou seu rosto e correu para longe. Antes que pudesse parar, ele desapareceu sem ela, então se enviou na metade da luta. Ainda meio traçado, mal podia ver na luz. Queimava-lhe a pele como se tivessem salpicado de ácido. O alfavaca tinha desaparecido? Kaderin estava nas pontas dos pés na borda da rocha, arqueando as costas para não cair. Antes que ele pudesse agarrá-la, endireitou-se, saltando ao longo da borda. O teria enganado com a queda?

O mais pequeno e o outro estavam arriscando-se fora, piscando e assobiando na luz. Esquivou os golpes das garras para saltar para a escuridão, para o outro extremo da caverna, então lhes gritou.

No momento em que saltaram atrás para o túnel, deixou-se cair sobre suas costas debaixo do maior e empurrou sua espada no ventre. Um golpe de morte, posto entre escamas tão grandes como pratos. Estripado. Tirou a espada, saindo do caminho. Com um úmido rugido, este se lançou para trás sobre o pequeno, apanhando-o. Sebastian disparou a seus pés, rematando o último alfavaca. Enquanto subia para escapar, cravando desesperadamente as garras no chão, Sebastian levantou a espada sobre seu pescoço. Congelou-se. Depois, lentamente voltou a cabeça piscando com seus ofendidos olhos para ele. Havia medo neles.

Kaderin provavelmente já o teria matado... E o veria como um fraco se ele não o fazia.

—OH, maldição — murmurou, deixando-o para atrás e olhando para ela.

Maldição, não voltaria mais tarde para liberá-lo.

Depois, ao sol uma vez mais, moveu a cabeça para ambos os lados e tratou de procurá-la enquanto sua pele ameaçava ardendo. A dor era exaustiva. Pela extremidade do olho, descobriu uma cova em cima da ravina. Ali a localizou, fazendo sua melhor meia aparição. Inclusive embora olhava da borda da cova, o sol se refletia até na areia e a rocha, ferindo os já danificados olhos de Sebastian, mas podia agüentá-lo por um minuto, talvez dois, nesta forma.

Espiou à alfavaca maior atirada no fundo do ravina, com a cabeça destroçada contra uma rocha. Kaderin estava ainda naquela saliência. Justo quando Sebastian estava a ponto de lhe gritar por tê-lo, o olhar dela se cravou na ravina. Sua expressão congelou. Uma predadora. Isso era tudo o que sua mente podia fazer para descrevê-la.

Kaderin começou a mover seus braços velozmente, correndo até que chegou a ser uma figura imprecisa. Piscando pela luz, parecia não acreditar em seus olhos quando se lançou na mesma ravina que o dragão.

Riscou-se, explorando a outra saliência, bem a tempo. Diante dele, a vinte metros de distância, a sereia deu um grito de surpresa... Antes que Kaderin aterrissasse sobre suas costas, deixando audivelmente seus pulmões sem fôlego. Kaderin tinha os joelhos cravados nas omoplatas de Lucindeya, com um braço apertado ao redor do seu pescoço.

Justo quando tinha decidido desafiar o sol e ir ajudar Kaderin, Lucindeya lançou uma cotovelada. De qualquer modo, Kaderin se esquivou e ela falhou. Esquivou de qualquer movimento defensivo que pudesse fazer a sereia. Não precisava de ajuda.

Ao redor de Kaderin, o calor das rochas reverberava. Enquanto observava através da neblina compreendeu que se sentia intimidado por ela, pelo poder de seu corpo cheio de graça.

E até mais por sua absoluta crueldade.

Kaderin deu um puxão de cabelo na sereia, girando-a ao redor, ganhando velocidade até que nenhuma parte da mulher tocava chão. Kaderin finalmente liberou seu agarre como se fosse uma bola com os dedos estendidos.

A face do escarpado se esmiúço sob o sangue do corpo destroçado de Lucindeya, as rochas caíram como chumbo sobre suas costas. Kaderin não esperou para vê-la totalmente enterrada, mas sacudiu sua cabeça contra a seguinte montanha. Correu, saltando na saliência da rocha, enterrando suas unhas para aferrar-se, escavando até uma cova alta.

Essa cova no alto, essa escura cova, deveria conter o prêmio. E Sebastian poderia adiantar-se. Apertou a manga contra seu lábio ferido, provando o sabor do sangue onde o tinha chutado.

Kaderin o encontraria depois de tudo. E os termos do acordo tinham mudado.

Capítulo 23

Kaderin ficou perplexa quando entrou na cova, ainda ofegando pelo esforço da subida. Quando sua visão se adaptou, encontrou-se com o vampiro que de maneira despreocupada sacudia o prêmio na palma de sua mão.

A casca do ovo tinha pálidas estrias entrelaçadas de cores a seu redor e era transparentemente frágil.

— Agora vamos fazer as coisas a minha maneira, Kaderin.

Seus olhos o seguiram quando o sacudiu de cima para baixo.

— Só me dê a maldita coisa.

— Nunca teve a intenção de se encontrar comigo. — Olhava-a zangado. O sol tinha queimado os antebraços e um lado do rosto.

— E me deu um chute.

— Um rastro de sangue descia pelo canto de seu lábio inferior.

— Chutei por reflexo. — Era verdade. O alfavaca acabava de quebrar as rochas como se fossem pacotes de amendoins e estava sobre seus calcanhares.

—Para futuras referências, não me agarre o tornozelo quando estou sendo perseguida por coisas com largas línguas preênses.

Não importava o que tivesse acontecido entre ela e Sebastian, não tinha tentado deixá-lo inconsciente para que fosse comida do dragão ou para que se queimasse com o sol, embora...

—Em todo caso, merecia que te golpeasse. Trocou os termos de nosso trato enquanto estava sob pressão! Não foi muito cavalheiresco.

—Sinto-me menos que cavalheiresco com você. —O delicado ovo se balançava na sua palma.

—Pode quebrá-lo. —Ela mal podia respirar.

— É o último. —Aproximando-se mais, inclino a cabeça, ideando alguma forma de poder agarrá-lo.

Algo perigoso brilho em sua expressão.

—Pensa que pode me tirar isso? —desafiou-a.

Ela se congelou, não tinha nenhum desejo de enredar-se com um vampiro para manter o ovo inteiro.

—Mas tem que se apressar —disse desesperadamente.

— Quando Cindey chegar, cantará e o dará a ela.

—Não acredito que se mova durante algum tempo depois do que lhe fez.

—É imortal. Tirará-lhe isso. E me machucou mais no passado. Mas poderia nos alcançar muito em breve. Uma nota pura de seus lábios, e será seu escravo para sempre. — Com esse pensamento, Kaderin inexplicavelmente quis voltar A chutá-lo. Ou realmente uma bom golpe bem colocado. Em sua laringe.

—Se acha que pode me oferecer algum outro trato para conseguir este prêmio...

—Já disse que não dormirei com você. —Uma gota de suor desceu por seu pescoço, logo entre seus seios. Seus olhos cinzas a seguiram avariciosamente, depois ficaram negros. Como uma tormenta de água. Ela tremeu pelo calor.

Inclusive embora seu rosto estivesse queimado de um lado e também suas mãos, sentia-se atraída e mais acordada que antes. Coração frio? Faz tempo. Sangue quente? para sentir tanto. Somente ele podia. E não só com paixão sexual.

Tinha desfrutado ao chutar o traseiro de Cindey, e por alguma razão, tinha gostado que a visse fazê-lo.

—Quero passar uma noite com você, te tocando —disse em voz baixa. —É tudo. Como quero e onde quiser.

Ela arqueou as sobrancelhas.

—Então isso é tudo o que quer de mim? Diz-o agora, mas sei que pensa me seduzir para que faça algo mais.

—Não, não espero que me toque absolutamente. Não espero sexo.

—Um vampiro altruísta. E me fará essas coisas e não reagirá?

Com a mão livre percorreu sua boca.

—Não, acredito que reagirei um pouco. Deixa de preocupar-se por minhas reações. Tem minha palavra. Nada mais. Nada menos.

Ela inclinou sua cabeça.

—E depois consigo o prêmio?

—Quando tiver terminado com o que planejei.

Não gostava como suas palavras a lançavam a um ponto de desejo.

—Poderia quebrar o ovo. Primeiro me dêem isso, isto pareceu diverti-lo pela razão que fosse.

—Não é provável. Vou mantê-lo seguro, sabe que depois o conseguirá. Diferente de você, mantenho minha palavra.

—Não me cravasse os dentes? —disse com o olhar confuso—. Sem dentadas. Ou juro pelos deuses, que te morderei o traseiro e você não gostara .

Isto pareceu diverti-lo pela razão que fosse.

—Não te morderei. Juro-o, embora sempre suspeitei que seria capaz de comprovar o que eu gosto.

Como podia fazê-lo? Como não podia? Pelo prêmio, podia.

Por curiosidade... Devia.

Como seria estar escravizada a seu toque durante toda a noite? Quando o averiguasse conheceria a resposta. Afastou o olhar e resmungou:

—Vôo através do Atlântico esta noite. —ruborizo, imaginando-o com ela na cama do camarote do avião—. Poderia me acompanhar.

Ele parecia duvidoso outra vez.

—Quer que vá com você no avião?

—Se quiser seu pagamento nas próximas vinte e quatro horas.

Caminhou até que estiveram frente a frente.

—Por que não deixa que te risque Através do Atlântico?

—Só pode ir aos lugares nos que estive com antecedência, e com certeza nunca estive aonde vou —respondeu olhando-o fixamente—. Além disso, descansarei enquanto dure o vôo.

Tragou nervosamente quando ele disse:

—Eu não contaria descansando esta tarde.

Horas depois Kaderin caminhava marcando o passo pela cabine do avião. Furiosa por mas coisas das que era capaz de pensar.

Primeiro: Por causa do truque de lykae, estava sendo forçada a esta situação com Sebastian. E tinha deixado os diamantes. Valquíria tola.

Segundo: Duas de suas meias irmãs, suas companheiras de aquelarre, casaram-se, e se inteirou depois do acontecimento. Não desejavam receber seus presentes? Não queriam sua presença em seu casamento? Estava triste?

Terceiro: Como se não bastasse estando nervosa pelo Sebastian e a noite que se aproximava, agora seguia pensando em seu passado. Como em todas as guerras, as valquírias tinham um correspondente no campo que cobria a Guerra do Norte, e aprendeu que os irmãos Wroth eram brutais chefes militares, conhecidos por sua habilidade e ferocidade. Os irmãos compraram a sua gente uma década de liberdade contra uma força que os superava em número.

Surpreendentemente, Sebastian sabia lutar bem.

O mais velho —o marido de Myst— era o mais conhecido, mas Kaderin definitivamente também tinha ouvido falar de Sebastian. Era um professor em estratégia, um oficial ao mando áspero, e um guerreiro desumano.

Hoje tinha conhecido seu lado de oficial autoritário, tinha-o ouvido pelo tom de sua voz. E o modo em que seguiu aquela gota de suor, com olhos tão absortos, que a avisavam que ia ser desumano com ela essa noite.

Chegaria dentro de umas horas, mas aquele fato não a afundou até que disse ao pilotos atrasassem a decolagem de São Luis vinte minutos depois de pôr-do-sol —e que não a incomodassem por nenhuma razão durante a viagem...

Tudo isto era culpa de Bowen. Que infernos foi parar na competição e por que estava tão determinado a ganhar? Parecia-se com ela, era inquebrável. Uma suspeita chegou de repente. Sentando-se marcou o telefone de Emma, esperando pescá-la em Escócia.

—Kaderin! É agradável ter notícias suas! —disse Emma, parecia encantada—. Regin me disse que sentia outra vez. Felicidade, Kiddy-Kad! Deve ser chulo. Tenho tanto que te perguntar, e, ah, ah, contaram-lhe que me casei!

—Escute, caramelo. Felicidade. Emma, eu adoraria contar isso tudo, mas primeiro, que me pode dizer a respeito de um lykae chamado Bowen?

—Claro —disse Emma, depois perguntou:

— por que quer saber?

—Não segue o Hie online?

—Sim, estamos de lua de mel, mas ainda assim...

Mostra um pouco de amor a Kaderin.

Kaderin obteve sua resposta quando ouviu sons de dentes mordendo e tecido rasgado. Emma gritou:

—Lachlain! Ah! Ficar sem roupa!

—Compro-te mais —lhe chegou um grunhido surdo.

Kaderin afirmava que não estava ciumenta de Emma embora só tinha sessenta anos já tinha encontrado um rei magnífico, extremamente rico. Ah, e um que demonstrou que morreria por ela e neste momento lhe arrancava a roupa com suas presas. Emma era toda doçura e encanto e depois de suas provas —e de estar perto da morte— merecia sua nova vida como a rainha de Lachlain.

De qualquer modo, Kaderin suspirou, incapaz de deixar de sentir-se muito velha e muito sozinha. Então recordou que não estaria sozinha muito mais tempo. Tinha um homem que chegaria esta noite... para lhe fazer coisas. Tremeu, depois se sacudiu.

—Emma, sobre o Bowen...

—Ah, Bowen. Claro que o conheço, Kad. É super quente. —ouviu-se um som masculino de descontente, tampando o telefone disse:

— Não tão quente como você!

Então o novo marido de Emma, o homem lobo, era do tipo ciumento? Kaderin girou os olhos

—Sim, Bowen vive torturado, penso que continua. Perdeu sua companheira faz cento e oito anos, e somente procura um modo de reunir-se com ela após.

Kaderin ficou sem fôlego, e se sentou na cama.

—Kaderin, eu... me... tenho que ir. Pode me chamar mais tarde?

—Claro Emma, divirta-se —disse distraidamente, depois desligou. Ao menos agora sabia contra o que estava lutando. Na mente de Bowen, este triunfo igualava a vida de sua companheira. Mas como soube como entrar? Quem era o amigo que o tinha animado a competir?

Sua consternação rapidamente se tornou em irritação. Kaderin marcou ao aquelarre, perguntando por Nix.

Pela primeira vez, Kaderin se considerou afortunada quando Regin respondeu. Não perdeu tempo em cortesias.

—Alguma razão para não me dizer que Myst se casou com um general do exercito Forbearer, mais concretamente com um vampiro?

—Olhe Kit, não quis te distrair de seu trabalho —disse Regin no Grande Hie. E quando descobri, estava seriamente fodida, gritando distraída. Quero dizer, sábia que nunca enlouqueceria por deixá-lo —bom, não de boa vontade— mas pensei que seria prudente postergá-lo por uns dias. Foi minha idéia, não da Myst.

—Poderia ter sido agradável saber desta união em certas situações, Regin. Por exemplo, que aquele vampiro que quase matou na Antártida é agora nosso cunhado!

—De maneira nenhuma! Irmão de Nikolai Wroth? —uma pausa—. Mas que importa? Não podemos matá-lo ainda? Não o haveria dito a ninguém se não tivesse mencionado. O que aconteceu no Pólo Sul, permanece nele.

—Regin, se voltar a me ocultar algo como isto outra vez, aniquilarei-te. Sabe que sou mais forte que você.

—Ah, mas sou ardilosa.

Kaderin exalou.

—Como pode Myst estar segura que não retornaria?

—Não o disse exatamente.

—Então só me deixe falar com Nix.

Um segundo mais tarde, Nix disse em um tom jovial:

—Kiddy-Kad!

—Nix, como é que Bowen MacRieve —um lykae que perdeu a sua companheira— sabia como entrar nesta competição para recuperá-la? Me deixe acrescentar que sei que Bowen assistiu o casamento de Emma, como adivinho que fez você.

—Um, não sei. Boa sorte? —disse Nix. Kaderin podia ver Nix jogando com seu sedoso cabelo negro, tentando parecer inocente. Kaderin recordou que... Às vezes, repetia ações.

—Corte todo o cabelo —disse, em tom enfurecido—. E depois rape-o todos os dias a partir de agora e até que diga que pare.

—De Katie a Sinead? Bem, sou o bastante descarada para levá-lo a cabo...

—Somente faça-o!

—Zangada? Kaderin, como mudou.

—Estou lívida, como bem sabe. Nix, por que me faz isto? Por que contou a Bowen sobre isto? Tinha que saber que lutaria até a morte para trazer de volta a sua companheira.

—Ah, sim, especialmente por que morreu fugindo dele! Isso o estive destruindo lentamente, enlouquecendo-o. Mal come ou dorme e não olhou a outra mulher após.

Kaderin pôs sua testa entre o polegar e o indicador.

—Será imparável. Não vivem para outra coisa.

—Mais imparável que uma valquíria de dois mil anos atormentada por remorsos de consciência? A propósito, continua ganhando. Pensava que os tinha liquidado.

Exalou, esforçando-se por acalmar-se.

—Já que lhe deu a informação, agora me ajude. Por que agora tenho sentimentos?

—Por que é o momento.

—Ah, agora que me explicou isso o vejo claro. —Kaderin girou seus olhos—. Ganharei o Hie?

—Me permita me concentrar. —Cantarolou, e Kaderin quase podia vê-la olhar atentamente ao teto concentrada.

O telefone caiu.

Uma frieza subiu sigilosamente pela espinha de Kaderin justo antes de que os gritos de Nix explodisse.

—Nix! —gritou Kaderin—. Nix, o que aconteceu?

Um minuto mais tarde, Regin tomou o telefone.

—Que demônios lhe disse? —ao fundo, os trovões retumbavam em uma sucessão ensurdecadora como rajadas de canhão. Nix soluçava histericamente.

—Só lhe perguntei se ganharei o Hie! Por quê? O que aconteceu?

—Não sei, nunca a vi assim! Esta branca como um fantasma e dizendo incoerências. Nix —disse Regin—, se acalme, carinho. O que te transtornou?

Kaderin ouviu a voz de Nix, suas desesperadas divagações, mas não podia distinguir as palavras.

—O que diz? —exigiu Kaderin.

—Ah, Kad —sussurrou Regin, todo seu temperamento se foi—. Diz... —Regin tragou audivelmente—. Diz que... Na competição, antes da seguinte lua cheia... Vai.... Morrer.

Morta? Kaderin franziu o cenho pela confusão, retorcendo suas mãos ao redor do telefone. O que se supõe que devia responder? Não pôde imaginar uma resposta mais tola:

—Ah.

Regin, acesa uma vez mais, disse:

—Sai da competição agora!

—Sabe que não ajudaria —murmurou Kaderin.

— Quando vê algo se faz realidade.

—Sim, mas ainda pode enjoar a perdiz.

—Regin, como pode dizer algo assim? —exigiu Kaderin, até sabendo que havia dito uma vez mais ou menos o mesmo. Recordou quando Furie a açoitou tão claramente como se tivesse sido ontem. Por suas próprias palavras descuidadas, Kaderin fazia que lhe rompessem o braço, o crânio e fraturado o esterno.

—Onde esta agora mesmo? Iremos por você, cuidaremos de você na aquelarre.

—Nix poderia estar confusa —ofereceu Kaderin, surpreendida de que seus olhos lacrimejassem.

— Ou sua premonição ser incorreta. —Mas só o disse para benefício de Regin. Kaderin sabia que Nix nunca se enganava. E nunca tinha visto a morte de uma valquíria.

—Nix esta rodando pelo chão. Algo esta acontecendo.

—Ah. —Como a valente Furie, que tinha encontrado seu destino de forma estóica. Kaderin podia aspirar isso .

—Maldição, Kad, me diga onde esta!

—Regin, só os covardes não encontram seu destino. Se devo morrer nesta competição, então de acordo. Levarei-o a seu fim.

—Esta dizendo loucura. Agora mesmo não deveria estar sozinha, com estas notícias.

Inclinou a cabeça, olhando fixamente a janela.

—Eu... Não estarei. —Porque o anoitecer chegaria em duas horas—. Estarei bem, Regin. Chamarei-lhes mais tarde — acrescentou e depois pendurou, desligando o timbre.

Kaderin sabia que nos dias que faltavam para a lua cheia, sua aquelarre tentaria encontrá-la, chamando sem cessar, tentando rastrear seus movimentos por meio de seu telefone e o uso do cartão de crédito, assim como pela rede do Accord. Mas Kaderin conhecia todos os truques, e se não queria que a encontrassem, então não o fariam.

Tremia. O sol seguia ficando, e tinha um vampiro que logo chegaria.

Capítulo 24

—Vestiu-se para mim? —Sebastian tragou visivelmente quando Kaderin ficou em pé a sua chegada.

Fazia um intento de passagem para a entrada, mas depois de percorrê-la com o olhar da cabeça até os dedos dos pés, deu um passo para frente como se o tivessem empurrado. Não havia engano algum na apreciação do apertado suéter negro, a curta saia e as sandálias de salto.

Ela se alegrou quando seu ávido olhar se desviou novamente a seus seios ou talvez ele a tivesse visto tragar.

O vampiro estava inegavelmente excitado.

Era tão grande, que o ponto mais alto do teto do avião de dois metros mal liberava sua altura. usava jeans escuros que destacavam seus estreitos quadris e uma camisa escura que moldava seus músculos. Tudo era de bom gosto e seriamente caro. Seu rosto estava completamente curado, e o comprido cabelo negro umedecia o pescoço pela recente ducha.

Sexy, tinha muita vantagem biológica. Que fêmea esperaria afastá-lo quando ele desejava estar dentro dela?

Quando seus olhos se encontraram tinha um olhar tão voraz, que ela sentiu seus nervos aumentar, notando um intenso rubor que se derramava sobre as maçãs do seu rosto. Ruborizou. Agora o vampiro me fez ruborizar.

—Assim é como me visto geralmente. —depois de tentar nervosamente com trinta combinações de roupa.

—Isso quando não estou lutando, correndo ou subindo.

Ele se adiantou para lhe acariciar o pescoço.

—Ou te jogando de escarpados para apanhar sereias relutantes —disse com meio sorriso.

então seria encantador esta noite? Para pouco depois que tinha sabido que ela era algo seguro, tinha desatado um devastador arsenal de boa aparência e esse tranqüilo e natural encanto.

Ela seria sua essa noite.

Antes que chegasse, sentia-se miserável, tão só e tão, pois bem, tão condenada. Depois de muito procurar em sua alma, Kaderin tinha tomado uma decisão.

Nas jovens e imortais palavras de Regin, ao diabo, se ia morrer, Kaderin teria uma noite de paixão antes da suja sesta. E não podia pensar em estar com ninguém mais que ele, somente por esta noite.

Havia dito que assim era como se vestia geralmente, e era verdade, mas não desejava que ele suspeitasse que se provou todo o conteúdo de sua mala duas vezes. Olhou-se fixamente no espelho, considerando seu aspecto pela primeira vez em anos, perguntando que encontraria atraente nela ou era simplesmente o sangue que o fazia encapricharse? Tinha estado tão inquieta por desejar estar intimamente com um homem depois de tanto tempo, que mal podia fechar as diminutas tiras de suas sandálias.

Triste mas certo, estava agradecida por sua companhia. Se ele não estivesse aqui não poderá fazer nada exceto refletir sobre sua morte, mas agora ele estava com ela e havia algo em seus olhos, um pouco ligeiramente alarmante que a emocionava.

Mordeu o lábio inferior. Me chame Fodida Betty Crocker⁹ por que meu bolo esta bem preparado para o forno.

—É formosa —palavras simples, mas a maneira em que as pronunciou, seus irresistíveis olhos, fizeram-na tremer.

Ela baixou o olhar para si mesma e voltou a elevá-la.

—Não sou muito pequena?

Essa maravilhosa risada de novo. Olhar seu rosto masculinamente esculpido trocar de expressão era um prazer decadente.

—Amo como parece, inclusive enquanto me preocupa te ferir enquanto te toco. — Escutar o timbre de sua voz era simplesmente delicioso. Sabia que não devia desfrutar dessas coisas, mesmo assim não podia evitá-lo.

—Me machucar? —riu ligeiramente—. Perder membros dói, ser cozido em azeite, dói, o que seja que possa me lançar posso tomá-lo, se o desejar.

Aproximou-se, tão quente e terrivelmente masculino, sobre ela. Deuses, cheirava tão bem.

—E que deseja Kaderin?

Sim! Desejava que a beijasse, que lambesse o corpo. Ele, um vampiro. Quando balançou a cabeça sem fôlego, a mão tomou o rosto, arrastando-a para que pudesse tomar seus lábios.

⁹ Famosa marca de úteis e receitas de confeitaria e cozinha no EUA

Seu beijo foi suave ao princípio, embora se poderia dizer que lutava para que fosse assim, então gemeu e ficou desesperado. Essa noite ela compartilhava o sentimento por completo.

As luzes piscaram, finalmente ela se forçou a afastar-se.

— Estamos a ponto de sair. É, uh costume sentar-se.

Ele se deixou cair na poltrona mais próxima, tomando-a pela cintura e arrastando-a para seu colo. Enquanto a acomodava sobre sua rampante ereção, assobiou ao respirar, ela ofegou ao recordar seu tamanho.

Em um torpe intento de conversação perguntou:

— Esteve em um avião antes?

— Não — ele levantou o cabelo do pescoço para colocar um pequeno beijo sobre sua pele nua.

— E duvido que recorde muito do vôo esta vez.

Quando fuçou o pescoço, ela se esticou e afastou.

— Não me morderá?

— Não, prometo — disse —. Sinto o que aconteceu naquela noite.

Enquanto suas incontrolláveis emoções continuavam, espontâneas palavras, surgiram de um nada.

— Sebastian não importa o que aconteça no futuro, quero que saiba, que eu... — baixou o olhar.

— Me alegra que esteja comigo, agora.

Mas ele a pegou pelo queixo e procurou seus olhos. Parecia orgulhoso dela.

— Obrigado por me dizer isto.

— Senti que devia.

— São sentimentos confusos, não é assim? Os meus também, mas poderiam misturar nosso caminho.

Ela não estaria por muito tempo para...

Com isso em mente, deu a volta para colocar-se escarranchado sobre ele. As mãos tremiam quando tomou seu rosto. Inclinou-se para pressionar seus lábios sobre o canto dos seus, sua bochecha e para baixo, no pescoço, depois retornou para acariciar sua boca com o dele. Como antes, o simples contato de seus lábios a deixou sem fôlego. Inclinou a cabeça para aprofundar o beijo, entrando nele, lhe lambendo os lábios, a língua.

Ela recuou para tirar o suéter e depois desabotoar o prendedor do sutiã. Quando o encarou novamente, seu olhar estava encantado sobre seus seios nus, com a boca aberta.

Esse mesmo dia na cova, ela tinha notado que ele não desejava apressar seu encontro. Agora, tinha novamente a idéia que desejava tomar isto com calma, devagar, e a julgar por sua reação, pensava que ela acabava de saltar um passo.

— Katja... Eu — tragou, parecia tentar memorizar a visão. Como se acreditasse que nunca voltaria a ver algo assim novamente.

A dura realidade era que desfrutava do roubo masculino sobre seus seios, desfrutando de sua dolorida expressão quando seus mamilos se endureceram justo em frente de seus olhos.

—Tão adorável —disse, sua voz retumbava dessa maneira tão sexy. Disparando calor através dela para concentrá-lo entre suas pernas. Deuses, ela tinha sentido saudades disso.

Ele colocou suas mãos sobre suas costas e a aproximou para lambe ligeiramente um de seus mamilos. Ela gemeu ante esse pequeno contato inclusive antes que tomasse entre seus lábios. Gemendo ao redor do bico, com língua rápida, chupou com força até que pulsou. Unicamente o soltou para repetir seus cuidados sobre seu outro seio, então parou para olhá-la. Ela teve a louca idéia de que desejava ver o que tinha obtido com seus lábios.

Mas seu fôlego esquentava os molhados bicos, os fazendo doer.

—Por favor Sebastian —murmurou. Se ia tocá-la, necessitava que o fizesse agora

Ele a moveu até que se deitou sobre seu colo, o pescoço contra o braço dele.

—Abre as pernas —disse com voz rouca, empurrando-a até que a saia subiu suficientemente alto para revelar suas calcinhas. Roçou as pontas dos dedos pelo interior da coxa.

Com as pálpebras pesadas, puxou para um lado sua calcinha com uma mão, rodeando com a outra sua cintura e baixando-a para acariciá-la. Resmungou uma maldição estrangeira pelo molhada que se encontrava.

—Por mim —disse com a voz afogada. Não era uma pergunta, mas ela teve a sensação de que desejava que o assegurasse.

—Por você —sussurrou, fazendo-o estremecer-se.

—Isso me agrada. Deveria está-lo, sendo que estou duro por você sempre. —Esfregou-a ao redor de sua umidade, fazendo-a ofegar, parecia fascinado por quão escorregadia estava. Quando deslizou o dedo em seu interior, gemeu do fundo da garganta, e ela se retorceu sentindo o pulsar de seu eixo baixo ela.

—vou beijar te aí —balançou sua mão para cima, cavando mais profundo, enquanto seu polegar acariciava lentamente o clitóris. — Toda a noite.

Ela gritou. Sempre tinha achado esse ato intensamente erótico, e agora o pensamento malvado de um vampiro fazendo-o a fez retorcer.

Quem era aquele dominante, pecaminosamente sexy, homem? Parecia cauteloso, inclusive dúbio ao princípio. Mas não agora. Nunca antes havia se sentido tão bem.

—Bastian necessito...

—Deseja que te beije, Katja?

—Sim! —deslizou os quadris para tomar seu dedo dentro e fora, e ele gemeu contra seu úmido mamilo

Ele contínuo esse agonizante jogo até que se elevaram e as luzes na cabine se debilitaram até obscurecer, exceto pela luz sobre a mesa frente a eles. Levantou-a e suavemente a colocou sobre a mesa, lhe empurrando de costas.

As mãos dele subiram roçando sob sua saia até que pôde engancha os dedos em sua calcinha. Ela se deslizou para ajudá-lo enquanto as tirava.

Empurrou a saia para sua cintura, então se colocou frente a ela no luxuoso assento, na escuridão, enquanto jazia de costas à luz, colocou as palmas sobre suas pernas e gentilmente as separou. Quando esteve descoberta frente a ele, grunhiu:

—É formosa —fazendo a seu sexo contrair-se. Gemeu enquanto continuava olhando-a.

Nunca a tinham olhado assim, nunca havia se sentido tão exposta e vulnerável. E mesmo assim confiava nele com seu corpo. Ao fim, pressionou os lábios contra sua coxa, subindo cada vez mais acima com úmidas lambidas, até que ela tremeu, deslizando os dedos por entre sua espessa cabeleira.

Suspirou abrindo os joelhos e deixando cair as pernas abertas para que ele fizesse o que desejasse.

Capítulo 25

O interior de suas coxas era como a seda. Nada podia ser tão suave Sebastian já se sentia como se fosse explodir e ainda não a tinha provado.

Desejava saborear a experiência, tinha esperado tanto por essa fantasia. Depois da cova, tinha passeado nervosamente por sua casa durante horas. Sabia o que faria com ela essa noite... No que tinha estado pensado uma e outra vez. Mas, poderia agradá-la? Seria capaz de notar que ele nunca o tinha feito antes?

Agora que estava realmente seguro de ter, estava desesperado por saboreá-la pela primeira vez.

Deu-lhe um último beijo na coxa, e então com um grunhido, encontrou sua umidade. Com a boca aberta, esfregou a língua em seu centro, em uma larga e lenta lambida. Quando ela gritou, seu corpo estremeceu de prazer e seu pênis sacudiu nas calças.

— É como mel

Úmida, suave, deliciosa. Por mais de trezentos anos, tinha esperado por isso.

E ela fodidamente o valia. Encorajado por seus gritos, lambeu mais profundamente e sentiu crescer sua umidade contra a língua. Ela gemeu e seus braços se elevaram sobre sua cabeça. Nunca tinha imaginado que seu sexo pudesse ser tão quente, a carne tão disposta. Nunca teria suficiente disto. Nunca. Se ter uma noite com ela o levava a converter-se em vampiro, em troca o sofreria de novo? No que dura um de meus novos batimentos do coração. Quando deu uma forte passada da língua contra o pequeno e inchado clitóris, ela respirou com força e arqueamento repentinamente as costas. Como podia pensar em controlar sua própria reação? Era o único que podia fazer para não tirar seu eixo e empalá-la exatamente como o fazia profundamente com a língua nesse preciso momento.

Mas não havia modo de que renunciasse a este prazer agora. Tinha esperado por muito tempo e estava encantado com este ato. Os sexys saltos dela se cravavam em suas costas, urgindo-o como esporas.

Ela se elevou sobre seus cotovelos para olhá-lo, mordendo o lábio inferior, ofegante, enviando uma descarga de luxúria através dele. Tocou seus próprios seios beliscando-os mamilos como se fosse para ele. Como sabia que estava encantado por seus mamilos rosa e seus suaves e plenos seios? Por que brincava com eles...?

— Bastian — gritou —. Estou tão perto...

Não, ainda não! Deveria havê-la tomado com os dedos, teria durado mais. Poderia havê-la tido com a boca mais tempo. Mas ela jogou a cabeça para trás, arqueando-se com

os mamilos suspensos e bicudos e não pôde evitar lambê-la com loucura. Gemeu quando começou a gozar e fechou os olhos com prazer. Continuou e continuou. Seu corpo ágil se estremeceu contra ele e seus gritos encheram seus ouvidos. Uma vez que terminou, empurrou sua cabeça para fechar os joelhos quando tudo o que ele queria fazer era saborear seu orgasmo. Não, demônios teria mais disto. Devia o ter.

—Não terminei ainda —grunhiu sem reconhecer sua própria voz.

Seus olhos se abriram quando a levantou e carregou até a cama a suas costas, lançando-a. O camarote tinha uma vista de pequenas janelas, todas elas rodeando-os. Podia ver o relâmpago golpear ao fundo. Sebastian estava em um avião —voava de fato— e não podia lhe importar menos.

Quando colocou seu corpo para poder deitar entre suas pernas, ela disse:

—Bastian N-não... não tão cedo.

Empurrou-o quando lhe abriu as pernas uma vez mais, mas ele colocou seus braços aos lados segurando os pulsos para capturá-la no lugar.

—Abre as pernas —ordenou em um tom que a desafiava a negar-se.

Ela o fez com um gemido, sabendo o que viria. Atrasou-se, mas agressivamente, encorajado pela forma em que a tinha feito gozar, como a tinha feito relampejar. Tinha estado preocupado se por acaso era mau para isto. Se por acaso a fazia bocejar de aborrecimento. Mas o tinha posto tão fácil, com seus gemidos e gritos, o deixando saber exatamente quanto gostava de ser beijada.

Quando tinha decidido lhe chupar o clitóris, tinha gemido com abandono, arrastando a cabeça pelo travesseiro, o fazendo empurrar seu pênis contra o colchão agônicamente. As pernas se abriram amplamente em total rendição, e a luz explodiu lá fora, o avião se sacudiu enquanto movia os quadris contra sua espectadora língua.

—Si...sim...sim... —gemeu, ofegando e retorcendo-se. Gritou —com força— quando gozou. E Apesar de que segurava seus pulsos, cravou as unhas nas cobertas.

Devorou-a até que obteve o último gemido dela. Depois beijo suas sedosas coxas onde tinha apertado com força esperando aliviá-la mesmo que ele estava dolorido.

—Bastian —murmurou.

Finalmente se afastou e se levantou para sentar-se, sem tentar esconder seu assombro. Ela parecia compartilhar o sentimento.

—Bem —teve que tragar antes de continuar—, certamente não é frouxo nesse departamento.

Sebastian estava orgulhoso e aliviado. Muito aliviado. Mas agora devia deixá-la. Tinha o pênis tão cheio de semente que não podia ocultá-la. E tinha prometido tão somente tocá-la. Até no remoto caso de que queria fazer o amor com ele. O que tinha feito era sem esperar nada em troca.

—Bastian —ronronou—. Quero te tocar.

Sacudiu a cabeça.

—Disse-te que não podia —mas quando estendeu a suave palma da mão seus quadris se lançaram para frente, aparentemente por vontade própria, para colocar seu pênis á disposição dela.

Para o momento em que tinha juntado a vontade suficiente para negar-se a ela, já tinha tirado os jeans. Em um gemido afogado, ela perguntou:

— Acha que te deixaria partir sem recompensa?

Kaderin segurou seu eixo liberando-o. Seus olhos se abriram ante sua primeira visão.

Deuses, era glorioso. A ponta estava brilhante, o eixo grosso, pulsava e palpitava em sua palma. Olhou para cima para encontrar seu ruborizado rosto, enquanto ele olhava para baixo aonde ela o segurava. Quando capturou seus escuros olhos compreendeu que ele desejava que gostasse do que estavam fazendo. Desejava que o achasse atraente.

— Amo a maneira que me faz sentir — murmurou enquanto colocava os dedos em torno dele, apertando-o com firmeza em seu punho até que ele grunhiu baixo.

— Não poderia deixar de te tocar até se o tentasse.

Puxando ele, moveu-o suavemente baixando-o sobre ela até que estivesse colocado sobre suas mãos e joelhos. Então, acariciando sua longitude, colocou a glândula em seus seios. Ele começou a estremecer, com as pernas tremendo. Esfregou-o contra sua carne, contra um de seus mamilos. Com a outra mão, embalou o pesado saco, massageando-o.

Viu-o apertar a mandíbula e sentiu que se continha de empurrar contra sua palma para terminar.

— Katja... vou gozar.

— Sim! — acariciou-o mais forte e rápido.

— Assim... — resmungou ele.

Pressionou a crista diretamente contra seu dolorido mamilo.

— Ah Deus... — as palavras terminaram em um brutal grito enquanto ejaculava contra ela. Bombeou com punho tremulo ao tocá-lo. O quarto resplandeceu com o relâmpago uma vez mais.

Quando deixou de acariciá-lo, olhou-a como se mal pudesse acreditar o que tinha feito.

— Não esperava... Não o planejei.

Ela se mordeu o lábio inferior.

— Eu sei.

Sem outra palavra, levantou-se, guardando seu membro de novo nas calças. Parecia zangado consigo mesmo. Dirigiu-se ao luxuoso banheiro, depois retornou com uma felpuda toalha ligeiramente umedecida. Quando se sentou ao seu lado, claramente se perguntava qual era o protocolo a seguir. Segurou a toalha com as sobancelhas levantadas, e ela sacudiu a cabeça sufocando um sorriso.

Aproximou a toalha para limpar seus seios com lânguidas carícias, olhando-a com avidez. Exalou um comprido suspiro e murmurou:

— Não posso acreditar que fizesse isto.

Cada uma de suas leves carícias, relaxava-a mais e mais assim lhe lançou um sorriso preguiçoso surpreendendo-o sem dúvida. Hey o que podia dizer? Necessitava-o essa noite e ele a tinha satisfeito A fundo. Inclusive sem ter feito amor.

Kaderin era sexy como o inferno que não fosse muito suave e perito na cama. Tinha escutado a maneira de ser dos homens imortais — não estava enfastiado. Não tinha tentado

ocultar quanto prazer estava sentindo, ou escolher suas palavras, ou minimizar quanto lhe doía.

Ela suspirou, cada músculo de seu corpo relaxado.

— Bastian acredito que esta noite foi maravilhosa.

— Você acha? — gozou sobre seus seios, observando isto acontecer como se estivesse fora de seu corpo. Era algo que pensou que nunca experimentaria em toda a vida. E apesar de que o encontrava difícil de acreditar, ela parecia como se não pudesse estar mais feliz com ele.

Sacudiu a cabeça novamente para esclarecer-lhe depois se levantou para jogar a toalha no banheiro. Quando retornou, recostou-se contra a porta do camarote e a olhou.

Colocou-se de lado e parecia meio adormecida, mas levantou a cabeça para lhe dirigir um sorriso sonolento. E sentiu como se algo mudasse em seu peito, retorcendo-se... doendo.

A elegante saia estava em torno de sua cintura, e uma porção de roupa interior estava enganchada na fivela de uma de suas sandálias. Vê-la assim tão suave e relaxada lhe fez doer o peito de novo. Franzindo o cenho, esfregou a palma da mão contra este.

Quando murmurou seu nome e rodou de costas como se o persuadissem a deitar atrás dela, abriu os olhos. Retornou novamente a sentar-se ao seu lado. Sim, gostaria de dormir com ela. Tirou as botas e passou a camisa sobre a cabeça, levantou-se e fechou todas as cortinas.

Sabia que se tornaria para trás assim que aterrissassem — mas por agora, planejava desfrutar de cada aspecto de estar com sua mulher, incluindo despi-la para dormir.

Liberou-a da roupa interior, tirou-lhe as sandálias, depois desabotoou e removeu a saia. Quando ficou atrás dela, colocando a manta em cima de ambos, poderia ter jurado que ela resmungou algo sobre uma torta.

Depois de encerrá-la entre seus braços, enterrou o rosto em seu cabelo e a apertou. Tinha passado da fome ao festim... sem meios termos. Tinha ido de não ter ninguém ao que chamasse próprio a ter uma fantasia com ela entre seus braços.

Podia ganhá-la. Devia ganhá-la depois dessa noite. Sabia que podia ser um bom marido, um bom pai, mas se perguntava se podia satisfazê-la na cama. Agora se sentia seguro posto que não era tímida a respeito de quanto tinha gostado. Deus, como me deixou saber isso. Sorriu contra ela, bem consciente de que deitavam sobre cobertas despedaçadas.

Ela suspirou, flexionando-se contra ele. Então como se surpreendesse fazendo algo que não devia, esticou-se.

— Esta noite não muda nada, vampiro.

— Diga isso a você mesma valquíria — acariciou o cabelo a um lado, beijando seu pescoço e fazendo-a estremecer —, tanto quanto quiser.

Capítulo 26

—bom dia, Katja.

Ela respondeu algo entre dentes. Quando ele despertou, estava tombada sobre seu peito, ofegando em sonhos. Sorriu, saboreando a sensação. Ela o negaria, mas sua Noiva gostava de dormir com ele. Poderia acostumar-se a este último luxo, cachos loiros sobre seu peito e uma cálida mulher em seus braços, sua para tomá-la. Era-o, depois da última noite?

Tinha dado o maior prazer que tinha experimentado, e também tinha dado uma provocadora insinuação de que mais podia encontrar nela. Apertou-se mais perto. Quando disse algo que não entendeu, afrouxou o agarre.

—Sinto muito.

Soava meio dormida quando perguntou:

—por que está sempre preocupado por me esmagar?

Ele olhou fixamente ao teto.

—Meu tamanho não me foi muito útil com as mulheres —o que era uma descrição insuficiente.

—Fez-o ontem à noite —murmurou ela, bocejando contra ele—. Seu tamanho era um quitabragas¹⁰.

Quitabragas? Colocou-a direito segurando-a pelos ombros, e ela piscou meio adormecida como uma gatinha separando-se de um sofá.

—O que? —murmurou—. É uma utilidade suficientemente boa?

Ele riu entre dentes, pondo-a de costas, usando toda a mão para emoldurar seu rosto contra ele. Como podiam umas poucas palavras bem colocadas começar a desfazer séculos de dúvida?

Ela se disparou acima na cama, os olhos abertos.

—aterrissamos?

—Faz uma hora mais ou menos. Girei a chave de “Não incomodar” e os pilotos saíram.

—Que horas são? —saltou da cama. Nua. Precipitou-se ao banheiro, começando a tomar banho, depois se projetou a sua maneira ao roupeiro. Também muito nua.

Ele olhou o relógio ao lado da cama.

—São seis quarenta aqui. —Onde exatamente era aqui? Tudo o que sabia era que as espetadas da saída do sol através das sombras eram brilhantes.

—Vem um carro às sete!

Ficou cômodo com os braços atrás da cabeça e soube que seu sorriso era uma de pura satisfação masculina. Nunca antes tinha visto uma mulher vestir-se. Nunca queria perder-lo outra vez.

Isto era o que tinha imaginado de como seria ter uma esposa. Vê-la vestir-se, desfrutar das vistas tentadoras de seu formoso corpo. Mas com ela, a realidade era muito melhor.

¹⁰ Nesse contexto refere-se a um estímulo para retirar as calcinhas..

Não tinha previsto, por exemplo, a completa falta de modéstia de sua esposa ou seus malvados jogos de cama. Não tinha imaginado que seus olhos aturdidos poderiam arder com tal absoluto propósito e guia, ou voltar-se prateados pelo desejo.

Enganchou o tornozelo na correia da mala e tropeçou para frente, ficando direita com alguma espécie de graça supernatural. Quando cuspiu uma maldição, riu entre dentes outra vez.

Ela olhou ao redor da porta do banheiro e arqueou uma sobrancelha até que ele levantou as mãos em rendição.

Logo apanhou os ligeiros aromas de seu xampu e o sabão que se misturariam com seu próprio aroma suculento. Quando se imaginou o sabão sobre seu corpo suave, ficou em pé de um salto. Sem esbanjar nem um segundo, tirou os jeans e se riscou á ducha.

Ela gritou com uma olhada a sua ereção, depois olhou para cima com seu rosto ruborizado. Desgraçadamente, já estava esclarecida e pronta, e antes de que a pudesse tocar, saltou fora. assegurou-se uma toalha ao redor do torso e retorceu uma ao redor de seu cabelo, depois saiu do espaço úmido. Ele ouviu armários fechando-se de repente no quarto enquanto se dava pressa.

Não entendia essa obsessiva necessidade de ganhar.

—por que está tão raivosa por este prêmio? —chamou-lhe sob a água—. Te disse centenas de vezes antes, que a chave não funcionará. —Encontrou um sabonete sem abrir que não cheirava feminina e abriu o selo do monograma.

Ela entrou outra vez, ainda com sua toalha, e apertando a massa dentifrícia na escova de dentes rosa. Respondeu enquanto se escovava:

—Fará-o.

Quando terminou de escovar-se e saiu, ele terminou de tomar banho, depois agarrou a última toalha.

Enquanto passava pela porta do banheiro outra vez, atirou-lhe os jeans. Secou-se, colocou as pernas e entrou no vestíbulo, chocando-se com ela.

Deveria havê-lo sabido, em uma área tão pequena. Descuidado...

Sua mão disparou para agarrá-la, mas ela evitou facilmente a queda com um pequeno passo para trás. As mãos voaram para seu peito, logo relaxaram ali, esfregando umas poucas gotas de água. Não lhe deu esse olhar doído. Não, inclinou a cabeça e estudou seu peito, uma diminuta presa pressionou contra o lábio inferior, seus olhos ficaram prateados.

Justo quando ia levá-la de volta à cama, recuou, depois desceu pelo vestíbulo depressa, os quadris oscilando suavemente sob a toalha. Perfeita para mim. De repente, foi completamente respeitoso do destino, dado que tinha sido sangrado com a mulher correta.

Quando esteve fora da vista, a sedosa roupa interior na mala aberta chamou sua atenção. Ajoelhando-se para as examinar, escolheu um sutiã negro diminuto e as calcinhas combinando que não pareciam mais que umas tiras artisticamente colocadas. Ficou em pé e as apertou em seus punhos, gemendo ao recordar afastar sua calcinha a um lado a noite anterior. Estremeceu ao encontrá-la tão molhadas...

Ela apareceu, uma mão no quadril, a outra levantada por sua roupa interior. A contra gosto a entregou. Quando virou e começou a vestir-se sob a toalha, ele disse:

—Sei um pouco a respeito das viagens no tempo. E sei que esta chave não pode funcionar. estudou alguma vez as leis da relatividade geral? —perguntou lentamente, sem se imaginar porque o teria feito. Inclinou a cabeça com cada palavra, o olhar fixo na borda da toalha que revoava. Não precisava se incomodar em orientar-se para um olhar. Ela deixou cair a toalha logo que colocou sua roupa interior, em outras palavras, quando a tira esteve no lugar.

Soltou um fôlego. Outra vez, os pés se arrastaram para evitar que caísse. Esse traseiro vai ser a morte para mim.

—Eu mesma sei algo sobre o tema —disse sobre o ombro enquanto punha o sutiã—. E da metade do século vinte, foi extensamente aceito entre os físicos a possibilidade da viagem no tempo pode ser reconciliada dentro das leis da relatividade geral.

Sebastian juntou as sobrancelhas. Talvez não deveria ter falado com ela tão lentamente. Mas então suas palavras penetraram. A relatividade geral era só um argumento contra a viagem de tempo.

—Inclusive se isso fosse assim, viaje no tempo não é compatível com a lei da conservação de energia. Não pode tirar matéria e energia de uma esfera sem criar um vazio. Tampouco pode tomá-la e forçá-la em outra esfera.

Misericordiosamente, ela se retorceu em suas calças de cintura baixa, embora teve que agachar-se brevemente, com os seios ameaçando derramar para fora. Meio vestida, começou a pentear seu comprido, molhado cabelo. Ele sentou contra a cabeceira uma vez mais e saboreou cada vista.

—Certo. Mas só se achar que toda a matéria e a energia estão interconectadas a uma escala global.

Poderia ser mais sexy que esse momento, escovando o cabelo, discutindo um de seus temas favoritos? De algum modo conseguiu falar.

—Pode ser. Em um sistema fechado, tudo está integrado.

Retorcendo a massa de cachos em um nó na cabeça, despiu esse pescoço elegante do qual não podia manter os lábios afastados.

—A Terra não é um sistema fechado —disse com autoridade absoluta—. Há pontes a outras dimensões, inclusive outras populações como o Lore. Estive em algumas.

O que? Pensou silenciosamente. Cristo acreditava nela a respeito disso. Embora ia contra tudo o que tinha aprendido.

E apenas assim, um das crenças fundamentais de sua vida desabada enquanto um deslize de mulher andava devagar com um sutiã negro de seda.

Sacudido, redobrou seus esforços por concentrar-se. Queria continuar com a conversa. E para ser honesto, queria impressioná-la.

—E o Paradoxo do Avô? O que acontece quando um viajante do tempo tem uma intrusão mecânica-quântica com seu ser do passado ou seus antepassados?

—Que se encontrar a seu próprio avô? Bem, se a gente acreditar nos taquiones...

—Sabe o que um taquión? —quase gritou.

Ela enganchou a camisa nos polegares, preparando-se para colocar enquanto estava sob o tenso tecido, ouviu-a dizer:

—Partícula subatômica. Viaja mais rápido que a velocidade da luz.

Tinha fechado a mandíbula quando ela a pôs.

—Como entende estas coisas? —E como poderia ser este dessangramento tão preciso?

—Meu pai era um deus, e eles tendem a ser tão rápidos como isso. Herdei.

—É obvio. —Não queria que recordasse isso. Riora lhe tinha perguntado se tinha alguma idéia de quão alto apontava com uma como ela. Sim, Riora. Faço-o. Cada dia tinha uma melhor idéia, e o estava matando. Estremeceu—. Os taquiones são hipotéticos. Sua existência ameaçaria as leis da ciência...

—Como o fez a radioatividade? —perguntou em um tom temperado, elevando o olhar dos cordões de suas botas para lhe lançar um sorriso muito agradável.

Ele exalou um fôlego comprido. Ela se referia à época de princípios do século vinte quando os físicos não podiam justificar o fenômeno da radioatividade. Tiveram que ficar confusos, lutando, até que a teoria da mecânica quântica foi proposta.

—Inteligente analogia —disse, impressionado. Tinha-o convencido? Não, havia dúzias de outros argumentos para demonstrar que um não podia voltar para o passado para mudar o futuro. Mas nunca tinha estado tão contente de estar de acordo em não estar de acordo. Morreria se não a beijasse.

Capítulo 27

Sebastian se lançou para ela, agarrando-a pelos braços e tombando-a de costas na cama.

—O que está fazendo? —perguntou Kaderin, sem conseguir soar o suficientemente zangada, não quando tinha estado disposta a fazer isto desde que havia tocado o magnífico e ainda úmido peito.

Depois de ontem à noite, sabia que todo nele era magnífico. Não tinha ignorado seus quentes olhares enquanto se vestia, mas aparentemente falar sobre ciência o tinha empurrado ao ponto de ebulição, podia sentir sua grossa ereção pressionando contra ela. Ciência. Deveria havê-lo suscitado, tinha visto todos esses textos no castelo e não eram exatamente leituras de praia.

Ele se levantou sobre ela, segurando seus braços por cima da cabeça. Na cova, e até ontem à noite, tinha demonstrado sua força. Agora imaginou tomando-a duramente, com esse forte e flexível corpo...

Franziu o cenho. Esta manhã lhe havia dito que seu tamanho não o tinha posto em bons termos com as mulheres.

Acreditava que isso era uma descrição insuficiente, e suspeitava que uma mulher, ou mulheres, tinham-no ferido. Assim por que agora sentia um enorme impulso de arranhar os olhos dessas tolas putas?

—me beije, Katja. —Relaxada seu rosto era muito atraente. Parecia a beira de sorrir abertamente. Irresistível.

—por que quereria fazer isso? —perguntou com voz entrecortada.

—Você gosta de me beijar, valquíria —disse, soando orgulhoso.

Ah, Freya, gostava.

E então ele sorriu.

—Cristo, adoro ficar com você.

Um sorriso que lhe parava o coração curvou seus lábios, mostrando seus dentes brancos e as presas apenas visíveis contra sua sempre bronzeada pele. Não o olhe. Estava sendo enfeitada, estava agarrando simpatia e se lançava sobre coisas que odiava. Bebia sangue. Mordia!

—Tem que gostar de ficar comigo —ela recordou—. Sou sua Noiva.

Liberou seus pulsos e se levantou.

—É obvio, é a obrigação mística que me faz tão atraente para você. Não o fato de que acaba de me dar uma boa idéia de como trabalha sua mente e admiro o que vejo. E não poderia ser porque ontem à noite me deu o maior prazer sexual que já tive.

Estudou sua expressão séria.

—Foi realmente?

—Antes de ontem à noite e a primeira manhã com você? De longe —admitiu silenciosamente.

Ele acreditou, embora não podia entendê-lo. Nem sequer tinham tido sexo. Certamente tinha tido mulheres o adulando, querendo agradar o de qualquer maneira. Sim, parecia tímido às vezes, mas tinha sido também um aristocrata sexy e inteligente e um soldado magistral.

Se o tivesse encontrado quando era ainda um tímido mortal, o teria monopolizado em um celeiro de feno e teria tido sexo com ele.

—E a respeito de você, Katja? —sua voz era mais profunda—. Me diga se te dei prazer também ontem à noite.

Falando de acanhamento... agora ela era a que ruborizava e afastava o rosto.

—Me beije ou me conte. Um dos dois para conseguir que te deixe ir.

Fez um som de frustração.

—Sabe que o fez, estava ali. Quase explodimos o avião com o relâmpago!

Ele se inclinou e sussurrou contra seu pescoço:

—Vá pode ir.

—por que me perguntaria isso?

Ele recuou.

—Porque meu plano é te fazer me necessitar para isso. Se sentir luxúria —pressionou um beijo contra sua clavícula—, quero que automaticamente me busque para aliviá-la.

Era tão arrogante e inseguro, franco, mas furtivo. E que os deuses a ajudassem, as contradições a fascinavam.

—E você? —perguntou.

Acariciou com o dorso dos dedos sua bochecha.

—Sabe que eu nunca querei outra.

—por que... por que quis morrer? —não sabia de onde tinha vindo a pergunta, mas de repente ardia por conhecer a resposta. Por que tinha estado sozinho?

—Eu... não queria morrer necessariamente. Só não via motivo para viver —diante de seu cenho franzido, adicionou—, explicarei-lhe isso. Um dia. Mas ainda não sei como me sinto a respeito dessa situação.

Ela afastou o olhar.

—Está bem. Não tem que fazê-lo.

Ele apertou a mão contra sua bochecha, meigamente, enrolando-a para encará-la outra vez.

—Direi-lhe isso. Dentro de algum tempo. Tudo o que deseje. Quero que não haja segredos entre nós, porque vou me casar com você.

—O que? Comigo! —subiu afastando-se dele, um verdadeiro temor percorrendo-a. Isto era exatamente o porquê da noite anterior não deveria ter acontecido. Ou inclusive esta manhã quando se estiveram preparando juntos. Tinham estado comportando-se como um casal casado preparando-se para o escritório, um desses casais que se passam uma taça de café e um pão entre eles. Bem, exceto ela e Sebastian não comiam nem tinham um escritório.

Mas não tinha visto aparecendo o tema do casamento, não tão cedo. Pânico. Nada mais de jogos com o vampiro.

—Não pode se casar comigo! Sou... sou uma pagã! —balbuciou.

Isto era toda uma loucura de qualquer modo. Vou morrer. E se não morrer, então conseguirei recuperar a minhas irmãs.

Ficou sem fôlego ao se dar conta repentinamente de uma coisa. Se as salvasse, mudaria a história. E Kaderin nunca conheceria Sebastian.

—E eu era católico —disse lentamente, a testa franzida com confusão—. Ainda quero me casar com você.

Pulando da cama, equilibrou-se sobre suas coisas preenchendo a mala. Estava tremendo?

—Olhe Sebastian, sinto-me atraída por você? Sim, tem-me. Não vou mentir. A última noite foi... agradável. Estou contente de que acontecesse. Mas isso não significa que vai acontecer outra vez. Muito menos que me casarei com você.

—O que faria que o fizesse?

—Minha crença absoluta de que quereria passar a eternidade com você. Os imortais têm realmente que ser cuidadosos com isto, entende, e você e eu nem sequer tivemos ainda uma conversa decente antes de hoje. E honestamente, não confio em você, e não posso acabar com uma vida de crenças no curso de duas semanas.

—por que não tenta viver comigo?

—Porque os vampiros não convertidos são como bombas nucleares. A bomba em si mesmo não é uma coisa má. O dano de que é capaz é a coisa má. Em todo caso, você ainda não me quer em seu pátio traseiro.

—me dê uma oportunidade de te demonstrar que está errada.

—Sebastian, viu alguma vez um vampiro convertido? Se o tivesse feito saberia por que faria algo por não despertar a um ao entardecer porque ficou excitado.

—Nunca seria infiel —disse, depois se sentiu obrigado a lhe contar—, e os vi. Através de seus sonhos.

A ela claramente não gostava que a recordassem isso e pareceu como se estivesse no limite de sua paciência.

—Nem todos os vampiros se convertem. Meu irmão não o tem feito e bebe da carne.

Seus olhos se alargaram.

—É certo. Explorando a Myst não é? Mais para os segredos do aquelarre.

—Ele nunca a trairia. —Apesar de todos os defeitos de Nikolai, era tão leal como quando era homem.

—Inclusive se nunca se convertesse, se te aceitasse e estivéssemos juntos, há só dois resultados possíveis para nosso futuro. Um, deixo para trás a minha família. Ou dois, matam-lhe. Portanto. Esse é nosso futuro.

—Mas meu irmão e Myst...

—Fugirão por suas vidas quando nossa rainha retornar.

—Furie?

—Me deixe adivinhar. Também a viu?

—Sim. —Sentiu que seu rosto se esfriava.

—Ela quebrou seu maldito braço.

—Vê, viu que é um ser terrível.

—Não a temo e sempre te protegeria.

—Deveria temê-la —disse Kaderin, exasperada—. Todos os vampiros deveriam. A Horda a capturou e a encadeou no fundo do oceano faz cinquenta anos. Durante esse tempo se afogou repetidas vezes, cada poucos minutos, só para que sua imortalidade a reviva, e ninguém pode encontrá-la. Mas agora estamos perto, e quando se elevar, não diferenciará entre os dois exércitos de vampiros. Não haverá raciocínio nela. Porque não era muito sensata antes de morrer ao menos quatro milhões de vezes.

—Trataremos com isso quando chegar a hora.

—Só pensa. Quer saber o que é o segundo dos três maiores blecautes? É a pressão. Não respondo bem à pressão.

—Agarrou a mala e atirou a correia sobre seu ombro.

—Espera, antes que vá. —riscou-se ao piso de Kaderin, agarrou com cuidado o ovo da gaveta onde o tinha escondido, depois retornou.

—Toma.

—É obvio. —meteu-se o cabelo detrás da orelha, depois o alcançou.

—Ia te perguntar por isso.

—Não, não ia fazer —disse, e de algum modo sabia que tinha razão.

—Era muito. —Sustentou o ovo para cima, e quando desapareceu, os aromas da lonjura vieram uma vez mais—. Eu era, porque tinha curiosidade sobre se tinha matado os outros dois alfavacas ou não.

Não pôde mentir. Inclusive sabendo que ela o veria como fraco. Passou a palma sobre a nuca e afastou o rosto.

—Tive que matar um deles. Decidi... não matar o alfavaca menor.

De todas as reações que tivesse esperado seu som de frustração e seu indicador lhe assinalando não estavam entre elas.

—É obvio, fez-o—disse em um tom indignado—. Fique, sai, faz o que quiser, mas tenho trabalho que fazer.

Ele estava se zangando. A compaixão tinha seu lugar.

—Tivesse preferido que os tivesse matado a ambos?

Com o indicador ainda lhe apontando como uma espada, ela balbuciou:

—Não! Mas tinha que ser tão nobre e... e pormenorizado. E foi tão... tão... vampiro!

—Franziu o cenho, depois pareceu apanhar um pensamento—. E poderia me haver dito quem é!

De onde infernos tinha vindo isso?

—Disse meu nome na primeira manhã.

—Mas não me disse quem foi!

Ele jogou para trás a cabeça totalmente desconcertado, enquanto ela saía furiosa do quarto para a cabine principal iluminada pelo sol.

Saía e não podia ir com ela, embora todo ele o quisesse. E a causa do sol, nem sequer podia olhá-la afastar-se.

Quando se foi, sentiu-se como se perdesse alguma parte de si mesmo. Algo intrínseco e crítico.

Sentia-se enjaulado, frustrado. Deu um murro na parede do avião, rompendo o painel interior.

—Maldição, quero ir aonde vai!

Deserto do Gobi, África

Dia 11

Prêmio: Recolher água da Fonte da Juventude, infinito em número

Valor: Sete pontos

Tinha coberto vinte milhas antes de encontrar o oásis com a Fonte da Juventude. Recolheu suas águas mágicas em uma garrafa vazia e amolgada da Aquafina e a levantou sobre seu coração em oferenda.

Todos no Lore sabiam que a Fonte se movia de deserto em deserto por todo mundo. Não estava, por exemplo, localizada nos pântanos de Flórida. Conquistadores e suas idéias atordoadas. Como se tinham rido suas irmãs.

Hoje se permitia um passo mais relaxado, escutando o iPod de Regin, que tinha deixado no avião para Kaderin. A caminhada através da areia já era suficientemente incômoda sem correr. O sol torrava o deserto como um forno, mantendo a área em uns constantes cento e trinta graus Fahrenheit. Parecia como se a areia estivesse agonizando, assobiando ao sol.

Mas, se pesasse tudo, era um bom dia. Ainda estava viva.

Tinha chamado Nix essa manhã do carro enquanto punha a caminho, esperando encontrá-la em um estado de ânimo mais tranquilo e confirmar o que havia dito. Mas, como Frequentemente era o caso, Nix não tinha estado lúcida. Tinham falado freneticamente sobre “formas de animais de papel em fila” e “livros insensíveis de auto-

ajuda sobre o Lore”. Nix parecia não ter lembranças de sua predição. Kaderin proporcionou os obrigatórios comentários:

—De verdade? Que agradável. Coração me permita falar com quem quer que seja que esteja mais perto de você.

Ainda com esta premonição pendurando sobre ela, Kaderin não podia estar deprimida. Ontem à noite, tinha dormido tão perfeitamente, tão profundamente entre os braços mornos de Sebastian, sem um só pesadelo. Sem mencionar o fato de que lhe tinha dado um completo prazer.

Além disso, que mais pode fazer com o conhecimento da morte iminente?

Sim, um vampiro tinha lhe dado prazer. Um cavalheiro vampiro guerreiro que tinha demonstrado suficiente força para quebrar seus inimigos como ramos e a ferocidade em golpear até desatar o inferno sobre eles. E que possuía a compreensão para perdoar um jovem dragão.

Tinha-o deixado miserável pelo fato de sua separação. E provavelmente arranhando-a cabeça ante seu balbuceio sem sentido. O qual a satisfazia.

Quando coroou outra duna, perguntou se era possível que estivesse apaixonando-se pelo Sebastian. Se esse era o caso, a ocasião era lamentável. Encontrar finalmente um homem pelo que poderia sentir carinho e com o qual nunca poderia ter um futuro.

Se não morresse e salvasse suas irmãs, mudaria a história, sua história. Nunca teria estado murchando em sua fria existência sem emoções e nunca teria viajado a um escuro castelo russo para matar a um só vampiro. E de algum modo sabia que nunca o encontraria em alguma realidade, não antes de que finalmente morresse de qualquer maneira.

A pessoa poderia ficar louca tentando compreendê-lo.

Assim não o tentaria. Em vez disso recordaria as cenas da noite anterior...

De repente, teve a vaga sensação de sua presença riscando-se atrás dela. Um momento depois:

—Inferno sangrento.

Logo se foi.

Ele não chegou a ver seu sorriso.

Capítulo 28

Medellín, Colômbia

Dia 17

Prêmio: Um anel de ouro e opala, forjado na Mesopotâmia

Valor: Doze pontos.

Essa noite, a tarefa de Kaderin era aproximar-se bastante de Rodrigo Gamboa, um marco colombiano mais protegido que a realeza, para agarrar um anel, que nunca lhe tinha pertencido verdadeiramente.

Gamboa era incrivelmente cauteloso, e se murmurava que o sangue do Lore corria por suas veias. Movia-se principalmente de noite, e seu recinto era inatacável, assim Kaderin estava assistindo a grande inauguração de Descanso, o novo clube de Gamboa e uma máquina para lavar dinheiro, o que significava que era um estranho acontecimento ao que se veria obrigado a assistir.

Mais, a diferença das funções do Lore, lady Kaderin tinha que esperar para entrar, na parte posterior da fila.

A dificuldade desta tarefa radicava no fato de que o clube estaria repleto de humanos. Tinha que chegar até ele e evitar fazer uma cena para alertar os humanos sobre o Lore, ou seria desqualificada.

Teria que fazer que Gamboa se comportasse temerariamente, o persuadindo de que a acompanhasse para fora do clube para agarrar o anel quando estivessem sozinhos no carro. Se tentasse jogar a luva ao prêmio em público e tivesse que lutar por sair, revelaria definitivamente que não estava na meia do clube de meninos. As malditas orelhas e o fato que podia levantar carros sempre a traía.

Esta noite planejava ser agradável com um menino.

Foi com seus sapatos altos e sua pesada mochila. Sua espada estava sob a cama do hotel. Agora tinha ferramentas de diferente natureza.

Se aproxime de um homem, tranqüilamente. Ela era uma mulher. Um mas um igual a dois.

O bom desta tarefa? Poderia apostar que Bowen não estaria ali.

Mas primeiro teria que entrar no clube.

Espera! Essa que se encontrava diante dela na fila era Cindey? Ah, não, ela não estava na frente de Kaderin. Isso seria intolerável, e mais quando Kaderin não podia correr até ali e arrastar a Cindey fora pelo pescoço. Como se sentisse o olhar de Kaderin, Cindey apareceu da fila e lhe fez um gesto arrogante.

Não deve atacar à sereia... Não deve atacar...

De repente o telefone de Kaderin soou. Tirou-o de sua pequena bolsa e viu o número no identificador de chamadas.

—Por que, Myst? Como foi? —disse bruscamente como saudação—. Parece que te devo uma felicitação desde que te casou com um senhor da guerra.

Myst exalou.

—Não era minha intenção te manter na ignorância. Mas tampouco pensei que passaria nada por atrasar contar isso um par de semanas. Especialmente desde que Nikolai e eu nos fugimos para nos casar.

—Ah. Uma cerimônia pagã?

—Civil.

—Bem, adivinho.

—Então, é a Noiva do Sebastian. —Como não o negava, Myst perguntou.

— O que acontece com os dois?

Kaderin ficou nas pontas dos pés para ver o início da fila.

—Não tenho a menor idéia.

Depois do deserto, somente tinha ficado com ele um par de noites. Ela estava ziguezagueando por todo mundo e ele a tinha agarrado no sol duas vezes mais. Quando estavam juntos, era reservado com ela, distante até, o que não a surpreendia depois de sua reação à idéia de casar-se com ele.

Por que a fila era tão longa? Tinha esperado entrar e sair mais ou menos rapidamente. Suspeitava que se Sebastian chegasse a aparecer, desaprovava sua paquera, e seu conjunto de roupa. É mais, arriscar-se ao aborrecimento de Sebastian era melhor que uma entrevista com um homem lobo muito molesto.

—esta Sebastian visitando Nikolai neste momento. E pelo que por acaso pude ouvir de suas conversas no último par de dias, Sebastian tem suas lembranças, —disse Myst.

—Está permitindo que beba de você?

—Ah, pelo amor da Freya, tem que estar brincando! —gritou Kaderin, então olhou ao redor, mas ninguém na fila a escutava, e não havia ninguém atrás dela. Em um tom mais baixo, Kaderin admitiu:

— Consegui um contato dental comigo. Acidentalmente.

—Olhe Kad, estou em êxtase com Nikolai, mas me dou conta de que isso não significa que todas as valquírias estejam contentes com todos os vampiros. E não estou segura... não sei se Sebastian tiver as idéias claras respeito de você. Especialmente com o que está tentando fazer. Não entende que tem que fazer tudo o que possa por salvar as que querem. É um tipo de morte-antes que-desonra.

—Esteve tramando um plano.

—Matará Nikolai ver seu irmão sofrer, mas não posso te permitir que cometas um engano. Eu não baixaria aguarda com ele, ainda não —disse Myst—. E depois, é obvio, esta o assunto da Furie...

—Sabe que, Myst? —interrompeu Kaderin—. Não posso falar a respeito disto neste momento. Quer me fazer um favor? Mantém Sebastian longe de mim esta noite.

—Como se supõe que vou fazer isso? —gritou Myst—. O único no que está interessado é em escutar mais sobre você.

—Bem, conte coisas. Mas não sobre a bênção. E nada sobre a Dasha e Rika.

—Há algo mais a respeito de você para contar?

—Muito gracioso Myst.

—Você pediu, Kaderin a Bondosa —disse Myst, referindo-se ao embaraçoso apelido anterior de Kaderin—. Tenha em conta meu conselho sobre não baixar a guarda —acrescentou.

Logo que penduraram e guardou o telefone na bolsa, um fornido gorila explorou a fila e a viu. Estranhamente pareceu olhar avidamente a área de suas bicudas orelhas, ocultas sob o cabelo, em vez de sua curta saia.

Mas então a deixou sair da zona do laço de veludo para ir para dentro.

Quando passou ao lado de Cindey, Kaderin fez uma careta de simpatia.

—Parece que a pinta de retro-prostituta não faz o corte esta noite, Cin.

Quando Sebastian finalmente deixou a Nikolai e a uma suspeita faladora Myst em Blachmount e se riscou até Kaderin, encontrou-se dentro de um clube noturno que não se parecia com nada que tivesse visto antes. Tinha que ser a tarefa da Colômbia. A única tinha esperado que não escolhesse.

As luzes como lasers se disparavam do teto arredondado em estranhas pautas rápidas. Os bailarinos meio nus se balançavam em jaulas por cima da pista de baile.

As jaulas o recordaram seu último sonho.

Nele, Kaderin tinha caminhado diante um homem encarcerado. Era jovem, seu corpo golpeado e quebrado. Sem levantar a cabeça, falou entre dentes.

—Me mate.

Ela sorriu.

—É obvio, sanguessuga. —Sua voz era doce—. Em uns poucos meses mais.

Ele soou como se começasse chorar.

—Então talvez te permita escapar ao sol —continuou Kaderin—. Os órgãos se liquidificarão dentro de você antes de que morra, encharcando-se sob a pele. Mas então, arrastará-se desesperadamente à luz, prometo-lhe isso...

Outra vez, ela não sentia nada. Nenhuma simpatia, nenhum remorso, nem tão sequer ódio.

Cada vez que despertou, Sebastian tinha estado cheio de um marcado desgosto que não podia sacudir-se. Tinha visitado Nikolai para lhe perguntar sobre esses sonhos, e Nikolai o tinha advertido de não tirar essas lembranças fora de contexto. Mas como podia Sebastian entender mal essa cena? Não poderia ter sido mais clara.

Entendia sua crueldade, mas isso não significava que pudesse presenciá-la com facilidade.

Sebastian teve que olhar duas vezes enquanto espiava a Kaderin, porque apenas a reconhecia.

Seus olhos estavam pintados de azul profundo e os grossos lábios brilhavam. Sua camisa era decotada, mostrando deliberadamente o encaixe do sutiã. E sua saia era tão curta que podia ver as coxas tensas e flexíveis quase até a borda de seu traseiro quando deslizou em uma cabine com um grupo de pessoas. As botas negras chegavam até os joelhos e tinham saltos altos.

Embora estivesse furioso com ela por estar ali, muito mais por estar vestida assim, sua visão o fez endurecer como uma rocha em um instante. Tomou uma decisão: Uma noite, estaria dentro dela quando usasse essas botas.

Pelo visto, sorria e se divertia, mas havia dureza nela. A maneira em que se vestiu não deixava lugar a dúvida sobre como tinha planejado conseguir a pedra do colombiano. Não era de estranhar que Myst tivesse estado tão disposta a falar.

Quando pôde afastar lentamente seu olhar de Kaderin, viu que por toda parte ao seu redor, os homens a olhavam fixamente o rosto ou olhavam de esguelha seu corpo. Sebastian apertou os punhos. A quem mataria primeiro...

—Também poderia se sentar —disse uma voz atrás dele. Girou-se e encontrou a duas ninfas.

— Kaderin vai estar ocupada um pouco.

Deu-se a volta a tempo de ver um homem deslizar-se perto dela e passar um braço pelos ombros. Sua mão quase acariciou seu seio e pela primeira vez em sua vida, Sebastian precisava matar.

A primeira ninfa avançou furtivamente até Sebastian.

—Poderíamos passar o tempo. Vampiro se esqueça da valquíria. Você é uma fruta proibida para nós também, se isso for o que te atrai nela.

Sebastian apenas as ouviu com a palpitação em seus ouvidos.

—Esse com o que está é o colombiano? — gritou.

—É ele.

O bastardo se inclinou sobre ela e pôs a mão no alto da coxa de Kaderin, os dedos provocadores perto da prega de sua saia.

A raiva explodiu dentro de Sebastian. Tinha que ser um sintoma do sangrado. Nunca havia sentido tal fúria. Nunca.

Ninguém toca o que é meu.

Capítulo 29

Sebastian foi dando pernadas para ela, com os olhos negros de fúria, obrigando às pessoas a afastar-se de seu caminho. Kaderin, desculpando a si mesma, saltou depressa atrás da pista de baile antes que ele fizesse uma cena.

Quando se topou com ela, apanhou seu braço e a arrastou a um escuro lugar perto da parede traseira.

—Por Cristo, o que está fazendo? — Sua voz estava em plena ebulição—. O permitiu te tocar!

—O que está fazendo? —exclamou. Sabia que se aparecesse ali, não estaria contente, mas também pensou que teria oportunidade de se explicar, em vez de ser maltratada. Agia como se a tivesse apanhado na cama com uma equipe de hóquei

Em um princípio se desconcertou por sua evidente expressão de loucura e fúria. Mas quando tentou de riscá-la dali e quase tem êxito, sua própria ira explodiu.

—Me solte! —Escapou o braço de sua mão—. E me ajude se o colombiano se for sem mim.

—Planeja ir com ele? —Rugiu, agarrando seus ombros, tentando riscá-la uma vez mais. Quando o combateu, ele explorou a construção procurando um lugar privado, logo a arrastou dentro de um pequeno cômodo, como uma cabine com dois assentos e um telefone em uma prateleira. Fechou de repente a porta atrás deles, mas a baixa reverberação do ritmo da música ainda vibrava nas paredes.

—Como pode pensar que vai com ele esta noite?

—O que faço não é da sua conta —disse ela entre dentes.

—Maldição, se é! Suas mãos estavam por completo sobre você e você deixa?

—Se te responder reconheceria que tem o direito ou seja. Não o tem.

—Vou agarrar o anel do colombiano —disse rapidamente—. Te risque atrás dele, toma-o e te risque para longe

—Está proibido. Sabe o que é cada mito? —quando não respondeu, ela disse—. Um exemplo flagrante de como algumas criaturas do Lore são descuidadas. Um mito é igual ao fracasso. Riora não só te desqualificará por um truque como esse, castigará-te.

—Assim, isso é tudo, então? Podia me dizer que vai a casa com outro homem? E já o vi te tocando. —Parecia querer estrangulá-la.

Enquanto ela elevou o queixo, seus olhos se entrecerraram.

—Pode ter seus sentimentos de volta, mas é ainda uma mulher fria, Kaderin. Sem coração. —agarrou sua nuca, estreitando-a. Por alguma razão, ambos respiravam fortemente, mais audível inclusive que a pulsação da música. Antes que pudesse resistir, ele a tinha levantado apoiando-a na prateleira, e levantou sua saia. Grunhiu ao não encontrar nada debaixo, então se endureceu, transformando seu rosto uma máscara de raiva.

—Veio aqui para foder com ele? —Com as duas mãos segurando sua cabeça, ele apertou os lábios contra seu cabelo

— Quer me fazer perder o controle? Matar? Por que pensa que deixaria que o mortal vivesse se a tomar?

—Sebastian, espera.

Deu-lhe um duro, castigador beijo enquanto pressionava a palma da mão contra suas coxas. Seu corpo se esticou, mas depois, lentamente, começou a responder a ele, contra sua vontade, contra a razão.

A respiração dela foi rápida.

—Não faça isto.

Embora estava agitado com raiva e luxúria, os dedos eram suaves quando a roçavam coxa acima.

—Quer meu tato, Kaderin? Quer sentir? Quer que te toque Kaderin? Quer me sentir?

—Isto não deve acontecer. —Não agora, não aqui. É obvio que não. Até quando se obrigou a recordar a tarefa se encontrou assim mesma respondendo.

A fúria queimou nele e suas presas aumentaram com a inegável necessidade de marcá-la, para reclamá-la como sua de algum jeito. O sangue estava trabalhando nele uma vez mais.

Suas presas doeram por perfurar seu pescoço, e sabia que não podia resistir por muito mais tempo, sabia que logo teria sua carne selvagem.

Por que deveria resistir? Se ela quer partir com outro homem, que ela leve minha marca ...

A beijou desde sua delicada clavícula, lábios mais flexíveis, como suas mãos fizeram coisas sobre ela. Aproximou-se, acariciando seu sexo, burlando sua umidade uma e outra vez. Quando pressionou o dedo dentro dela, ela gritou, mãos agarrando seus ombros, agarrando com as garras afundando-se em sua pele. Impulsiono-se nela por um segundo, e ela arrastou seus quadris contra sua mão, fodendo com seus dedos.

Não mais. Não podia prolongá-lo por mais tempo. Afundou suas presas no pescoço em uma frenética mordida, quase gozando imediatamente do incrível prazer. Perdeu-se no calor de seu sangue, na riqueza única de seu sabor. Perdeu-se na forma em que a carne se ajustava ao redor das presas, até que sentiu o corpo feminino esticar-se ao redor de seus dedos em um orgasmo repentino.

Desde sua mordida. Mal recordava pôr sua mão sobre sua boca, amortecendo o gritos dela.

O sexo dela continuava apertando ao redor dos dedos tão furiosamente que ele grunhiu contra sua pele, chupando-a duro. A sensação de beber dela era perfeita. Como se o instinto fosse recompensado por fazer algo que é inevitável em qualquer caso.

Mas ele mesmo se deteve de beber muito profundamente. Mais tarde, quando a tivesse em sua cama, ia tomar sua liberação do corpo dela enquanto bebia seu sangue.

Retirou suas presas lentamente, lambendo as marca em seu pescoço quando tirou os dedos. Quando ela estremeceu como se doesse sua perda, deu-se conta que ao mordê-la tinha desprezado fazê-la sua, embora só fosse por um momento.

Com olhos muito abertos, os lábios partidos, ela roçou sua marca com a gema dos dedos. Havia a comocionado. Bem.

Depois pareceu despertar, recuando. Apressadamente retirou seu cabelo ao redor para cobrir o pescoço, depois desceu de um puxão a saia

Quando o olhou, seus olhos passaram sobre seu rosto como se nunca o tivesse visto antes. A expressão lhe disse que estava desgostosa com o que tinha encontrado.

—Não me importa se voltar ou não. Não tem direito de tomar meu sangue.

—Ah, Kaderin, não pareceu se importar.

—Obrigado —murmurou ela.

Ele franziu o cenho.

—Por quê?

Seu tom era tranquilo, grave.

—Por fazer isto tão fácil. Por me fazer ver que não há nada de você que me tente a aceitar a um vampiro.

—Quer saber por que desejava morrer? —grunhiu ele—. Porque me vi mesmo como me vê. Odeia-me por razões que não posso controlar. Raciocine por que me odiava mesmo. Mas agora, vendo sua reação a minha marca deixa claro que me enganei. Pelo menos, guardou-me que meu próprio horror. —depois dessa noite, já não seria uma vergonha caminhar pela rua. Negava-se a olhar-se da maneira em que o viu

—Acha que isto é só a respeito de sua sede de sangue? Me dê uma razão pela que deva te escolher sobre qualquer outro homem que tenha encontrado em milênios e cada um que vou conhecer na eternidade por vir, não pode. —Ela apanhou seus olhos— é mais que o fato de você seja um vampiro.

Isto sacudiu suas bases. Por que teria que vê-lo de modo diferente das outras mulheres que tinha havido ao longo de sua vida mortal?

Porque era sua Noiva. Seria reduzido a querê-la uma e outra vez, vendo coisas nela que não existiam. Logo a verdadeira natureza dela seria trair suas esperanças em um ciclo sem fim.

Não podia ganhá-la. Posso estar lutando com ela durante a eternidade. Isso é ao que me enfrento, pensou esgotado.

—Estou cansado disto. De você. —Pôs sua mão por cima dela contra a parede, inclinando-se—. Tem razão. Em tudo. Não há razão para que me aceite. E tem razão ao dizer que fui obrigado a te desejar simplesmente porque é minha Noiva. Meu desejo por você foi forçado em mim. Eu não tive nenhuma opção na questão.

—É como se te tivesse dado motivos para pensar de forma diferente —disse ela—. Te disse todo o tempo que não deve se preocupar por mim.

Ela agarrou a parte de trás do pescoço, obrigando-a a levantar o rosto até ele.

—Também me disse em mais de uma ocasião que nunca quereria me ver de novo. Não vou obrigar-te. Fui o primeiro vampiro em riscar a uma pessoa e serei primeiro em renunciar a minha Noiva. —As mulheres humanas tinham começado a lhe olhar com aberto desejo, um marcado contraste com a atualidade, a repulsa evidente no rosto de sua Noiva. Tomaria a uma delas. Ou a várias.

Deu-lhe um duro, ardente beijo.

—Vou esquecê-la, embora tenha que foder a um milhar de mulheres para fazê-lo. —Quando a liberou, não havia nada na expressão dela, o enfurecendo ainda mais.

—Talvez comece com uma mulher do Lore.

Imaginou a piscada de prata em seus olhos?

—Que se divirta com isso!

—Se for com os humanos, não vou sozinho tampouco.

Quando Kaderin partiu de volta à cabine, retirou o colar superior, sentindo os olhos de Sebastian nela. Tinha-a mordido. Não por acidente. Não suavemente. Pior ainda, em sua posição, não tinha estado exatamente em condições de dissimular sua intensa reação ao mesmo.

Sebastian a tinha mordido.

E a tinha encantado, gozando com uma intensidade que a assombrava.

Odiava-o por isso. Por toda sua longa vida, que tinha transcorrido sem ser mordida, e ele tinha tomado seu pescoço na cabine telefônica de um sórdido clube. Estava desgostosa com a situação e com sua desenfreada resposta a ele. Estava doente da noite inteira e desejosa de terminar com ela.

Quando chegou á mesa da Gamboa, encontrou-se com que Cindey tinha tomado seu lugar junto a ele.

E não o faria.

—Você —assinalou a Gamboa. Sabia que, pelo toque de Sebastian, sua voz era áspera, o cabelo revoltado, e os mamilos duros debaixo do fino tecido de sua blusa.

Gamboa a olhou fixamente, aparentando estar aturdido, depois olhou a Cindey, deu de ombros a seu modo. Cindey lhe disparou um amargo olhar reconhecendo sua derrota, e se acabou a bebida.

Quando Gamboa olhou a Kaderin como enfeitiçado, murmurou:

—Me leve a algum lugar privado.

Sua mandíbula caiu.

—Certo. —Chamou apressadamente a fim de ordenar que seu carro fosse chamado de volta, e Kaderin teve a oportunidade de murmurar a Cindey quando passou:

—por que não lhe canta?

—Quinhentos homens aqui desejam escutar minha canção —respondeu com impaciência—. Além disso, prefiro não ter a cabeça do mais poderoso chefe de drogas do mundo violentamente cativado por mim pelo resto de sua vida. Mas espero que realmente funcione por seus dois filhos.

Imediatamente depois de que se afastou, Gamboa se somou a Kaderin de novo. À medida que se retirou, viu Sebastian inclinado sobre uma das ninfas, seus olhos negros. Ele deu um olhar assassino ao colombiano, depois a olhou fixamente. A ninfa lançou a Kaderin um triunfante sorriso e se agarrou ao braço de Sebastian.

Se estava tentando pô-la ciumenta... Tinha tido êxito. Ainda estava duro depois de seu encontro? O que ia fazer com a ninfa quando se esquentou com o sangue de Kaderin e despertou seu corpo? Localizou à puta em alguma parte e começou a abandonar a Kaderin.

Quando Gamboa pôs a mão sobre a parte inferior de suas costas, voltou-se para Sebastian, o que a obrigou a olhar para frente. Não deu uma só olhada para trás, inclusive quando escorregou na felpa da limusine da Gamboa, e começaram a se afastar.

Dentro, suas emoções se coziavam a fogo lento. Gamboa estava falando com ela em um tom baixo, com suave sotaque, mas não podia ouvir nenhuma palavra.

A dentada de Sebastian ainda pulsava...

Enfrentou Gamboa, o interrompendo ao dizer:

—Me dê seu anel de opala, ou te mato.

Ele só sorriu, seus dentes brancos destacavam no curtido rosto.

—Só a opala, querida? —Olhou ao enorme anel de diamantes que também usava, mas ela não seguiu seu olhar.

— Nem sequer olha os diamantes? —perguntou.

Ela arqueou uma sobrancelha. Sabe.

—E por que ia querer fazê-lo?

—Só para ver se os rumores são certos.

Kaderin exalou.

—Sabe o que sou?

Ele assentiu.

—Minha mãe era um demônio. Sei tudo sobre o Lore.

—Se souber, por que veio comigo? —perguntou em tom exasperado.

—Tinha curiosidade ao ver que a entrada de meu clube se encheu de seres do Lore.

—É o Hie. O anel é um prêmio, um prêmio de alto valor. Houve competidores e, provavelmente, uns vinte espectadores locais.

Girou o anel de opala em seu dedo.

—Sonhei vendo uma valquíria toda minha vida. Esta pedra foi prevista para trazer uma de seu tipo a ele.

Ela não duvidava aquilo. Entretanto, outro exemplo da mão da sorte no trabalho.

—Aqui. Contempla a valquíria —ela mostrou sua palma—. A opala.

—Não vai ser assim de simples.

—Você não gostaria de ser a imagem de um traficante de drogas com coração de ouro?

—Por que deveria dar? — perguntou em um tom razoável — em troca de nada?

Um repentino pensamento surgiu.

—Não é á mim que deseja. Só deseja uma noite com uma valquíria, não é?

Seus olhos pareciam obscurecer.

—Essa sempre foi minha fantasia.

—Então vou enviar outra valquíria aqui. Uma que é solteira —Eu não o sou? Pensou—. Seu nome é Regin a Resplandecente. É uma neném selvagem. Brilha. O mais importante é que é coisa segura.

—Como posso confiar em que realmente o fará? Envia-a, e lhe darei o anel.

—Tenho que ter esse anel agora. E se eu jurar pelo Lore que virá aqui... —disse, e depois o modificou dizendo.

— Na realidade, não posso jurar que durma com você. E não te recomendo beijá-la. Mas para todo o resto, é a garota das festas.

Como ele realmente pareceu considerar o trato, escondeu sua surpresa e disse:

—Basta fazermos um trato, Gamboa. Não quero romper seu coração, ou mutilar, ou te esmurrar esta noite.

Ele vacilou.

—Como posso me pôr em contato com essa Regin?

Ao recordar que Regin tinha bloqueado com o tom de Crazy Frog seu telefone favorito, disse:

—Que tal se te dou o número de seu celular? —Regin, toma isso cadela!

Ele entregou com prontidão um cartão, e no dorso ela escreveu o código de área e o número de Regin corretamente. É oito, seis, sete, cinco, três, OH, nove. Quando Kaderin o deu, ele tirou o anel. Inclinou-se mais perto, roçando sua pele quando o entregou. O contato não fez nada nela, Apesar de que, evidentemente, ele pensou que faria. Deve pensar que qualquer mulher o consideraria sexy. E, entretanto, Kaderin não sentia faísca, nem atração.

—Diga ao condutor que pare o carro no próximo semáforo.

—Dou-te o diamante também se ficar esta noite, carinho.

Deveria ficar com ele essa noite. Sebastian estava, provavelmente, dando a uma ninfa um de seus ferozes, quentes beijos agora.

Em vez disso, Kaderin murmurou.

—Este me satisfaz.

Por que não levar um quente meio demônio à cama? Porque queria ir a seu quarto. E chorar.

Capítulo 30

Sebastian mal tinha dormido ou bebido desde a noite da Colômbia. Durante as últimas semanas, tinha lutado para tirar Kaderin de sua mente.

Nada funcionava.

Tinha começado a obcecar-se com ela. Riu amargamente. Começar? Já estava obcecado com ela. Inclusive depois de tudo, ainda a queria. Kaderin tinha ido ao clube vestida para seduzir, havia fodido aquele macho toda a noite pelo que ele sabia, mas a cada oportunidade, havia dito a Sebastian que nunca dormiria com ele.

Apesar de suas intenções, Sebastian não havia tocado outra mulher, nem sequer podia imaginar-se tomando outra mulher que não fosse ela. Com essa mordida, deveria haver-se sentido como se a estivesse reclamando, mas tinha reclamado a ele também. Não havia forma de que vivesse sua vida sem tê-la outra vez.

Não, tinha decidido que não se aproximaria de nenhuma exceto ela. Precisava tocar o corpo que escondia dele. Precisava feri-la como o tinha ferido.

Tinha-se convencido de que sua aversão para ele não era somente porque fosse um vampiro. E como podia não acreditar isso quando não o tinha ido melhor como humano?

Maldição, o que tenho?

Naquela noite há tantos anos com a fria e frígida viúva o tinha sacudido, esmagado sua confiança já machucada. E até agora o afetava. Não tinha podido penetrá-la. Ele era grande, e ela tinha estado completamente fria. Não tinha havido excitação. Não é de estranhar que não permitisse tocar seu corpo, nem sequer os seios. Levantou-se apenas a saia na cama sem o tocar, tampouco.

Ela tinha gritado com dor a cada tentativa, depois finalmente bateu em suas costas gritando:

—chega, caipira incompetente!

Ele tinha vinte e três anos e o desconcertou sua repentina repugnância.

—Então... por que...?

Pronunciando cada palavra ela havia dito:

—Perdi uma aposta...

Agora, Kaderin, a mulher que queria mais do que tinha querido jamais algo, não o desejava tão pouco.

Sem falhar, ele tinha sido amável com as mulheres. Tinha-lhes mostrado respeito cortesia. Sem falhar, nunca tinha tido êxito com elas.

Quando encontrasse Kaderin da próxima vez, roubaria o prêmio que procurava. Então negociaria outro trato com ela, desta vez o prazer que negou como mortal, um com o que tinha fantasiado durante muito tempo.

Não se reconhecia no espelho. Seu rosto estava pálido e gasto, seus olhos constantemente negros.

Ia ser tão desumano como ela. Adeus seus impulsos de ternura, à sensação de estar encantado quando colocava o cabelo atrás da orelha bicuda ou ruborizavam os maçãs do rosto.

Talvez quando tudo fosse dito e feito e se tornou tão vicioso como ela, fosse um companheiro apropriado.

Província do Battambang, Camboja

Dia 24

Prêmio: A Caixa do Nagas, uma caixa de madeira antiga esculpida com as cabeças de cinco Nagas

Valor: Treze pontos

Na noite obscurecida pela chuva que caía, Kaderin espiou um estranho campo sem árvores. Nesta região, a selva geral se estendia sobre todo o imóvel, do chassi do carro até o templo esculpido, mas não aqui. Não havia nenhuma casa construída no campo. Só pilhas de trastes oxidados o sujavam.

Na beira, um sinal estava plantado em ângulo, empurrado para baixo pelas trepadeiras. Puxou ela e encontrou que o quadrado de metal do sinal tinha sido cortado em forma de relógio de areia, muito provavelmente para que os aldeãos não o usassem como material para cobrir.

Gravado na parte dianteira havia um crânio e umas mornas cruzadas advertindo.

Assim que isto seria, um campo de minas da fronteira coalhado de explosivos.

E em algum lugar no centro estava enterrada uma caixa de madeira esculpida com o Nagas, Deuses serpente. Dentro havia uma safira do tamanho de sua palma.

Riora não procurava a safira; queria a caixa.

Com a chuva constante, maio igualava a temporada monzônica, o campo era mais um pântano, com barro espesso e salpicado de atoleiros. Kaderin exalou. As minas doíam, mas necessitava alguns pontos altos. Ela, o lykae, e a sereia continuaram ao mesmo tempo. Somente havia um prêmio aqui, e tinha que o ter.

Na beira, tragou. Era fácil perder um pé aqui. Tinha perdido um pé antes, e tinha que dizer que tinha gozado de perspectivas mais alegres.

Dobrou os dedos, depois ficou a trabalhar, esquadrinhando por um pouco pesado que atirar ao pântano. Se fosse rápida, poderia detonar muitos.

Sua orelha se retorceu. Por cima do forte, Mal ouviu os movimentos sigilosos de um predador. Não... não o...

Filho da puta. Era Bowen, e justo a sua direita, emparelhado com a sereia.

Os três se deram conta da situação ao mesmo tempo. Todos se jogaram sem fazer caso do sinal de alerta, correndo para o espaço lamento. O lykae foi rápido e correu como louco. Deixou sair a sua besta da jaula, trocando no meio do campo, seu corpo voltando-se maior, as presas alargando-se. Suas normalmente curtas, escuras garras se dispararam alargando-se e crescendo mais fortes. Quando olhou para trás para grunhir a Kaderin, viu que seus olhos âmbar se tornaram gelo azul.

Embora Kaderin era rápida e Cindey forte sobre terreno difícil, não seriam capazes de manter seu ritmo como estavam. Não poderiam manter seu ritmo tal como foram. Tinha-a matado na cova. A bruxa realmente o devia ter amaldiçoado.

Kaderin correu pelo atalho, exatamente onde o barro voava a momentos, permitindo que ele assumisse o risco. Cindey começou a girar para passar Kaderin pela direita.

Uma idéia surgiu. Kaderin bombeou seus braços, percorrendo para frente.

—Cindey! —chamou. — A perna direita!

Ela assentiu. Um fôlego mais tarde, ambas mergulharam para ele, amarrando-o no chão asqueroso. Ele se retorceu, despindo umas presas brancas, estalando para o Cindey, que lhe colocou o cotovelo na garganta. Esfaqueou a Kaderin com suas garras mortais, mas ela saltou para trás. Assobiaram a apenas milímetros de seu rosto. Se Mariketa não o tivesse enfraquecido, as duas estariam mortas.

Enquanto lutavam por segurá-lo, o infligindo feridas para abater o grande macho, ele lutava como o animal que era. Os três cobriram uma área grande, não tinham disparado nenhuma mina, ali tinha que haver uma perto.

—Chuta, idiota! —gritou Kaderin a Cindey.

Evitaram as garras, o chutando no peito para o mandar rodando longe. Os três ouviram o distintivo click metálico. Ele sozinho teve tempo de apertar os dentes.

A luz cintilou. Kaderin atirou à sereia diante dela para cobrir-se. Bowen voou em um granizo de barro vermelho cinquenta metros mais longe, mas a explosão as afetou também, as jogando para atrás.

Quando deixou de chover partes de terra, Kaderin empurrou Cindey. Gemendo, Cindey cambaleou, segurando seus sensíveis brincos, arrebatados pela percussão. Tinha sangue salpicado por toda parte, correndo pelos braços nus e o pescoço formando arroios no barro.

Quando Kaderin subiu ficando de pé, viu Bowen, que tinha uma pequena barra de metal sobressaindo de suas costelas. Cavando as garras no chão, levantou sobre as mãos e joelhos, depois estava novamente sobre os pés. Devia saber que se tirasse o metal, a perda de sangue o deixaria fora disto.

Kaderin fez um inventário, valorando suas próprias feridas. Aparentemente, tinha agarrado o lote bom por uma vez, apenas uns poucos arranhões.

Incrivelmente, Bowen correu a pernadas para frente, gotejando sangue, voltando-se para a explosão. Ela girou a cabeça ao redor, percebeu uma espécie de fluorescência em um dos atoleiros. A explosão devia ter desenterrado a caixa. Avançou na careira, revoando através do barro, indiferente às minas. Ganhando terreno.

A barra estava trespassada atravessando-o completamente. Sua carreira a tropicões era sem dúvida uma agonia, mas ainda ia. Logo estiveram lado a lado. Ali, resplandecendo diante eles, havia uma caixa de madeira, mais pequena que uma caixa simples. Estava selada e flutuava como um peixe.

Kaderin se lançou para ela, como fez Bowen. Deslizando-se pelo barro, chocaram, golpeando-as cabeças tão forte que sua visão se turvou brevemente. A caixa escapou salpicando.

Seus olhos azul pálido mostravam uma perda completa da razão. Sua voz era gutural e rota.

—Está a ponto de desejar que a mate.

Os dois se lançaram para frente uma vez mais, lutando corpo a corpo pelo prêmio. Enquanto se balançavam para baixo, encetaram-se cegamente por ela, indiferentes a se estavam a ponto de voar mãos ou o rosto. Engancharam-na com uma mão cada um. Ela gritou, estalando os dentes, estirando-se sobre seu ombro pela espada enquanto ele levantava uma mão fortalecida com essas garras mortais.

Sebastian apareceu, pegando caixa de ambos. Kaderin piscou olhando Sebastian através da chuva. O tempo pareceu ficar imóvel.

Ela estava paralisada, atemorizada, pela selvageria em seus olhos azeviches, as linhas duras de seu rosto, o cabelo negro como o carvão que golpeava o queixo.

De repente, estava desesperada por ser a fêmea do macho que sempre vinha. Doída por ser ela.

Ele se parou com um pé diante do outro. Ela entendeu por que imediatamente, estava em pé em uma mina. A julgar pelo olhar ameaçador de seu rosto, era de propósito. levantou a mão.

—Vêem a mim.

Ela se lançou para ele igual a Bowen. Sebastian a arrebatou e os riscou a borda do campo.

A mina explodiu. Sebastian a empurrou para trás dele, igual que fez na noite na assembléia de Riora.

Quando o ar clareou, o rodeou e viu Bowen estremecer, caído de frente onde tinha aterrissado. O sangue corria livremente de sua boca. Dizia entre dentes o que soava como o nome de uma mulher. É obvio o nome de sua companheira.

Pareceu pressentir que ainda estavam ali, e levantou o rosto. Ela puxou um fôlego diante a visão. Um olho tinha desaparecido, e o lado esquerdo da testa e a têmpora tinham sido queimados. Mas seu corpo esbanjado e a mente aturdida ainda estavam se desesperando pelo prêmio, pela companheira que tinha perdido enquanto fugia dele por volta de tantos anos. De algum modo ele cravava suas garras no chão para arrastar-se para frente.

—me risque, Sebastian —sussurrou. Ele não fez nada.—Baterá em outra mina se ficarmos.

—Exatamente. —Os olhos de Sebastian estavam escuros como a noite e frios.

— Ele merece pelo que te fez.

Bowen se arrastava para eles, e Cindey andava em círculos, com o sangue lhe saindo pelas orelhas, dizendo algo entre dentes... Algo a respeito de um bebê, e Kaderin não pôde olhar mais. No passado, teria olhado com satisfação como seus competidores sofriam.

Mas era diferente agora. Ou, mais exatamente, era como estava acostumado a ser muito ao princípio.

—Por favor, Bastian —chorou, girando-se para agarrar sua camisa com ambas as mãos.

Ele se esticou com a surpresa, estudando seu rosto. O que viu em sua expressão o fez envolvê-la apertadamente em seus braços e a riscou para longe.

Os angustiantes rugidos de Bowen ressoam em seus ouvidos muito tempo depois de que tivessem desaparecido.

Capítulo 31

De retorno em seu apartamento, ela tremia pela roupa molhada. A tormenta parecia havê-los seguido a Londres e rabiava fora. O anoitecer acaba de cair sobre a cidade. Tinham seis horas de diferença com o Camboja, o que significava que a noite tinha começado. Para eles.

Sem uma palavra, ele meteu a caixa no bolso da jaqueta, depois tomou sua mão, conduzindo-a ao banheiro. Abriu a ducha, depois começou a desabotoar sua camisa.

Seus olhos eram tão selvagens como tinham estado os do lykae.

—Kaderin, quer a caixa?

Ela assentiu com a cabeça, ainda sem fôlego.

Ele empurrou a camisa pela frente de seus ombros, depois a atirou para baixo por seus braços, liberando-os.

—Tem que pagar por ela. —Desabotoou o sutiã empapado pela parte dianteira, então, este também, caiu no chão. À visão de seus seios, ele inalou profundamente, mas não a tocou, só continuou despiendo-a. Ela teve que agarrar a seus ombros quando desabotou as calças e as baixou junto com suas calcinhas.

Quando esteve em pé diante ele, completamente nua, perguntou em um tudo desconcertado:

—O que quer? —ainda estava aturdida não só pela violência da noite, mas também por seu olhar sob a chuva. Ainda tremia ao recordá-lo.

—Tire o barro e vêem ao quarto —pediu, com voz áspera.

Ela contemplou a porta durante um longo momento depois que partiu. Então notou, no banheiro, todas suas coisas, navalha de barbear, escova de dentes, sabão. O bastardo se mudou? Sua atenção se enfocou nele quando chegaram, mas agora podia recordar ter visto livros e jornais dispersos por toda parte do apartamento. Um par de botas na porta.

—Maldito invasor ilegal —resmungou quando caminhou sob a água.

Quando lavou todo o barro que a cobria, perguntou que exigiria. Estava furiosa, mas ao mesmo tempo, queimava de curiosidade.

Trataria beber dela outra vez? Ou lhe faria amor? Ou ambas as coisas? Odiava que a pura imagem a excitasse.

Mas embora realmente desejasse fazer amor com o homem que tinha visto na tormenta e na confusão da noite, não estava disposta que a obrigassem.

Depois de lavar o cabelo, se secou e deu de ombros colocou um robe de seda rosa. Quando retornou ao quarto, caminhou ao redor de suas coisas, ele estava em pé.

Tirou a jaqueta molhada e a camisa. Seu peito ainda estava úmido, os músculos tensos. Seus olhos estavam negros outra vez.

—Vêem aqui —disse, e ela mal pôde mover os pés.

Mordendo seu lábio, foi para ele, quando esteve diante. Ele não perdeu tempo, acariciou as curvas sob o robe, fazendo que ofegasse.

Então languidamente beijou seu pescoço lentamente, antes de abocanhar seus seios. Quando sorveu seu mamilo através da seda, ela gemeu e seus joelhos enfraqueceram. Mas ele a sustentou firmemente.

—Bastian —respirou—. Quero te dizer algo. —Acreditaria que nunca teve intenção de se deitar com a Gamboa?

Afastou-se.

—O tempo para conversar terminou. Agora, quer sua bagatela ou não?

—Não farei amor com você —disse.

Seus lábios se curvaram em um sorriso satisfeito e cruel.

—Acha que quero te fazer amor?

Ela piscou, claramente surpreendida por suas palavras.

—E se te dissesse que quero que me dê o prêmio? Como um presente para sua Noiva? Como ofereceu antes.

—Isso é passado. Não sou mais um cavalheiro. Nem sequer sou humano. E você não é uma dama.

Quando fez pressão em seus ombros, não houve dúvida do que desejava. Ficou rígida, mas ele disse:

—Ah, não, se quer o prêmio, então fará o que desejo.

Ajoelhou-se diante dele.

—Não podia conseguir uma ninfa para fazer isto?

—por que me conformar com uma ninfa quando tenho uma valquíria a meu serviço?

—E isto é o que quer? —perguntou, olhando-o fixamente.

—Sim —sussurrou, com uma mão tomou sua cabeça, com a outra agarrou sua nuca. Não a tinha querido antes assim, obrigando-a levantar os olhos e reconhecer quem estava no comando. Podia dominá-la se quisesse. Queria que ela o provasse, que lhe mostrasse este prazer.

Não, não assim.

De onde chegou este pensamento? Quando estava tão malditamente perto de saber finalmente como seria?

Apertou os dentes, incapaz de imaginar como sentiria sua boca fechando-se sobre seu membro. Mas a dúvida o chateou. Uma guerra vermelha de luxúria, uma advertência que crescia dentro dele.

A maneira em que foi para ele esta noite...

Ele se afogou.

—Para. —Agarrou-a pelos ombros—. Se levante. Não quero que o faça.

Puxou ela pondo-a em pé, depois se afastou.

—Isto a faria uma puta. Não pode fazê-lo.

—Em que se diferencia do ovo do alfavaca? —perguntou ela, em um tom cheio de ira.

—Então procurei só te tocar.

Seus olhos cintilaram prateados.

—Por que se preocupa se isto me marca como uma puta?

—Sabe como é? Sei que não se preocupa por mim, mas sinto como se estivéssemos casados. Que você foi com outro homem...E deixado que a tocasse... —Passou as mãos

por seu rosto, sua excitação minguava rapidamente—. Esqueça. —Lançou a caixa na cama e se afastou.

— Pode tê-la.

—O pagamento do travesseiro? Mas, Sebastian, não me ganhou. —Antes que pudesse riscar-se, disse:

— A propósito, asno arrogante... —situou-se a suas costas, arrastando um dedo sobre seus ombros, que se esticaram pelo leve toque, baixando sua voz a um tom entrecortado, e disse:

— Acaba de sacrificar a possibilidade de experimentar como uma mulher imortal adora um macho com sua boca. —Seu dedo passou roçando sua testa quando caminhou ao seu redor para confrontá-lo. Ficando nas pontas dos pés murmurou em seu ouvido:

— Teria dado o mais quente, úmido beijo que tivesse recebido alguma vez. Empregaria anos tomando com minha língua.

Repentinamente pérolas de suor adornaram a testa dele.

—Mas agora, só tenho que te agradecer por me salvar todas essas horas.

Ele estremeceu, depois caminhou a pernasadas, afastando-se com um som que ralava na frustração.

—Pensa que foi fácil me afastar de você? —sentia-se enlouquecido de luxúria. A curiosidade o incitava. Elevando as mãos, caminhou com grandes pernasadas.

— Te vendo de joelhos quando nunca tive...

—Teve que? —quando não disse nada, e só se acariciou e dirigiu sua mão pela nuca, perguntou suavemente.

— Nunca teve isto?

Sebastian se afastou não querendo admiti-lo, e incapaz de negá-lo.

Não o negava? Os lábios de Kaderin se separaram. Nunca experimentou isto?

A idéia a comoveu. Então a excitou, fazendo que tremores descessem por suas costas.

Eu poderia ser a primeira. Poderia confessar que sua cólera tinha sido em parte pelo desejo frustrado. Quando o material molhado das calças tinha abraçado seu grosso eixo diante dela, e que tinha crescido com a fraqueza da humilhação e o calor porque queria prová-lo. Agora que a excitação cobrava vida outra vez.

Ter a primeira vez de um macho? Ela inclinou a cabeça.

—Me... imaginou fazendo isso.

—Porque isto não terminou entre nós!

Ele franziu o cenho como se sua pergunta fosse absurda.

—Já vejo —parecia volátil, fervendo por dentro. Sentiu que estava abandonando um urso ferido e tinha que mover-se cautelosamente.

— Por que desperdiçaria a oportunidade?

Ele se rompeu.

—Porque isto não terminou entre nós!

Ela retirou a cabeça.

—Inclusive depois da Colômbia?

Ele cruzou os braços.

—Esta noite, no campo minado, foi diferente. Isso...Não terminou.

Com suas palavras, uma emoção a percorreu, desejo, sim, mas agora podia confessar muito mais. Sebastian tinha querido ser cruel com ela; claramente precisava sê-lo.

Embora não podia.

Inclusive quando ansiava tão mal este prazer, não podia obrigá-la a fazê-lo.

De repente, a ternura muito menos afligindo. De tal modo que pensar em quão ansioso tinha estado todos estes anos por algo que nunca tinha experimentado também foi sua dor. achou insuportável que continuasse perguntando como seria se ela o fizesse.

Tinha desejado o homem desumano que tinha aparecido fixamente na chuva, mas também tinha fome do homem diante ela com olhos vulneráveis.

—E se eu quiser fazê-lo? —mordeu o lábio—. Ainda quer?

Viu como ficava duro como o aço outra vez.

—Eu ... Só ... Só se você quiser.

Ah, queria. Levantou a mão para acariciá-lo meigamente. Ao sentir seu toque fechou brevemente seus olhos.

—E vou fazê-lo condenadamente bem. Embora tivesse esperado a vida inteira, garanto que haverá valido a pena esperar.

E, é obvio, tinha que estar á altura de sua descuidada fanfarronice. Adoração? Kaderin. Bem, realmente... Recordava uma cena que tinha testemunhado por descuido faz muito tempo. Introduziu-se no harém de um escuro bruxo para liberar uma bruxa boa que tinha encontrado o favor da valquíria. A valquíria não era suscetível aos feitiços, mas este bruxo tinha sido poderoso e Kaderin tinha estado sozinha. Tinha encontrado um esconderijo até que fossem dormir. Em última instância, tinha esperado até a madrugada. Devido que uma de suas concubinas o tinha agradado hora atrás hora de uma maneira muito original. Kaderin não desprezou a idéia, pensando, que um dia, se encontrasse outra vez esses desejos, realmente gostaria de tentá-lo. Esse tempo tinha chegado agora. Queria dar a Sebastian uma experiência para recordar por toda a eternidade. Uma versão imortal sobre o que tinha fantasiado.

—Se quiser, Bastian —passou os braços por seu pescoço.

— Mas tenho condições.

Uma indireta de um meio sorriso zombador.

—Sempre tem condições.

—Penso que pode viver com elas.

Dez minutos mais tarde, Sebastian se encontrou encadeado à cama de Kaderin.

Deveria havê-lo sabido pelo brilho em seus olhos e haver-se esboçado a outro lado.

Mas tinha estado lhe dando suaves beijos com esses lábios rubis enquanto passava a palma de sua mão por seu peito e torso. Quando tinha pedido cinco minutos para preparar-se, tinha-a agradado e deixou o quarto. Quando começava a tirar as botas tinha chegado para tomar sua mão, acariciando-o sensualmente com seu polegar. Colocou o cabelo atrás da orelha, rindo dele enquanto o conduzia à cama.

Perguntou o que tinha feito no quarto? Infernos, não. Naquele ponto, e depois daquele sorriso de feiticeira, se tivesse murmurado “Conduzo o às profundidades do inferno”, a teria seguido silenciosamente.

Logo estavam sobre a cama, beijando-se devagar outra vez. Seus suaves gemidos o enlouqueciam. Quando lambeu sua língua contra a dela, não pôde deixar de imaginar como se sentiria em seu pênis...

Então de repente se encontrou com o pulso encadeado a uma corrente que tinha estirado sob a cama.

—Que infernos sangrentos?

—Bastian, é a condição deste trato.

As advertências tinham surtido. Não era sábio. Somente tinham estado lutando. Não haviam resolvido nada entre eles. Mas sabia que podia se liberar. Que podia riscar-se livre. Por que o queria assim?

Então tinha sorrido uma vez mais, a curva sedutora de seus lábios, e só podia pensar em seu membro deslizando-se entre eles. Deixou que encadeasse o outro pulso.

Quando esteve assegurado, inspecionou-o com seus olhos de prata e lambeu os lábios.

E um segundo depois, olhou com assombro como agarrava suas calças e as tirava, deixando-o sem nada em cima.

—Me imagine na primeira manhã que estivemos juntos —disse, pressionando os lábios em seu torso. Seu cabelo úmido acariciava sua pele, fazendo que estremecesse de prazer.

— Imagine que te tirava as calças e tomava seu membro com minha boca.

Ele gemeu de incredulidade, perguntando se morreria de êxtase quando sentiu seu fôlego quente baixando. Se fosse um sonho, estaria condenado se despertasse. Depois de acariciar com sua boca o rastro de pêlo que conduzia a seu umbigo, deu uma olhada para ele.

— Esta preparado?

—Cristo, sim, estou preparado

O primeiro toque de sua pequena língua quente, encontrando a cabeça de seu eixo, fez que retivesse o fôlego.

—Ah, Deus —finalmente pôde dizer. Quando a ponta se umedeceu, ela o banhou com sua língua baixando esfregando ligeiramente.

Seus olhos ficaram em branco.

Então veio o comprido, lento deslizamento de seus lábios molhados. Arqueou as costas. Quando deu um pequeno golpe com a língua, o prazer foi tão intenso que gritou. Com esforço, levantou a cabeça para vê-lo contendo a respiração. Tinha que ver como o tomava.

Queria lhe afastar o cabelo para ver melhor, mas as algemas o impediam. Podia as romper facilmente, mas ela tinha posto como condição as algemas. Nunca se arriscaria.

Como se lesse sua mente, ela afastou o cabelo sobre seu ombro, brindando uma melhor visão.

Resfolegou quando acariciou seu rosto contra a longitude, meigamente, como o tinha feito aquela primeira manhã contra sua bochecha.

—O que pensa?

—Não se parece com nada —disse, afogando as palavras. Ela sorriu.

Completamente desinibida, continuou trabalhando, fazendo impossível resistir por mais tempo. Sua boca estava tão quente e molhada, que queria que continuasse para sempre, mas sentia que seu escroto se esticava.

—Estou a ponto de gozar... —Justo quando estava a ponto de chegar ao limite, ela o liberou, como tinha esperado. Não se atreveu a pensar que tomaria tudo.

—Não, Bastian, ainda não esta preparado.

Capítulo 32

Franzindo o cenho, Sebastian gritou:

—Acredito que saberia.

Ela espremeu a cabeça de sua ereção com o punho, evitando que ejaculasse. Mal escondeu sua surpresa. Funcionou!

Seu pênis estava torcido de sêmen, a pressão lhe doía visivelmente. Ambos a olharam fixamente antes de cruzar o olhar.

Ela viu o momento exato em que a compreensão o golpeou.

—Não pode significar que...

Quando ela assentiu, deu um puxão nas algemas, parecia incrédulo de que o estivessem contendo-o.

—As algemas foram reforçadas misticamente —explicou lambendo prazenteiramente os lábios— Nem sequer um imortal tão forte como você as pode quebrar, e não pode se riscar por elas, tampouco.

Tentou de novo.

—Me liberte —grunhiu—. É isto uma espécie de vingança? —seu corpo nu turbado pela tensão, cada músculo se sobressaía quando lutava com algemas. Seus braços cresceram até mais com enorme esforço.

—Não é vingança, Bastian. —Uma vez que sua semente desceu de novo, e não estava em perigo de liberar-se, ela eliminou o robe. Sua luta se aliviou quando separou seus lábios. Inclinando-se mais, os seios perto de sua boca, para lhe apoiar a cabeça com um travesseiro. Com o olhar cravado em seu corpo, sua batalha por liberar-se aferreceu. Quando montou escarranchada, fico completamente tranqüilo, como se tivesse esquecido de resistir.

—Mais perto —demandou.

Ela moveu, levando os seios a sua boca, um, depois o outro. Chupou seus mamilos duramente, gemendo ao redor de cada um, as mãos apertando na algemas.

Quando ela se afastou, soltou uma maldição, até que desceu seu corpo para recebê-lo com sua boca uma vez mais. Ela gozava com o sabor de sua carne, amava o sensível que era, quão incrédulo quando lambeu a base até seu pesado saco.

—Estas coisas que me faz... meu Deus, não sabia...

Não podia tomar toda sua prodigiosa longitude, assim usava a mão, esfregando a base.

—Katja estou como...

Agarrou-o duro, evitando outra vez, e ele gritou em agonia. Enterrou os calcanhares na cama empurrando com força, agitando-se em sua mão, desesperado por perder sua semente de qualquer maneira. Nunca tinha visto nada tão erótico como seu corpo retorcendo-se nas algemas.

Mas ela se manteve firme, e depois cresceu drogado com luxúria, quase insensível. Seu corpo suarento e tremendo inteiro pela necessidade de liberar-se. Voltou para seu idioma nativo e as coisas que lhe disse deixavam claro que pensava que não podia entender. Entretanto, ela falava estoniano correntemente.

OH. Tinha esquecido de dizer Sebastian não tinha tido outra, nessa noite na Colômbia?

Grunhia que era sua kema, sua querida, que era preciosa para ele. Admitiu que não tinha sido capaz de dizer-lhe não importa quão mal o necessitava. Quererá morrer se descobre que o entendo.

Disse-lhe que a queria com ele, só ele, depois dessa noite. Assim como que lhe tinha sido fiel, e assim seria. Para sempre...

Sebastian não tinha tido outra, essa noite na Colômbia?

A emoção vibrou através dela, fazendo frisar os dedos dos pés, mais faminta por ele, se era possível, excitada até o ponto da agonia.

Seus dedos desejavam arrastar-se para seu sexo para o que seria uma liberação instantânea. Fiel para sempre? Ela tremeu, agora beijando-o amorosamente, a respiração quente e rápida. Não pôde deter um gemido.

Imediatamente ele levantou a cabeça, agitando-a duro, para eliminar a bruma.

—Me solte.

O que provocou esta mudança abrupta?

—Bastian, desta vez prometo que pode...

—me deixe livre ou prometo que encontrar uma forma de sair destas correntes. — Sua conduta era cada vez mais alarmante. Seus olhos negros se entrecerraram.

Vendo que era sério, inclinou-se.

—Por quê? Você não gosta do que estou fazendo?

Deu um puxão nas algemas, as torcendo, seus olhos se ampliaram.

Não estava do todo segura de querer libertar o vampiro que tinha estado sexualmente atormentando. Enquanto estava nua e necessitada. E não quando seus olhos prometiam represálias.

—Qu-que o que é quer fazer? —trocam as volta como uma moeda falsa.

Se desbloqueasse as correntes, a tomaria essa mesma noite.

Agora sentia como se ele fosse saltar um passo.

Não tinha preparado para ter sexo com ele ainda. Ainda? OH, deuses. Como se tivesse sido uma conclusão. Somente tinha dormido com homens nos que confiava, e com todos os consideráveis encantos de Sebastian, não confiava ele.

Esticou outra vez as algemas até mais duramente que antes, mas o vampiro não poderia as romper sem se fazer machucar antes.

De repente, foi consciente do muito grande que era. Seus músculos definidos que usualmente ela adorava agora a faziam engolir com alarme. Seu pênis, que sempre encontrava tão grande e maravilhoso, intimidava-a.

Tudo a empurrava que queria correr, mas quando uma gota de sangue escorregou por seu pulso, gritou:

— Espera! — mergulhando-se foi pela chave. Com as mãos tremulas, soltou-o.

Em um instante, jogou-a para atrás, ameaçador, e começou a tocando e acariciar entre suas coxas. Gemeu ao teto quando a encontrou tão úmida.

— Bastian! O que estas fazendo?

Ele a enfrentou.

— É o momento — sua voz estava irreconhecível.

— Qu-o que, do que? Por que agora?

— Esta nos negando, sem razão... Me quer, também — toda sua mão cobriu possessivamente seu sexo, esfregando.

— Me diga que não me necessita dentro de você, e me pararei. — Com a outra mão, agarrava seu seio, acariciando com o polegar sobre o enxuto mamilo.

— Me diga — Qu-O que? Esta de acordo em ter simplesmente sexo?

Olhou longe, apertando os dentes. Finalmente, ofegando entre suspiros, disse:

— Se fizermos isto, Sebastian, não estaremos fazendo amor. Não me reclame, como se tivesse perdido uma bagagem. Isto não é uma promessa de nenhum tipo. Só sexo sem sentido.

Resistiria isso a?

Pelo contrário, gritou:

— De acordo.

— Qu-O que? Esta de acordo em ter simplesmente sexo?

— A algo com você, Noiva. — Seu olhar escuro a fez tremer, inclusive antes que grunhisse.

— Estou em dívida.

— Assim pensa que somente vai tomar as rédeas.

Se o fizer, estou perdida.

Em resposta, Sebastian se ajoelhou entre suas pernas, empurrando para afastar seus joelhos.

Kaderin era tão formosa, seus seios exuberantes debaixo de suas mãos, seus mamilos rígidos contra sua palmas. Seu sexo visivelmente molhado, esperando para ser cheio, e seu pênis pulsando por enterrar-se nela.

— Sebastian, não podemos fazer isto! Não estou preparada. — Suas palavras morreram em sua garganta quando ele deslizou um dedo dentro dela.

— Noto-te preparada — disse pressionando um segundo dedo nela.

Quando seus joelhos se abriram em rendição, sábia que estava a ponto de tê-la, ao fim, e nada o deteria. Não depois do que acabava de fazer com ele, e a ela mesma. Sua Noiva o desejava, tinha gemido ao redor de seu pênis, lambendo-o desesperadamente. Seu beijo o tinha enlouquecido, mas a idéia de que doesse porque o que podia dar era muito para aceitá-lo...

Não queria feri-la, não obstante, sabia que nunca tinha estado tão duro. Poderia agüentar um pouco, e assegurar-se de que seu corpo estivesse preparado para ele.

Seus dedos empurraram para dentro e para fora, pouco a pouco, enquanto brincava com seus mamilos, e de repente ela estava tão frenética como ele.

—Bastian —exclamou.— Estou preparada!

Quando tentou arrastá-lo para ela, as garras mordendo em seus ombros, apanhou suas pulsos sobre sua cabeça com uma mão.

Ficou selvagem. Exploravam gritos dela, enquanto se arqueava bruscamente. Sabia que tomá-la seria furioso...

Com sua outra mão, agarrou seu membro para guiá-lo para dentro. Quando a ponta conheceu seu calor, resmungou uma maldição agonizante, e esfregou a ponta acima e abaixo sobre seu escorregadio sexo.

—Por favor...

Trabalhou só colocando a ponta, e gemeu em angústia. O impulso de corcovear entre suas pernas ou cair nela era entristecedor. Afogava-se com as palavras.

—Esta tão apertada. —Tão apertada como suspeitava que uma virgem seria.

Ela estava ofegando, seus suaves seios apertando-se contra seu peito enquanto rodava os quadris na cabeça de seu pênis trabalhando para entrá-la nela. Teve que liberar seus pulsos para assim segurar seus quadris e sujeitá-la contra o colchão.

Estava desesperado por liberar-se, por sua liberação. Seguiria-a embora o matasse. Enquanto conduzia sua longitude nela, polegada a polegada, apertava os dentes. Quando flexionou os quadris, afundando-se mais dentro, ela gritou, e ele se congelou.

—OH, Deus, machuquei-te.

Logo que disse isso, sentiu a verdadeira razão pela que tinha gritado, e atirou a cabeça para trás no choque de prazer. Estava gozando e seu sexo se contraía freneticamente ao redor de seu pênis, apertando-o como um punho quente, seu corpo demandava o que queria lhe dar.

Seu orgasmo continuava e continuava, puxando ele mais profundamente ao seu interior. Nunca o tinha imaginado...

Depois disso, não pôde negar sua umidade, sua faminta vagina. Incapaz de deter-se do mesmo modo, afundou-se nela tão rápido como podia, moendo contra ela, gritando, então a ponto de arrojar sua semente.

Nunca podia imaginar...

Sua cabeça açoitava contra o travesseiro, e seu fino corpo se retorcia debaixo dele. Suas pernas o rodearam a cintura, assegurando seu pênis profundamente enquanto se contorsionava, tão indomável como ele a tinha conhecido. Sua pressão apertado calor.

Não lutou contra isso. Segurando-se a ela duramente, corcoveou incontrolavelmente. Deu um brutal grito quando gozou. Gemia com cada disparo, uma e outra vez, implacável, se entregou o mas violento prazer que tivesse imaginado.

Capítulo 33

Kaderin caminhou rua abaixo, apenas depois da madrugada, depois de ter deixado o formoso vampiro e a caixa para trás.

Tinha vacilado durante uma hora a respeito da possibilidade de reclamar os pontos ou não. No final não pôde fazê-lo, embora tinha tido que levantar a caixa justo debaixo de seu coração. Supunha que essa parte de sua anatomia tinha sido tão afetada como o resto dela depois da noite de ontem.

Apesar de que precisava chegar ao aeroporto para estar preparada na próxima atualização do pergaminho, manteve-se vacilante, distraída, repetindo as cenas da noite anterior.

Depois que ele teve culminado, tinha seguido empurrando suavemente, embalando-a na escuridão, acariciando seus lábios sobre seu rosto. Sabia que queria tê-la outra vez, mas tinha estado muito pálido. Quando seu corpo tinha começado a agitar-se, tinha suspeitado que não tinha estado bebendo regularmente. Finalmente tinha caído sobre suas costas, atraindo-a para seu peito dentro da curva de seu braço.

Agora que ela e Sebastian fizeram amor, sentia tudo diferente. Esta manhã, estava vendo as coisas de maneira que não podia recordar. A primavera sempre imbuía a Londres de milagrosas cores e essências, mas não podia recordar a última vez que o tinha notado.

Tinha visto crescer esta cidade de um campo úmido a uma grande metrópoles. Seu pensamento fez uma pausa. Era velha. E ontem à noite tinha posto em relevo que tão pouco satisfeita estava com sua vida em geral. É obvio, sentia falta de suas irmãs, mas realmente esperava as recuperar plenamente, até se morresse.

Kaderin pensava que o sacrifício poderia as fazer retornar. Quantas fábulas, das quais noventa e nove por cento eram certas, diziam-lhe que se desse ao guerreiro a oportunidade de compensar uma falta de critério? O destino final de Kaderin tinha sido a expiação. Se ia morrer, certamente não seria para nada. Sacrificando-se poderia restaurar suas irmãs à vida, pelo que o destino fosse, seria honrada pelos seus. E além disso, queria viver para sempre? Tinha-o!

Antes da noite de ontem, não se agitava verdadeiramente por si mesma por temor a sua próxima morte. Agora se perguntava se seria doloroso, e se Sebastian estaria perto.

Tinha chamado a Nix com seu celular não rastreável para obter uma atualização do tipo premonição de morte. Tinha imaginado o que diria: “Hey Nixie! E Ai, recorda o que me disse que, bem, de que eu ia morrer e tudo isso rindo nervosamente. Bem, viu algo com respeito a um muito viril e sexy vampiro que vem por mim a me dar apóio moral?” Mas era muito tarde da noite em Nova Orleães e era muito provável que Nix estivesse fora de cobertura nas ruas. Sem respostas, Kaderin o único que podia era especular.

Havia tantas maneiras nas que uma valquíria poderia morrer, decapitada, por dor, imolação ou uma espécie de assassinato místico. Decapitação seria provável.

Uma morte violenta. Kaderin tinha previsto cenários encantadores...

Enquanto cheirava as flores das cerejeiras, pensava na violência que havia infringido ao longo de sua longa vida, culminando na matança do campo de minas na noite passada. Recordando a Bowen chamando a sua companheira perdida, a metade de sua cabeça destruída, e até engatinhando pela caixa. Pensou que Cindey tinha murmurado algo a respeito de um bebe.

Kaderin encheu os olhos de lágrimas, e tropeçou com alguém na rua. Quando deu uma olhada de novo, justo ante ela havia um açougue.

Mordeu um pouco seu lábio inferior, recordando a palidez do rosto de Sebastian. Atreveria-se ele a tomar seu sangue? Aguardando culposamente ao redor, como se outros pudessem escutar seus pensamentos.

Este era um passo que nem sequer tinha contemplado. Não só não ia matar o vampiro, mas sim o estava deixando viver. Estava considerando a possibilidade de fazer que o vampiro estivesse mais cômodo depois do cataclísmico sexo que tinham tido. Fez uma risadinha surpreendida. Até onde tinham cansado os capitalista?

Kaderin encontrou a si mesma entrando na loja. Perguntou por seu pedido, e sem arquear uma sobrancelha, isto era Londres, depois de tudo. Recebeu um recipiente de plástico em uma bolsa de papel marrom. Procurou por moedas de libra esterlina no bolso de sua jaqueta, e depois se apressou fora da loja com sua compra.

Agora chegaria tarde ao aeroporto, e em tudo o que podia pensar era que o tinha deixado com fome. Isto era tão... tão caseiro, e era absolutamente emocionante para ela. Como o tinha sido no avião naquela manhã enquanto estavam se vestindo. Justo antes que me dissesse que ia casar se comigo.

De volta á casa, notou o gosto que lhe dava ver suas coisas junto às suas. A irritação se foi, pelo fato de que simplesmente se mudou com ela. Agora de repente queria que seus pertences estivessem juntos. Queria suas coisas misturadas.

Escondeu o sangue na geladeira, e imediatamente se alegrou de havê-lo gasto, porque, apesar de que parecia haver-se movido, não havia tocado nada.

Depois de cruzar o quarto, aproximou-se da cama. Afastou o cabelo da testa e retirou a colcha. Ternura. Eu gosto desta sensação. Esta transformando rapidamente em uma de minhas favoritas. Antes de abandonar o quarto de novo, assegurou uma manta sobre as cortinas como uma garantia adicional contra o sol.

Tirando o fato de que era um vampiro, poderia alguma vez ter uma vida com ele? Passou por cima o vampirismo de Emma e seu amante.

Entretanto, não importava se Kaderin o pudesse aceitar. Suas irmãs não poderiam, inclusive, se de algum jeito conhecessem Sebastian na trocada realidade, sábia que era impossível, até se viveria.

Se viveria, teria salvado a Dasha e Rika. Salvando suas vidas mudaria a história...

Tinha pensado em levar uma carta para ela quando recuperasse suas irmãs. Sabia como se trabalhavam normalmente as adivinhações. Se escrevesse uma carta, dizendo a si mesmo que fosse ao castelo da Rússia e se apaixonasse pelo vampiro dos olhos tristes, e dolorosamente magnífico, seu próprio passado nem sequer seria reconhecido por sua própria trocada letra. Pensaria que se tratava de truque de vampiros, e que terei que ir lá

para matá-lo. Ou alguém em sua aquelarre encontraria a carta e iria com a mesma intenção.

E entretanto até sabendo de quão inalcançável era um futuro com ele, antes de ir-se uma vez mais, fez uma rápida nota para ele.

E mentalmente coincidia consigo mesma: Idiota, boba, tola. Misty a Admiradora de Vampiros? Não tenho nada que ver.

Ela não estava na cama com ele quando despertou pela tarde.

Sebastian sentou, querendo encontrá-la, mas imediatamente caiu de costas, braços e pernas mortos com fadiga e esparramando-se através da cama.

Olhando ao teto, tentando ordenar-se através do que tinha ocorrido.

Tinha falado em estoniano e ela tinha respondido. Disse uma maldição. As coisas que havia dito... Gemeu, jogando um braço sobre seu rosto.

Mas tinha estado fora de sua mente. E que homem não o estaria enquanto experimentava o ato pela primeira vez e de tal maneira? Muito menos sabendo que ela estava desfrutando.

E depois... Afundando-se dentro dela.

A mais incrível experiência de toda sua vida.

Correu os dedos através de seu cabelo enquanto se acostumava á realidade. Com Kaderin, nunca poderia experimentá-los de novo. Queria um vínculo fiel entre os dois; já que ela se foi sem uma palavra. Isso foi só físico para ela, igual que a rápida liberação, como tinha ansiado na cova, quando não tinha querido tocá-la durante horas. Seu coração se afundou quando se deu conta de que nada tinha mudado entre eles, tal e como tinha advertido antes de que a tivesse tomado. E a última vez que tinham falado do futuro, tinha-lhe prometido que não a faria dele.

Deu uma olhada, espiando uma nota sobre a mesinha de noite. Agarrou-a como um homem que se afoga e tivessem jogado uma bóia para salvá-lo.

“Há sangue na geladeira. Haverá sol hoje, assim me chame quando se levantar coloquei meu numero em seu telefone. XOXO¹¹ Kaderin”.

Seu queixo caiu. Embora a carta fosse breve, encontrou a si mesmo relendo-a. Era como uma nota que se deixa uma esposa a seu marido, pelo que não pôde envolver sua mente ao redor disso. Não haviam resolvido nada ontem à noite e ainda havia a mesma irritação entre eles.

Esta brincando comigo? É uma espécie de brincadeira cruel? Tenho um telefone?

Confuso, arrasto-se nu da cozinha à geladeira, fazendo uma profunda inspiração agarrou o buchador. Ali, a única coisa dentro, uma bolsa lisa de papel.

Tinha-lhe levado sangue. Por que teria feito isto? Estaria envenenada? Tomou a bolsa e a lançou no balcão, mas como resultado, viu a caixa do campo de minas. Tinha-a deixado.

Fechou a porta da geladeira e bateu sua cabeça repetidamente contra ela.

Concha do Rio Congo

¹¹ abraços, e ou beijos

República Democrática do Congo

Dia 25

Prêmio: Um pentáculo jaguar de jade, ferramenta para altar demonolatria

Valor: Treze pontos.

Quando Sebastian se riscou diante ela e encontrou a si mesmo em uma sufocante mazela, reconheceu que prêmio tinha escolhido Kaderin.

Tinha navegado a selva, a selva equatorial, da beira baixa do rio às altas terras do Maciço da Virunga. Perto, uma cascata ensurdecedora, e junto a ela uma antiga tumba. O prêmio estava enterrado ali na rica e escura terra.

Apesar de que a nevoa era densa, ainda estava se queimando, evitando os raios de luz como se fossem lanças que choviam. Mas não importava, terei que fazer todo o possível para ajudar sua a... já que ela tinha renunciado à caixa.

Levava-a no bolso da jaqueta e correu o dedo sobre ela, desejando que o prêmio não tivesse expirado.

Alegrava-se de que não quisesse isso entre eles? Sem dúvida. Mas agora, tudo o que podia pensar era no incrível número de pontos que tinha sacrificado quando obviamente mataria por ganhar.

Onde inferno estava? Não podia espia-la através do grosso crescimento e a névoa da cascata, mas não poderia permanecer por muito mais tempo.

Um ramo se quebrou atrás dele. Girou entorno dele, surpreendendo o plano de uma pá em seu rosto.

O som metálico com seu crânio, ressonando... até que... tudo negro.

Quando despertou, estava sendo preso. O escocês? Via seu rosto impreciso. Muito fraco para rastrear. Tenta de novo. O negrume vacilou uma vez mais.

—Para algum de nós, sanguessuga, não se trata de um jogo — disse MacRieve.

O som da cascata estava perto. O vapor engrossando-se. Sem poder riscar-se.

—Não simplesmente uma maneira de impressionar uma valquíria para que se digne foder-te.

Arrastando-o até a borda.

—Por seu truque no campo de minas, vai nadar e sua pequena valquíria vai de mergulho.

Como de alta era a queda? Não importa. O sol...

—Não acredito que vai morrer, não importa o muito que possa querê-lo.

MacRieve o chutou nas costelas e o envio voando sobre a borda.

Capítulo 34

Praia do Tortuguero, Costa Rica

Dia 27

Prêmio: Uma lagrima do Amphitrite, conservada em uma conta

Valor: Onze pontos

—Caminhando um pouco patizamba, sereia? —pergunto ligeiramente Kaderin, embora estava fervendo por esse aviso, evidentemente Cindey havia fodido com o muito bem dotado Nereus quando tinham retornado com os pergaminhos. Cindey e ela estavam quase atadas.

— Nereus esta visitando os bairros baixos.

—Falando de bairros baixos, onde esta seu vampiro? —perguntou Cindey—. As ninfas disseram que ouviram que tinha te abandonado. Não pensei que fosse possível.

—Pareço preocupada? —sempre desfrutava fazendo essa pergunta, já que sabia que a resposta era invariavelmente não.

—Sim, Kaderin, parece. —Cindey parecia assombrada por este fato.

Kaderin casualmente assobiou, esperando cobrir sua consternação, porque era verdade que tinha estado sem seu vampiro durante quarenta e oito horas. Sebastian não tinha chamado, não tinha riscado, e se sentia como uma enterrada-e-apurada idiota.

A falsa moeda... chega muito real?

Sim, havia dito coisas, expresso seus sentimentos e promessas quando o estava beijando. Mas quanto peso poderia lhe pôr aquelas palavras? Tinha estado louco de prazer.

Como não poderia ser sua moça favorita no momento?

E realmente, O que tinha acontecido? Além de que era definitivamente, erroneamente um interlúdio sexual sem sentido? E exatamente por que tinha sido tão firme sobre isso?

Negou-se absolutamente a chamar Myst para perguntar sobre o Sebastian. Essa postura só tinha durado aproximadamente seis horas antes de derrubar-se. Mas Myst e Nikolai não o tinham visto ou tinham tido notícias dele em dois dias.

O terceiro engano? Não pedir. Sobre tudo depois de uma maratona de ginástica de sexo imortal.

Cedendo diante suas inseguranças nesta nova situação que eram melhor que a alternativa: o reconhecimento que estaria aí... A menos que estivesse ferido. Ou pior.

Calculou que já que suas emoções eram tão cambiantes, poderia tentar também pôr todas elas em novas mãos. E gostava do olhar e a sensação de irritação e indignação mais que a de preocupação e temor.

Nada disto importava. Uma vez que voltasse por suas irmãs, nada disto existiria. Tinha que recordá-lo.

Desde a manhã que o tinha abandonado e deixado a carta —e tinha deixado seu prêmio—, tinha competido em três tarefas. Em cada uma, tinha tido a desgraça de reunir-se com a Lucindeya e Bowen.

Bowen saiu espantosamente mal ferido do campo de minas, não mostrando nenhuma regeneração. Ainda estava mal de um olho e a pele de mais da metade da testa. O sangue se filtrava da ferida, empapando sua camisa Cambris. A maldita bruxa não deveria estar tão machucada.

Kaderin quase se compadeceu dele, do modo em que se compadeceria de um lobo monótono apanhado em uma armadilha da primavera. Tinha-os liberado antes, e sempre pareciam aturdidos, com olhos selvagens, não tendo nem idéia de por que tinham sido escolhidos para sentir tal dor ou como terminá-lo.

Bowen recordava isso exatamente. Mas, no final, os lobos sempre grunhiam e tentavam morder, e embora estivesse blasfemado, Bowen seguia sendo uma força a ter em conta na competição.

Tinha caminhado trabalhosamente por uma selva cheia de areias movediças para recuperar um pentáculo de jade. Pensava que era rápida e que tinha possibilidades contra Bowen porque ainda estava ferido. Mas ele tinha pirado sobre o terreno selvagem. Tinha-lhe tirado aquele prêmio, deixando-a ofegante e privando-a dos pontos.

Tinha-a esquadrinhado, até caminhou ameaçador para ela. Então, como se tivesse tomado uma decisão, afastou-se.

No Egito, Kaderin tinha respondido um enigma de uma complexidade assombrosa que deixou à Esfinge —o lykae e a sereia— perguntando-se como o tinha conseguido. Em segredo, também o tinha perguntado. Tinha ganho o único escaravelho de ouro de dez pontos e reduzir a diferença com o Bowen e tomado uma leve vantagem sobre Cindey.

Mas só ontem à noite na China, Bowen tinha chegado primeiro à única Urna de Oito Imortais, as deixando a ela e a Cindey com somente o esforço de chegar ali. Tinha alcançado seus oitenta e sete pontos, assegurando seu lugar na final.

Kaderin tinha setenta e quatro pontos. Cindey tinha setenta e dois.

Não lhe tinha escapado a notícia a Kaderin de que estava a treze tímidos pontos da final —o valor exato do prêmio que tinha abandonado.

Hoje, as instruções eram nadar dez milhas até que aparecesse uma porta em forma de redemoinho e os baixasse ao prêmio uma lágrima de Amphitrie, que conforme contam cura qualquer ferida.

Quando o crepúsculo se deslizou mais perto, os competidores seguiam a linha da praia. Estes principiantes eram novos —os veteranos tinham jogado um olhar a esta tarefa, onze pontos, e esperavam alguma captura. A primeira pista que viu Kaderin do que poderia ser esta captura se produziu quando cabeças de vaca se bamboleavam na água justa na beira.

E foi antes que visse o primeiro focinho.

Com um trote rápido baixou à praia, encontrou um riacho que fluía constante ao oceano. Levando as cabeças. Rio acima, uma planta carnívora era a causa de tal lixo.

—Tubarões! —grito Cindey quando Kaderin retornou.

— Malditos tubarões. —Enfrentou a Kaderin—. Entrou?

—Poderia. E você?

—Se o fizer, não terei muitas opções —disse Cindey bruscamente.

Os seres do Lore e as baixas criaturas se tomaram grandes moléstias para chegar, atraídos com a idéia de um agente curativo, e provavelmente perguntando-se por que os mais velhos não entravam na água. Então também se precaveram dos focinhos. Nenhum deles falou de nadar. Mas Kaderin se encontrava em uma situação desesperada.

Tinha deixado a maldita caixa. valquíria tola, tola.

—Lá que vou eu — resmungou, pegando sua espada.

—Kaderin vai fazer! — sussurrou alguém. Os outros a assinalaram.

Encolhendo os ombros deixou a mochila e jaqueta, recolheu a espada, jogando a correia sobre seu ombro. Afastou par trás da linha da praia e saiu correndo, mergulhando no último momento, ganhando jardas ao mar.

Com tranquilidade, suavemente, nadou livremente entre os tubarões.

Não esta tão mal. Dez milhas não são nada. Se não sangrasse ou a derrubassem estaria bem.

Um golpe agressivo lhe tirou o ar. Não faça caso de nada. Outro golpe deliberado.

Em segundos, o mar se encheu deles, fazendo impossível nadar sem golpear a algum com cada patada. Sábia que ninguém tinha visto algo assim alguma vez ou tinha documentado algo como isto. A planta carnívora, em essência, funcionava como uma granja de tubarões.

A espada era inútil na água. Um tubarão era pior que outros, o touro de todos eles, lhe dando um violento empurrão.

Os dentes se afundaram em sua coxa. Gritou pela dor, empurrando seus dedos na carne ao redor das filas de dentes, abrindo as mandíbulas para afastá-lo.

Agora lutava por sua vida. Com fódidos chantagistas.

Chego-lhe um breve pensamento de que certamente Sebastian se riscaria outra vez e poderia encontrar seus restos — se ficava algum.

Kaderin acreditava que morreria de forma violenta, mas estaria condenada se servia de alimento. Mergulho, esfaqueando-os com suas garras, mordendo-os como eles procurava mordê-la. Cheia de indignação, e o vermelho abrangendo sua visão.

Afundou as garras no focinho do touro, puxando-se para baixo, com tanta força como pôde. O sangue obscureceu a água, com borbulhas vermelhas e correntes por toda parte. Impossível, mais tubarões chegaram. Ela cuspiu, depois mordida outra vez.

Realmente podia morrer aqui. Um imortal podia morrer de um ataque de tubarão, se a cabeça era separada do pescoço.

Atirou outro golpe com as garras no lado liso do touro, mas não podia lutar contra todos.

Mergulhou, determinada a esconder-se em um recife. Podia agüentar a respiração durante compridos períodos de tempo.

E não podia morrer afogada. Diga-lhe a Furie.

Antes de poder escapar, o touro a agarrou pela perna, açoitando a quando a propulsou para trás retornando-a para luta.

Esfaqueando-a freneticamente. Dor. Quando arremeteu outra vez contra ele, rasgou com suas garras a pele do tubarão. Corpos enroscados, o poder neles... Esperneou até a superfície, tomando ar para retornar.

Alguém a agarrou pela outra perna por cima do joelho, afundando-a com erráticos puxões. A água trouxe seu grito.

Capítulo 35

Sebastian despertou bruscamente, e imediatamente paralisou para trás, estremecendo-se pela dor que sentia na cabeça.

Tentou manter os olhos abertos olhando o céu estrelado. Uma brisa quente o acariciou mantendo-o imóvel no leito pedregoso. Sentiu alívio uma vez mais, lutando por determinar onde estava, entreabrindo os olhos quando as lembranças da selva o bombardearam.

Aquele lobo de merda o tinha jogado a um rio enfurecido. Cada vez que tinha puxado Sebastian para salvá-lo do sol, era quando lhe entrava água nos pulmões. Depois do que pareceram dias, a água se acalmou finalmente. Com a pele queimada pela luz, e sangrando a fervuras de um olho, tinha estado seguro que morreria. Mas tinha caído à beira... porque estava faminto de ter um futuro, com Kaderin. Antes de sair, arrastou-se até que somente suas pernas estiveram expostas. Durante todo o dia, queimou-se, muito fraco para mover-se e evitar a dor.

Quanto tempo tinha estado inconsciente? O dia inteiro? Tinha sede, e estava esgotado.

MacRieve ameaçava Kaderin. Ficou em pé, riscando-se para ela. Quando o golpe o enjoou e se balançou sobre seus pés, já estava em uma praia tropical em algum lugar bem no pôr-do-sol.

O que significava que estava do outro lado do mundo. Outra vez

Uma dúzia de competidores do Lore olhavam algo fixamente no mar. Sebastian seguiu sua atenção, e espiou um anel mais escuro formando redemoinhos na água. Focinhos de tubarão cortavam a água, depois diminuía para baixo. Alguém estava morrendo, e ninguém se incomodava em emprestar ajuda. Uma mão apareceu sobre a superfície. Seu estômago se contraiu. Kaderin.

Em um instante se riscou. Sob a água escura para ela. Era impossível ver. Sangue — seu — e tecidos, grossos pedaços de tubarão na água. Golpeou, lutando por passar entre os tubarões para tomá-la pelos ombros.

Perdia-a. Alguém lhe agarrava a perna, puxando-a do agarre de Sebastian, estirando com frenesi.

Sebastian lutou com toda a força que tinha. Golpeou e se uniu, cortando suas mãos com os dentes, não fazendo caso de suas próprias feridas, abrindo-se caminho.

Sua mão se fechou em um punho sobre seu braço...

Foder, conseguiu-o.

Se trasladou à praia, caindo ao chão, embalando-a em cima dele para não esmagá-la.

Não respirava. Erguendo-se, puxou para seu lado. Ela tossiu, afogando-se com a água. Esfregou suas costas quando cuspiu na areia. Quando agüentou a respiração, a tomou em seus braços, balançando-a. O que aconteceria não despertava? Estava...Morta? Estremeceu, não podiam se separar outra vez. Inclusive se tinha que encerrá-la sob chave.

Quando suavemente a segurou pelos ombros para ver seus olhos, ela resmungou:

—Estas branco como um fantasma.

—Estava a segundos de que lhe comessem viva! —rugiu, passando do medo à fúria em um instante—. Ou afogada.

—Realmente me afoguei. —Franziu o cenho ofuscadamente.

— Acredito que foram duas vezes.

—Isto me desgosta. E se não tivesse chegado a tempo? E se não tivesse estado ao redor para te salvar a vida?

—Não o entende? —quebrou-se—. Por mais de um milênio, ganhei esta competição facilmente. Então chega, obriga-me a trocar minha estratégia —tomo ar para continuar—. Assumo riscos que não teria tomado antes. Não teria tentado este desesperado ato se não tivesse deixado a caixa.

—Não queria que a deixasse.

Ela o observou.

—Sim, Sebastian. Fez-o.

—Não se esta era a alternativa. —Sua voz era rouca—. Sabe o que parecia com a visão em meio de tudo? Ver-te baixando antes de poder reagir? Via-te... Morrer —alisou o cabelo molhado, e tirou a areia de sua bochecha.

— O que te fará desistir?

—Nada —disse, com expressão obstinada.

— Nada nesta terra me impedirá de ganhar o prêmio.

—Talvez sua morte.

—Esperei-a por muito tempo.

Com voz furiosa, disse:

—Noiva, tem um pouco de tubarão no queixo.

Ele tocou com o dorso do braço, com porte desafiante.

—Mordeu-os?

—Eles me morderam primeiro! Não tinha opção.

—Viu que havia tubarões e não pensou em me esperar?

—Como não chamou? Quer saber o terceiro maior engano? Os homens não chamam depois de nos seduzir.

As seduzir?

Sua ira se elevava claramente.

—Não ia esperar quando estiveste ausente por dois dias. A última vez que realmente falamos, lembra que me informou que me abandonava. O primeiro vampiro que renuncia a sua Noiva. Blah, blah, blah.

—Deve ter sabido que viria por ti. Espera, disse dois dias?

—Para o que me importa Sebastian, se perder a noção do tempo

—Estava em uma selva, morrendo, me queimando muito devagar. Ou teria estado aqui.

—Qu-Que diz?

—risque-me ali para te ajudar naquela manhã. Mas o escocês me golpeou com uma pá no rosto, depois me lançou ao rio —entrecerrou os olhos.

— Te fez mal?

—Não. Mas pareceu realmente tomar uma decisão sobre mim.

—Pensei que somente tinha sido um dia. Esteve aqui fora durante dois dias sem mim?
—apertou suas mãos.

—Ow!

Olhou para baixo horrorizado ao ver que lhe tinha machucado mais suas mãos. olharam-se antes de baixar a vista por suas pernas. As calças estavam cortadas, a pele mordida e sangrando. Estava ferida pior do que tinha visto alguma vez. A areia ao seu redor estava escura. Era sangue...Por toda parte.

—Meu Deus, por que não me disse? —Rugiu, furioso outra vez.

—Ah, me perdoe pelo sangue —resmungou quando viu seus olhos pregados em suas pernas—. Não quero afiar seu apetite.

—Pode ser muito pesada às vezes, esposa.

—Não sou sua fodida esposa.

—Ainda. —Contra seus fracos protestos, embalo-a contra seu peito puxando-a fortemente para ele. Em um tom mais suave, disse:

— Te levarei para casa e te enfaixarei.

Os outros seres do Lore detinham seus passos para contemplar A valquíria sustentada por um vampiro. Cindey ficou com a boca aberta de assombro.

Kaderin não pareceu se preocupa. Deu uma olhada e depois ao horizonte, mordeu o lábio, suas sobranceiras se curvaram.

—O prêmio...

Inclusive depois do que tinha passado, sua mente voltava outra vez ao prêmio. Pondo seu dedo sob o queixo, a giro para confrontá-lo. Seus olhos estavam iluminados em seu mágico rosto quando o olhou. Queria lhe dar o que desejava

E não podia.

—Katja, não posso recuperá-lo para você. Por que não posso ver o destino.

—Soube como me encontrar.

—Se você pode me ajudar a determinar como encontrar o movimento, no redemoinho vivo e fazer que se abra para mim, arriscar-me com os tubarões.

Suas pálpebras começaram a fechar e o alarme se acendeu dentro dele.

—Sinto muito, Katja. Encontrarei outro caminho. —Riscou ao apartamento, pondo-a na cama. Com seriedade, tirou a camisa e começou a limpá-la e lhe enfaixar suas mãos e braços. Mas suave, temendo machucá-la mais do que já estava.

Quando rasgou suas calças, ambos ficaram tranquilos ao ver que as feridas não eram tão graves.

—Pode ... Não pode morrer por isso? —perguntou, com voz rouca.

—Não, absolutamente —disse em um tom sonolento—. Que é a razão pela que necessito que me risque para a praia imediatamente.

Suas palavras eram ridículas diante suas feridas.

—O que te leva realmente a fazê-lo? Por que não me diz isso?

Ela estudou seu rosto, olhando-o fixamente nos olhos, como se procurasse sua alma.

—Não pode confiar em mim —disse.

Parecia que queria confiar nele, mas não podia.

—Conheci-te recentemente menos de um mês, mas tenho... Aprendi lições muito duras durante os passados dois mil anos.

—Eu sei. Vi em meus sonhos.

—Podia confessar-se culpado de que em seu lugar, tampouco confiaria em um vampiro. Mas Sebastian sabia que sua palavra era boa. Somente tinha que persuadi-la.

— Juro que nunca me parecerei com aqueles demônios de olhos avermelhados. Não há nenhuma razão para não me dizer isso.

—Sabe que nunca te faria mal!

—Não há também nenhuma razão para dizer — respondeu.

—Poderia te ajudar.

—Não vai fazer de qualquer modo? — perguntou.

Ele franziu o cenho.

—É obvio. Mas tem que haver algo para que confie em mim

—Sim, minha crença absoluta de que nunca usasse minha confiança contra mim.

—Sabe que nunca te faria mal!

—Não disse me fazer mal. Disse usá-la contra mim — Suas pálpebras voltaram a fechar.

—O amor pode influenciar vampiro.

Quando esteve segura, enfaixada e dormindo profundamente, tomou banho, sua preocupação e fúria finalmente começaram a atenuar-se. Mas também cheio de uma nova resolução. Sabia que ela não podia morrer. Mas poderia feri-lo fodendo. E se viu se permitindo estrangulá-lo, apunhalá-lo e golpeá-lo cada noite. Não o faria mais.

Depois de vestir-se, se riscou, retornando à praia para ver se podia fazer algo para finalizar essa competição infernal. Depois de dois dias de competição sem Sebastian, estava a treze pontos longe da final.

O número exato de pontos que tinha sacrificado a favor dele.

Ainda não podia acreditar que tivesse deixado a caixa. Tinha comprovado em seus bolsos, mas a tinha perdido. Que era compreensível, considerando sua queda e depois sua lenta velocidade através da ribeira.

Na praia, divisou uma oportunidade, e foi por ela. Se não podia tirar o prêmio da competição, podia tirar a competição do prêmio. Retorno com Kaderin em quinze minutos, sacudindo a neve de seu cabelo.

Quando se reuniu com ela na cama, ela se acomodou no travesseiro e murmurou.

—Cheira muito bem.

Com cuidado a aconchegou contra ele, recordando o bem que encaixavam.

Sua respiração ficou ligeira e rápida, como sempre que dormia. Moveu-se nervosamente e gemeu suavemente. Acariciou-lhe o cabelo, acalmando-a.

Quando finalmente dormiu, ele sonhou com suas memórias outra vez. Agora era esperado. Mesmo que estas não eram memórias do passado. Kaderin agarrava o telefone com ambas as mãos, com olhos chorosos, quando uma de suas meias irmãs entregou uma sentença de morte.

Capítulo 36

Kaderin abriu os olhos, confusa por encontrar a si mesma ainda aconchegada nas cobertas que insinuavam um atraente aroma.

Ele sentou na borda da cama, com a cabeça entre as mãos, igual à primeira vez que o tinha encontrado. Sabia que tinha ido da pena à euforia essa manhã. Mas também sabia que após, tinha-o desiludido e feito mal.

— Quanto tempo estive inconsciente? — perguntou, com voz áspera.

— Dois dias.

— O que? — gritou, erguendo-se.

Ele a agarrou pelo ombro quando se balançou.

— Calca, katja. Foi ferida pior do que nós pensamos. Perdeu muito sangue. Me deixe veras bandagens — desembrulhou sua perna—. Meu Deus, cura-se rápido. — As navalhadas em suas pernas tinham cicatrizes rosas e levantadas, mas pareciam descolorar-se diretamente diante seus olhos.

— Está perdido — disse, quebrando as palavras. Mais de uma lágrima deslizou por sua bochecha, e furiosamente a afastou.

— Katja, não esta.

— Comigo fora do quadro, Cindey teve todo o tempo do mundo. Poderia ter conseguido um cartucho de dinamite e ter atordoado os tubarões, ou ter usado a equipe de mergulho.

Ele avançou para alcançar um cacho e colocá-lo atrás de sua orelha.

— Não acredito que haja muita equipe de mergulho na Sibéria.

— Sibéria?

— Não posso te conseguir o prêmio. Mas poderia havê-la incapacitado para a participação. Enviei à sereia a uma mina de carvão abandonada no norte da Rússia.

A esperança disparou através dela, quente e positiva. Tinha protegido sua posição na competição?

— Não cantou para você?

— Sim, gorjeou freneticamente. Mas continuo sendo imune. — Seus olhos eram intensos, hipnotizadores, quando passou o dorso dos dedos por sua face.

— Acredito que me subestima totalmente.

A emoção fez que ficasse sem fôlego e instável. Antes que pudesse parar, falou sem tino.

— Nunca tive intenção de dormir com o colombiano.

A dor cintilou em seus olhos antes que deixasse cair a mão e ficasse em pé.

— Não importa. Não tem que me dizer isto agora.

— Está bem.

Ele fechou os dedos em seu cabelo.

— Maldição, supõe-se que insiste e depois se explica de qualquer modo.

— Ah. Bem, a verdade é que nunca planejei dormir com ninguém naquela noite.

— E sua carência de roupa interior? — perguntou com o cenho franzido.

—Era a primeira linha. Encontrei um vislumbre oportuno que pudesse fazer os homens perder o juízo. —Depois acrescentou:— Realmente precisava alugar Instinto Básico¹².

—Então como conseguiu a pedra?

—Gamboa sempre quis estar com uma valquíria. De modo, que prometi um encontro com Regin. Foi um dos trato de decapitá-la na Antártida. Em troca do anel. E para o registro, escolhi essa tarefa por uma só razão. A mesma razão pelo que Cindey o fez. Por que sabíamos que não o faria Bowen.

—Isto ... É bom sabê-lo.

—É outra de suas subestimações.

O alívio que sentia era evidente em seu rosto.

—Agora que estou de volta, tenho que sair rapidamente —disse—. Cindey é inteligente. —Kaderin queria afiançar seu lugar na fase final. Bowen tinha ganho seu lugar, aceitava-o, mas estava se enfraquecendo, e sem a sereia, Kaderin poderia ganhar.

—Lucindeya não vai a nenhum lugar —disse Sebastian.

— Deve sair de um poço congelado de puras rochas irregulares e escorregadias que se encontra a quinhentos pés de altura, e depois caminhar duzentas milhas através da neve que lhe chega à cintura até a população mais próxima. Vestia como se fosse ao Equador e estará fraca, caminhava de maneira estranha.

Kaderin tentou sufocar a risada. E falhou. Surpreendendo a ambos.

—Esta é a primeira vez que te ouço rir —sorriu—. O que? O que é tão divertido?

—Parece divertido, não? É porque o fez realmente, ganhou o prêmio de Nereus.

—Quer dizer que ela... ? —quando Kaderin assentiu com a cabeça, sorriu e lhe acariciou com sua mão o braço. Tinha notado ao que parece não podia deixar de tocá-la.

—Quer que o comprove e veja se esta ainda ali?

Ela mordeu os lábios e assentiu. Ele desapareceu, e retornou segundos depois, sacudindo-a neve de sua cabeça como um urso.

—Bem?

Seu rosto era absolutamente inexpressivo quando disse:

—Temo que Lucindeya e eu já não somos amigos.

Ela riu novamente, e ele sorriu como se simplesmente desfrutasse da visão.

—Quero terminar —disse finalmente.

— Para ir e conseguir o seguinte prêmio. Onde está o pergaminho?

Tiro-o do bolso da jaqueta.

—Mas, entende Kaderin, que faremos isto juntos. —Ela separou os lábios para discutir, mas ele falou naquele tom de oficial.

— Não permitirei que lhe façam mal outra vez.

Ela estudou seu rosto, detalhadamente e suspirou.

—Bem. Trabalharemos juntos na próxima pista.

Com uma severa cabeçada, uniu-se a ela na cama, e leram juntos o cilindro.

¹² Filme dos 90, mítica pela cena do cruzamento de pernas. Título original: Basic instincts, com: Sharon Stone, Michael Douglas, George Dzundza, Jeanne Tripplehorn.

—Não é a primeira. — Ante seu olhar interrogante, explicou: — É um súcubo — estalou a língua—. Nereus está perto dali? Três pergaminhos em fila. Deve ser difícil até a desova. Pobre sereia.

—E aquela? —perguntou sobre a terceira.

—Só se você gosta das aranhas do tamanho de monstruosos caminhões. Bom, onde está o prêmio de mais valor? —Explorou a pronta, depois franziu o cenho—. A Caixa do Nagas outra vez? Por que diz que está em uma concha da ribeira do Congo?

—Porque é exatamente onde esta. Tinha-a em minha jaqueta naquele dia.

Ela deixou cair o pergaminho e agarrou suas mãos.

—Sebastian, vale treze pontos. Levaria-me a final! Podemos?

—Irei lá diretamente. —Desapareceu. Cinco minutos mais tarde, retornou com a caixa.

Seus lábios se separaram.

—Realmente estava lá naquela manhã.

Afastou sua cabeça como se perguntasse como podia duvidar dele.

—Nada me poderia ter mantido afastado de você.

Não só tinha protegido sua posição no Hie, dava-lhe a final, lhe oferecendo o prêmio livremente.

Seus olhos se encontraram, e o tempo pareceu esticar-se. Trascendentalmente. Ele oferecia a possibilidade para reconquistar suas irmãs. E por descuido se assegurava que nunca o reconhecesse no futuro.

Tremeu quando o aceitou, não sabendo como se sentir sobre o fato de que tinha vacilado para alcançá-lo. Quando segurou a caixa sobre seu coração e desapareceu, comprovaram no pergaminho, a escritura desaparecia, e em seu lugar, os finalistas foram anunciados.

Quando viu seu nome, seus olhos se encheram lágrimas e murmurou:

—Nunca ninguém me deu nada mais querido.

Quando Kaderin começou a preparar um banho, Sebastian decidiu chamar Nikolai e lhe perguntar sobre seu último sonho. Agarrou o telefone e o estudou; estava a ponto de fazer sua primeira chamada, mas ela saltou para frente.

—Não pode usá-lo! —Deu-lhe outro telefone que parecia haver se quebrado e que agora tinha fita em vários lugares—. Meu aquelarre me rastreará... E prefiro não vê-los esta noite —riu fortemente, depois marcou o número por ele e realizou a chamada.

— E, por favor, tampouco diga a seu irmão onde estamos. Provavelmente informara a Myst.

Sebastian levantou as sobrancelhas, mas assentiu com a cabeça. Só quando ela saiu, Nikolai respondeu. Sem preâmbulo disse:

—Preciso saber o que possa dizer sobre uma valquíria adivinha. Acredito que seu nome é Nix.

—Encontrei-a. É uma das mais velhas valquírias, e definitivamente uma adivinha, embora ela prefere dizer com “capacidades multidimensionais” .—Sebastian quase poderia ouvir Nikolai sacudindo a cabeça.

— Mas, sim, fui ver a faz umas semanas para perguntar sobre você e Conrad.

— Algo do que prediz realmente se realiza?

— Pois não podemos determiná-lo exatamente — disse Nikolai.

— Faz umas semanas, corria em um castelo no sol da manhã, gritando para que alguém voltasse? E depois sua pele se incendiou?

— Meu Deus — murmurou Sebastian. — Predisse a morte de Kaderin.

— Como sabe? — perguntou Nikolai.

— Pelo geral é impossível para ela. É uma das coisas que não pode ou não quer ver.

— Tomei a memória de Kaderin de sua conversa. Estava emocionada e deve entender, há poucas coisas que comocionam esta mulher.

Nikolai acrescentou:

— Poderia não significar nada, mas Nix também construiu essas formas estranhas de papel enquanto eu perguntava por você. Havia um dragão, um lobo, um tubarão e fogo.

Sebastian tragou.

— confrontamos a todos eles. A cada um, mas não o fogo.

— Isso explicaria o alvoroço ao redor de Valha Hall. Myst é sigilosa sobre as coisas do aquelarre, mas averigüei que procuram Kaderin.

— Não é de estranhar que não queira que saibam onde esta. — Sebastian passou sua mão instável por seu rosto.

— Nix predisse a morte de Kaderin antes da seguinte lua cheia. Quando é a seguinte lua cheia?

A voz de Nikolai era grave.

— Esta noite.

Uma vez que saiu do banho e colocou um traje, encontrou Sebastian sentado no sofá. Parecia tão profundamente pensativo, que se sentiu incomoda ao interrompê-lo. Sacudiu-o suavemente. O pergaminho se podia atualizar em qualquer momento. Tinha muita vontade de experimentar mais tempo com ele, antes de esquecê-lo.

Reteve o fôlego. Bem, aquela pontada insólita o para dano.

— Bastian?

Embora só tivesse estado longe dele durante quinze minutos, contemplou-a como se visse um fantasma. Então sem uma palavra, ficou em pé e se aproximou. Pôs o dedo sob seu queixo e lhe deu um beijo sensível e apaixonado, fazendo que se derretesse.

Quando recuou, olhou-o fixamente e encontrou seus olhos vacilantes sobre ela, procurando, entendendo, para ver qualquer indício para trazê-la ao prazer. Tudo o que queria era sua felicidade. Entendia-o agora. Nunca a obrigaria, nunca a trocaria. Ela entretanto estava apaixonada por um vampiro.

Colocando seus braços ao redor do pescoço dele, murmurou:

— Quero que me faça amor. — Claramente o tinha impressionado.

— Quero que haja algo mais entre nós.

— por que agora? — teve que clarear a garganta para continuar.

— O que te faz dizê-lo esta noite? É gratidão devido à caixa?

Ela apanhou seus olhos.

— Não. É porque não é o que temi que fosse. E finalmente vejo que nunca será. É diferente.

Ele exalou um suspiro.

— Então que sou?

— Esta noite, é um herói. É um bom homem. É bom para mim. — apoiou-se e sussurrou ao ouvido.

— Bastian quero ser boa também para você.

Estremeceu, amoldando-a a ele, seu corpo contra o seu. Roçou seus lábios contra os seus incorporando-os em um sensual banquete.

Ela estava perdida pelas sensações

— Acaba de me riscar?

O frio metal apertou seu pulso. Seus olhos se ampliaram quando se encontrou em sua cama. Luto contra ele, mas lhe forçou o pulso até que esteve encadeada também.

— Que infernos fez? — gritou

— Asseguro-me que não possa me deixar.

— Sebastian, assusta-me, e não entendo por que. Vamos fazer amor.

— Uma última queda antes que morra? — mordeu a língua.

Ela desviou o olhar e exalou.

— Como descobriu sobre a premonição?

— Sonhei. Por que não me disse que esta predestinada a morrer na competição da lua cheia? Esta noite?

— Maldição, me libere! A predição de Nix poderia ser incorreta

— Embora nunca se engane — disse.

— Não esteve no passado — disse Kaderin.

— Além disso, se enganar ou não é secundário. Se não ganhar o prêmio, estarei morta em um mês de qualquer modo.

— O que significa isso?

— Tenho que estar ali esta noite. — Seu braço encadeado parecia doer onde Furie o tinha quebrado fazia tanto.

— É meu destino ir, e o encontrarei por cima de sua cabeça.

— É seu destino morrer. E não o permitirei. Ficará aqui, e ganharei a competição para você.

— Como, Sebastian? Sou a finalista! Tenho que estar lá.

— Irei até Riora. E pedirei que me deixe competir em seu lugar.

— Inclusive se pudesse tomar meu lugar, como conseguirá o prêmio antes que Bowen o faça? A menos que tenha descoberto um caminho para vampiros e localizar diretamente as coordenadas do mapa, somente pode se riscar a lugares nos que esteve. Que possibilidades há de não ter estado ali.

— Nikolai se ofereceu a garantir o transporte, um avião.

— Olhe, vamos comprometer-nos — disse depressa, vendo o inflexível que estava.

— Poderia me ajudar. Poderíamos trabalhar juntos.

Ele recolheu o pergaminho. Ela podia dizer que se atualizou, porque sua expressão se voltou ameaçador.

— Trabalhar juntos para ir À fossa do Fyre Serpente esta noite? — riu amargamente, depois empurrou o escrito em seu rosto.

— Nunca irá a um lugar conhecido no Lore como “o lugar onde os imortais vão morrer” a noite que esta predestinada para que morra!

Memorizou as coordenadas antes que ele o levasse.

—Esta não é sua tarefa! —Kaderin nunca tinha duvidado que seu sacrifício pudesse lhe devolver a suas irmãs, e queria privá-la disso. Se pudesse as salvar e terminar com esta culpa... Então morreria por isso.

— Não faça caso de meus desejos e minhas crenças como se fossem amalucados. É irritante para alguém como eu.

—Por que são absurdos! Maldição me diga por que o quer tanto!

—Bem. Deixe-me ir e digo. Perguntou-me que poderia fazer para que confiasse em você e esta é sua possibilidade. Esta é a prova. Me liberte e lhe direi isso tudo. Nenhum segredo entre nós. Trabalharemos como uma equipe.

Ele fechou os dedos em seu grosso cabelo.

—Não. Não posso te deixar ir, Nix predisse que confrontaríamos um fogo e que morreria. Sabe onde é a tarefa. Deseja morrer? Se for esta noite, será suicídio.

—vai reprovar me sobre o suicídio? Ah, isso é gracioso!

—Não tinha nada pelo que viver. Mas agora há tanto! —ajoelhou-se na cama e agarrou sua nuca.

—Não te deixarei morrer!

—Maldição! —disse chorando—. Às vezes a vida não é tudo!

Suas palavras fizeram separar seus lábios.

—Não. Estava acostumado a acreditá-lo. —parou de maneira insegura— Agora sei que me enganei. —antes de riscar para longe, acrescentou:

— Se amas algo, protege-o sem piedade. Não importa o que aconteça.

Depois que se foi, pensou durante um momento, revisando o que acabava de passar. Tinha-a encadeado, com a intenção de impedir que se encontrasse corajosamente com seu destino.

Tinha pensado o que disse. Se a tivesse liberado, haveria-lhe dito tudo. Teria se justificado com ele. Mas não confiava em seu julgamento quando recusou lhe permitir a mesma fé.

Por desgraça, independentemente do avião ao qual Sebastian se dirigisse, nunca poderia chegar Às coordenadas mais rápido que o Augusta 109, o helicóptero que ela tinha chamado.

E por desgraça, as algemas só estavam protegidas contra vampiros. Abriu-as com facilidade.

Capítulo 37

Yélsérk, Hungria, A fossa de Fyre Serpente

Dia 30

Prêmio: A Espada do Sworne do Honorius
Para ganhar

—Preciso de sua ajuda —disse Sebastian a Nikolai depois de compreender que essa noite era lua cheia. Foi tudo o que tinha necessitado para arrumar cada uma das etapas do transporte.

—Posso ir com você —tinha dito Nikolai—. Myst está em Valha Hall. —Seu tom ficou baixo.

— Não podem encontrar Kaderin, e estão todas... reunidas.

—Tem que estar aqui se por acaso Myst retorna. Além disso, somente sou eu contra o escocês, e esta fraco. Posso conseguí-lo.

Só depois que Sebastian tivesse encadeado Kaderin, riscou-se ao templo de Riora. Esteve surpreendentemente indiferente a respeito que Sebastian competira em lugar de Kaderin. De fato, estava mais surpreendida de que já não fosse mais seu cavaleiro. Somente dele. Mas tinha estado de acordo. Quando tinha esboçado a Londres, um carro o estava esperando fora do apartamento para levá-lo a um aeroporto particular, onde havia um avião para a Hungria. Ainda estava escuro quando Sebastian aterrissou umas duas horas e meia mais tarde...

O caminhão que o levaria a fossa acabava de chegar, antes do previsto. Decidiu tomar cinco minutos para ver Kaderin. Tranqüilizaria-a informando que Riora o tinha deixado competir e convencê-la de que podia fazê-lo.

Risco-se a Londres. Encontrando a cama vazia e as algemas quebradas. Foi-se...

Quando se riscou diretamente, apareceu na borda de uma câmara de fogo.

A cova que a alojava era tão grande como um auditório, e no centro havia uma turva fossa de lava. Espirais acesas no ar dissipavam-se em fumaça negra. As rochas desmoronavam caindo na lava, fazendo pequenas borbulhas e mais pequenas até que desapareciam.

Onde infernos estava?

Estirado em cima da fossa havia um cabo metálico tão fino como um fio que estava embutido em um rosto da escarpada rocha. Não podia ver aonde conduzia.

Kaderin apareceu do outro lado da câmara. Sem perder um instante, saltou até o lado da fossa, provando o cabo com um dedo do pé. Quando o viu aproximar-se, seus olhos se entrecerraram pela fúria.

—Maldição, se afaste de mim! Chega! Necessito disto, Bastian. Tenho que tê-la.

Levantando as palmas, disse devagar:

—Deixa que a consiga para você.

—Ganhei o Hie cinco vezes antes. Posso fazê-lo! —apressou-se pelo arame.

— Isto queima seus sapatos.

—Maldição, riscar-se.

—Aonde? —disse sobre o ombro—. A rocha é sólida. Pode ser que tenha que caminhar pelo cabo para encontrar outra entrada ou explorar o teto. —Fez uma pausa e arqueando uma sobrancelha.

— Caminhar não será um problema.

Ele se riscou, determinado a afastá-la desse lugar, mas ela se esquivou, retornando-o ao mesmo ponto com as mãos vazias.

— Maldição, pare! — gritou, investindo mais longe no arame.

— Posso caminhar com os olhos fechados! Em minhas mãos! — nesse instante, ele se riscou uma vez mais, mas outra vez o evitou.

Uma chicotada de fogo bateu atrás dela. Inclusive com sua velocidade, apenas o evitou e a ele, quando se riscou uma vez mais. Nenhuma chave era objeto de tanto valor, não o valor da vida de um imortal.

Algo borbulhou na lava baixo ela.

Um monstro verdadeiro, um ser de fogo formado como uma gigantesca serpente. O Fyre Serpente. A parte principal do corpo estava sob a superfície da lava, a cauda e a cabeça se elevavam para cima. A chicotada de fogo realmente tinha sido parte de sua longa cauda, e esta golpeou outra vez quando Sebastian se riscou.

Kaderin se enroscou e continuou avançado. Intacta.

— Foder fica quieta! — gritou ele.

Mas o fogo queria sua cota.

Quando rugiu cuspidando bolas de fogo, estremeceu a cova inteira. As rochas caíam rodando, caindo como chumbo por toda parte. Lutando para alcançá-la, Sebastian se esquivou e se riscou, mas o teto caiu em cima dele. Uma das rochas caiu em seu braço direito, esmagando quase tudo até seu ombro; bramou com dor e fúria. Ela ficou mal equilibrada na câmara tremula.

Um bloco de pedra bateu no centro do cabo, e este se quebrou com um som vibrantemente ensurdecador. Ela se lançou para trás, girando no ar pelo fio que se balançava. Não podia ver de onde estava... Nem tinha idéia se ela a agarrava.

Riscou-se. Nada. Seu corpo estava esgotado pelo esforço. Estava apanhado, mas quase o suficiente perto para chegar ao lado da fossa. Puxou do tendão avançando, nervo e pele, outro puxão frenético, com um bom empurrão proveitoso deslocou mais perto da fossa.

Finalmente o alcançou, e foi capaz de olhar para baixo. Estava agarrada ao cabo com ambas as mãos e subia com agilidade. Com um gemido de alívio, enrolou-o ao redor de seu pulso esquerdo para um melhor agarre.

— Espera Katja! Peguei-te!

A serpente deslizou a cauda ao redor de sua perna. Ela lançou um grito quando o fogo subiu contra sua pele, marcando-a. A coisa a arrastava para baixo.

Preso como estava, não podia usar as pernas para empurrar. Não podia pôr as costas no esforço.

Seu corpo suarento se retorcia de dor, ela ainda se agarrava ao cabo, agora vermelho com o sangue de suas palmas que escorregavam.

Se somente pudesse soltar o braço, podia ter uma possibilidade...

Quando puxou para trás o cabo e se afastou da rocha, viu que ela estudava a situação, seu olhar posou sobre seu braço peso, então para baixo ao fogo. Quando se tornou para trás, seus olhos cintilavam, e tragou, olhando-o fixamente.

Uma calma pareceu emergir dela.

Seu ventre se apertou com temor. Não podia considerar... Rasgou cada músculo de seu corpo para arrancá-lo de seu apertão, bramando pelo esforço.

—Bastian. —OuvIU-a perfeitamente sobre os gemidos da serpente, borbulhando, fazendo arrebentar a lava, e o bramido de seu próprio coração.

—Não... Não! —rugiu—. Nem sequer pense nisso, maldita.

—Vou soltar-me agora —murmurou. Seus olhos estavam claros, lúcidos.

—Merda, somente me dê tempo! A predição não tem que se cumprir! —de algum jeito puxou mais forte, agarrando rapidamente o cabo com o braço esquerdo e depois agarrando-o mas abaixo, mas a serpente assobiou e a agarrou pelo torso. Kaderin apertou os dentes contra a dor.

Não podia deixá-la assim. Em um frenesi, investiu de lado, lutando para separar o braço de seu corpo.

—Sei onde esta a espada —disse Kaderin—. Debaixo do cabo naquela parede. Quinze metros abaixo, quarenta graus à esquerda. —As lágrimas arrasavam seus olhos—. Há uma cova sob um saliência... só poderá vê-la daqui.

—Não o faça! Ah, Deus, por favor!... Não o faça

—Volta por mim. Depois poderei voltar por elas.

Não tirando seus olhos dele, deixou-se cair. A serpente puxou ela para baixo.

O fogo a consumiu.

Capítulo 38

As luzes de Valha Hall piscaram bruscamente, tudo ficou fora de controle.

Um relâmpago atravessou o céu, e os trovões agitaram o senhorio obscurecendo-o com tanta força que a velha casa gemeu violentamente. Myst de joelhos justo quando os olhos de Nix se voltaram selvagens e suas mãos se enterraram em seu cabelo. Emma chorava.

Quando Regin gritou, as janelas explodiram, lançando partes de vidro. Até as aparições fugiam. Como se uma bomba os tivesse golpeado, o vidro quebrado voava pelo perímetro, uma e outra vez, em ondas sucessivas, por milhas.

As criaturas do Lore na cidade e os pântanos tremeram de medo, sabiam que somente uma coisa poderia provocar a uma valquíria assim.

Haviam sentido a morte de uma delas.

Morta. Sebastian sabia que estava morta, sentiu-o em todo seu corpo.

Amava-a. Não uma compulsão. Era um amor tão forte que o humilhava.

Depois de muito tempo afastou a vista da fossa. Quanto poderia um imortal viver naquela chama? Quanto dor sofreria?

O que significava, “voltar por elas”?

Um repentino sonho o golpeou. Kaderin descia a grande velocidade uma colina que estava coberta de corpos. Ouviu o fôlego entrecortado e os gritos de advertência de outra valquíria. Experimentou seu turvado pânico.

Ela lutou contra aborrecidos vampiros, com olhos vermelhos e grotescos grunhidos, desesperado-se por chegar A... Suas irmãs.

Sebastian ainda estava preso pelo braço, que não tinha sido capaz de cortar à tempo. Caiu de joelhos como Kaderin fazia naquele campo de batalha faz tantos anos quando foi testemunha da morte de suas irmãs de sangue. O choque foi como um ataque físico, arrasando-a. Ouviu como as cabeças de suas irmãs batiam na terra pedregosa. Viu o vampiro, que tinha reduzido a golpes...

Quando gritou, foi tão forte que seus próprios ouvidos sangraram. O jovem vampiro ao que Sebastian a tinha visto torturar no sonho, que tinha degolado suas irmãs. Agora que havia sentido sua raiva, a perda e culpa, lamentava que não tivesse mostrado menos piedade, não haver podido se unir a ela em seu justo castigo.

—Logo poderei voltar por elas —havia dito. Elas. Trigêmeas. Suas irmãs de sangue. Tinha-as perdido em minutos. Tinha-as perdido no espaço de minutos. É o que essa terrível experiência tinha sido. Não era mercenária, não era ego. Queria sua família de volta. Meu Deus confiou-me a vida de todas. Confiava em que podia ganhar o prêmio para ela.

E que a chave poderia funcionar.

Nunca tinha se atrevido a acreditar que alguém poderia voltar no tempo. Agora a crença era quão único tinha. Devia recuperá-la. Podia ganhar esta maldita competição e voltar por ela. Como ela tinha planejado.

Só estava morta.

Só estava foddidamente morta.

Não podia ver a cova da que lhe tinha falado, mas se riscaria às cegas às rochas se tinha que fazê-lo. Primeiro precisava perder o braço.

Quando decidiu usar os dentes, ouviu passos.

MacRieve apareceu. Estudou a cena, com o rosto cansada e obscurecida.

—O que aconteceu aqui?

Só então percebeu Sebastian, de quanta sangue tinha perdido do braço.

Suspeitava que a artéria braquial¹³ tinha sido seccionada. Uma vez que a pressão da rocha fosse liberada, perderia sangue mais rapidamente. Os pontos negros já nublavam seus olhos. Teria bastante sangue até perder o braço completamente?

O lykae poderia mover a pedra.

—Um tremor. As rochas —disse Sebastian, sem se atrever a dizer que Kaderin se foi, até se não tivesse a intenção de usar ao Lykae.

—Onde está a valquíria? —perguntou o Lykae—. Ela deveria estar aqui... não você.

—Estou aqui em seu lugar.

MacRieve começou a explorar mais longe na cova.

¹³ Artéria principal do braço que é uma continuação da artéria axilar. Tem três ramos e termina nas artérias radial e cubital, irriga o sangue do fumeiro e os músculos do braço.

—Você não pode alcançar o prêmio —disse Sebastian além da lava e o cabo esta quebrado.

Como Sebastian tinha esperado, contemplou a fossa e depois disse:

—Poderia te liberar para nos riscar e atravessar. Depois... Séria uma competição aberta para agarrá-la.

Não parecia muito impaciente.

—Poderia te enganar.

MacRieve entrecerrou seu único olho.

—Não, se te agarrar pelo braço são.

Sebastian se obrigou a vacilar, depois disse:

—Faço-o.

O escocês se aproximou da rocha e empurrou, percebendo que não cederia imediatamente. Murmurou algo que soava como:

—Malditas bruxas sangrentas. —Empurrando com as costas, perguntou.

— Onde nos riscará exatamente?

—Debaixo do cabo, há um tubo de lava, uma cova.

—Quero ver isso —apertou os dentes.

—Esta ali. Quer o prêmio? Então vai ter que confiar em um vampiro.

A pedra rodou, e MacRieve agarrou seu braço esquerdo. Sebastian olhou boquiaberto o que ficava de seu braço direito.

—Isto tem que doer —mofou MacRieve.

—Olhou-se ultimamente no espelho? —disse Sebastian bruscamente.

—Sim. —Arrastou Sebastian sobre seus pés.

— E decidi te matar por isso. Depois da competição. E agora venha, não tenho todo o dia.

Sebastian só se balançou sobre seus pés. Sua vista estava nublada. Lutou por concentrar-se no ponto que ela havia descrito. Permanece acordado. Foder, que quis dizer com quarenta graus a minha esquerda?

MacRieve o empurrou.

—É capaz de fazê-lo.

Sebastian se riscou...

Calor abafadiço, vapor, fumaça. Terra sólida baixo eles. Fez-o. Chama sem motivo aparente queimavam irregularmente, mas não podia ver a espada.

De repente, o escocês deixou cair o controle no qual tinha Sebastian, lançou-se ao mais profundo da cova, mas Sebastian se riscou cegamente para frente. Ali, em uma coluna alta na ladeira da rocha, estava a espada, que brilhava com a luz do fogo e pelo vapor.

Sebastian conseguiu chegar primeiro, arrebatou-a com a mão sã, estirando-se para riscar-se...

Com um estalo, MacRieve açoitou com um chicote, enrolando a longitude ao redor do pulso do Sebastian. Puxando, o impedindo de riscar-se.

—Agarrarei-a agora.

O bastardo só tinha um chicote. Simplesmente transferiu a espada a sua mão direita para levantá-la. Mas aquele braço arruinado pendurava sem vida.

— Não a pode pôr sobre seu coração, não é?

Sebastian expôs suas presas grosseiramente.

— Estriparei-te antes que o faça.

— Isto equivale à vida de minha companheira.

— Tenho o mesmo em mente — disse Sebastian entre dentes.

— A valquíria morreu?

Sebastian sacudiu a cabeça.

— Não por muito tempo.

Bowen deve ter visto algo em sua expressão. Tinha vantagem, e ainda assim ofereceu:

— Poderíamos compartilhá-la, vampiro. A chave funciona duas vezes.

Sangue por toda parte. Fraco. Kaderin tinha pedido algo. Finalmente considerava a possibilidade de lhe ajudar...

— Necessitarei as duas para ela.

Não posso levantar o braço direito sobre o coração. O esquerdo esta preso. Mas a espada tinha poderes dos quais MacRieve provavelmente não sabia.

Segundo Riora, isto nunca falhava.

A faca estava longe da mão que segurava o chicote do Lykae, mas Sebastian se concentrou na intenção de lhe cortar o pulso e forçou o braço a se mover, tudo o que podia com aquele braço inútil.

De repente, seu braço se levantou. A espada se elevou como se tivesse vida própria e refletiu a luz do fogo quando golpeou.

O sangue se derramou. A mão do escocês caiu, liberando o chicote. Sebastian se riscou a distancia através de fossa.

— Merda, vou te matar por isso, vampiro — bramou o Lykae com raiva.

— Comerei seu maldito coração!

Sebastian se fortaleceu para o passeio ao templo de Riora. Mas não podia ir-se. Ir-se fazia que a morte de Kaderin fosse real. Permaneça calmo. A chave tem que funcionar.

Da cova agora invisível se ouviu:

— Marque. Que Deus me ajude, caçarei você e a valquíria por todo mundo...

Sebastian desapareceu com o som do rugido do Lykae. Não de dor, mas sim de perda.

Quando Sebastian retorno ao templo, Riora o saudou outra vez em companhia de Tabelaão.

— Ganhou, Sebastian. O primeiro vampiro em obtê-lo. Felicidades.

— É por ela. Sempre por ela. — Seu corpo não deixava de estremecer.

— Então assina o livro de ganhadores, e toma seu prêmio.

Quando Tabelaão lhe deu o livro, olhou-o como se respeitasse realmente Sebastian.

Kaderin esta morta. Assina o livro. Permaneça calmo.

Viu a assinatura orgulhosa de sua Noiva em cada linha em cima da própria. Conforme se remontava, a letra ia mudando. Com o tempo, sua letra se tornou mais difícil,

mais angulosa. Permaneça calmo. Estampou sua assinatura com a mão esquerda em letras tremulas, selando a página com sangue.

Riora lhe deu uma chave metálica. Ele a agarrou com tanta força que a cravo na palma da mão.

—Me diga que funciona.

—Funciona, Sebastian. Embora poderia terminar amaldiçoado.

—por que diz isso?

—Sabe por que Kaderin procurava a chave? —perguntou Riora.

Ele assentiu devagar.

—Quer que suas irmãs retornem.

—Se der a segunda volta na chave, voltará com suas irmãs e nunca verá suas mortes. Economizasse-se mil anos de culpa e pelo contrário desfrutará da alegria com sua família.

—Quero isso!

—E nesse caso, Kaderin nunca fará essa viagem para te matar. Terá a suas irmãs —os olhos de Riora transmitiam aborrecimento como aquela primeira noite—, mas você não terá a ela.

Ele tinha experimentado as memórias de Kaderin, de suas mortes, de recolher suas irmãs do campo de batalha. Sepultar suas cabeças, seus corpos, depois rasgando sua pele e seu cabelo.

Se pudesse salvá-la daquilo... Para lhe economizar um milênio de culpa?

Como mortal, tinha sido um cavalheiro sem ninguém a quem lhe prometer sua espada. Tinha reclamado a Kaderin como dele, e essa proteção estava destinado a tudo o que ela queria. Baixou a cabeça.

—Terá a suas irmãs. —As chamas explodiram como se particularizassem suas palavras.

—Muito bem. A chave abre uma porta durante aproximadamente dez minutos. Permite-te voltar para o passado e estar no mesmo tempo como uma entidade independente.

—Como saberá a chave onde abrir?

—A final, a chave é um facilitador —explicou—. Sustenta um instrumento de poder indescritível, Sebastian. Oferece-a na palma, saberá o que quer e o levará a efeito. Mas te advirto, se ficar no passado quando a porta se fechar, uma versão de você desaparecerá, deixando de existir.

Viu tabelião ao fundo, seu rosto pálido como a cera mostrando tristeza. Enviou a Sebastian um assentimento de estímulo.

Riora murmurou:

—Apresenta-a, vampiro.

Ele fez uma dolorosa reverência.

—Deusa.

Capítulo 39

Kaderin caminhou pelo túnel escuro.

Sabia que estava perto da fossa do Fyre Serpente, podia ouvir o eco ressonando adiante. Também sabia que Bowen não estava ali, estaria bem atrás dela.

Como Sebastian.

Sua orelha se moveu nervosamente com o som de uma respiração. Bowen? Não. Girou olhando a seus redor e seus olhos se entrecerraram pela fúria. Sebastian.

—Infernos, se afaste de mim! chega! Preciso dela, Bastian. Tenho que tê-la.

Acalmou-se quando o viu aproximar-se. Seu braço estava quebrado. Seu rosto era uma ampola. Sua camisa tinha sido branca, mas agora estava rasgada e vermelha carmesim. Seus lábios se separaram. O que podia haver acontecido desde que a tinha deixado encadeada?

A lembrança endureceu sua resolução. Estava tão perto. Não tinha tempo para perguntar. Se tivesse saído com a sua, ainda estaria encadeada à cama.

Mas, deuses, tinha visto alguma vez um ser em tal confusão? Seus olhos estavam totalmente negros e pareciam cintilar com umidade. Suas mãos tremiam. O sangue gotejava livremente, embora parecesse inconsciente do fato.

—Pensei que estava morta —exclamou—. Kaderin temos que deixar este lugar.

—Do que esta falando?

—Toma minha mão. —Estirou sua mão esquerda, com a palma para cima.

—Vai para o diabo —estalou—, por sorte, esta localizada bem acima do túnel.

Ele balançou-se sobre seus pés, e sua cabeça se moveu para frente. Lutava para manter-se consciente?

Temendo que logo não seria capaz, agarrou-a pelo pulso e a riscou antes que se pudesse resistir, afastando-a do prêmio, ao templo de Riora.

Kaderin gritou de fúria, o som ressonava em todas partes, a clarabóia da cúpula começou a se quebrar, com um som grosso e sinistro, como uma fratura em um lago congelado.

Sebastian cavou seu rosto com uma mão.

—Não, Katja. Ah, Deus, me deixe te ver.

—perdeu a razão? —gritou, empurrando-o longe—. Como pôde fazer isto? Tenho que retornar! Bowen esta bem atrás de mim.

—Devo te dizer algo. —Sacudiu a cabeça. Seu rosto estava tão pálido.

—Não há tempo!

—ganharam a chave...

—Bowen! —o relâmpago acendeu tudo ao seu redor. As lágrimas alagaram seus olhos—. Retornou? Não... Não! —gritou, fazendo explodir a clarabóia.

Com a mão sã, Sebastian puxou ela, encurvando-se, cobrindo-a com seu corpo. Quando o vidro caiu, murmurou contra seu cabelo:

—Ganhamos.

Seus fôlegos eram desiguais.

—Não... Não entendo — finalmente disse uma vez que o vidro caiu.

—Katja, você... Morreu.

Ela se retirou. As lágrimas corriam por seu rosto.

—O que diz?

—morreu. Quinze minutos depois do momento no qual tomei. —Com expressão de assombro, explicou detalhadamente a cena, as dificuldades, o poder incrível do fogo. Explicou-lhe sua escolha.

Balançou, e ele a agarrou com a mão sã.

—Pedi que retornasse por mim? Conte sobre minhas irmãs?

—Sim. Não tinha nem idéia do que procurava. Por que não me disse isso antes?

—Ia dizer esta noite! E antes disso, eu só... Não pude... —mordeu o lábio—. Fui? —quando assentiu com a cabeça, disse:

— Devo ter reconhecido algo. Visto algo que me fez confiar em você completamente.

—Suas sobrancelhas juntaram.— Bastian, não confiei só em você com minha vida. —Olhou nos olhos—. Confiei a vida de minhas irmãs também.

Ele respondeu suavemente:

—Senti-me humilde por isso.

Riora apareceu de repente, posando-se sobre a borda de seu altar, com um Tabelaio visivelmente emocionado, caminhando sobre o vidro quebrado.

—Tive uma interessante conversa com meu campeão —começou Riora—. E ele demonstrou ainda possível outra impossibilidade. Alertei o vampiro do fato de que uma vez que pusesse a mão na chave, perderia-te para sempre. A história mudaria. O futuro giraria e gritaria para fazer encaixar o passado. Nunca o teria encontrado, por que não teria sofrido a morte de suas irmãs. E o vampiro decidiu abandonar a sua Noiva do que vê-la sofrer aquele horror e culpa. Para te economizar a dor, decidi te dar a chave, ainda acreditando que te perderia para sempre.

—É verdade? —perguntou Kaderin a Sebastian com voz surpreendida.

—V.. Você faria isso?

Em resposta, ele disse:

—Queria te ver feliz.

Suas lágrimas correram livremente.

—Por que chora, Katja? —perguntou.

—Terá a sua família de volta, juro. Não chore.

—O que tem em mente, valquíria? —disse Riora.

—Não me faça escavar para sabê-lo.

Em sua mente? Boa pergunta. Havia muitos pensamentos de toda espécie. E muitos sentimentos. Seu coração estava partido em dois. Escolhendo entre sua família e o vampiro pelo qual estava apaixonada.

Amava-o? Pensava que poderia, mas como sabia ela? Não confiava em seus próprios sentimentos de qualquer modo, muito menos se não tinha praticado com eles por muito tempo.

Mas Kaderin sempre confiava em seu instinto.

Podia aceitar agora que seu instinto de um princípio a tinha guiado para que não lhe fizesse mal, em tudo depois daquela primeira manhã.

—Não posso, não sei Riora.

—O que diz? —perguntou ele, parecia não respirar.

—Não quero ter que escolher.

Arrastou-a contra seu peito com seu braço são, descansando o queixo sobre sua cabeça outra vez.

—Por minha parte, se pudesse saber que algum dia te conquistaria, mereceria-o.

—Mas não se lembrou de me conquistar —disse contra ele.

—Espera. —Afastou a brindando aquela meio sorriso—. Katja, meu braço está quebrado.

—Sei! —Kaderin gritou, com voz quebrada.—Por que parece tão malditamente encantado a respeito disso?

—Deveria haver me curado —disse Sebastian—. A rocha não tinha me golpeado até que a serpente despertou. Seu cruzamento do cabo a despertou, e quando não cruzou...

Ela aspirou, e seus olhos se alargaram.

—Muito bem, vampiro —disse Riora.

—Kaderin te disse que as viagens através do tempo funcionariam, e você lhe disse que não podia ir ao passado e mudar o futuro. Ambos tinham razão.

—Não entendo como é possível —disse Kaderin.

—Mudou o passado. O presente deveria ser diferente. E você disse que teria que escolher...

—Ah... Disse uma pequena mentira. Quis ver se era possível para um vampiro entregar sua Noiva predestinada. —Inclinou a cabeça diante eles.

—E graças a ambos por sua cooperação. Agora. Sério. Não pode voltar e depois mudar o futuro.

A expressão de Sebastian se obscureceu.

—Riora, isto é exatamente o que temos na agenda agora mesmo.

—Tabelião! Fita! Tesouras! —em um suspiro, uma fita escarlate foi estirada sobre o altar, severo contra o mármore. Tabelião pôs as tesouras na palma estendida.

—Esta fita é o tempo, do passado ao presente.

Inclinou-se no final da fita que representava o passado e cortou uma tira de uns centímetros.

—retornei ao passado e extraí algo a partir do tempo, mas o resto da fita permanece totalmente sem alterar. Vampiro, você estava absolutamente correto, em um ponto Inquestionavelmente não pode voltar para o passado para mudar o futuro. É uma loucura de mentira. —Olhou com o cenho franzido para Kaderin.

—Realmente, valquíria, deveria lhe dar mais crédito. É um erudito —deu de ombros e seguiu—, mas a magia permite que voltemos e agarremos algumas coisas de vez em quando. Um místico salão de brincadeiras.

—Não o esquecerei? —Kaderin não podia deixar de tremer.

—Não, para nada. Mas quando usar a chave, não tente se fazer de inteligente. O tempo vive e flui, mas reúna que o passado saia. O gênio de Thrane foi o que descobriu

que as portas do passado podiam abrir, mas o tempo as fecha imediatamente para acautelar a instabilidade e o caos. Então criou uma chave que abria milhões de portas ao mesmo tempo. Mantendo-o ocupado com o fechamento de todas elas. A esperança é que sua porta seja a última em se fechar, por que se fica apanhado, desaparecerá.

Riora inclinou a cabeça para Kaderin, depois girou, olhando fixamente para Sebastian.

— Vi o alívio de Kaderin, vampiro. Pela razão que seja, sua atração por ela é mais forte que uma bênção outorgada por uma deusa — estirou os dedos, examinando suas unhas —, nenhum poder no meio.

— Bênção? — perguntou Sebastian.

— A bênção?

— Você? — sussurrou Kaderin.

— Foi você?

— Sim. — Riora a estudou.

— Por isso fiquei perplexa que sua atração pelo vampiro pudesse neutralizá-la.

— por quê? — exigiu Kaderin. — por que o fez?

— Culpou-se pelas mortes de suas irmãs, e ainda assim foi muito forte para morrer. Sua dor enfraquecia a aquelarre das valquírias.

— por que intumescceu tudo? Não senti a alegria, o humor, o amor.

Riora delicadamente tossiu, limpando sua garganta.

— Foi um pouco involuntário. — virou para Sebastian.

— Você, e só você, tem-na feito livre para sentir. Já era hora de que o fizesse.

— Isso explica muitas coisas — disse Sebastian, depois se balançou sobre os pés.

— Temos que te enfaixar. — Kaderin se inclinou para o ajudar a manter o equilíbrio, alarmada de quão pálido estava seu rosto. Quanto sangue perdeu?

— Kaderin, esta sangrando por todo meu templo — disse Riora.

— E a propósito, valquíria, deve-me uma clarabóia. — Riora girou.

— Tabelião? Onde está? Tabelião! — e depois se foram.

— Será capaz de nos riscar? — perguntou Kaderin.

— É obvio — exclamou, mas mal foi capaz de retorná-los ao seu apartamento.

— Vampiro obstinado. Esteve me escondendo quão fraco esta.

No quarto, suas pernas cederam. Quando o ajudou a chegar à cama, recuou, mas apertou seu pulso.

— Não vá sem mim.

— O braço desta espada prejudicado. Não será capaz de se defender em uma batalha.

Sebastian disse:

— esperou mil anos, pode esperar dois dias mais.

Ela sacudiu a cabeça.

— Levaria-te a uma guerra onde é o inimigo.

— Aceitarei a possibilidade, Katja. Não faça nada até que me cure.

Vacilou, depois disse:

— Não irei até que esteja curado.

Assentiu com a cabeça, imediatamente ficou inconsciente.

O havia dito a sério. Não havia modo algum de que a acompanhasse. Um vampiro em um campo de batalha com um exército de valquírias? Não podia acontecer. Era provável que suas próprias irmãs tentassem de matá-lo.

Mas não o abandonaria quando a necessitava. As duas noites anteriores, quando não a tinha encadeado, tinha sido um herói para ela. Tinha salvado a competição para ela, tinha-lhe dado a final, e depois tinha ganho a chave. Por não mencionar que tinha salvado sua vida.

E depois, quando enfrentou a opção da felicidade dela sobre a sua própria. Tinha escolhido a dela.

A cada instante, fez-a sentir protegida, apreciada. E responderia da mesma maneira.

Seu alívio quando tinha descoberto que não o esqueceria a tinha assombrado. O que queria dizer isso? Significava que estava tão encantada sobre aquele feito como de voltar por suas irmãs?

Antes de usar a chave, Kaderin se colocaria em contato com a aquelarre e avisaria que estava bem, embora estava segura que haviam sentido já sua volta. Veria Sebastian curado, lhe dando tanto sangue como pudesse beber.

Tinha esperado mil anos. Dois ou três dias não importariam no grande esquema das coisas, não é?

Sebastian despertou com uma sensação incrível.

Uma cálida, e adormecida valquíria se encontrava em cima de seu peito, agarrando-se a ele, assombrado por tudo o que tinha acontecido. As memórias chegaram em uma neblina infernal depois de que a tivesse perdido, mas as afastou.

Devido que a tinha recuperado.

Tudo o que importava é que tinha a Kaderin segura com ele.

Tinha-a recuperado.

Quando não despertou, saiu da cama para ir à ducha e examinar seu braço. Ficou em pé, esperando os pontos negros ou a visão nublada, mas não viu nenhum. Os ossos de seu braço tão acima como no cotovelo sentiam como se tivessem começado a soldar, poderia dizer que a pele e os músculos estavam restaurando-se, ao menos. Não precisaria da tipóia que ela tinha feito para seu braço.

Quando retornou, tomado banho e vestido, estava acordada.

— Vou estar curado pela manhã — disse. — Podemos ir por elas com pôr-do-sol.

— Sebastian, uma vez que nos aproximemos de minhas irmãs, poderiam te matar. — Olhou ao longe.

— Não vacilariam como eu o fiz.

— Vou com você. Não há nenhuma dúvida. E se não chegar à porta? Então te perderei definitivamente.

— Inclusive se esperarmos que se cure, não pode se defender sem arriscar a alguma de minha espécie.

Ele agarrou sua cabeça.

— Nunca lhes faria mal.

— Eu sei — disse rapidamente —, mas o quererão morto.

— Vou, Katja. Tem que ser assim.

Estudou seu rosto durante um momento, depois exalou com uma cabeçada sutil. Voltou-lhe as costas, passando seu cabelo sobre um ombro, expondo seu formoso pescoço.

— Então tem que estar forte.

Ele tragou fortemente.

— Esta me convidando a beber?

Ela disse sobre seu ombro.

— Fez-o durante o dia.

E perdi isso? Uniu-se a ela na cama, girando-a para enfrentá-lo.

— Não é de estranhar que me sinta condenadamente bem.

Ela deu uma olhada em cima de um cacho loiro, e disse com voz rouca:

— Como de bem?

Ficou quieto.

— Notavelmente. — Inclusive com o corpo tão golpeado, seu pênis aumentou em antecipação—. Tremendamente.

— Teríamos que ser criativos — disse com seus olhos de prata já brilhantes.

— Então não faremos mal ao seu braço. — Sua idéia de criativo foi tirar camisa com que tinha dormido, depois se inclinar ao pé da alta cama, colocando-se para ele com o brilhante cabelo estendido e seus mamilos já duros.

— Eu gosto da criatividade — grunhiu, arrancando sua própria roupa. Suas mãos picaram por tocar a de um milhão de modos diferentes e lugares. Queria beijá-la durante horas.

— Isto deveria funcionar, não acha? — perguntou—. Está seguro de estar preparado? — Seu olhar disse tudo—. Bem, bem! Só perguntava.

As palavras morreram em sua garganta quando ficou em cócoras e aliviou suas pernas abertas. Amava beijá-la entre suas coxas e aproveitava qualquer oportunidade para prová-la. Lançou um grito com o primeiro toque da língua a sua carne molhada, e gemeu quando languidamente chupou.

— Bastian, por favor — gemeu finalmente—. Tenho que te sentir dentro de mim.

Pressionou um beijo em sua coxa. Quando ficou em pé, seus joelhos se abriram ainda mais em um visível convite. Para ele, isto era ainda novo, mas ter esta beleza lhe pedindo estar dentro dela era ainda mais incrível.

Agarrou seu eixo e se colocou em sua entrada, depois levantou as mãos para cobrir seus seios. Ela arqueou, empurrando em suas mãos para que se metesse e gemesse com a sensação de sua suave carne.

Quando a cabeça de seu pênis entrou mais profundo, enchendo-a, gemeu com cada polegada. Quando tomou tudo o que podia, seus joelhos se afrouxaram, mas de prazer.

Com as pernas fechadas ao redor de sua cintura, ondulou os quadris, devagar ao princípio, mas depois estava tão frenética que pensou que poderia gozar só de esfregar seu sexo em seu pênis.

— Mais, Bastian!

Sempre te darei mais. Lembrou-se do juramento daquele primeiro dia. Até que morra. Tinha que agarrar-se...

Inclinou-se e lambeu seus duros mamilos, um e depois o outro, mas quando ela enredou os dedos em seu cabelo e arqueou as costas, fez-o querer gozar mais rápido.

Esteve a ponto de levantar-se e tomá-la outra vez com a boca. Mas ela agarrou dois de seus dedos e suavemente introduziu as pontas em sua boca, as umedecendo. Colocou-os contra seus clitóris, lhe mostrando exatamente o que desejava.

Estremecendo, estirou cada músculo de seu corpo para não derramar-se naquele instante. Quando a acariciou e beliscou ligeiramente, ela ficou selvagem, enroscando-se e retorcendo-se na cama.

— Bebe, Bastian — disse entre ofegos.

— Te necessito.

Necessita que beba? Nunca pensou que ouviria aquelas palavras, e suas presas doeram em resposta.

Ainda empurrando, agarrou seus magros ombros, esfregando os lábios contra seu pescoço. Quando perfurou a pele e chupou, ela lançou um grito, e seus olhos pareceram girar. Grunhiu contra sua carne quando seu corpo se esticou em um orgasmo estremecedor.

Retirou as presas, voltando a cabeça. Seu sangue correu por ele, queimando-o e palpitando, deixando-o louco de luxúria. Seu sexo o apertou, exigente, faminto. Uma neblina pareceu cobrir sua visão. Sentiu como se algo dentro dele se liberou e soube que tinha que tomá-la mais duro.

Quando saiu e a virou, ela ofegou de surpresa e tremeu. Abraçando-a com uma mão sobre a testa e a outra sobre seu sexo, volteou-a, depois a dobrou sobre a cama, pressionando seus seios no colchão. Preparando-a. Colocando-a.

Apertou seus quadris, fixando-a no lugar para que o recebesse quando introduziu seu pênis por detrás em seu interior.

Retirou-se devagar, depois voltou com golpes atormentadores, logo encontrou um ritmo que provocou seus gemidos.

— Mais duro. Por favor! — quando ouviu os trovões que ressonavam fora, inundou-se totalmente nela.

Levantou-se, mais rápido, até que se apertou de repente contra ela, sua pele golpeando contra a dela. Usou seu corpo inteiro para tomá-la. Não podia acreditar que a tivesse dobrado sobre a cama. Não podia acreditar que com ela sempre fosse mais agradável que a última vez.

A cabeceira golpeava contra a parede, e de qualquer modo exigiu mais.

Com um grito brutal, o deu. Não conteve nada, fodendo-a com toda sua força enquanto seus gritos eram mais fortes. Quando caiu para trás, pôde ver seu rosto girado de lado, os lábios separados, seus olhos de prata. Seus braços estavam estirados, tensos diante dela.

— Bastian — gritou suavemente, atordoada também. Suas reações e o relâmpago lá fora eram sua permissão.

— Vou estar dentro de você toda a noite. Beberei toda a noite.

— Sim! — exclamou —. Tudo, Bastian...

Tudo. Nenhuma coação. Liberdade completa. O deu. Os anos de dúvidas se evaporaram. O passado era fraco em comparação com um futuro juntos.

—Precisa disso? —perguntou.

—Sim!

—Necessita-me?

—Ah, sim, sim! —estirando o braço, ofereceu-lhe seu pulso para que bebesse enquanto ele continuava empurrando contra ela. Quando perfurou sua carne outra vez, imediatamente gozou com um grito angustiado. Já não pôde resistir à pressão que crescia dentro dele, então tomou tanto como deu, desenhando seu sangue em seu corpo quando esvaziou sua semente com paixão dentro dela.

Quando já não pôde gozar mais, estirou-se sobre ela, ainda empurrando devagar.

Com fôlegos desiguais, sussurrou em seu ouvido.

—É minha agora, Katja. E nunca te deixarei ir.

Capítulo 40

A primeira batalha do Lore que Sebastian ia experimentar alguma vez era um enfrentamento ocorrido faz um milênio no passado, e era um dos mais notoriamente brutais que alguma vez teria visto.

Esta noite ele e Kaderin recuperariam suas irmãs, esperando completamente aterrissar em meio daquela guerra.

Tinham que elaborar um plano para usar a chave. Decidiram usá-la no apartamento, principalmente por que a aquelarre tentaria matá-lo em Valha Hall. Ela não estava muito segura de estar na cidade, embora os dois não retornassem bem da viagem.

Kaderin estava nervosa por vê-las depois de tanto tempo, e tinha procurado durante uma hora encontrar um vestido que não parecesse muito moderno. Enquanto a esperava, recostou-se na cabeceira, olhando seu vestido, meditando sobre os dois dias anteriores enquanto o braço se curava.

—Vamos precisar de mais tempo? —tinha-lhe perguntado a primeira noite.

Ele disse a:

—Confio em minha enfermeira.

Durante esse tempo, quando não tinha estado dentro dela, tinham falado de tudo. Disse-lhe como tinham sido suas irmãs e lhe revelou o que tinha acontecido com sua família. Sentiu que podia dizer tudo, e que também ela se abriu completamente.

Aprendia tudo sobre ela... e aprendia quão satisfatório era simplesmente viver com ela. Para sua diversão, conseguiu beijar suas orelhas só para que se movessem nervosamente. Podia estudar suas delicadas mãos por horas, as encerrando completamente nas suas e passar as pontas de seus dedos sobre elas. Conseguiu vigiar seus sonhos quando não estava esgotado ao seu lado. Sua Noiva era muito insaciável.

Era tão abandonada, livre com seu corpo, e lhe deu o que ele quis, tudo com o que tinha fantasiado alguma vez. Quando tinha confessado a pouca experiência que tinha, tinha estado determinada a dar tudo o que tinha faltado.

Finalmente, o tempo compartilhado tinha confirmado o que sabia de um princípio. Não queria separar-se nunca dela.

O único obstáculo para sua felicidade era o temor ao feito que a chave não funcionasse.

É obvio, estava aliviado que Kaderin teria suas irmãs, mas não podia evitar pensar no que tivesse sido voltar a ver sua própria família e vê-los outra vez. Talvez se tivesse feito as coisas de maneira diferente, ele e Kaderin poderiam ter tido a oportunidade...

—Esta preparado? —perguntou, finalmente vestida com jeans e uma jaqueta longa, com a espada pendurando sobre seu ombro.

Ele assentiu e levantou para tomar sua própria espada. Quando se cruzou com ela, sustentou a chave com as sobrancelhas levantadas e perguntou:

—Esta seguro de que quer ir? Isto vai ser intenso.

Ele deu de ombros de ombros.

—Recorda que estive à frente das batalhas por uma década? —acomodou-lhe a trança atrás de sua orelha.

Ela não parecia convencida.

—Não se risque diante de minhas irmãs, por favor. E tenta não abrir muito a boca. — Quando levantou as sobrancelhas, ela disse:

— Suas presas. Não quero que as vejam. Realmente tentaria te matar.

—É formosa quando está nervosa —disse, dando um breve, e profundo beijo.

Com voz entrecortada, ela disse:

—Tem pronta sua espada?

Seus lábios se curvaram em um sorriso.

—Só... Só não acabemos mortos, Bastian. —Ela tragou.— Certo?

Tomando sua mão, pressionou os lábios em sua palma.

—Esforçarei-me.

Como ele fez antes, ela ofereceu a chave. Uma porta se abriu. Olhando-se nos olhos, caminharam, de mãos dadas.

No inferno.

Como se fosse uma cúpula trêmula, os trovões como fogo de canhões sacudia a terra. Ele o tinha visto em seus sonhos, mas nada o preparou para a realidade. O relâmpago atravessou o céu. ao seu redor tudo era valquírias gritando e abrindo cabeças de vampiros. Os vampiros rasgando as gargantas daquelas às que podiam dominar.

Ele nunca tinha visto um vampiro da Horda em pessoa. Eram piores que em seus sonhos. De olhos vermelhos, insanos.

—Vejo-as! —gritou ela, começando a descer para o vale.

Mas ele ansiava salvar uma valquíria de um vampiro duas vezes seu tamanho a quem tinha golpeado. Kaderin deveu ver o olhar em seus olhos.

—Sei, Bastian! Mas isto não mudará nada... salvo que pode morrer. Ou não voltar para a porta com ambas.

Ele assentiu com a cabeça.

—Estou exatamente atrás de você. —Mesmo assim, riscou-se e decapitou o vampiro. Kaderin o olhou com o cenho franzido, mas sabia que não estava desgostada. Depois se apressaram pela planície onde suas irmãs se enfrentavam com os vampiros, que lutando com longas espadas, salpicando o sangue por suas pernas.

Quando Kaderin parou e as contemplou, tragou. Sebastian reconheceu que eram versões similares dela, embora uma era mais alta e a outra mais baixa. Sua cor também era diferente. Uma tinha o cabelo loiro avermelhado, enquanto que o da outra era mais escuro, quase marrom.

Os olhos de Kaderin cintilavam, sua respiração era superficial. Colocou seus dedos sob seu queixo, lisonjeando-a para confrontá-lo.

—Vá recuperá-las.

Kaderin assentiu com a cabeça, acariciando sua face com seus dedos. Então deu a volta e as chamou na língua de sua mãe:

—Rika, Dasha, venham!

Ambas a contemplaram, depois retornaram à luta.

—Não podemos partir!

—Venham já!

Os olhos de Rika se alargaram diante a ordem, e os da Dasha se entrecerraram, mas se apressaram a obedecê-la. Kaderin recordou que sempre tinha sido doce e suave com elas.

Justo antes que se reunissem, um vampiro atacou Kaderin. Sebastian o interceptou, golpeando-o brutalmente, deixando livre o caminho para elas.

Quando Kaderin esteve frente a suas irmãs, por fim, não podia falar. Com mão tremula, elevou o queixo obstinado de Dasha, depois acariciou o cabelo escuro e lustroso de Rika, como seus olhos.

—Eu... Eu senti saudades tanto das duas —conseguiu dizer finalmente quando suas lágrimas começaram a cair.

—Sentido saudades? —disse Dasha.

— Quando se vestiu diferente e de maneira tão estranha? E quem é o homem?

—Não há tempo para isso, Dash. —Kaderin se obrigou ser rude.

— As duas morrem nesta batalha. Em dez minutos, um vampiro vai cortar a cabeça e é por minha culpa.

Dasha abriu a boca para interrompê-la, mas Kaderin levantou a mão.

—Devemos fazer isto rápido. Agora vivo mil anos no futuro, e esta noite lhes levarei a meu tempo. Sinto-o tanto, mas vão perder todos esses anos. Para sempre.

Sem piscar, a sempre prática Dasha disse:

—Parece-me que também os perderemos se estivermos mortas.

Rika pôs as mãos sobre seus joelhos, inclinando-se e tossindo sangue.

—Kader... quer dizer, não entendo. —Tinham-lhe feito já tanto dano que Kaderin não a reconhecia.

—Como é possível?

—Sabe as extraordinárias coisas que passam no Lore... o vimos antes. Experimentamos coisas mais estranhas —disse Kaderin.

— Vai ter que confiar em mim porque se não passarmos uma certa porta, muito rapidamente, eu poderia deixar de existir.

—Se deixarmos a batalha, como poderíamos mostrar nossas caras outra vez? — perguntou Dasha.

—Seríamos conhecidas como umas covardes. Poderia pensar que somos covardes.

—Não —disse Kaderin.

— Recordariam que morreram como umas valentes na batalha.

—Ninguém amaldiçoaria nossos nomes? —perguntou Dasha.

—Nunca, juro.

Dasha desviou sua atenção a Sebastian.

—E o homem...?

—Seu nome é Sebastian. Eu... Amo-o.

Ambas as irmãs inclinaram as cabeças, observando-o lutar enquanto os corpos se amontoavam ao seu redor. Era completamente glorioso, poderoso, tudo o que qualquer delas tinha sonhado em um homem.

E não tinham nem idéia de que se comiam com os olhos a um vampiro.

Dasha assobiou.

—Há muito amor, irmã.

Rika tossiu mais sangue.

—É formoso, Kader...ie... —se inclinou sobre a espada, o último sinal de fraqueza, tudo que uma simplesmente não faz se pode evitá-lo.

— Então prossigamos. Outra aventura.

Dasha permanecia cética.

—Existe paz no futuro, não é? Ainda lutaremos contra vampiros?

—Sim. Ainda há vampiros maus com os quais lutar.

—Vampiros maus? Como se existissem bons? Fala muito estranha.

Rika tropeçou.

—Estou enjoada. Chama seu homem.

Kaderin deixou cair sua espada e a elevou.

—Agüenta só um pouco mais, carinho.

Quando tudo ao redor de Sebastian foi uma série de vampiros mortos, viu a luta da Kaderin do passado.

E a olhou paralisado.

Tinha posto um peitilho de ouro, a espada e um chicote. Embora estava ferida, seguia lutando grosseiramente, gritando sua fúria e ordens sobre os ensurdecadores trovões.

Assinalando com sua espada, dirigia às mulheres arqueiras com suas flechas de fogo e às bruxas com seus feitiços. Lançando seus brilhantes ataques contra o inimigo.

Corria-lhe sangue pela têmpora e a comissura dos lábios, e o loiro cabelo estava trancado para a batalha. Seus olhos eram de prata. Marcava distraidamente os vampiros que tinha matado.

Estava intimidado...

Um grande vampiro com uma tocha de batalha se riscou trás dela. Não o tinha sentido no tumulto. Sebastian se esticou para riscar-se

—Bastian, não! —gritou Kaderin sobre o clamor. Ele deu a volta, viu que entregava sua irmã ferida à outra. Kaderin correu para ele—. Te matarei! —Finalmente a deixou conduzi-lo longe, embora fosse contra tudo o que sentia para sair daí.

Quando encontraram às irmãs na entrada, Kaderin disse:

—E por mais estranho que possa parecer, saio sem nenhum arranhão. Terminei levando posta aquela tocha como chapéu toda a noite.

Sebastian puxou ele e a beijou, cheio de orgulho.

—Foi magnífica.

—Era?

—É. Sempre o será.

—Bastian, retornemos —disse sorrindo fracamente.

Tinham-nas salvado. Tinha-as a todas aqui e se sentia a vinte metros de altura.

Então divisou sua espada que cintilava a vinte pés de distância.

—Sua espada? Posso recuperá-la

—Deixa-a, Bastian. Já não é importante! Temos que ir!

Não, amava aquela espada. Riscou-se, agarrou-a rapidamente e se riscou de volta.

A irmã ferida gritou fracamente:

—Vampiro!

Uma espada escorregou entre suas costelas.

Capítulo 41

—Disse que tentariam te matar —sussurrou Kaderin com uma sublevação de sobrancelha. Tinha começado a enrolar uma atadura ao redor do torso de Sebastian, agora que Rika tinha sido atendida também. Esfregou sua mão sobre a parte traseira de seu pescoço enquanto Dasha brocava buracos com seus olhos.

— Acredito que Dasha desejaria te haver parecido a folha em vez da Rika — murmurou—. E retorcê-la.

Kaderin sabia que precisava separar Dasha e Sebastian, mas não queria deixar que nenhum deles estivesse fora de sua vista. Inclusive enquanto o enfaixava, não podia evitar olhar a suas irmãs (Rika tombada pálida no sofá, Dasha começando a ficar em movimento) como se eles tivessem desaparecido.

Sebastian acariciou seu ombro.

— Voltarão com você — murmurou—. Não vão a nenhuma parte.

—Sei. É simplesmente tão estranho.

Rika e Dasha começaram a falar com uma mistura de línguas antigas.

—O que estão dizendo? —perguntou Sebastian.

—Acreditam que tem algum tipo de magia negra para me fazer te querer. Que indubitavelmente estou subjugada por você.

—Uma vez que Kaderin terminou com a bandagem, levantou-se e disse:

— Só irei pôr a Rika na cama e falar com elas na parte de trás um pouco.

—E lhes explicar de novo que todas estariam mortas se não fosse por ele.

Não lhe escapou que seus olhos se obscureceram. Ele pensava que já estava se afastando.

Talvez essa fosse a única coisa que podia fazer nesse momento.

Levantou Rika e fez gestos a Dasha para que as seguisse. Dasha o fez... Depois de oferecer a Sebastian um olhar selvagem.

No quarto, Kaderin deitou Rika enquanto Dasha continuava passeando-se.

—Sabia que era um vampiro, e ainda assim se apaixonou por ele? É, bom, para estar certa —acrescentou Dasha, movendo-se de um objeto eletrônico estrangeiro a outro, inclinando a cabeça ao tempo que elevava um relógio e depois um estéreo.

—Mas arriscou a respeito de sua conversão.

Kaderin sentou na cama ao lado da Rika.

—O marido de Myst não se converteu. Só acontece quando um vampiro mata enquanto bebe. Assim se beber de um imortal que não pode morrer desse modo, será imune...

Pôs uma expressão horrorizada.

—Não estará dizendo que você e Myst oferecem vocês mesmas como alimento —disse Dasha bruscamente.

Kaderin mordeu o lábio.

—Quando o diz assim, parece pior...

—Como poderia ser dito?

Rika tossiu, um desconcertante e feio som.

—De verdade vive aqui com você? —perguntou, então, com voz fraca.

Quando Kaderin assentiu, Dasha disse:

—Arranca-nos de uma guerra contra vampiros, e espera que vivamos com um depois?

Kaderin exalou, nem seguiu incomodando-se em explicar a diferença entre o Sebastian e os outros vampiros de novo. Como podiam acreditar isso tão facilmente quando tinha tomado a ela semanas vê-lo?

Dasha levantou um secador e se esforçou por ver através do cano.

—E que demônios é isto?

—Seca o cabelo. —Kaderin o alcançou e o ligou. Dasha ofegou enquanto o apontava para ela, depois para Rika na cama, dando a Rika um olhar que só poderia ser descrita como: “ Santo Deus!”

Quando Kaderin o tirou das mãos e o desligou, Dasha foi diretamente ao armário, fazendo comentários sobre as roupas e lançando artigos sobre seu ombro.

—Torturei-o até que suplicou o sol, e seis meses depois, concedi-lhe seu desejo —disse Kaderin, com uma voz sem tom.

Dasha parou e virou, as sobrancelhas arqueadas, enquanto Rika murmurava:

—Fez isso, Kaderin?

—Não tomei a perda de vocês facilmente.

Sebastian tinha sabido que se aproximava o momento, é obvio. Tinha sabido que pegaria suas irmãs e se iria.

—Preciso de tempo. Com elas —havia dito Kaderin o dia depois que houvessem as trazido para o futuro. Tinha-o horrorizado mas não estava surpreso.

— As trouxe para este futuro, e estão confusas com tudo. Tenho que me concentrar para aclimatá-las. São minha responsabilidade, agora mais que nunca.

Tinha estado tentado dizer simplesmente não, e podia quase convencer-se que uma parte dela tinha querido que o tivesse feito. Mas não teria querido escolher entre ele e sua família, e não a tinha posto a essa situação. Por outro lado, não sentiu que fosse simplesmente uma desculpa... Suas irmãs realmente precisavam de muitíssima ajuda.

Pensou que tinha sido antiquado.

Naturalmente, este futuro os incomodava com cada giro, mas Sebastian tinha aprendido que seu primeiro instinto diante situações confusas era recorrer à violência. Kaderin estava certa em querer acolher as de volta entre a aquelarre, na remota mansão das valquírias.

Além disso, as duas odiavam estar em qualquer lugar próximo a ele. A simples visão dele riscando colocava Dasha furiosa e fazia que Rika grunhisse silenciosa e grave... O que era quase pior. Estavam constantemente receosas e não baixariam a guarda quando estivesse perto, nem sequer Rika, embora precisava dormir para se curar.

Assim Kaderin as tinha guiado de volta ao aquelarre. Uma vez que partiram, não podia fazer nada salvo esperar cada dia, seu corpo mais forte mas seu espírito mais fraco.

—Alguma vez pergunta por mim? —tinha perguntado a Myst depois de que tivesse passado uma semana.

—esteve ocupada, Sebastian —tinha assegurado Myst.— O inglês de suas irmãs é o que você poderia chamar “antigo” e continuam tentando matar tudo não conhecido. Kaderin virá uma vez estejam preparadas.

Kaderin nunca perguntou por ele. Nunca o chamou. Era como se estivesse dispondo-se a esquecê-lo. Suas irmãs estavam recordando a luta com os vampiros, convencendo a de sua insensatez por estar com ele.

—Compre um imóvel perto da aquelarre —tinha aconselhado Nikolai.

—Será um gesto positivo para ela e poderia ocupar sua mente.

—Tenho o dinheiro suficiente para comprar um terreno? E viver comodamente se for cuidadoso?

—Tem ouro bizantino entre suas riquezas —tinha respondido Nikolai.

— Um cofre dele.

—O que significa isso?

—Significa que é obscenamente rico. E Murdoch leva os investimentos. Tem um dom.

Sebastian se virou para que Nikolai não pudesse vê-lo ruborizar. Ambos os irmãos o tinham ajudado, sem esperar nada em troca.

—Murdoch ainda está vivendo no castelo Forbearer? —iria ver seu irmão e o agradeceria pessoalmente.

Nikolai assentiu.

—Precisamente ontem descobriu algo prometedora que conduz para o Conrad e está impaciente por seguir a pista, mas retornará ao castelo cada alvorada. Quando se estabelecer com Kaderin, pode levá-la ali para que o conhecer se quiser.

Sebastian olhou ao futuro não só para ver Murdoch de novo, mas também para unir-se à busca do Conrad. Perguntava-se se Kaderin o buscaria com ele.

Algumas vezes, Sebastian se riscava a ela ao Valha Hall. De fora do alcance dos espectros, podia vê-la através das janelas enquanto dançava com suas irmãs, lançando a cabeça para trás com a risada, ou jogava vídeo game, seu rosto uma máscara de concentração. Uma noite, tinha-as visto as três sentadas no telhado, relaxadas, ombro com ombro. Quando Kaderin tinha olhado uma estrela, a mais pequena tinha apoiado a cabeça no ombro dela.

Que diferentes deviam lhes parecer às estrelas agora.

Como poderia competir com elas por seu amor?

As irmãs de Kaderin tinham pego os momentos com ela como guia, mas Kaderin estava reaprendendo a viver também.

Tinha descoberto que podia romper a chorar com um filme triste e que adorava trançar o cabelo de Nix, agora que tinha crescido em umas poucas semanas. Tinha aprendido que as travessuras de Regin podiam fazer que seu estômago doesse da risada.

A Regin adorava zombar do inglês antigo de Dasha e Rika, embora as duas estavam aprendendo a versão moderna com uma rapidez assombrosa.

—Seu estilo de falar de “antigo botequim” me supera —havia dito Regin—. Todo esse “de você e vossa mercê” como se fossem atrizes de um festival de Shakespeare e não se saíssem de seu personagem. —Tinha afastado Kaderin a um lado.

— Juro pelos deuses, Rika disse “você não o são” O que é isso? Não. De verdade.

Quando Kaderin tinha perguntado a Regin se estava de acordo de sua relação com o Sebastian, tinha respondido:

—Se por “de acordo” quer dizer “homicida”, então sim, absolutamente. —Depois tinha acrescentado com um murmúrio.

— Seu sanguessuga nos deu duas novas valquírias e te trouxe de volta da morte. Graças a seu irmão, Emmaline vive. Se existisse um interruptor elimina-ódio-de-milênios, poderia... Chegar a pensar isso Deixaram-no aí.

A única coisa que entorpecia a felicidade de Kaderin era ter saudades de Sebastian.

Sabia que estava observando a mansão agora mesmo, cuidando-a. Amava-a. Mas este era um momento difícil para suas irmãs, e com cada tropeção e confusão, a culpa de Kaderin voltava.

Ainda assim, Kaderin tinha começado a esperar o momento contar para contar a todas sua decisão. Até então, todas precisavam ser pormenorizadas com elas depois de tudo o que tinham passado.

Dasha e Rika precisavam ser tratadas com luvas de seda e guiadas há este tempo.

—Criatura egoísta —disse Myst bruscamente, empurrando Dasha contra o muro pelo pescoço, segurando-a ali.

— Não pode compreender pelo que Kaderin passou durante tanto tempo. Merece esta felicidade. Não tem nem idéia de quanto. E ainda assim ambas ainda zombam diante a idéia dela com um vampiro.

Rika chutou Myst atrás do joelho, fazendo-a tropeçar e soltar a Dasha.

Esfregando o pescoço, Dasha disse:

—É fácil para você aceitar Kaderin com um vampiro, já que você tem um como seu homem.

—Não importa se for fácil ou não —disse Myst.

— Simplesmente têm que aceitá-lo... Por ela. Tem a felicidade ao seu alcance, com um forte e honorável guerreiro que a adora, e estão interpondo em seu caminho.

—Myst, acreditam que inclusive nós poderemos tolerar sua decisão —disse Dasha.

—Mas se esquece, que estivemos em um campo de batalha com Furie faz menos de duas semanas. Seu caráter não é tênue em nossas mentes, como é na sua. Quando Furie for encontrada, acha que talvez deixaria qualquer de seus maridos viver?

—Fugiria Kaderin com seu homem? tornaria-se um fugitiva? Nunca a veríamos de novo —acrescentou Rika.

Myst meneou a cabeça, embora tinha os mesmos medos.

—Deixem que Kaderin determine isso. Deixem ela e Sebastian decidir se assumirão o risco. —Olhou para ambas irmãs.

— Kaderin e Sebastian não podem viver um sem o outro. Recordem minhas palavras, ambos simplesmente esperam seu momento.

Capítulo 42

—Se Kaderin não me mandou chamar ela mesma —disse Sebastian à entrada de Valha Hall—, então não quero estar aqui. —Os relâmpagos retumbavam constantemente. Fumaça e névoa alagavam as terras. A velha mansão estava imponente, sepulcral.

—Não sente curiosidade sobre por que foi chamado? —perguntou Nikolai.

— Nem sequer Myst tem idéia do que é isto.

—Tudo o que sei é que ela não me mandou chamar. —Sebastian franziu o cenho aos fantasmas espectros guardiães da casa, e Nikolai bateu nas costas com simpatia.

—Não lhe farão mal a menos que tente entrar sem um pagamento ou permissão.

—Não estou preocupado por eles. —Diante o olhar inquisitivo de Nikolai, Sebastian deu de ombros.

—Depois das coisas que vi no Hie?

—Isso é certo, a história gráfica em origami de Nix. Preciso lhe perguntar sobre isso.

—Estava pensando que se este for o lugar que Kaderin chama lar, não gostará do imóvel que acabo de comprar —disse Sebastian.

—Deu a Myst carta branca para escolher. Um audaz e temerário movimento, mas um que sinto que servirá com sua Noiva.

—Kaderin pediu tempo. —Inclusive tendo saudades como o fazia, ainda sentia que seu pedido era razoável. Esperava a eternidade com ela. Duas semanas não eram nada.

— Estou me intrometendo entre ela e suas irmãs.

Justo quando estava a ponto de riscar-se, Nikolai agarrou seu braço.

—Quanto tempo esperará?

— Até que me chame.

—Não acredito que ajude a sua causa se recusa um convite de sua aquelarre. É, uh, muito estranho. —Nikolai mostrou uma mecha de cabelo vermelho que Myst tinha dado em adiantamento. Um espectro se equilibrou, e o caminho limpou.

Relutantemente, seguiu Nikolai. Dentro, Sebastian ouviu sua voz em uma sala próxima.

—Agora, esta lança é uma arma de poder apocalíptico —estava explicando Kaderin.

— Deve usá-la sabiamente, Dash. Abusar dela trará a ruína a nossa gente.

—Me deixe ver isso —disse Dash.

—Não! Pulsa o botão vermelho da direita —disse Kaderin.

—Sua outra direita, Dash!

Vídeo game. Sorriu amplamente, inclusive enquanto estava entristecido. Tinha-a jogado muito de menos... Seu peito estava assediado com uma dor constante, e agora entendia o que era.

Quando ele e Nikolai pararam na porta, Nikolai deu uma palmada esperançosa nas costas que teria feito cair homens mais fracos, então se riscou longe.

Sebastian viu seus ombros ficar tenso.

—Bastian? —murmurou ela. Os relâmpagos golpeavam fora.

Kaderin ouviu sua voz, seus passados seguros. Veio por mim.

Pareceu que sua mente ficou em branco. O que tinha desejado sentir tanto tempo se transformou em excitação, a excitação em urgência.

Tinha estado esperando o momento certo para contar a suas irmãs que queria passar o resto de sua vida com ele. Esse momento era agora.

Se não o tocasse em uns segundos, ficaria louca.

Ficou em pé. Sabia que suas irmãs estavam olhando-a fixamente, sabia que o que estava sentindo não estava dissimulado. Então, não se importou. Girou-se e correu para Sebastian! Parado na porta, tão alto e orgulhoso.

Quando a viu, seus lábios se separaram, então bateu distraidamente no centro de seu peito.

Como não diminuía, ele abriu os braços (sabia o que isso significava) mas não hesitou em correr a eles, saltou e se abraçou a ele. Poderiam haver cambaleado se não fosse tão forte.

As valquírias que tinham descido depressa a escada diante dos marcados raios. Todas a seu redor, escutou os ofegos.

—Correu para seus braços. Vi-o —sussurrou uma.

—Bastian, senti sua falta ! —sussurrou Kaderin.

—Deus, senti sua falta , também —murmurou, agarrou-a. Sentiu-a ficar tensa, e soube que Rika e Dasha tinham aparecido atrás dela. Soltou-a com óbvio desinteresse, mas uma vez sobre seus pés, só virou, mantendo a de costas para ele.

Justo quando pensava que haveria um enfrentamento, Rika disse:

—Kaderin, temos uma coisa que queremos te contar... —fez uma careta—. Quero te dizer...

—O que é? —perguntou Kaderin, pondo um braço de Sebastian ao seu redor. Ele o apertou imediatamente.

—Nós o convidamos —disse Dasha.

—E agora podemos ver que foi uma sábia decisão —acrescentou Rika.

—O que querem dizer? —perguntou Kaderin, a voz tremula.

—Passou muitos anos se culpando por nossas mortes e muito tempo sem felicidade. Deve parar. É o momento para que você fique contente —respondeu Dasha.

—Merece-o mais que ninguém —disse tímida Rika. Aproximou-se de Kaderin e Sebastian e se dirigiu a ele.

— Odiamos esse vampiro pelo que fez a Kaderin e a nós. —Franziu o nariz diante disso, então disse.

— Mas você não é esse vampiro. Se ama a Kad...

—Faço-o —disse rapidamente.

Ela apertou seu braço.

—Então pode se casar com nossas benções —murmurou Dasha.

—Rika?Dash? —disse Kaderin sem respiração.

— É de verdade?

—Kaderin, necessita-o. Inclusive se não apoiássemos isto, iria com ele com o tempo. Entendemos isso.

Kaderin virou para ele, olhando-o fixamente e mordiscando o lábio inferior.

—Sim, faria-o.

—Faria-o? —murmurou, seus olhos tão escuros.

—É obvio, Bastian. —Olhou por cima do ombro e disse a suas irmãs:

— Obrigado. E eu não sei o que dizer.

—Começo —disse com o cenho franzido Dasha.

— Isto não significa que desejemos a ver na agonia do amor, ou mordendo, ou o que queira que pudesse ser. Rika e eu temos batalhas que dirigir e uma lição de conduzir com o Regin e Nix quando retornarem com chiclete Sad Wiener .

Quando Rika sorriu amplamente e assentiu, Kaderin ficou nas pontas dos pés para sussurrar em sua orelha.

—Levará-me a algum lugar para que possa te beijar?

Ele estremeceu enquanto se riscava.

—Onde estamos? —perguntou, não querendo afastar os olhos dele inclusive para dar uma olhada ao redor.

—Nosso novo imóvel —disse, estudando sua reação, já que claramente queria que gostasse.

— Perto de Valha Hall — acrescentou, inclinando-se para esfregar os lábios sobre sua orelha, a respiração cálida já acelerada pela necessidade.

Não tinha que vê-lo para saber que gostava. Sebastian estava aqui, e isso era tudo o que precisava saber.

—OH, Bastian —suspirou, as pálpebras revoaram fechados enquanto deslizava os dedos através de seu grosso cabelo.

— Acredito que é a melhor casa em que estive. Estou segura.

Depois de fazer o amor no salão, na sala de jantar, nas escadas, e sobre um banco no patamar da escada, finalmente o fizeram no quarto. Justo quando ficavam cômodos sob os ricos cobertores de damasco, um telefone soou do outro lado do quarto. Sebastian se esticou diante do som, e Kaderin deu uma olhada para fora, aborrecida. Quem poderia ter conseguido já o número do telefone?

Seu grunhido baixo quando se dirigiu nua para o telefone fez que sair da cama valesse a pena.

—Kaderin, é você? —disse Emma, com a voz aterrada, quando respondeu.

— Myst me contou que poderia te achar aqui. Meninos, viram Bowen?

—Desde quando, doce?

—Desde que foi a alguma intriga-serpente de fogo no Hie.

OH, merda, Kaderin foi timidamente para a cama.

—Bastian, depois de que você e Bowen tivessem sua... Discrepância, o que aconteceu exatamente? —todo esse tempo era uma bruma para Kaderin. Tudo empalidecia perto do sacrifício de Sebastian por ela e sua família. E não se deleitava pensando sobre o fato de que havia... Morrido, queimada em lava. Kaderin tinha visto possibilidades mais alegres.

—O lykae jurou, convincentemente, que mataria a mim e a você depois de nos buscar até os limites da terra —respondeu Sebastian—. E também que “ comeria meu maldito coração”. —deu de ombros.

— O deixei naquela cova... Do outro lado do fosso de lava. Imaginei que haveria uma saída traseira.

Kaderin hesitou, depois o contou a Emma.

—Ainda poderia estar possivelmente preso atrás do fosso de lava ardente, guardado pela serpente de fogo.

—Há duas semanas? Podem, por favor, ir trazê-lo? É o primo de meu marido e seu melhor amigo! —gritou Emma.

—Usaremos sua pistola tranquilizadora ou a nossa? —perguntou Kaderin—. Emma, estará com uma fúria assassina depois de perder a sua companheira... De novo.

—Sei, mas simplesmente estou preocupada, poderia... Poderia ter a oportunidade para... Já sabe.

—Certo certo —disse Kaderin. Então se virou para Sebastian.

— Podemos ir recolher Bowen em algum momento desta noite? Está preocupada de que se atire de cabeça depois de sua perda.

—O que seria trágico. —Quando Emma escutou e gritou disse a contra gosto:

—Não, não o fará. Precisaré me matar primeiro. Acredite, conheço isto. —Exalou—O recolheremos. —Agarrou a Kaderin ao redor da cintura e a arrastou de volta sob os cobertores com ele.

— Depois.

—Depois. —Kaderin esteve de acordo entusiasmadamente. Disse a Emma.

— O recuperaremos ao anoitecer. Se ainda estiver lá. A farei saber isso.

—Pendurou e distraidamente deixou o telefone ao lado da mesa, mas se virou quando roçou um papel.

—O que é? —perguntou.

—Uma nota. —Estava dobrado em três e tinha um lacre de cera carmesim com um R Flórida.

— De Riora?

Olhou sobre o ombro de Kaderin enquanto ela abria a carta.

—De verdade queremos ler isto?

Deu de ombros em vão. Ambos leram:

É perfeitamente impossível para vocês estarem extasiados em excesso juntos.

Não é impossível para ambos fazer das famílias, uma inteira.

Vemo-nos no próximo Hie.

Riora, deusa de tudo e alguns hinos.

Uma chave soou do fundo do envelope. Kaderin pôde ouvir seu coração acelerando-se quando a reconheceu.

Outra oportunidade do passado. Para Sebastian.

—Funcionará —sua voz baixou.

—Poderia funcionar?

Encarou-lhe e assentiu.

—Sim, assim acredito. Fascinou Riora. Queria te recompensar.

Ele tragou.

—Não farei isto com ligeireza. Tenho que falar com o Nikolai e Murdoch e, espero, Conrad. Decidiremos juntos como e quando ocorrerá isto e o prepararemos.

Enquanto Kaderin com cautela deixava a chave e a nota a um lado, ele perguntou:

—Estará de acordo com isto? Com minha família vindo ao futuro?

—Como você o está com a minha? É obvio! Apoiarei-te em tudo que faça. E me atrevo a dizer que suas irmãs serão mais fáceis que Dash e Rika. Provavelmente não assassinarão cada torradeira que encontrem.

As comissuras de seus lábios se curvaram.

—Isto é muito incrível. Mal posso acreditá-lo.

—Só espera até as ver pela primeira vez. É uma impressão bastante grande.

Elevou as mãos e embalou seu rosto.

—Você gostará de minhas irmãs.

Ela sorriu de volta.

—Eu gostarei. E gostarão. Embora acredite que deveria se casar comigo primeiro. Assim seremos respeitáveis.

—Não acreditava que este dia pudesse melhorar.

Quando a arrastou debaixo dele, descansando os quadris entre suas coxas, ela olhou em seus olhos cinzas, a cor imperecível das tormentas do verão.

— Amo-te, Bastian.

— Nunca me cansarei de ouvir isso. — Acariciou-lhe a orelha com o nariz e esfregou contra ele.

— Talvez algum dia chegará a me amar tanto como eu a você.

Franziu o cenho e empurrou seus ombros enquanto continuavam olhando-se um ao outro.

— Acontece que te adoro, vampiro. — As mãos rodearam seu pescoço, e enroscou os dedos em seu cabelo. — Não, estou absolutamente segura que eu te amo mais.

Sorriu amplamente para ela, esse meio sorriso que fazia que seu coração serpenteasse, então lentamente se balançou para diante para enchê-la.

— Conte a si mesma isso, valquíria. — inclinou-se para capturar seus ofegos com seus lábios.

— Tanto como quiser.

FIM

	Projeto Revisoras Traduções Grupo Romances Traduzidos http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/ Comunidade Romances S.A. http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?cmm=80221161
---	--